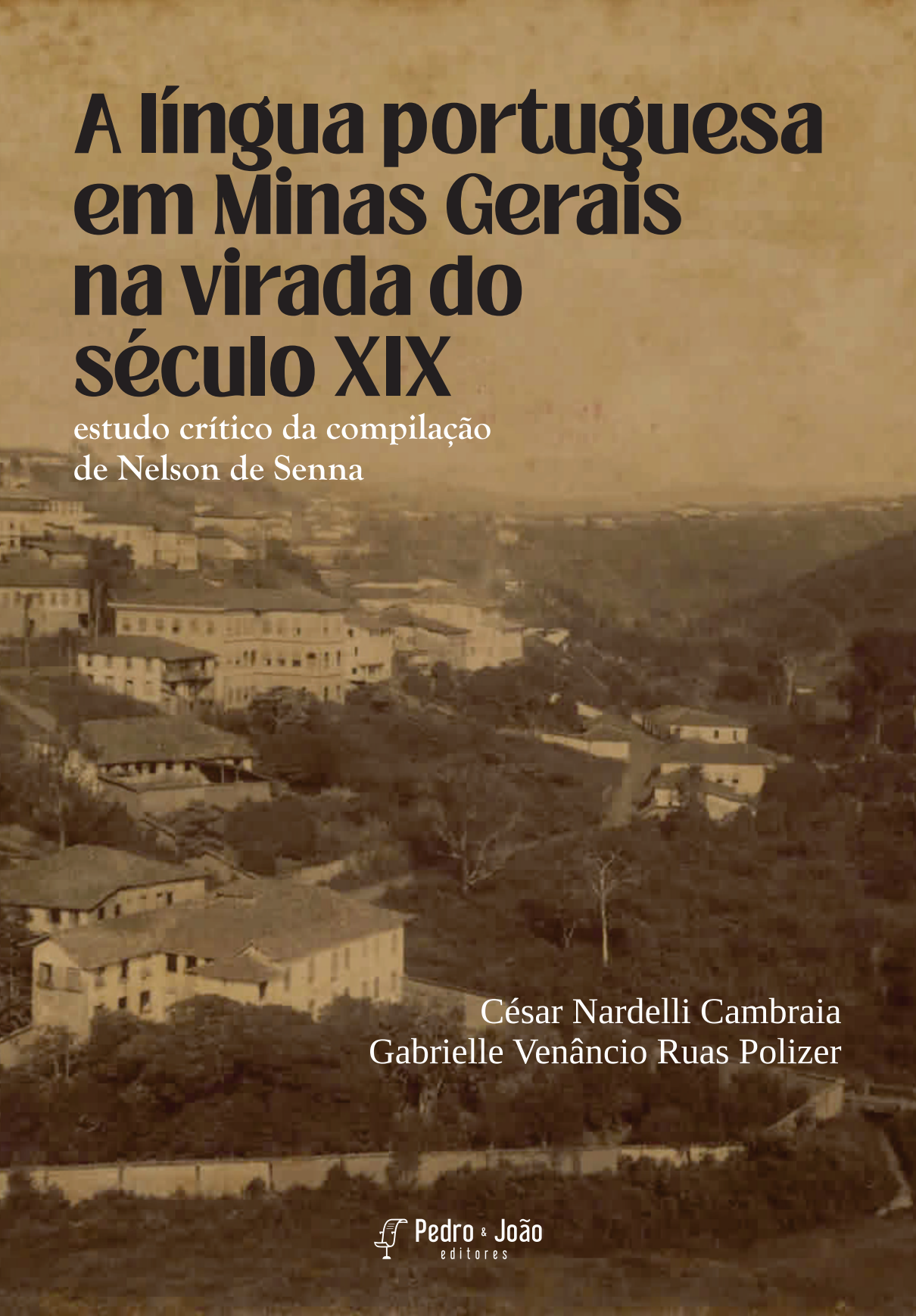
A língua portuguesa em Minas Gerais na virada do século XIX

estudo crítico da compilação de Nelson de Senna



César Nardelli Cambraia
Gabrielle Venâncio Ruas Polizer

Pedro & João editores

A língua portuguesa em Minas Gerais na virada do século XIX: estudo crítico da compilação de Nelson de Senna

Pedro & João editores
20 anos

César Nardelli Cambraia
Gabrielle Venâncio Ruas Polizer

A língua portuguesa em Minas Gerais na virada do século XIX: estudo crítico da compilação de Nelson de Senna

Pedro & João editores
20 Años

Copyright © Autor e autora

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor e da autora.

César Nardelli Cambraia; Gabrielle Venâncio Ruas Polizer

A língua portuguesa em Minas Gerais na virada do século XIX: estudo crítico da compilação de Nelson de Senna. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 375p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2693-4 [Digital]

1. Dialetologia. 2. Geolinguística. 3. Linguística Histórica. 4. Língua Portuguesa. 5. Léxico. I. Título.

CDD – 410

Capa: Marcos Della Porta
Imagem da capa: Fotografia do Fundo Nelson Coelho de Senna do Arquivo Público Mineiro, com registro da Cidade do Serro entre 1900 e 1910, de autoria de Raimundo Alves Pinto.
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

Sumário

Lista de abreviaturas 7
Lista de figuras, quadros, tabelas e gráficos 9
Apresentação 10
Introdução 12
1 A língua portuguesa em Minas Gerais como objeto da geolinguística 12
2 Nelson de Senna: nota biográfica 38
3 *O Calão Mineiro*: contextualização 41
3.1 Materiais 41
3.2 O termo *calão* 44
3.3 O *corpus* 47
4 *O Calão Mineiro*: estudo crítico 49
4.1 Fonologia 50
4.1.1 Acréscimos 50
4.1.2 Supressões 51
4.1.3 Transposições 56
4.1.4 Substituições 56
4.2 Morfologia 63
4.3 Sintaxe 64
4.4 Paremiologia 65
4.5 Semântica e léxico 67
4.6 Uma visão do conjunto 158
4.6.1 Nível fonológico 158
4.6.2 Nível semântico-lexical 163
4.6.2.1 Obras lexicográficas gerais 163
4.6.2.2 Obras lexicográficas especializadas 170
4.6.2.3 Estudos dialetais 176
4.6.2.4 Questionário do ALiB 183
Considerações finais: contribuições deste estudo crítico 186
Referências 192
Anexos 207
Anexo 1: Nelson de Senna 208

Anexo 1-A: ***O Calão Mineiro*** 208
Anexo 1-B: ***O Calão Mineiro*** 210
Anexo 1-C: ***O Calão Mineiro*** 214
Anexo 1-D: ***Recortes*** 219
Anexo 2: ***Diccionario Brasilico-Mineiro*** 237
Anexo 2-A: Carlos Góes 242
Anexo 2-B: Lindolpho Gomes 269
Anexo 2-C: José Francisco Lopes Neves 311
Anexo 3: ***Achêgas para o Estudo do Calão Mineiro*** 321
Anexo 4: ***Vocabulario Popular Mineiro*** 327
Índice de vocábulos, locuções e ditados dos anexos 332

Lista de abreviaturas

A – *Achêgas para o Estudo do Calão Mineiro*
AA. – autores da presente obra
acep. – acepção
act. – activo
adj(**ect**). – adjetivo/adjetiva
adv. – advérbio/adverbial
Af(**f**). – Affonso
alem. – alemão
alter. – alterada/alteração
AML – Academia Mineira de Letras
ant. – antigo/antiga
antrop. – antropônimo
APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
appel. – appelativo
ár. – árabe
arac. – aracauana
arc. – arcaico
augm(**ent**). – augmentativo
B. – Bluteau (1712-1728)
bif. – biforme
bitrans. – bitransitivo
B.**M**. – Biderman e Murakawa (2021)
C – *O Calão Mineiro*
c(**om**). – commum
ca. – *circa*
cat. – catalão
cf. – conferir
cláss. – clássico
coll(**ect**). – collectivo
com. – commum
com(**p**). – composto
comp. – composição
conj. – conjunção/conjuntiva
contr. – controversa
corrup. – corruptela
cp. – comparem-se
D(**BM**) – *Diccionario Brasilico-Mineiro*
deriv. – derivação
dial. – dialetal
dim./**dimin**(**ut**). – diminutivo
duv. – duvidosa
ecl. – eclesiástico
epic. – epiceno
equiv. – equivalente
esp. – espanhol
exp. – expressão
f. – forma
F. — Ferreira (1999)
f(**em**). – feminino
fam. – familiar
fr. – francês
frânc. – frâncico
gentil. – gentílico
gr. – grego
Gram. Port. – *Grammatica Portugueza*
guar. – guarani
H.**V**. – Houaiss e Villar (2009)
hind. – hindustâni
Ibid. – ibidem
IHGB – Instituto Histórico e Geográfico da Bahia
Id. – idem
improp. – impropria
inc. – incerta
indef. – indefinido

ing. – inglês
Innoc. – *Innocencia*
int(**e**)**r**(**j**). – interjeição
int. – intransitivo
intr(**ans**). – intransitivo ou introducção
it. – italiano
lat. – latim
loc. – locução ou locativo
m(**asc**). – masculino
Mem(***s***). ***do dist***(***r***). ***diam***. – *Memorias do Districto Diamantino*
met. – metade
miner. – mineração
num. – numeral
object. – objectivo
obsc. – obscura
occ. – occitânico
orig. – origem
p(**ag**). – pagina
part(**icip**). – participio
pass. – passado
pej. – pejorativo
personat. – personativo
plat. – platino
plur. – plural
pop. – popular
port. – portuguesa
prep. – preposição/prepositiva
pré-rom. – pré-romano
pron. – pronome
prop. – proprio
quic. – quicongo
quimb. – quimbundo
R – *Recorte*
rad. – radical
reflex. – reflexivo
s(**ub**).– substantivo/ substantiva
S. – Silva (1789)
sânscr. – sânscrito
s.d.g. – substantivo de dois gêneros
séc. – século
sig. – significação
subs(**t**). – substantivo
suf. – suffixo
suj. – sujeito
tb. – também
top. – topônimo
trans(**it**). – transitivo
unif. – uniforme
v. – volume
v(erb). – verbo/verbal
V – *Vocabulario Popular Mineiro*
var. – variante
vid. – vide
VOLP – *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*
vulg. – vulgar

Lista de figuras, quadros, tabelas e gráficos

Figura 1 – Divisão dialetal do Brasil segundo Ribeiro (1885) 17
Figura 2 – Divisão dialetal do Brasil segundo Maciel 18
Figura 3 – Divisão dialetal do Brasil segundo Garcia (1915)..... 19
Figura 4 – Divisão dialetal do Brasil segundo Nascentes (1922) 21
Figura 5 – Divisão dialetal do Brasil segundo Nascentes (1933) 22
Figura 6 – Divisão dialetal do Brasil segundo Mendonça (1936) ..24
Figura 7a – Divisão dialetal do Brasil segundo Nascentes (1950) [1ª versão] 27
Figura 7b – Divisão dialetal do Brasil segundo Nascentes (1950) [2ª versão] 28
Figura 8 – Os três falares mineiros segundo Zágari (1998) 32
Figura 9 – Capa do documento CX.01D.042 42
Figura 10 – Municípios de origem dos dados dos *Léxicos Regionais de Minas Gerais* por região geográfica intermediária 180

Quadro 1 – Fenômenos linguísticos descritos, documentados e não descritos nem documentados..... 159

Tabela 1 – Fenômenos linguísticos descritos, documentados e não descritos nem documentados..... 158
Tabela 2 – Vocábulos e locuções dos verbetes em obras lexicográficas gerais..... 164
Tabela 3 – Vocábulos e locuções dos verbetes por origem..... 169
Tabela 4 – Presença de vocábulos e locuções da compilação de Nelson de Senna em estudos dialetais..... 181

Gráfico 1 – Vocábulos e locuções dos verbetes em obras lexicográficas gerais (%)..... 163
Gráfico 2 – Vocábulos e locuções dos verbetes por origem (%) ... 169

Apresentação

O livro que o leitor tem em mãos, *A língua portuguesa em Minas Gerais na virada do século XIX: estudo crítico da compilação de Nelson de Senna*, de autoria de César Nardelli Cambraia e Gabrielle Venâncio Ruas Polizer, constitui um estudo crítico que destaca a diversidade linguística do Brasil na virada do século XIX, partindo de uma coletânea de textos manuscritos e impressos produzidos e parcialmente publicados entre os anos de 1896 e 1906 pelo intelectual mineiro Nelson de Senna (1876-1952).

O período cronológico indicado no título, *virada do século XIX*, caracteriza-se por integrar a primeira fase que compõe a história dos estudos dialetais no Brasil, marcada, principalmente, por trabalhos que investigam o léxico e suas particularidades. Sobre esse período discorre o primeiro capítulo da presente obra.

Após apresentar, no capítulo 2, uma nota biográfica sobre o autor dos textos estudados, Cambraia e Polizer chamam atenção, no capítulo 3, para o título – *O Calão Mineiro* – destacando o termo *calão*, que é empregado com diversos sentidos na língua portuguesa. Ressaltam que, para Senna, esse termo diria respeito a uma "variedade linguística usada por pessoas com baixa escolaridade na modalidade falada em contexto informal." A expressão *calão mineiro* refere-se, portanto, a essa modalidade falada no espaço geográfico do Estado de Minas Gerais.

O estudo crítico fundamentado nos textos d'*O Calão Mineiro* é muito bem estruturado no capítulo 4, em que os autores analisam os 724 dados extraídos do *corpus*, distribuindo-os em 5 categorias: fonologia, morfologia, sintaxe, paremiologia e semântica/léxico. Como a maior parte dos dados se refere à categoria de semântica/léxico, a esta se dá mais ênfase. Há que se destacar, também, nesse capítulo, os confrontos com outros registros dialetológicos publicados no Brasil – recurso que teve o intuito de realizar comparações e identificar variações e mudanças linguísticas

em relação ao espaço geográfico considerado. Em se tratando da categoria com maior destaque, o nível semântico-lexical, seus dados foram organizados neste estudo em forma de verbetes, dispostos em ordem alfabética, muito bem estruturados e detalhados. Ainda no capítulo 4, destacam-se análises gerais do nível fonológico e do semântico-lexical.

É indiscutível o valor dessa obra para os estudos referentes à língua portuguesa em Minas Gerais e para os estudos sobre a diversidade linguística no Brasil e, em especial, o léxico. É um estudo crítico, descritivo e interpretativo de uma obra significativa sobre o português de Minas Gerais.

Nos Anexos 1, 2, 3 e 4, Cambraia e Polizer disponibilizam um conjunto de textos formado não apenas pelos utilizados para compor o *corpus* deste estudo, mas também por outros com mesma temática, realizando assim uma edição acessível aos leitores modernos, e também oferecendo transcrições de obras importantes e raras que foram consultadas – verdadeiro presente que integra este volume.

Amparada por uma vasta pesquisa bibliográfica, esta obra, de grande importância, proporciona contribuições relevantes e originais não só para linguistas, mas também para pesquisadores de áreas como História e Ciências Sociais.

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Universidade Federal de Minas Gerais
Outubro de 2025

Introdução

A diversidade linguística do Brasil é fruto de processos seculares cuja compreensão demanda pesquisas em várias perspectivas. No campo dos estudos linguísticos, a geolinguística, sucessora da dialetologia tradicional, é o ramo da linguística que se ocupa prioritariamente da perspectiva diatópica, ou seja, da diversidade linguística no espaço. Mesmo antes da constituição de métodos rigorosos para dar conta dessa diversidade, estudiosos de diferentes áreas de atuação apresentaram breves contribuições para o progresso do conhecimento sobre esse tema através de registros de fatos linguísticos de sua região de origem. A presente obra tem como objetivo apresentar um estudo crítico dos fatos linguísticos referentes à língua portuguesa em Minas Gerais na virada do século XIX compilados por Nelson de Senna (1876-1952) em um conjunto de artigos seus reunidos sob o título *O Calão Mineiro*, produzidos e parcialmente publicados entre 1896 e 1906. O presente estudo crítico buscou primordialmente: (a) reunir e organizar os 724 dados dispersos por diferentes textos desse conjunto e (b) interpretar esse material em termos geolinguísticos.

1 A língua portuguesa em Minas Gerais como objeto da geolinguística

Segundo Mota e Cardoso (2006), a história dos estudos dialetais no Brasil se divide em quatro fases:

a) *1ª fase* (1826-1920), iniciada com a divulgação de informações sobre as diferenças entre o português lusitano e o brasileiro fornecidas pelo baiano Domingos Borges de Barros (1780-1855), o Visconde da Pedra Branca, e publicadas nas págs. 172 a 175 do primeiro tomo da *Introduction à l'Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi (1826);

b) *2ª fase* (1920-1952), iniciada com a publicação d'*O Dialecto Caipira* (1920), de Amadeu Amaral, e d'*O Linguajar Carioca em 1922* (1922), de Antenor Nascentes[1];

c) *3ª fase* (1952-1996), iniciada com a publicação do Decreto Federal nº 30.643, de 20 de março de 1952, que efetivava a criação do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, cuja Comissão de Filologia tinha como "finalidade principal a elaboração do 'Atlas Lingüístico do Brasil'"; e

d) *4ª fase* (1996 em diante), iniciada com a instituição do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil).

Lançando o olhar especificamente para os estudos do português falado em Minas Gerais, Amaral e Santos (2016) dividiram sua história em três fases:

a) *1ª fase* (1889-1937), iniciada com a data da Proclamação da República e a conversão da Província de Minas Gerais no Estado de Minas Gerais, eleita pelos pesquisadores "[n]a ausência de uma obra significativa que tenha se ocupado da descrição do português oral de Minas Gerais" (AMARAL; SANTOS, 2016, p. 1178);

b) *2ª fase* (1938-1976), iniciada com a publicação do artigo *O Falar Mineiro* (1938), de José de Aparecida Teixeira;

c) *3ª fase* (1977-2014), iniciada com a publicação do 1º volume do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (1977), de José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaio, e com encerramento em 2014, que seria a data de realização da pesquisa que deu origem à publicação de Amaral e Santos (2016).

Para o presente estudo, importam as fases iniciais dessas divisões.

Em trabalho prévio sobre a historiografia dos estudos dialetais no Brasil, Ferreira e Cardoso (1994) afirmam que a 1ª fase (1826-1920) se caracteriza pela produção de trabalhos voltados,

[1] Amaral tinha publicado, quatro anos antes, dois breves artigos com partes de sua obra (AMARAL, 1916a, p. 22-33, 1916b, p. 119-130) e Nascentes já tinha antecipado um ano antes algumas de suas ideias (NASCENTES, 1921, p. 134-138).

essencialmente, para o estudo do léxico e de suas especificidades no português do Brasil, do qual resultaram diversos dicionários, vocabulários e léxicos regionais. Ilustram a produção dessa fase obras como as seguintes[2]:

a) *Diccionario da Lingua Brasileira* (1832), de Luiz Maria da Silva Pinto;

b) *Vocabulario Brasileiro para Servir de Complemento aos Diccionarios da Lingua Portugueza* (1853), de Braz da Costa Rubim;

c) *Popularium Sulriograndense* (1872), de Apolinário Porto Alegre;

d) *Estudos Lexicograficos do Dialeto Brasileiro* (1874-1890), de Antônio Joaquim de Macedo Soares;

e) *O Dialecto Brazileiro* (1880), de Manoel Pacheco da Silva Júnior;

f) *Glossario de Vocabulos Brazileiros, tanto dos Derivados de Linguas Conhecidas como d'aquelles cuja Origem é Ignorada* (1883-1884), do Visconde de Beaurepaire-Rohan [artigos reunidos no *Diccionario de Vocabulos Brazileiros* (1889)];

g) *A Linguagem Popular Amazonica* (1883), de José Veríssimo;

h) *Diccionario Brazileiro da Lingua Portugueza* (1889), de Antônio Joaquim de Macedo Soares;

i) *O Tupi na Geographia Nacional* (1901), de Theodoro Sampaio;

j) *Glossario Paraense ou Colecção de Vocabulos Peculiares á Amazonia e Especialmente á Ilha do Marajó* (1906), de Vicente Chermont de Miranda;

k) *Apostillas ao "Diccionario de Vocabulos Brazileiros"* (1912), de Carlos Teschauer[3];

l) *Vocabulario Popular Mineiro* (1912), de P. H. Souza-Pinto;

m) *Diccionario de Brasileirismos: Peculiaridades Pernambucanas* (1913), de Rodolpho Garcia;

n) *Apontamentos para um Vocabulario Pernambucano de Termos e Frases Populares e de Vocabulos Vernaculos Correntes no Estado com Acepções Diferentes* (1916), de Francisco Augusto Pereira da Costa.

---

[2] Outras tantas tinham sido citadas por Nascentes (1952 [2003, p. 677-690]).

[3] Essa obra foi concebida como um aditamento ao *Diccionario de Vocabulos Brazileiros* (1889), de Beaurepaire-Rohan.

A estes, as pesquisadoras somam ainda a obra *O Idioma do Hodierno Portugal Comparado com o do Brazil* (1879), de José Jorge Paranhos da Silva, que se destaca por contemplar também aspectos gramaticais, diferentemente das anteriores, que se concentravam no léxico.

No que se refere a Minas Gerais, apenas a obra de P. H. Souza-Pinto[4] das listadas acima tem seu foco especificamente nesse estado. Essa publicação é um breve texto com uma lista de 134 itens lexicais e locuções verbais que o autor esclarece ter ouvido "pela primeira vêz na gléba de Tiradentes e de Theophilo Ottoni" (SOUZA-PINTO, 1912, p. 418) (cf. Anexo 4).

Amaral e Santos (2016), por sua vez, esclarecem que a 1ª fase (1889-1937) de sua divisão se caracteriza especialmente pela inclusão de breves notas dialetais em gramáticas e citam como exemplos duas obras com informação desse teor — *Noções de Grammatica Portugueza* (1887), de Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade[5], e *Grammatica Expositiva* (1907), de Carlos Eduardo Pereira (em ambos os casos, em seção relativa a brasileirismos):

> Em S. Paulo e em alguns lugares de Minas abreviam-no[6] em *Nhô*, *Nhã*, e dizem *Nhô Quim* (Sr. Joaquim), *Nhô sim*, *nhô não*, etc. (SILVA JR.; ANDRADE, 1887, p. 518)

> No Brasil é perceptivel a differença phonetica entre os nortistas e sulistas. Esta mesma differença nota-se entre os Estados do Sul. Em S. Paulo pronuncia-se geralmente – *ménino, tiu, naviu, cómes, Antóninha*; em Minas – *mininu, tiio, naviio, cômes, Antuninha*. Ha

[4] Embora não conste o nome do autor por extenso na referida publicação, parece tratar-se de Pedro Herbster de Souza Pinto (Recife/PE, 10/11/1880 – Rio de Janeiro/RJ, 14/12/1939), engenheiro que se casou, em 21/12/1913, no distrito de São Pedro de Alcântara do município de Matias Barbosa (no sul do Estado de Minas Gerais), com esposa natural dessa localidade.

[5] Citada aqui pela 1ª edição.

[6] Trata-se de nota em comentário às formas *Nonhô, ã* para nomear "mancebo, senhor moço, senhora moça".

> vocabulos e expressões peculiares a certos Estados: em S. Paulo – *mecê, nhô*; em Minas – *vacê, seo* (seo José), *sia* (sia Maria) (PEREIRA, 1907, p. 257-258)

Os recorridos historiográficos de Ferreira e Cardoso (1994, 2006) e de Amaral e Santos (2016) não fazem referência ao conjunto de textos de Nelson de Senna reunidos sob o título *O Calão Mineiro*, o que acentua a importância de se dar a devida atenção a esta última obra[7].

A delimitação dos domínios dialetais do Brasil, por sua vez, já era tema desde a 1ª fase da dialetologia brasileira e continuou chamando a atenção de estudiosos desde então. As principais propostas foram comentadas especialmente por Silva Neto (1950, p. 4), Nascentes (1953, p. 20-26) e Elia (1963, p. 303-312). Convém retomar aqui as que foram concebidas[8] especificamente para a questão linguística de forma breve. Não serão tratadas, portanto, a de Ribeiro (1900, p. 187-208), de base histórica (fundamentada em "cellulas fundamentaes que por multiplicação formaram todo o tecido do Brasil antigo"), a de Ribeiro (1934, p. 120-124)[9], de base

[7] As compilações de dados publicadas no *Annuario de Minas Geraes* dirigido por Senna (cf. Anexo 1) bem como as que estavam em preparação por membros da Academia Mineira de Letras (cf. Anexo 2) foram mencionadas em nota na breve revisão de obras com brasileirismos de Ribeiro (1910, p. 149-150), que participou da série de contribuições para o dicionário de brasileirismos publicada em volumes sucessivos da *Revista da Academia Brasileira de Letras* a partir de 1911.

[8] Devem-se levar em conta, na interpretação de cada proposta, as diferenças temporais das fronteiras externas e internas do Brasil: em 1903, o território do Acre passou da Bolívia para o Brasil; em 1943, o Território Federal do Amapá se desmembrou do Pará, o Território Federal do Guaporé (renomeado *Rondônia* em 1956) se desmembrou do Amazonas e do Mato Grosso e o Território Federal do Rio Branco (renomeado *Roraima* em 1962) se desmembrou do Amazonas; em 1977, Mato Grosso do Sul se desmembrou do Mato Grosso; e, em 1988, Tocantins se desmembrou de Goiás.

[9] Apesar de a obra de Ribeiro (1934) não apresentar data no impresso, ela foi objeto de resenha datada de 15 de agosto de 1934 e publicada dois meses depois (SILVESTRE, 1934, p. 12-13), o que serve de referência para sua data de publicação.

etnográfica, e a de Diégues Jr. (1960, p. 20-23), de base sociológica (fundamentada em regiões culturais originadas do processo de ocupação humana).

A primeira é a de Ribeiro (1885, p. 138), com quatro domínios:

a) *norte*: Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco;

b) *leste*: Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo;

c) *centro*: Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; e

d) *sul*: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Figura 1 – Divisão dialetal do Brasil segundo Ribeiro (1885) [10]



Fonte: Nascentes (1955, p. 213).

[10] A maioria das representações cartográficas a seguir foram elaboradas por Antenor Nascentes e divulgadas em diferentes obras suas (NASCENTES, 1933, 1953, 1955).

A segunda é a de Maciel[11], com apenas três domínios:
a) *brasilo-guianense* ou *sententrional*;
b) *idiodialetos estaduais* ou *centrais*; e
c) *brasilo-castelhano* ou *meridional*.

Figura 2 – Divisão dialetal do Brasil segundo Maciel



Fonte: Nascentes (1955, p. 214).

A terceira é a de Garcia (1915, p. 651), com cinco zonas:

a) *norte:* Amazonas, Pará e Maranhão;

b) *norte-oriental:* Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas;

c) *central-marítima*: Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro;

[11] A proposta de Maciel foi referenciada inicialmente em artigo de Silva Neto (1950, p. 4), que não indica a fonte da informação, e não se pôde aqui identificá-la.

d) *altiplana-central:* Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; e

e) *meridional*: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Figura 3 – Divisão dialetal do Brasil segundo Garcia (1915)[12]



Fonte: Nascentes (1955, p. 215).

A quarta é a de Nascentes (1921), em quatro subdialetos:

> Graças à grande extensão do nosso territorio e a outras causas, criaram-se dentro do dialecto brasileiro subdialectos que apesar de não estarem ainda bem caracterizados, mesmo assim não se confundem. Quem não distingue do falar *cantado* do nortista a fala *descansada* do homem do Sul ou a fala *apressada* do carioca ?

[12] Na figura 3, há um lapso no original: onde se lê *antiplano-central*, leia-se *altiplano-central*.

> O dialecto brasileiro pode talvez ser dividido em quatro subdialectos : o nortista (Amazonas, Pará, litoral dos estados desde o Maranhão até a Baía), o fluminense (Espirito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, parte de Minas), o sertanejo (Mato Grosso, Goiás, norte de Minas, sertão dos estados litorâneos desde o Maranhão à Baía) e o sulista (S. Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, triângulo mineiro).
>
> Cada um dêsses dialectos apresenta variedades que aliás não são de mui grande importância. (NASCENTES, 1921, p. 137)

A quinta é também de Nascentes (1922)[13], em duas grandes áreas, com duas subdivisões cada:

> De um modo geral se pode reconhecer uma grande divisão : norte e sul ; norte, até a Baía e sul, daí para baixo.
>
> É palpável a diferença entre o falar *cantado* do nortista e o falar *descansado* do sulista. No léxico são grandes as diferenças que se notam entre os diversos Estados do Brasil (...).
>
> Com os poucos dados de que dispomos mal podemos esboçar uma divisão do dialecto brasileiro. Talvez possamos admitir quatro subdialectos : o nortista (Amazonas, Pará, litoral dos Estados desde o Maranhão até a Baía), o fluminense (Espirito Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas e zona da mata, Distrito Federal), o sertanejo (Mato Grosso, Goiás, norte de Minas, sertão dos Estados litorâneos desde o Maranhão à Baía) e o sulista (S. Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e triângulo mineiro). (NASCENTES, 1922, p. 20-21)

É interessante notar que, nessa nova versão de sua proposta, Nascentes suprimiu a referência ao que chamou de "fala *apressada* do carioca", mantendo apenas a oposição entre "o falar *cantado* do nortista e o falar *descansado* do sulista". Chama também a atenção o fato de ter optado por uma descrição mais específica de Minas

[13] Apesar de essa obra de Nascentes não apresentar data no impresso, ela já estava sendo comercializada desde, pelo menos, 05/09/1922 (LIVRARIA, 1922, p. 249), o que serve de referência para sua data de publicação.

Gerais no subdialeto fluminense: de "parte de Minas" em 1921 para "sul de Minas e zona da mata" em 1922.

Figura 4 – Divisão dialetal do Brasil segundo Nascentes (1922)



Fonte: Nascentes (1955, p. 216).

A sexta é novamente de Nascentes (1933, p. 243-244), que ainda reconheceu duas grandes áreas, mas com cinco subdialetos (*norte*, *nordeste*, *sertão*, *fluminense* e *sul*), referidos apenas na figura, mas não no texto:

> A enorme extensão territorial do nosso pais, sem fáceis comunicações interiores, as diferenças de povoamento e outras causas quebraram a unidade do dialeto, fragmentando-o em subdialetos (...).

De um modo geral se pode reconhecer uma grande divisão : o norte, do Amazonas e do Pará até a Baía, e o sul, da Baía ao Rio Grande do Sul.

É palpável a diferença entre o falar *cantado* d[o] nortista e o *descansado* do sulista.

Á parte diferenças do léxico, existem na fonética importantes caraterísticos dos quais o principal é a inexistência de protônicas abertas no sul, salvo tratando-se de diminutivos de oxítonos (*xaràzinho, cafèzinho, paletòzinho*) e advérbios de modo : *belamente, fortemente*. (NASCENTES, 1933, p. 243)

Figura 5 – Divisão dialetal do Brasil segundo Nascentes (1933)



Fonte: Adaptado de Nascentes (1933, p. 244).

Segundo Nascentes (1955, p. 217) explicou mais tarde, a modificação em relação ao Estado de Minas Gerais tinha sido uma resposta à crítica feita por Lindolpho Gomes abaixo apresentada:

> Perguntamos: os falares do sul de Minas, p. ex., pertencerão ao sub-dialeto fluminense ou ao *sulista*, em que se enquadra o do povo de S. Paulo? Como é que tôda Minas poderá, com o sertão da Bahia, Goiás e Mato Grosso, constituir o sub-dialeto central ou sertanejo? A mata mineira não haverá que pertencer de preferência ao grupo fluminense e capichaba, e isto mesmo quanto a limitadas zonas do Espírito Santo e do Estado do Rio? O problema ainda se complica em razão das notáveis influenciações alienígenas decorrentes da colonização representada por elementos de diversas origens raciais. (GOMES, 1934, p. 390)[14]

A sétima é de Mendonça (1936, p. 209-210), que diferenciou nove áreas dialetais e duas zonas de transição:

a) *amazônica*: Acre, Amazonas e Pará;

b) *transição norte*: Maranhão e parte ocidental do Piauí;

c) *cearense*: parte oriental do Piauí e Ceará;

d) *nordestina*: Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas;

e) *baiana*: Bahia até o São Francisco e Sergipe;

f) *mineira*: Bahia além do S. Francisco e zona do capiau em Minas Gerais;

g) *caipira*: zona fronteira de Minas Gerais e São Paulo;

h) *sertaneja*: Mato Grosso e Goiás;

i) *fluminense*: Espírito Santo, Rio de Janeiro e Guanabara;

j) *transição sul*: Paraná e norte de Santa Catarina; e

k) *gaúcha*: sul de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O termo *capiau* foi usado por ele na descrição da área mineira para se referir a um dos tipos locais brasileiros:

---

[14] Parece haver uma certa imprecisão nesta informação dada por Nascentes (1955, p. 217), pois ele diz que, "[a]tendendo às justas ponderações de LINDOLFO GOMES, alteramos em 1933 a divisão de 1922 quando fizemos o mapa dialectológico constante da página 244 do quarto tomo da série, *O Idioma Nacional*", mas o texto de Gomes aparece publicado na edição do ano de 1934 na *Revista de Philologia e de Historia*: talvez Nascentes tenha tido acesso à crítica antes de ela ter sido divulgada impressa em 1934.

O geografo verificará da mesma forma tipos locais brasileiros bem definidos. O *tapuio* na Amazônia, o *caboclo* no Nordeste, o *caboré* em Mato Grosso, o *capiau* em Minas Gerais e o *caipira* em São Paulo, o *muxuango* no Estado do Rio, o *gaúcho* do Rio Grande do Sul. (...)

Cada um desses tipos locais tem a sua linguagem que, não existindo fora do homem, dêle tira a sua força vital, adaptando-se a novas imagens verbais e sofrendo o influxo do ambiente.

De certo que seria um absurdo pensar que cada um desses tipos forma pela só condição etnica um dialeto ou uma variante regional. (...)

Por condições bem diversas, produto de causas múltiplas e complexas, observa-se uma correlação entre esses tipos locais e as ondas linguisticas. (MENDONÇA, 1936, p, 205-206)

Figura 6 – Divisão dialetal do Brasil segundo Mendonça (1936)



Fonte: Adaptado de Mendonça (1936, p. 213).

Há claramente discrepâncias entre a divisão de Mendonça (1936) apresentada no seu texto e a apresentada na sua figura respectiva:

a) o Piauí, no texto, foi dividido em duas seções (parte ocidental na transição norte e oriental na cearense), mas, na figura, está inteiramente junto da área de transição norte;

b) a área mineira, no texto, se restringe apenas à Bahia além do São Francisco e à zona do capiau em Minas Gerais, mas, na figura, aparece junto com a área sertaneja (Mato Grosso e Goiás);

c) há uma área diferenciada no interior de Minas Gerais na figura (nordeste, centro e sudoeste do estado) que não tem correspondência na divisão apresentada no texto;

d) a área fluminense, no texto, cobre Espírito Santo, Rio de Janeiro e Guanabara, mas, na figura, adentra o leste de Minas Gerais (zona da mata);

e) Santa Catarina, no texto, foi dividida em duas seções (norte na transição sul e sul na gaúcha), mas, na figura, está isolada, fora tanto da zona de transição sul quando da área gaúcha.

A oitava é uma versão revista da de 1933 pelo próprio Nascentes e citada em artigo de Silva Neto (1950), com divisão em dois subdialetos, e subdivisão destes em seis variantes:

> O dialeto brasileiro se divide em dois subdialetos, o do Sul e o do Norte, cada um dêles com diversas variantes.
>
> A linha divisória entre um e outro subdialeto vai, mais ou menos, da foz do Rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no Estado do mesmo nome, passando cêrca de Teófilo Ottoni, Minas Novas, Bocaiuva, Pirapora, Mata da Corda, Carmo do Paranaíba, rio Paranaíba, rio São Marcos, Arrependidos, Santa Luzia, Pirenópolis, rio das Almas, Pilar, foz do rio dos Araés, Cuiabá e Mato Grosso.
>
> O subdialeto do Norte apresenta duas variantes: a amazônica, que abrange o Pará, o Amazonas, o Acre e a parte de Goiás que vai da foz do Aquiqui à serra do Estrondo, e a nordestina, que compreende os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba, seguindo mais ou menos paralelo.

> O subdialeto do Sul compreende quatro variantes: a baiana, intermediária entre os dois subdialetos, abrangendo Sergipe, Bahia, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste) e Goiás (parte que vem do paralelo da nascente do Parnaíba, seguindo pelas serras dos Javaís, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrependidos); a fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Minas, na mata e parte d[o] Este); a mineira, mista (Centro, Oeste e parte do Este de Minas): a sulina (São Paulo, Paraná, Santa Catarina: Rio Grande do Sul, Minas (Sul e triangulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso).
>
> O perímetro compreendido entre a parte da fronteira boliviana (rios Verde, Guaporé, Mamoré, até o Abunã), a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará (rios Madeira, Jiparaná, Uruguatás, Três Barras, Cariaí, Xingú, Fresco e Aquiqui e a serra do Estrondo, é pràticamente despovoado e portanto incaracterizado. (SILVA NETO, 1950, p. 4)

Ao expor novamente o tema três anos depois, Nascentes (1953, p. 25-26) realizou adaptações terminológicas (de *dialeto* para *falar* e de *subdialeto* para *subfalar*)[15]:

> Dividi o falar brasileiro em seis subfalares, que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul.
>
> O que caracteriza estes dois grupos é a cadencia e a existencia de protonicas abertas em vocabulos que não sejam diminutivos nem advérbios em *mente*. (...)
>
> Eles estão separados por uma zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país.
>
> Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espirito Santo e Baía, até a cidade de Mato Grosso, no Estado do mesmo nome, passando cerca de Teofilo Ottoni, Minas Novas, Bocaiuva, Pirapora, serra da Mata da Corda, Carmo do Paranaiba, rio Paranaiba, rio São Marcos, Arrependidos, Santa Luzia, Pirenopolis, rio das Almas, Pilar, foz do rio dos Araés, Cuiabá e Mato Grosso.
>
> Os subfalares do Norte são dois: o amazonico, que abrange o Acre, o Amazonas, o Pará e a parte de Goiás que vai da foz do Aquiqui à serra

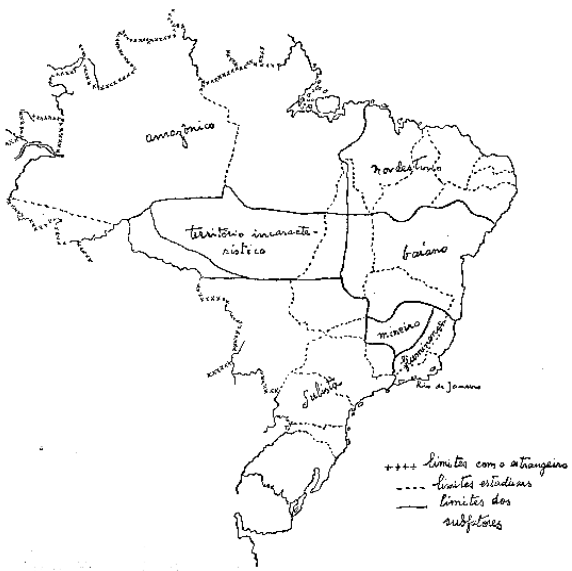
[15] Esta proposta foi reiterada pelo estudioso em artigo logo posterior (NASCENTES, 1955, p. 217-281). Uma proposta de interpretação georreferenciada da divisão dialetal de Nascentes (1950) foi apresentada recentemente por Teles (2018).

do Estrondo, e o nordestino, que compreende os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraiba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaiba.

Os subfalares do Sul são quatro: o baiano, intermediario entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Baía, Minas (Nordeste, Norte e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Paranaiba, seguindo pelas serras dos Javais, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenopolis, Santa Luzia e Arrependidos); o fluminense, abrangendo o Espirito Santo, o Estado do Rio de Janeiro, o Distrito Federal, Minas (Mata e parte do Leste); o mineiro (Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais); o sulista, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triangulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso.

O perimetro compreendido entre a parte da fronteira boliviana (rios Verde, Guaporé, Mamoré até o Abunã), a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará (rios Madeira, Juparaná, Uruguatás, Tres Barras, Cariaí, Xingu, Fresco e Aquiqui e a serra do Estrondo), é praticamente despovoado e portanto incaracteristico.

Figura 7a – Divisão dialetal do Brasil segundo Nascentes (1950) [1ª versão]



Fonte: Nascentes (1953, p. 18 *bis*).

Figura 7b – Divisão dialetal do Brasil segundo Nascentes (1950) [2ª versão]



Fonte: Nascentes (1955, p. 218).

Por fim, a nona é a de Elia (1963, p. 309-310), com nove áreas:

I – *Área Amazônica*. Influência indígena maior que nas outras áreas. Traços fonéticos locais, como a passagem de *ô* tônico a *u* (...) *na região dos rios*, como o Tocantins.

II – *Área Cearense*. Tem alguns traços fonéticos próprios, que a distinguem da "área nordestina", p. ex., a vocalização do *L* velar, como no Rio de Janeiro, e a conservação do *D* no grupo *nd*, também como no Rio de Janeiro.

III – *Área Nordestina*. Uma das mais típicas do ponto de vista linguístico. É a região das protônicas abertas e de vários outros fatos léxicos e fonéticos tão característicos da nossa língua falada.

IV – *Área Baiana*. Inclui Sergipe e Bahia até o S. Francisco. É uma área de transição entre os falares do Norte e os do Sul.

V – *Área Fluminense*. Inclui Espírito Santo, Guanabara e Estado do Rio de Janeiro. Traço fonético marcante é a pronúncia palatalizada do *S* e do *Z* finais. Vocaliza-se o *L* alveolar; o *R* em final absoluta tende a cair; alongam-se em ditongo as vogais tônicas finais seguidas de *S* ou *Z*.

VI – *Área Caipira*. [Está] situada no interior de São Paulo, com irradiações para Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. É a zona das africadas *tch* e *dj* e do *R* e *L* pós-vocálicos, com a articulação (...) retroflexa.

VII – *Área Sulina*. [Estende-se] de S. Paulo para o Extremo-Sul. Apresenta alguns traços fonéticos particulares, como o *S* ciciante e as finais *e* e *o* pronunciadas como *E* e *O* e não como *I* e *U*. No Extremo-Sul nota-se a realização do encontro vocálico *io* como *iu* e não como *io* (...).

VIII – *Área Centro-Leste*. Compreende a região central de Minas Gerais, com irradiações para Goiás e Bahia. É uma região onde os traços regionais da fala brasileira poderão, oportunamente, encontrar um denominador comum.

IX – *Área Centro-Oeste*. Compreende a maior parte da zona inexplorada do país, ou seja, o coração de Goiás e Mato Grosso. É [a] zona que fica além do Paraná-São Francisco e abaixo da bacia amazônica.

Importa, para a presente discussão, como foi o tratamento dado ao Estado de Minas Gerais. As propostas podem ser divididas em dois grupos:

a) tratamento como *domínio uno*:

- por Ribeiro (1885), no *centro*, junto com Goiás e Mato Grosso;
- por Maciel, nos *idiodialetos estaduais* ou *centrais*, junto com quase todos os estados do Brasil (com exceção da Amazônia e do Rio Grande do Sul); e
- por Garcia (1915), na *altiplana-central*, junto com Goiás e Mato Grosso, tal como tinha proposto Ribeiro (1885).

b) tratamento como *domínio plural*:

- por Nascentes (1921, 1922), no *fluminense*, em que o sul, o centro e a zona da mata de Minas Gerais ficaram juntos com Espírito Santo, Rio de Janeiro e Distrito Federal; no *sertanejo*, em

que o norte de Minas ficou junto com Goiás, Mato Grosso e o sertão dos estados litorâneos desde o Maranhão à Bahia; e no *sulista*, em que o triângulo mineiro ficou junto com São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul;

- por Nascentes (1933), no *fluminense*, em que o leste de Minas Gerais ficou junto com Espírito Santo, Rio de Janeiro e Distrito Federal; no *sertão*, em que o norte e o centro de Minas ficaram juntos com Goiás, Mato Grosso e o sertão dos estados litorâneos desde o Maranhão à Bahia; e no *sul*, em que o triângulo e o sul de Minas ficaram junto com São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul;

- por Mendonça (1936), na área *mineira*, em que zona do capiau em Minas Gerais ficou junto com a Bahia além do S. Francisco, e na área *caipira*, em que a zona fronteira de Minas Gerais ficou junto com São Paulo (considerando-se apenas as informações apresentadas no texto, e não as da figura);

- por Nascentes (1950), na *baiana*, em que noroeste, norte e nordeste de Minas Gerais ficaram juntos com Sergipe, Bahia e parte de Goiás; na *fluminense*, em que a zona da mata e parte do leste de Minas Gerais ficaram juntos com Espírito Santo, Rio de Janeiro e Distrito Federal; e na *mineira*, abrangendo centro, oeste e parte do leste de Minas Gerais;

- por Elia (1963), na área *caipira*, junto com interior de São Paulo, Mato Grosso e Goiás, e na área *centro-leste*, em que a região central de Minas Gerais ficou com Goiás e Bahia.

Dentro dessa grande diversidade de tratamento da divisão dialetal do Estado de Minas Gerais, deve-se reconhecer que, do ponto de vista histórico, a proposta de Nascentes (1921, 1922) teve como grande mérito ser a precursora no reconhecimento da pluralidade dialetal do estado. Mas deve-se reconhecer também que Mendonça (1936) inovou ao reconhecer uma área dita *mineira*, que abrangia a Bahia além do S. Francisco e a zona do capiau em Minas Gerais.

Já como parte da 3ª fase da dialetologia brasileira, é de interesse para a presente discussão o trabalho realizado pela equipe

da Universidade Federal de Juiz de Fora. Os primeiros resultados foram publicados na década de 1970 (RIBEIRO; ZÁGARI; PASSINI; GAIO, 1977), mas, em texto posterior (ZÁGARI, 1998), apresenta-se uma síntese de grande interesse.

Zágari (1998) esclarece que o domínio linguístico do Estado de Minas Gerais compreende três falares:

a) um falar *baiano* que, "partindo do norte, vai até a linha, no sentido leste-oeste, abarcando as localidades de Mantena, Galiléia, Governador Valadares, Nacip Raydan, Água Boa, São Sebastião do Maranhão, Itamarandiba, Várzea da Palma, João Pinheiro, terminando em Paracatu" e se caracteriza "pela predominância das vogais pretônicas baixas, como [ɔr'valu], [sɛ'renu], a presença da africada [tʃ] antecedendo a vogal alta [i], como em ['mutʃu], ['otʃu], além do [t] e [d] como coronais, [i'dadi], ['dẽti] e a nasalidade ocorrente fora da sílaba tónica: [bã'nãna] ou [kãmĩ'ɲãw]", além de itens lexicais com significado ignorado por outras regiões, como: *neve* ("cerração"), *chuva-de-flor* ("granizo"), *zelação* ("estrela cadente"), *china* ("bola-de-gude), *queiro* ("dente-de-siso"), *bituca* ("toco de cigarro") e *ponga* ("carona") (ZÁGARI, 1998, p. 34);

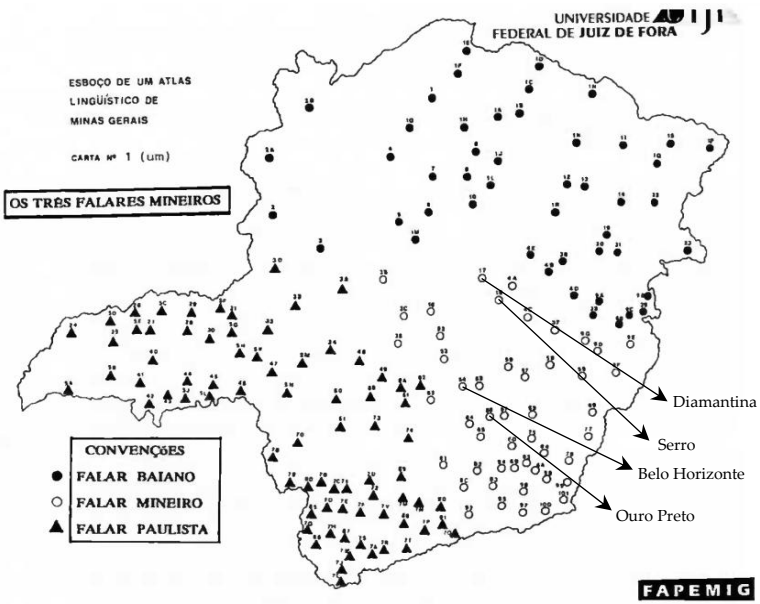
b) um falar *paulista* que, "partindo do sul do Estado, na cidade de Passa Vinte e, rumando para o norte, pega Liberdade, Andrelândia, Lavras, Oliveira, Pará de Minas, Divinópolis e, dobrando para o oeste, vai até Vazante, passando por Bom Despacho, Dores do Indaiá, São Gotardo, Patos de Minas e São Gonçalo do Abaeté, englobando, portanto, todo o Triângulo e a região sul do Estado" e se caracteriza pela presença do [r] retroflexo e pelo ritmo de fala mais veloz que ao norte, além da preferência pelos itens lexicais *ramona* ("grampo"), *rabicó* ("animal sem rabo"), *cachopa* ou *caixote* ("colmeia") e *chuva-de-rosa* ("granizo") (ZÁGARI, 1998, p. 34);

c) um falar *mineiro*, que fica "preso entre essas duas áreas" e se caracteriza pela ausência dos fatos assinalados nas duas outras áreas e por desfazer "constantemente os ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais" e fazer "surgirem outros, quando finais e

antecedidos de sibilante: [a'xoys], ['fajs], ['nɔjs]" (ZÁGARI, 1998, p. 34-35).

A distribuição no espaço do Estado de Minas Gerais desses três falares pode ser vista na figura adaptada a seguir:

Figura 8 – Os três falares mineiros segundo Zágari (1998)



Fonte: Adaptado de Zágari (1998, p. 46), com a inclusão dos nomes de cidades em que residiu Nelson de Senna

Considerando as localidades nomeadas nos mapas publicados em 1977 (RIBEIRO; ZÁGARI; PASSINI; GAIO, 1977, p. 39-40), tem-se a seguinte distribuição (o número da localidade é apresentado aqui entre colchetes):

(a) *falar baiano* – Janaúba [1A], Porteirinha [1B], Mato Verde [1C], Unaí [2A], Januária [1], Paracatu [2], João Pinheiro [3], São Romão [4], Pirapora [5], Jequitaí [6], Coração de Jesus [7], Capitão Enéas [8], Montes Claros [9], Bocaiúva [10], Medina [11], Virgem da Lapa [12], Araçuaí [13], Padre Paraíso [14], Almenara [15], Ladainha [19], Poté [20], Teófilo Otoni [21], Águas Formosas [22],

Nanuque [23], Água Boa [36], Governador Valadares [38], Mantena [39] e Galileia [60];

(b) *falar mineiro* – Barreiro Grande (hoje Três Marias) [3B], Felixlândia [3C], Santo Antônio do Itambé [4A], Silveirânia [6A], Rodeiro [6B], Ibertioga [6C], Curvelo [16], Diamantina [17], Serro [18], Pompéu [35], Açucena [37], Cordisburgo [52], Sete Lagoas [53], Belo Horizonte [54], Sabará [55], Itabira [56], Nova Era [57], Timóteo [58], Caratinga [59], Itaúna [63], Congonhas [64], Conselheiro Lafaiete [65], Ouro Preto [66], Mariana [67], Ponte Nova [68], Manhumirim [69], Viçosa [75], Muriaé [76], Carangola [77], São João del-Rei [81], Barbacena [82], Ubá [83], Visconde do Rio Branco [84], Olaria [92], Santos Dumont [93], Mercês [94], Juiz de Fora [95], São João Nepomuceno [96], Mar de Espanha [97], Cataguases [98], Leopoldina [99], Além Paraíba [100] e Pirapetinga [101]; e

(c) *falar paulista* – São Gonçalo do Abaeté [3A], Iturama [5A], Campina Verde [5B], Tupaciguara [5C], Itajubá [7A], Santa Vitória [24], Ituiutaba [25], Centralina [26], Monte Alegre de Minas [27], Uberlândia [28], Araguari [29], Indianópolis [30], Monte Carmelo [31], Patrocínio [32], Patos de Minas [33], São Gotardo [34], Prata [40], Comendador Gomes [41], Frutal [42], Planura [43], Veríssimo [44], Uberaba [45], Sacramento [46], Araxá [47], Dores do Indaiá [48], Bom Despacho [49], Bambuí [50], Piumhi [51], Divinópolis [61], Pará de Minas [62], Passos [70], Alfenas [71], Varginha [72], Formiga [73], Oliveira [74], São Sebastião do Paraíso [78], Guaxupé [79], Muzambinho [80], Poços de Caldas [85], Ouro Fino [86], Pouso Alegre [87], Caxambu [88], Lavras [89], Andrelândia [90] e Liberdade [91].

Vê-se, portanto, que, tal como Nascentes (1950), Zágari (1998) individualizou linguisticamente a região do triângulo e do sul (*subfalar sulista* para aquele e *falar paulista* para este) e do norte (*subfalar baiano* para aquele e *falar baiano* para este), mas não reconheceu uma área diferenciada a leste no estado (*subfalar fluminense* para aquele), que foi considerada conjuntamente com a área central (*subfalar mineiro* para aquele e *falar mineiro* para este).

Mas os limites não são exatamente os mesmos, porque uma faixa intermediária entre o triângulo e o sul, dentro do subfalar mineiro por Nascentes, ficou na área do falar paulista de Zágari, e mesmo o subfalar baiano de Nascentes termina no leste em região mais ao norte do que o falar baiano de Zágari[16]. No entanto, pode-se considerar que a diferença mais saliente entre a proposta de Nascentes e a de Zágari está essencialmente em este não reconhecer uma área do subfalar fluminense no estado defendida por aquele.

Tomando a proposta de Zágari como referência, e deve sê-lo em função de sua fundamentação em coleta sistemática e empírica de dados linguísticos, a questão essencial que se coloca é por que há essa divisão ternária do domínio linguístico do Estado de Minas Gerais.

A proposta de Zágari para responder a esta questão está baseada no contato linguístico decorrente de relações comerciais e sociais:

> Até a primeira metade do século XX, a maior parte dos municípios mineiros vivia sempre em inteiro isolacionismo com relação ao restante do Estado – que não fosse sua região mais próxima –, pois as estradas eram raras e ruins, os meios de comunicação difíceis. Esta situação levou as populações a terem mais relações comerciais e sociais com outros estados, o que se nota perfeitamente nos falares regionais. (...) Verifica-se muita semelhança de pronúncia entre o mineiro do sul e o paulista limítrofe. (...) Também o Triângulo tem fortes ligações com São Paulo. Para o oeste, o norte e o nordeste do Estado, a Bahia e alguns estados nordestinos, principalmente Pernambuco, são os contatos mais comuns com as populações. A

[16] Deve-se assinalar aqui também que a disposição espacial da área do subfalar mineiro de Nascentes (1950), na forma de um triângulo com o cume inclinado à direita — cf. figuras 7a e 7b —, que certamente foi influenciada pela disposição proposta por Mendonça (1936) — cf. figura 6 —, choca-se nitidamente com a do falar mineiro de Zágari (1998), também na forma de um triângulo, mas com o cume inclinado à esquerda. Isso significa que, embora ambos tenham reconhecido a existência de uma área propriamente mineira, ela não correspondia aos mesmos espaços no estado para cada um deles.

> partir de Montes Claros, nota-se muita semelhança com falares baianos e nordestinos (...). (RIBEIRO; ZÁGARI; PASSINI; GAIO, 1977, p. 41)

Mais recentemente, no entanto, sua manifestação sobre o tema foi mais breve, afirmando que "[a] ocupação dos espaços imensos de Minas Gerais, através de três vias a que a geografia e a história deram vida, reforça e ajuda a explicar a existência de três falares no Estado" (ZÁGARI, 1998, p. 32-33), mas sem detalhamento do que seriam essas "três vias". Muito provavelmente o termo *vias* nesse trecho foi empregado tendo em vista a noção de vias de comunicação, tal como se vê presente, por exemplo, na própria obra de Nascentes (1922, p. 20): "As vias de comunicação, as relações comerciais e intelectuais, certas vicissitudes históricas ligaram diversas partes do vasto território, constituindo regiões perfeitamente caracterizadas".

Segundo Rocha e Andrade (2016), Zágari teria exposto ulteriormente suas ideias sobre a origem da divisão ternária em comunicações orais com o seguinte teor:

> o falar baiano teria se desenvolvido em Minas Gerais graças às atividades em torno do Rio São Francisco, as quais teriam garantido a convergência linguística de falantes do norte do estado e do sul da Bahia; o falar paulista, devido às Entradas e Bandeiras; o falar mineiro estaria ligado à mineração. (ROCHA; ANDRADE, 2016, p. 57-58)[17]

A proposta ternária de Zágari (1998) pode ser parcialmente relacionada, ademais, com três dos eventos de formação político-administrativa do Estado de Minas Gerais posteriores à criação da Capitania de São Paulo e das Minas de Ouro (Carta de 9 de

[17] Rocha e Andrade (2016, p. 58) comentam ainda que a proposta de uma faixa de área fluminense no domínio linguístico do Estado de Minas Gerais, feita por Nascentes (1950), se deveria à "atividade cafeeira na Zona da Mata mineira, que colocou essa região em contato direto com o Rio de Janeiro".

novembro de 1709): desmembramento da Capitania de Minas Gerais (Alvará de 2 de dezembro de 1720) = 1º evento; transferência de Minas Novas da Capitania da Bahia para a de Minas Gerais (Resolução Ultramarina de 13 de Maio de 1757 e Decreto de 26 de Agosto de 1760) = 2º evento; e transferência de Araxá e Desemboque (triângulo mineiro) da Capitania de Goiás para a de Minas Gerais (Alvará de 4 de abril de 1816) = 3º evento (VASCONCELLOS, 1904, p. 85-86; 1918, 48-49 e 188). Mas esses eventos de reconfiguração não são suficientes para explicar a divisão ternária do domínio linguístico do Estado de Minas Gerais, porque o sul do estado já era parte de seu território desde 1720 e, no entanto, consiste em domínio do falar paulista, e não do mineiro. Então, a referência ao contato com as zonas limítrofes, assinalada por Zágari já em 1977, continua sendo um fator importante de ser considerado.

Certamente as respostas para a divisão ternária do domínio linguístico do Estado de Minas Gerais devem ser buscadas na formação histórica de cada variedade (mineira, paulista e baiana) presente nele, o que ultrapassa o escopo do presente estudo.

Não se pode deixar de chamar a atenção, no entanto, para um aspecto da manifestação de Nascentes quanto ao falar mineiro em 1950. Como já mencionado, ele mudou de opinião em relação à divisão linguística do Estado de Minas Gerais, entre 1922 e 1950, reconhecendo a individualidade do por ele chamado *subfalar mineiro*, mas há uma particularidade interessante no texto que ele terá enviado para Silva Neto e que este publicou entre aspas, indicando ter mantido tal qual enviado: trata-se do adjetivo *mista* (cf. citação à p. 26 desta obra), que, no entanto, foi suprimido da versão de 1953. O fato de Nascentes ter empregado o adjetivo *mista* em 1950 parece sugerir que, para ele, a individualidade do subfalar mineiro (centro, oeste e parte do leste de Minas) se deveria à presença simultânea de características das outras variedades também presentes no estado: a baiana (norte, nordeste e noroeste de Minas), a fluminense (zona da mata e parte do leste de Minas) e a sulista (sul e triângulo de Minas). Aceitando essa interpretação

para a presença do adjetivo *mista*, então pode-se dizer que a visão inicial de Nascentes era a de que a individualidade do subfalar mineiro seria decorrente da fixação de características oriundas de diferentes variedades. Essa visão é compatível com o fato de a formação do atual Estado de Minas Gerais, do ponto de vista de efetivo povoamento, ter-se dado com a migração de pessoas oriundas de diferentes partes do país, que se concentraram inicialmente na região central:

> Entre o achado do ouro e a criação da capitania [de Minas] nem três decênios transcorreram. (...) A área de povoamento mais denso é relativamente pequena. É a faixa de terra em que se fizeram os primeiros achados auríferos, *bem no centro da Capitania*. Estendendo-se mais no sentido longitudinal, tem a maioria das terras na bacia do São Francisco, pouco avançando nas bacias dos rios Grande ou Jequitinhonha, pouco saindo da região que é hoje conhecida como Metalúrgica. Em tôrno dessa área central surgiram outros núcleos, mas a densidade mais alta de população, na primeira metade do século XIX, continuou a ser a região primitiva. A propósito, impõe-se lembrar a observação já tantas vêzes feita de que *o povoamento do território mineiro é centrífugo* – a população irradiou-se partindo do centro para a periferia. Na ânsia de enriquecimento fácil, *os homens vieram em grande número para as minas, do Norte, do Leste, do Sul*; passaram por terras incultas, cobrindo extensões em busca do centro. Só maus e raros caminhos proporcionavam ligação com os núcleos populacionais do país. E *do centro se dispersaram, em movimento natural de expansão, para outras terras, no exercício da mesma atividade ou de outros trabalhos*. (HOLANDA, 1972, t. II, v. 2, p. 366, itálicos nossos)

Cabe lembrar aqui a cronologia de criação oficial das vilas em Minas Gerais ao longo do séc. XVIII (COSTA, 1970, p. 16):

1711 — *Vila do Ribeirão do Carmo* (hoje *Mariana*), *Vila Rica* (hoje Ouro Preto) e *Vila Real* (hoje *Sabará*) no centro;
1713 — *Vila de São João del-Rei* no centro;
1714 — *Vila da Rainha* (hoje *Caeté*) no centro;

1714 — *Vila do Príncipe* (hoje *Serro*) no nordeste;

1715 — *Vila de Nossa Senhora da Piedade do Pitangui* (hoje apenas *Pitangui*) no centro-oeste;

1718 — *Vila de São José del Rei* (hoje *Tiradentes*) no sul;

1730 — *Vila das Minas Novas* no nordeste (pertencente à Capitania da Bahia até 1760);

1789—*Vila de São Bento do Tamanduá* (hoje *Itapecerica*) no centro-oeste;

1790 — *Vila de Queluz* (hoje *Conselheiro Lafaiete*) no centro-leste;

1791 — *Vila de Barbacena* (hoje *Barbacena*) no sul;

1798 — *Vila da Campanha da Princesa da Beira* (hoje apenas *Campanha*) no sul e *Vila de Paracatu do Príncipe* (hoje apenas *Paracatu*) no noroeste.

Houve, portanto, grande concentração na região central ao longo do séc. XVIII. Pela descrição da Holanda (1972), infere-se que ele considerou que as demais regiões do estado foram povoadas através da emigração de habitantes que tinham originalmente se concentrado na sua região central. A decorrência linguística dessa interpretação seria a de que esses habitantes teriam levado sua variedade (já na forma do falar mineiro?) para essas novas regiões, nas quais ela teria se diferenciado em variedades distintas em cada caso, provavelmente por contato linguístico com as regiões adjacentes.

2 Nelson de Senna: nota biográfica[18]

Nelson Coelho de Senna nasceu em 11 de outubro de 1876 na Cidade do Serro Frio (MG), atual Serro. Era filho de Cândido José de Senna (1843-1910) e Maria Brasilina Coelho (1847-1908), ambos professores. Casou-se em 12 de dezembro de 1896 com Emília Gentil Gomes Cândido (1871-1939), com quem teve sete filhos. Faleceu em 2 de junho de 1952 na Cidade de Belo Horizonte (MG).

[18] Uma abragente biografia de Senna consta de Synthese (1945).

Ao longo de sua vida, transitou por diversos campos de atuação: foi escritor, jornalista, advogado, professor, pesquisador, acadêmico e parlamentar.

Fez seus estudos primários em São João Evangelista do Peçanha (MG) entre 1881 e 1890; cursou Humanidades na Escola Normal de Diamantina (MG) entre 1891 e 1893; realizou estudos preparatórios, entre 1894 e 1895, em Ouro Preto (MG), no Rio de Janeiro e em São Paulo; e cursou Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais em Ouro Preto entre 1895 e 1897, tornando-se bacharel em novembro de 1897. Em abril de 1896, após aprovação em concurso, tinha sido nomeado professor de História Geral e do Brasil no Ginásio Mineiro em Ouro Preto, sucedendo nessa cátedra a Afonso Arinos.

Foi deputado estadual por quatro legislaturas (1907-1922) e deputado federal por três (1922-1929). Reeleito deputado federal em 1930, afastou-se da política após ser excluído pela Comissão de Verificação de Poderes, por ter participado da Aliança Liberal e ter apoiado o movimento revolucionário contra o Governo Washington Luís. Foi um dos 92 signatários do *Manifesto dos Mineiros*[19], de 24 de outubro de 1943, documento em que se defendia o fim da ditadura do Estado Novo (1937-1945) e a redemocratização do país.

Foi membro-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, criado em 18 de julho de 1907, sendo o patrono da Cadeira 4. Foi membro-fundador da Academia Mineira de Letras, fundada em Juiz de Fora, em 25 de dezembro de 1909, na qual ocupou a Cadeira 36.

Em 1912, foi contratado como lente de Economia Política, Direito Administrativo e Legislação de Terras da Escola Livre de Engenharia de Minas Gerais, incorporada, em 1927, à então Universidade de Minas Gerais (atual Universidade Federal de Minas Gerais), e nela se tornou professor catedrático por concurso.

[19] Fac-símile do documento publicado em Manifesto (2013, p. 23-30).

Fundou o jornal *O Aprendiz* (Diamantina, 1893) e atuou como colaborador em diversos outros periódicos: *O Estado de Minas* (Ouro Preto, 1896-1897), *A Academia* (Ouro Preto, 1897), *O Diluculo* (Ouro Preto, 1896-1897), *Bello Horisonte* (Belo Horizonte, 1898), *Jornal do Commercio* (Juiz de Fora), *Commercio de Minas*, *Minas Geraes* (Ouro Preto/Belo Horizonte), *Cidade de Lavras* (Lavras, 1896), *Folha Pequena*, *Revista do Archivo Publico Mineiro* (Ouro Preto/Belo Horizonte), *Revista Mineira*, *Almanach Popular* (Pelotas), *Almanach de Juiz de Fora*, *Almanak de Matto-Grosso* (Cuiabá), *Archivo Illustrado* (São Paulo), *A Mensageira* (São Paulo), *A Universal* (Rio de Janeiro), *Almanaque Garnier* (Rio de Janeiro), *O Lynce* (Macaé), *La Mujer* (Chile), *La Lira Chilena* (Chile), *Revue Franco-Italienne* (Nápoles), dentre outros.

Publicou um grande número de textos, sobretudo nas áreas de língua, literatura, história e geografia. Usou pseudônimos como *Pelayo Serrano* (em textos literários), *Paulo de Cotegype* (em textos políticos), *Um Curioso*, *Nessuno* e o anagrama *Annes Selnon*.

Dentre as obras de literatura (incluindo de crítica literária), podem-se destacar: *Páginas Tímidas: Contos e Escritos*, 1896; *Contos Sertanejos: Lendas e Fragmentos*, 1902; *Elogio Histórico e Literário de José Eloy Ottoni* (*1764-1851*), 1911; *A Laura do Petrarca de Vila Rica* (*Marília de Dirceu*) *e o Petrarca da Laura de Vila Rica* (*Tomás Antônio Gonzaga*), 1917.

No campo da história, devem-se citar: *Memória Histórica e Descritiva da Cidade e Município do Serro*, 1895; *Efemérides e Fatos Mineiros*, 2. ed., RAPM 3, 1898; *Serranos Ilustres: Esboços Biográficos*, 1904; *A Idade da Pedra no Brasil*, RAPM 12, 1905; *Notas e Crônicas*, 1907; *Tradições Mineiras*, 1909; *Ouro Preto* (*Dois Séculos de Regime Municipal: 1711-1911*), 1911; *A Contribuição Etnográfica dos Padres da Companhia de Jesus e dos Cronistas Leigos dos Primeiros Séculos da História da Pátria*, 1914; *Algumas Notas Genealógicas*, 1937.

Na área de geografia, podem-se assinalar: *Notas Estatísticas de Minas Gerais*, 1904; *Bacia do Rio Doce,* 1905; *O Rio Doce*, 1905; *Mining Concession on the Rio Doce*, 1907; *Os Índios do Brasil*, RAPM 13, 1908; *Notas Corográficas*, 1908; *A Hulha Branca de Minas Gerais*, 2. ed., 1914;

Geografia do Brasil, 1922; *A Terra Mineira* (*Corografia do Estado de Minas Gerais*), 2. ed., 1928; *Alguns Estudos Brasileiros* (*1ª série*), RAPM 25/1, 1937; *Africanos no Brasil*, 1938-1940; *A Nossa Toponímia Geográfica* (*1ª série*), 1944.

Foi o diretor do *Annuario de Minas Geraes*, que teve seis edições publicadas: ano I, 1906; ano II, 1907; ano III, 1909; ano IV, 1911; ano V, 1913; ano VI, 1918, 2 v.

No campo dos estudos linguísticos, produziu também várias obras (a maioria inédita) e, dentre elas, um conjunto de textos curtos sob o título *O Calão Mineiro*, produzidos e parcialmente publicados entre 1896 e 1906. Deixou diversos manuscritos inéditos com estudos nesse campo do saber, versando principalmente sobre brasileirismos (de origem indígena e africana) na língua portuguesa.

As obras citadas acima fornecem apenas uma visão geral da produção bibliográfica de Nelson de Senna, sendo necessário que, no futuro, uma detalhada bibliografia de toda sua produção venha a ser compilada: uma lista bastante abrangente do material produzido por Senna, publicado e inédito, encontra-se nos dois volumes do *Inventário do Arquivo Pessoal Nelson Coelho de Senna* (APCBH, 2000a, 2000b).

3 *O Calão Mineiro*: contextualização

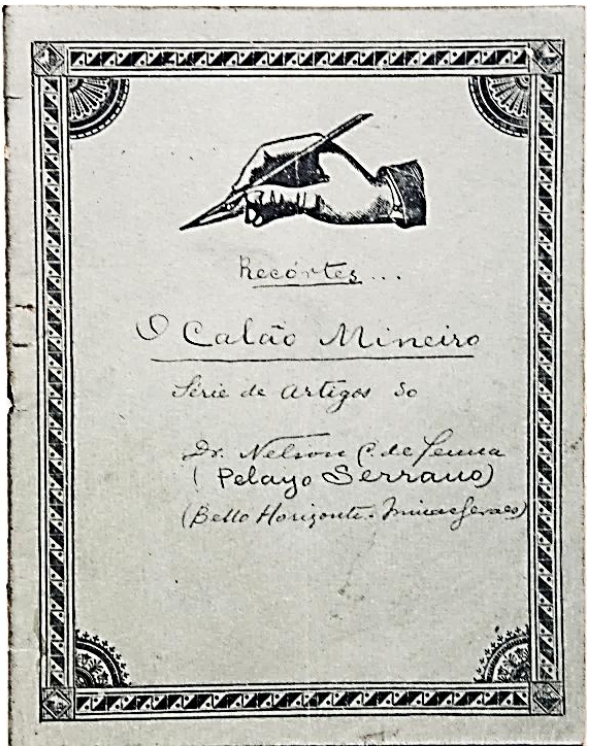
3.1 Materiais

O Calão Mineiro é o título que consta na capa de um caderno com textos manuscritos autógrafos de Nelson de Senna atualmente pertencente ao acervo Theodoro Fernandes Sampaio do Instituto Histórico-Geográfico da Bahia, com a cota CX.01D.042[20]. Esse caderno é composto de sete bifólios pautados e apresenta capa em papel cartão cinza.

[20] Disponível em: http://www.ighb.servclt.com.br/phl83/dadosexternos/arqpdf/cx.01d.042.pdf.

Consta na capa: "Recórtes... | O Calão Mineiro | Série de artigos do | Dr. Nelson C. de Senna | (Pelayo Serrano) | (Bello Horizonte – Minas Geraes)". No seu interior, há doze unidades textuais numeradas e sempre identificadas como "Recórtes...". A primeira e a sexta unidade textual apresentam, abaixo dessa identificação, o título *O Calão Mineiro*.

Figura 9 – Capa do documento CX.01D.042



Fonte: Adaptado de IGHB

A maioria das unidades textuais ou, nos termos do autor, dos *Recortes* aparece com datação ao final: 1º, "Bello Horizonte Março, 99"; 2º a 6º, "Março 99"; 7º, "Abril 904"; 8º, "Bello Horizonte, 1904"; 11º, "1905"[21]; e 12º, "Bello Horizonte – Maio 905".

[21] A data apresenta rasura, com provável correção de *1904* para *1905*.

O tema, no entanto, foi abordado por Senna em uma faixa de tempo mais ampla e também através de outros textos.

No início do 9º recorte, consta que "[j]á desde 1895, ha dez annos, que pelas columnas do Estado de Minas, um bello semanario ouropretano, começámos a publicar termos e locuções peculiares ao dizer habitual do nosso povo" e, mais adiante, que "temos publicado em varias revistas e almanachs brasileiros alguns artigos, como se póde ver no Almanach Popular (de Pelotas), no Almanach de Juiz de Fóra, no de Cuyabá (Matto Grosso), no Archivo Illustrado (de São Paulo), no nosso livro Contos Sertanejos, etc.". Além disso, no final do 1º recorte, ele assinala que "[r]eeditámos agora parte destes artigos, que publicámos, em 1899, no 'Jornal do Commercio' – de Juis-de-Fóra e [damolos] inteiramente refundidos e augmentados de alguns inéditos". Infelizmente não foi possível localizar os textos de Senna sobre o tema divulgados em todas essas publicações.

Um primeiro texto sobre o tema, também intitulado *O Calão Mineiro*, foi localizado: tinha sido publicado na edição de 10 de junho de 1896 do jornal ouropretano *O Estado de Minas* (p. 3)[22] e foi republicado, pelo menos, mais duas outras vezes[23].

Outro texto sobre o tema, também intitulado *O Calão Mineiro*, foi igualmente localizado: trata-se de texto datado de outubro de 1902 e publicado na edição de 1903 do *Almanach Popular Brazileiro* (p. 99-101)[24], aparecendo republicado com o título de *Vocabulario Caipira* no *Annuario de Minas Geraes*, editado por Senna e impresso em 28 de março de 1906 (p. 407-408).

Por fim, o conteúdo dos seis primeiros recortes foi publicado, de forma retextualizada, no artigo *O Calão Mineiro* divulgado também no já referido *Annuario de Minas Geraes* de 1906 (p. 468-473)[25].

---

[22] Cf. transcrição no Anexo 1-A deste livro.

[23] *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 172, 22 de junho de 1896, p. 2; e *Jornal do Recife*, Recife, ano XXXIX, n. 1149, 4 de julho de 1896, p. 2-3.

[24] Cf. transcrição no Anexo 1-B deste livro.

[25] Cf. transcrição no Anexo 1-C deste livro.

Sendo assim, é possível afirmar com segurança que o autor se ocupou do tema, pelo menos, entre 10 de junho de 1896, quando ainda morava em Ouro Preto, e 28 de março de 1906, quando já estava residindo em Belo Horizonte. Como ele menciona a data de 1895 no 9º recorte, talvez se possa recuar o início de sua lide com o tema para esse ano, embora não se tenha encontrado documento supérstite pertinente lavrado propriamente nessa data: talvez o texto publicado em 1896 tenha sido redigido ainda em 1895.

Examinando a escrita dos *Recortes* no caderno manuscrito, percebe-se que os textos apresentam marcas de intervenções manifestas sobretudo pela cor da tinta (mais clara na redação inicial e mais escura nas intervenções posteriores) e pelos trechos nas entrelinhas. Então, embora os recortes tenham data declarada entre 1899 e 1905, é possível que tenham intervenções realizadas em data posterior à inicial (talvez dentro do limite de 1905). Uma comparação entre a versão impressa dos textos presentes nos seis primeiros *Recortes* (Anexo 1-C) e a versão manuscrita com intervenções (Anexo 1-D) permite ver que as mudanças foram essencialmente adições textuais, com algumas poucas substituições.

3.2 O termo *calão*

Como foi discutido por Coelho (1892), o termo *calão* já foi empregado com diversos sentidos na língua portuguesa e, em função disso, é necessário analisar o uso que o próprio Nelson de Senna faz desse termo para identificar com que sentido foi adotado.

Pequenos trechos extraídos dos seus textos reunidos sob o título *O Calão Mineiro* permitem resolver essa questão[26]:

> (...) damos hoje um ligeiro apanhado dos termos e expressões mais corriqueiras, bem como alguns modos de dizer, especiaes e peculiares a nossa gente rustica, do sertão e centro-norte mineiros. [C1]

[26] Na identificação dos textos de Senna, adotaram-se as seguintes siglas: C1 = *O Calão Mineiro*, 1896 (cf. Anexo 1-A); C2 = *O Calão Mineiro*, 1902 (cf. Anexo 1-B); C3 = *O Calão Mineiro*, 1906 (cf. Anexo 1-C); R1 a R8 = *Recortes*, 1899 a 1904 (cf. Anexo 1-D).

Ha modos locaes no falar dos brasileiros. Idiosyncrasias phoneticas, vicios de linguagem, se encontram no Brasil inteiro, formando os *provincialismos*, constituindo um novo dialecto portuguez em nosso paiz. (...)

Em Minas-Geraes é infinito o numero de vocábulos usados na gyria popular. Darei aqui os que pude colleccionar, sob o titulo *O calão mineiro*. Frases, locuções, termos, appellidos, palavras soltas, etc. (...) Terminarei, dando as corruptélas phonéticas da linguagem popular e roceira, muitissimo communs no interior de Minas. [C2]

Porque não cultivarmos, sendo assim, o nosso dialecto brasileiro, completando a bella iniciativa de Alencar e Bernardo Guimarães, de Varnhagen e Sylvio Roméro — os maiores propugnadores da nacionalisação e independência do idioma luso-brasileiro? É por isso que batalho, graphando para os curiosos (e são poucos!) o rico diagramma do *calão mineiro*. (...)

Cada lingua tem seus dialectos, cada povo crêa as suas idiosyncrasias phoneticas e syntacticas, e dahi sahem o calão, o *patois*, o provincialismo. Cada região Brasileira fala o portuguez com um sotaque seu, peculiar, característico. (...)

Havemos de com tempo vêr essa linguagem expressiva dos nossos campeiros, roceiros, boiadeiros, sertanejos e caipiras. (...)

Que Mineiro de boa lei, filho do sertão, da roça, ou das cidades, haverá por ahi que desconheça o calão dos nossos patrícios? Nas «fazendas», ou nos povoados, o caipira de Minas é sempre o mesmo, constantes os seus habitos, seu trajar expressivo, simples e bem conhecido; suas inclinações e caracter entre nós muito commentados e já determinados.

Não será um *argot* combinado a sua linguagem; esta é antes um verdadeiro dialecto, um provincialismo definido, opulento e naturalmente formado, como quizerem admittir.

Ha quem conteste a existência desse *argot* popular Mineiro e ainda ponha em problema a lingua achavascada e pinturesca dos nossos aldeãos, homens do campo, caipiras e tabaréos. [C3]

A primeira questão que se percebe é que o termo *calão* nos textos de Senna não apresenta conotação negativa; muito antes

pelo contrário, o termo é usado em um contexto de valorização linguística.

A segunda questão diz respeito aos *níveis linguísticos* envolvidos quando se faz referência a calão. O nível linguístico mais referido nos excertos acima é claramente o lexical: cf. "termos e expressões mais corriqueiras" [C1], "o numero de vocábulos usados na gyria popular" [C2], e "Frases, locuções, termos, appellidos, palavras soltas" [C2]. No entanto, eventualmente se faz referência ao nível fonético e, menos frequentemente, ao sintático: cf. "Idiosyncrasias phoneticas" [C1], "corruptélas phonéticas" [C2] e "as suas idiosyncrasias phoneticas e syntacticas" [C3].

A terceira questão, bem mais espinhosa, se refere às *dimensões* consideradas quando o autor emprega a expressão *calão mineiro*.

A dimensão *diatópica* é evidente: cf. "sertão e centro-norte mineiros" [C1], "no interior de Minas" [C2], "o calão dos nossos patrícios" [C3], "o caipira de Minas" [C3] e "*argot* popular Mineiro" [C3].

A dimensão *diastrática* se manifesta em diferentes perspectivas:

(i) estrato socioeconômico: "gyria popular" [C2], "linguagem popular" [C2]; "*argot* popular Mineiro" [C3];

(ii) atividade profissional: "linguagem (...) roceira" [C2]; "nossos campeiros, roceiros, boiadeiros, sertanejos e caipiras" [C2]; "nossos aldeãos, homens do campo, caipiras e tabaréos" [C3]; e

(iii) nível de escolarização: "nossa gente rustica" [C1].

Como se vê, a dimensão geolinguística, por um lado, está bem claramente manifesta, mas, por outro, a dimensão sociolinguística parece bastante imprecisa, não sendo fácil vincular os padrões linguísticos descritos a um grupo social bem delimitado. Há outras dimensões sociolinguísticas que não foram mencionadas explicitamente por Senna, mas certamente estavam em jogo nos padrões pertencentes ao que nomeou de *calão*: a dimensão *diafásica* (referindo-se, no caso, ao contexto informal, ou seja, de pouco monitoramento da fala) e a dimensão *diamésica* (referindo-se, no caso, à modalidade falada).

Sendo assim, no quadro terminológico de Senna, *calão* corresponderia provavelmente, em termos atuais, à *variedade linguística usada por pessoas com baixa escolaridade na modalidade falada em contexto informal*, opondo-se a *vernáculo*, que corresponderia à *variedade usada por pessoas com alta escolaridade na modalidade escrita em contexto formal*. Ao adjetivar o termo *calão* com *mineiro*, restringiu então o domínio geográfico considerado para a variedade linguística em questão.

3.3 O *corpus*

Como esclarecido na seção 3.1, os textos que aparecem vinculados ao título *O Calão Mineiro* a que se pôde ter acesso são basicamente 14: um artigo impresso de 1896; 12 *recortes* manuscritos produzidos entre 1899 e 1905; e um artigo datado de outubro de 1902 e impresso em 1903[27].

Examinando esses dados, é possível perceber que, apesar de o título *O Calão Mineiro* ter sido aplicado ao conjunto dos 12 *recortes* manuscritos, apenas os 8 primeiros oferecem dados claramente associados por Senna a Minas Gerais: o 9º é texto genérico, o 10º se refere a palavras de origem tupi arroladas por Varnhagen (1854-1857), o 11º se baseia em texto produzido por um carioca, como se esclarecerá mais adiante, e o 12º apresenta ditados, charadas e cantigas cuja origem não é informada por Senna no próprio recorte como sendo especificamente de Minas Gerais.

Sendo assim, parece prudente restringir o presente estudo apenas aos dados de dez textos: o texto de 1896, os 8 primeiros recortes entre 1899 e 1904, e o texto de 1903.

No que se refere ao 11º recorte, deve-se atentar para o fato de que as formas linguísticas que foram objeto da atenção de Senna (que as glosou com sinônimos) estavam presentes em um texto impresso com o título de *Dialogo entre Capoeiras*, que ele informa ter

[27] O texto de 1906 é republicação do de 1903, sem diferença relevante no que se refere aos dados linguísticos.

coletado de jornal do interior (de Minas Gerais?). Investigando a história desse texto, foi possível constatar que ele foi publicado pela primeira vez, com o título de *Giria*, na 4ª ed. da revista ilustrada *A Mascara*, do Rio de Janeiro, vinda a lume em 6 de abril de 1899[28] (p. 7); e, embora tenha sido assinado pelo pseudônimo *Juca Pancada*, era de autoria de um dos editores da revista, o carioca Calixto Cordeiro (1877-1957). No entanto, esse texto foi publicado em seguida na edição de 19 e 20 de junho de 1899[29] (p. 2) do jornal carioca *A Noticia*, com o título de *O Calão da Capoeiragem*, mas sem a devida identificação da autoria, o que gerou protesto formal do autor e a publicação da seguinte nota na edição desse jornal do dia seguinte, 21 e 22 de junho de 1899[30] (p. 2):

> A propósito das linhas que ante-hontem publicámos reproduzindo um interessante dialogo em que se destaca com fidelidade o pittoresco calão da nossa capoeiragem, o Sr. Calixto Cordeiro dirigio-nos a carta que em seguida inserimos. Cumpre-nos, entretanto, lembrar que, como dissemos ao encabeçar esse dialogo, elle nos foi enviado em manuscripto e sem assignatura, e o seu acolhimento nas nossas columnas é uma prova de que o trabalho nos interessou, o que deve ser agradavel ao seu legitimo auctor. Eis a carta: «Em vosso numero de hontem foi publicado, sob a epigrafe «O calão da capoeiragem», um pequeno escripto que não trazia assignatura. Esse escripto é de minha lavra e foi inserido no n. 4 *d'A Mascara*, hebdomadario illustrado do qual faço parte. Peço-vos mandeis fazer esta declaração, rectificando assim, por ser de direito, a omissão da minha assignatura.»

A partir da edição no jornal *A Noticia* e de outras dela derivadas, esse texto passou a ser replicado em outros jornais[31],

---

[28] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/758132/27.

[29] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830380/5481.

[30] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830380/5489.

[31] Um exemplo foi o jornal catarinense *Sul-Americano*, na edição de 18 de fevereiro de 1900 (p. 3). Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/893765/73.

mudando inclusive de título. Não foi possível identificar de qual jornal Senna o coletou, mas, pela data do recorte em que ele o inseriu, deve ter sido de edição por volta de 1904.

Por fim, consta, na edição de 21 de agosto de 1913 do jornal carioca *O Imparcial*, que o engenheiro baiano Antônio Joaquim de Souza Carneiro (1881-1942), então professor do Instituto Politécnico da Bahia e presente naquela data na Cidade do Rio de Janeiro, faria conferências sobre "O calão mineiro, O norte de Minas Geraes e Minas Geraes no passado, no presente e no futuro" (p. 8)[32]. Não foi possível encontrar nova informação sobre a realização dessas conferências, mas é de interesse saber que Theodoro Sampaio (1855–1937), de cujo acervo no IHGB faz parte atualmente o manuscrito d'*O Calão Mineiro* de Nelson de Senna, era colega de Carneiro no referido instituto: assim, muito provavelmente uma das conferências de Carneiro, a sobre o calão mineiro, teria como referência a obra de Senna.

4 *O Calão Mineiro*: estudo crítico

Os itens apresentados por Senna nos dez textos que formam o *corpus* do presente estudo consistem em um conjunto de 724 dados que podem ser distribuídos em cinco categorias: (a) fonologia; (b) morfologia; (c) sintaxe, (d) paremiologia e (e) semântica e léxico. Como a grande parte dos dados se refere à categoria de semântica e léxico, será feito inicialmente um breve comentário sobre as quatro demais, para se passar com detalhe à principal.

Para melhor situar geolinguisticamente esses fatos no Brasil, os dados compilados por Senna referentes às categorias de fonologia, morfologia e sintaxe foram confrontados com registros dialetológicos do início do séc. XX: Amaral (1920) para o Estado de São Paulo, Nascentes (1922) para a Cidade do Rio de Janeiro, Marroquim (1934) para o nordeste (Estados de Alagoas e Pernambuco), Teixeira (1938)

[32] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/107670_01/3314.

para o Estado de Minas Gerais[33] e Teixeira (1944) para o Estado de Goiás[34]. Os dados referentes à semântica e ao léxico foram confrontados com Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712-1728), Silva (1789), Ferreira (1999) e Houaiss e Villar (2009). Já os referentes à paremiologia foram confrontados inicialmente com Delicado (1651), Pereira (1655) e Rolland (1780 [1841]), mas, não tendo sido identificados registros em nenhum desses três, fez-se uma busca livre voltada para cada provérbio.

4.1 Fonologia[35]

4.1.1 Acréscimos

a) Paragoge de vogal

Registro: *papeli* [R4, C3] (< *papel*).

Comentário: Paragoge de vogal não é descrita por Amaral (1920, p. 29-30) e Marroquim (1934, p. 96), mas é descrita por Nascentes (1922, p. 41), Teixeira (1938, p. 29) e Teixeira (1944, p. 62). A forma *papele* é documentada por Teixeira (1944, p. 62).

b) Epêntese de *s*

Registro: *s'astrevêr* [R8] (< *atrevêr-se*); *ôsdispôis* [R8].

Comentário: Epêntese de *s* não é descrita por Amaral (1920, p. 30), Nascentes (1922, p. 41) e Marroquim (1934, p. 96), mas é descrita por Teixeira (1938, p. 29) e Teixeira (1944, p. 86). O caso

[33] Texeira (1938, p. 11) esclarece que seus dados se referem a "diversas regiões do Estado, representadas no triângulo, e zonas centralizadas pelos municipios da Capital, de Alfenas, S. João Del-Rey, Pouso Alegre, Teofilo Otoni, Manhuassú".

[34] Como base nas cartas linguísticas que Texeira (1944, p. 61, 64, 72, 76 e 80) apresenta, nota-se que seus dados se referem principalmente às cidades de Morrinhos, Pouso Alto, Boa Vista, Trindade, Itaberaí, Jaraguá, Pirinópolis, Posse, Corumbá, Formosa, Cristalina, Anápolis, Pires do Rio, Santa Luzia, Urutaí, Pameri, Goiandira e Catalão, embora não apenas a elas.

[35] Na apresentação dos dados, fez-se uniformização de maiúsculas e minúsculas.

de epêntese de *s* apresentado por Teixeira (1938) é o de *despois*, que ele próprio considera um arcaísmo, mas, segundo Machado (1995, v. 2, p. 305), essa palavra é derivada do lat. *de* + *ex* + *poste*, então o *s* medial não é elemento acrescentado por processo fonológico, mas sim continuação histórica do elemento final da preposição *ex*. O mesmo se aplica ao caso de *dispois* atestado por Teixeira (1944, p. 86). No entanto, consiste efetivamente em epêntese de *s* o caso de *sastisfeitu* documentado por Teixeira (1944, p. 86). No caso de *ôsdispôis*, considerou-se epêntese do primeiro *s*.

c) Ditongação de vogal tônica antes de sibilante

Registro: *nóis* [R8] (< *nós*).

Comentário: Ditongação de vogal tônica antes de sibilante não é descrita por Nascentes (1922, p. 24-25), mas é descrita por Amaral (1920, p. 22), Marroquim (1934, p. 39), Teixeira (1938, p. 13 e 16) e Teixeira (1944, p. 37, 40, 44 e 46). A forma *nóis*/*nois* é documentada por Amaral (1920, p. 22), Teixeira (1938, p. 36) e Teixeira (1944, p. 44).

4.1.2 Supressões

a) Aférese

Registro: *tá* [R8] (< *está*).

Comentário: Aférese é descrita por Amaral (1920, p. 30), Nascentes (1922, p. 41-42), Marroquim (1934, p. 92-93), Teixeira (1938, p. 29) e Teixeira (1944, p. 85). A forma *tá* é documentada por Amaral (1920, p. 80), Nascentes (1922, p. 43), Marroquim (1934, p. 93), Teixeira (1938, p. 29) e Teixeira (1944, p. 62).

b) Aférese seguida de prótese

Registros: *Inhô* [C2] (< *Senhor*); *Inhô-Pái* [R5] ~ *Inhô-Páe* [C3] (< [*Senhor Pai*][36]); *Inhá-mãi* [R5] ~ *Inhá-mãe* [C3] (< [*Senhora Mãe*]); *Izé* [R4, C2, C3] (< *José*).

[36] As formas correspondentes que Senna não apresenta são propostas aqui entre colchetes.

Comentário: Aférese seguida de prótese não é descrita por Amaral (1920, p. 30), Nascentes (1922, p. 41-42), Marroquim (1934, p. 92-93), Teixeira (1938, p. 29) e Teixeira (1944, p. 85-86). Especificamente em relação aos itens lexicais *senhor*/*senhora*, Amaral (1920, p. 30) assinala a existência das formas proclíticas *nhô*/*nhá*; Marroquim (1934, p. 92-93) registra as formas *inhôr*/*nhôr*, informando não haver *nhô*; Teixeira (1944, p. 131) registra *nhô*; e Nascentes (1922) e Teixeira (1938) não documentam forma correlata com aférese. Quanto ao item *José*, a forma *Zé* é documentada por Amaral (1920, p. 30), Nascentes (1922, p. 125), Marroquim (1934, p. 159) e Teixeira (1938, p. 36 e 58). Nos dados de Senna, há a idiossincrasia de a aférese ser seguida por prótese de *i*: se, no caso de *Inhô*, esse *i* pode até ser interpretado como derivado do *e* da primeira sílaba, já no caso de *Izé* não.

c) Síncope de vogal pretônica

Registros: *Mané* [C2] (< *Manoel*); *sup'rior* [R5, C3] (< *superior*).

Comentário: Síncope de vogal pretônica não é descrita por Nascentes (1922, p. 42) e Teixeira (1944, p. 85), mas é descrita por Amaral (1920, p. 54), Marroquim (1934, p. 94) e Teixeira (1938, p. 29)[37]. A forma *Mané* é documentada por Amaral (1920, p. 54), Marroquim (1934, p. 148) e Teixeira (1938, p. 19).

d) Síncope de vogal postônica em proparoxítona

Registros: *relâmpo* [R8] (< *relampago*).

Comentário: Síncope de vogal postônica em proparoxítona é descrita por Amaral (1920, p. 30), Nascentes (1922, p. 42), Marroquim (1934, p. 94), Teixeira (1938, p. 29) e Teixeira (1944, p. 85). A forma *relâmpo* é documentada por Amaral (1920, p. 202), Nascentes (1922, p. 42) e Teixeira (1944, p. 85). Segundo Houaiss e Villar (2009, p. 1638), a variante *relampo* para *relâmpago* se encontra atestada já desde 1589.

[37] Teixeira (1938, p. 29) interpreta a forma *Mané* como fruto de redução do semiditongo *oe*.

e) Síncope de *i* tônico em hiato diante de palatal nasal

Registros: *múñho* [R8] (< *moinho*).

Comentário: Síncope de *i* tônico em hiato diante de palatal nasal não é descrita por Amaral (1920, p. 22 e 26), Nascentes (1922, p. 24 e 32), Marroquim (1934, p. 39 e 73), Teixeira (1938, p. 15 e 19-20) e Teixeira (1944, p. 58 e 85). O processo de derivação da forma atestada por Senna parece ser semelhante à fase final do imperfeito de *pôr*: cf. *ponebam* > *ponía* > *poĩa* > *poínha* > *puínha* > *púinha* > *punha* (WILLIAMS, 1991, p. 236)[38]. O vocábulo *moinho* apresenta resultados semelhantes a esse processo em dialetos do nordeste de Portugal: *múinho* e *munho* (WILLIAMS, 1991, p. 236).

f) Síncope de *i* em ditongo crescente átono final

Registros: *coléjo* [R8] (< *collégio*).

Comentário: Síncope de *i* em ditongo crescente átono final não é descrita por Amaral (1920, p. 25-26), mas é descrita por Nascentes (1922, p. 29), Marroquim (1934, p. 72), Teixeira (1938, p. 19) e Teixeira (1944, p. 56 e 85). A forma *culejo*/*culéjo* é documentada por Nascentes (1922, p. 29) e Marroquim (1934, p. 72).

g) Síncope de consoante oclusiva medial em final de sílaba

Registros: *sujigar* [R3] (< *subjugar*).

Comentário: Síncope de consoante oclusiva medial em final de sílaba não é descrita por Amaral (1920, p. 26-27), Teixeira (1938, p. 19) e Teixeira (1944, p. 85), mas é descrita por Nascentes (1922, p. 38) e Marroquim (1934, p. 85). A forma *sujigar* é documentada por Amaral (1920, p. 211) e Marroquim (1934, p. 92). Amaral (1920, p. 211) a interpreta como arcaísmo por estar atestada já na fase arcaica:

[38] Aceitando-se trajeto semelhante para *moinho* > *múñho*, então o fenômeno seria, na verdade, monotongação de *ui* diante de nasal palatal ou síncope da semivogal *i* diante de nasal palatal.

"a terra seria de todo perdida e *sugiguada* a elrey de Castella" (*Crônica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*: CHRONICA, 1911, p. 49).

h) Apócope de *e* átono

Registros: *hypotis* [R4, C3] ~ *hypótis* [C2] (< *hypothese*).

Comentário: Apócope de *e* átono não é descrita por Amaral (1920, p. 22-23 e 30), Nascentes (1922, p. 26 e 42), Marroquim (1934, p. 42), Teixeira (1938, p. 15) e Teixeira (1944, p. 41 e 85). Enquanto Amaral assinala a manutenção dessa vogal, os quatro demais informam que ela alça para *i*. No que se refere ao item lexical em questão, Marroquim (1934, p. 94) documenta a forma *hipote*, com apócope não apenas da vogal, mas da sílaba inteira.

i) Apócope de *r*

Registros: *cuié* [R4, R5, C2, R8, C3 (2×)] (< *colher ~ colhér*); *Inhô* [C2] (< *Senhor*); *Inhô-Pái* [R5] ~ *Inhô-Páe* [C3] (< [*Senhor Pai*]); *muié* [R4, R5, C2, C3] ~ *muiè* [C3] (< *mulher*); *mió* [R4, C2, R8 (2×), C3] (< *melhor*); *tomá* [R7] (< *tomar*); *topadô* [R7 (2×)] (< [*topador*]).

Comentário: Apócope de *r* é descrita por Amaral (1920, p. 28), Nascentes (1922, p. 33), Marroquim (1934, p. 77), Teixeira (1938, p. 20) e Teixeira (1944, p. 66 e 85). Amaral (1920, p. 125, 30, 28, 170, 136)[39] documenta *cuié, nhô, muié*, *mió, tomá*; Nascentes (1922, p. 59), *mió*; Marroquim (1934, p. 172 e 194), *muié* e *mió*; Teixeira (1938, p. 27 e 47), *cuyé*, *muyé* e *mió*; Teixeira (1944, p. 66 e 100), *sinho*(*r*) e *muié*. Há registro de que a apócope de *r* já se manifestava no português quinhentista: Teyssier (1959, p. 243) a atesta em autos de Gil Vicente (*ca*. 1465–*ca*. 1536), como em *podê* (< *poder*) na *Frágua do Amor*, de 1525.

[39] Nos casos em que estão documentadas várias das formas em questão, elas são apresentadas em ordem alfabética e o número das páginas de sua localização nas obras consultadas segue essa mesma ordem. Quando mais de uma forma ocorre na mesma página, repete-se o número da página.

j) Apócope de *l*

Registros: *jorná* [R7, R8] (< *jornal*); *Mané* [C2] (< *Manoel*); *papé* [R4, C2, C3] (< *papel*).

Comentário: Amaral (1920, p. 27-28) considera que não há apócope de *l* no dialeto caipira e explica as formas atestadas sem *l* final como fruto de rotacismo de *l* final seguido de apócope de *r*. A apócope de *l* é descrita por Nascentes (1922, p. 33), Marroquim (1934, p. 77-78), Teixeira (1938, p. 20) e Teixeira (1944, p. 63). Amaral (1920, p. 27, 54 e 52) documenta *jorná, Mané* e *papé*; Marroquim (1934, p. 55, 148 e 77), *jorná, Mané* e *papé*; Teixeira (1938, p. 19 e 20), *Mané* e *papé*; Teixeira (1944, p. 63), *jorna*(*l*).

k) Apócope de *s*

Registros: *Carrinho* [C2] (< *Carlinhos*); *fùmo* [R8] (< *fomos*).

Comentário: Apócope de *s* é descrita por Amaral (1920, p. 28-29), Nascentes (1922, p. 34), Marroquim (1934, p. 77), Teixeira (1938, p. 21) e Teixeira (1944, p. 68). Embora nenhum dos cinco registre especificamente a forma *Carrinho*, Amaral (1920, p. 30), Nascentes (1922, p. 40) e Marroquim (1934, p. 85) documentam *Carro* (< *Carlos*). Além disso, Amaral (1920, p. 55) documenta *fômo*; Nascentes (1922, p. 57), *fômo* e *fumo*; Marroquim (1934, p. 121), *fumo*; e Teixeira (1938, p. 46), *fômo* e *fumo*.

l) Elisão de *e* final

Registros: *trasantonte* [R5, C3] (< *tras-ante hontem ~ tras-antehontem*).

Comentário: Embora, como já assinalado antes no item (h), os cinco estudiosos não descrevam apócope de *e* átono nas variedades respectivas, quatro documentam forma igual ou correlata à em questão com elisão: Amaral (1920, p. 77), *antonte*; Nascentes (1922, p. 59), *tresantonte,* mas *anteonte*; Marroquim (1934, p. 42), *ontonte, antonte* e *ternantonte*; e Teixeira (1938, p. 47), *tresantonte*. No entanto,

Teixeira (1944, p. 70) apresenta um dado diferente que atesta a existência de elisão: cf. *qu'eu* [= *que eu*].

4.1.3 Transposições

a) Metátese de *r* em grupo inicial

Registros: *gùrvata* [R3] (< *gravata*); *purcissão* [R8] (< *procissão*).

Comentário: Metátese de *r* em grupo inicial é descrita por Amaral (1920, p. 30), Nascentes (1922, p. 43), Marroquim (1934, p. 58-59), Teixeira (1938, p. 30) e Teixeira (1944, p. 84). A forma *purcissão* é documentada por Amaral (1920, p. 30) e Nascentes (1922, p. 43).

4.1.4 Substituições

a) Alçamento de vogal média pretônica

Registros: *cuié* [R4, R5, C2, R8, C3 (2×)] ~ *cuiér* [R5, R8, C3] (< *colher ~ colhér*); *dispôis* [R5, R8] ~ *dispõis* [C2] ~ *dispois* [C3] (< *depois*[40]); *fuinha* [R8] (< *folhinha*); *intonces* [R8] (< *então*[41]); *mió* [R4, C2, R8 (2×), C3] (< *melhor*); *múñho* [R8] (< *moinho*).

Comentário: Alçamento de vogal média pretônica é descrito por Amaral (1920, p. 23-24), Nascentes (1922, p. 26-27), Marroquim (1934, p. 47 e 55), Teixeira (1938, p. 15-16) e Teixeira (1944, p. 40 e 44). Amaral (1920, p. 125, 76 e 170) documenta *cuié, intonces* e *mió*; Nascentes (1922, p. 59), *mió*; Marroquim (1934, p. 182, 194), *dispois* e *mió*; Teixeira (1938, p. 27, 47, 14 e 27), *cuyé, dispois, intonci* e *mió*; Teixeira (1944, p. 69), *dispois* Já na Idade Média, no entanto, atestavam-se casos de alçamento de médias pretônicas (MAIA, 1997, p. 358-359).

---

[40] Senna associa *dispois* e variantes a *depois*, embora seja variante fônica de *despois*.

[41] Senna associa *intonces* a *então*, embora seja variante fônica de *entonces*.

b) Alçamento de *e* átono final

Registros: *hypotis* [R4, C3] ~ *hypótis* [C2] (< *hypothese*).

Comentário: Alçamento de *e* átono final não é descrito por Amaral (1920, p. 22-23), mas é descrito por Nascentes (1922, p. 26), Marroquim (1934, p. 42), Teixeira (1938, p. 15) e Teixeira (1944, p. 41). No dado em questão, supõe-se que tenha ocorrido primeiro a apócope de *e* (*hypothese* > *hypothes*) e, em seguida, o alçamento de *e* (*hypothes* > *hypotis*).

c) Rebaixamento de *i* pretônico

Registros: *Vérgilho* [R4] (< *Virgílio*).

Comentário: Rebaixamento de *i* pretônico é descrito por Amaral (1920, p. 23), que o considera um processo dissimilatório, Nascentes (1922, p. 27), Marroquim (1934, p. 55), que considera muitos dos casos como conservação de forma seiscentista, Teixeira (1938, p. 16) e Teixeira (1944, p. 42). A forma *Vergílio* é documentada por Amaral (1920, p. 23) e Nascentes (1922, p. 27): trata-se de caso controverso, já que, mesmo no latim, havia variação entre as formas *Virgilius* e *Vergilius* (GAFFIOT, 1996, p. 622).

d) Rebaixamento de *u* pretônico

Registros: *motirão* [R6, C2, C3] (< *mutirão*).

Comentário: Rebaixamento de *u* pretônico não é descrito por Amaral (1920, p. 22-24), Nascentes (1922, p. 28), Marroquim (1934, p. 60-61) e Teixeira (1938, p. 16), mas é descrito por Teixeira (1944, p. 46), que o interpretou como assimilatório em *função* > *fonção*. Nascentes (1966, p. 508) propõe origem tupi para a palavra (*moti'rõ*), que não é acolhida por Houaiss e Villar (2009, p. 1336): se, no entanto, se aceitar essa etimologia, então não há rebaixamento de *u* para *o*, mas simplesmente conservação de *o*.

e) Rebaixamento de *o* em ditongo decrescente

Registros: *óito* [R8] (< *ôito*).

Comentário: Rebaixamento de *o* em ditongo decrescente não é registrado por Amaral (1920, p. 25-26), Nascentes (1922, p. 31), Marroquim (1934, p. 65-66), Teixeira (1938, p. 18) e Teixeira (1944, p. 53). No entanto, a forma *óito* é documentada por Amaral (1920, p. 140) e Teixeira (1938, p. 34). Amaral (1920, p. 133) considera que a forma *dezóito* deriva de *dezaoito* com contração de *ao* em *ó*: pode-se, então, aventar a hipótese de que a pronúncia *óito* seja por analogia a *dezóito*.

f) Iodização de *lh*

Registros: *áio* [R8] (< *alho*); *barúio* [R5, C2] ~ *barûio* [C3] (< *barulho*); *canáia* [R5, C2, R8, C3] (< *canalha*); *cartia* [C2] ~ *cartîa* [R5, C3] ~ *cartía* [R8] (< *cartilha*); *cuié* [R4, R5, C2, R8, C3 (2×)] ~ *cuiér* [R5, R8, C3] (< *colher* ~ *colhér*); *fío* [R4] ~ *fîo* [C3] ~ *fio* [C2] (< *filho*); *fôia* [R8] (< *folha*); *fuinha* [R8] (< *folhinha*); *mio* [C2] ~ *mîo* [C3, R4] ~ *mío* [R8] (< *milho*); *mió* [R4, C2, R8 (2×), C3] (< *melhor*); *muié* [R4, R5, C2, C3] ~ *muiè* [C3] ~ *muiér* [R5, C2] ~ *muièr* [C3] (< *mulher*); *quartio* [R5] ~ *quartío* [R8] ~ *quartìo* [C3] (< *quartilho*); *taiér* [R8] (< *talher*).

Comentário: Iodização de *lh* é descrita por Amaral (1920, p. 28), Nascentes (1922, p. 38), Marroquim (1934, p. 87), Teixeira (1938, p. 27) e Teixeira (1944, p. 73-74). Amaral (1920, p. 183, 125, 184, 168, 136, 54 e 28) documenta *aio*, *cuié, fio, fôia, mio, mió, muié*; Nascentes (1922, p. 38 e 59), *fia*, *foia* e *mió*; Marroquim (1934, p. 170, 87, 87, 194 e 172), *canaia, fio, mio, mió* e *muié*; Teixeira (1938, p. 27, 27, 27, 27, 47 e 27), *cuyé*, *fya*, *foya*, *myo*, *mió* e *muyé*; e Teixeira (1944, p. 141, 51, 46 e 100), *baruio*, *fia, foia* e *muié*. Há registro de que a iodização de *lh* já se manifestava no português quinhentista: Teyssier (1959, p. 246) a atesta em autos de Gil Vicente (*ca*. 1465–*ca*. 1536), como em *oyo* (< *olho*) na *Frágua do Amor*, de 1525.

g) Palatalização de *li* seguido de vogal

Registros: *Vérgilho* [R4] (< *Virgílio*).

Comentário: Palatalização de *li* seguido de vogal não é descrita por Amaral (1920, p. 27-28), mas é descrita por Nascentes (1922, p. 28), Marroquim (1934, p. 72 e 87), Teixeira (1938, p. 19) e Teixeira (1944, p. 56).

h) Palatalização de *ni* seguido de vogal

Registros: *Antonho* [R4, C2, C3] (< *Antonio*).

Comentário: Palatalização de *ni* seguido de vogal é descrita por Amaral (1920, p. 77), Nascentes (1922, p. 28), Marroquim (1934, p. 72), Teixeira (1938, p. 19) e Teixeira (1944, p. 56). Amaral (1920, p. 77), Marroquim (1934, p. 72) e Teixeira (1938, p. 19) documentam *Antonho*; Teixeira (1944, p. 56), *Antonhu*.

i) Palatalização da semivogal *i*

Registros: *malhór* [R8] (< *maior*).

Comentário: Palatalização da semivogal *i* não é descrita por Amaral (1920, p. 25-26), Nascentes (1922, p. 28-32), Marroquim (1934, p. 72) e Teixeira (1938, p. 19), mas é descrita por Teixeira (1944, p. 51). Teixeira (1944, p. 93, 51 e 54) documenta não apenas *maior* > *malhó*, mas também *meia* > *melha* e *cuia* > *culha*

j) Rotacismo de *l*

Registros: *afrigir* [R5, C2, C3] (< *affligir*); *afrito* [R5] ~ *afrìto* [C3] (< *afflicto*); *arça* [R8] (< *alça*); *cárça* [R8] (< *calça*); *carvo* [C2] (< *calvo*); *prânta* [R8] (< *planta*); *sordado* [R8] (< *soldado*); *tarvêis* [R8] (< *talvez*).

Comentário: Rotacismo de *l* é descrito por Amaral (1920, p. 27-28), Nascentes (1922, p. 36), Marroquim (1934, p. 78-85), Teixeira (1938, p. 22) e Teixeira (1944, p. 63 e 77-78). Amaral (1920, p. 54 e 223) documenta *pranta* e *sordado*; Nascentes (1922, p. 36 e 59), *prantar* e *tarvez*; Marroquim (1934, p. 29), *carçada* e *sordado*; Teixeira

(1938, p. 22), *prantar*; e Teixeira (1944, p. 116), *carça*. Trata-se de fenômeno antigo documentado já no português arcaico (WILLIAMS, 1991, p. 74-75 e 87-88).

k) Assimilação de *l* precedido de *r*

Registros: *Cárros* [R4, C2] (< *Carlos*); *Carrinho* [C2] (< *Carlinhos*).

Comentário: Assimilação de *l* precedido de *r* não é descrita por Teixeira (1938, p. 22) e Teixeira (1944, p. 77-78), mas é descrita por Amaral (1920, p. 27 e 30), Nascentes (1922, p. 40) e Marroquim (1934, p. 85). Amaral (1920, p. 30), Nascentes (1922, p. 40) e Marroquim (1934, p. 85) documentam *Carro* (< *Carlos*).

l) Assimilação de *r* seguido de *s*

Registros: *mecê* [C2, R8] ~ *mécê* [R5] ~ *mêcê* [C3] (< *mercê*).

Comentário: Assimilação de *r* seguido de *s* não é descrita por Amaral (1920, p. 28), Nascentes (1922, p. 35-40), Marroquim (1934, p. 82)[42], Teixeira (1938, p. 21-28) e Teixeira (1944, p. 79-82). No entanto, Amaral (1920, p. 170) documenta *mecê*; e Teixeira (1938, p. 35), *micê*. O fato de estes dois autores não terem associado essas formas a um fenômeno geral de assimilação talvez indique que interpretem a emergência dessa forma como um processo diferenciado, vinculado especificamente à gramaticalização de *vossa mercê* em *você*, que foi acompanhada de múltiplas variantes.

m) Assimilação de *n* medial

Registros: *chichellos* [C1] (< *chinelos*).

Comentário: Assimilação de *n* medial não é descrita por Amaral (1920, p. 26-30), Nascentes (1922, p. 33), Marroquim (1934, p. 78), Teixeira (1938, p. 20) e Teixeira (1938, p. 85). Houaiss e Villar

[42] Marroquim (1934, p. 92), no entanto, considera que a passagem de *Cícero* a *Cisso* foi por intermédio de *Cirço*.

(2009, p. 453) registram que a forma *chichelo*, variante de *chinelo*, se encontra atestada já em 1279.

n) Palatalização de *z* antes de *i*

Registros: *regojíjo* [R7] (< [*regozijo*]).

Comentário: Palatalização de *z* antes de *i* não é descrita por Amaral (1920, p. 28-29 e 30), mas é descrita por Nascentes (1922, p. 35), Marroquim (1934, p. 41), Teixeira (1938, p. 21) e Teixeira (1944, p. 69-70).

o) Dissimilação de vogal tônica

Registros: *fùmo* [R8] (< *fomos*).

Comentário: Dissimilação de vogal tônica não é descrita por Amaral (1920, p. 22 e 29-30), Nascentes (1922, p. 24-25 e 40), Marroquim (1934, p. 39-40 e 92) e Teixeira (1938, p. 29), mas é descrita por Teixeira (1944, p. 42 e 44). Amaral (1920, p. 55) documenta *fômo*; Nascentes (1922, p. 57), *fômo* e *fumo*; Marroquim (1934, p. 121), *fumo*; e Teixeira (1938, p. 46), *fômo* e *fumo*. O fato de três estudiosos documentarem a forma *fumo*, mas não a inserirem na descrição dos casos de dissimilação, pode indicar que se trata de um fato restrito lexicalmente nas respectivas variedades.

p) Dissimilação de vogal átona

Registros: *aminhâ* [R5, R8] ~ *aminhã* [C2, C3] (< *amanhã*); *aribú* [C2] (< *urubú*); *gùrvata* [R3] ~ *grùváta* [R3] (< *gravata*); *jinélla* [R8] (< *janella*); *sujigar* [R3] (< *subjugar*); *trivoada* [R8] (< *trovoada*).

Comentário: Dissimilação de vogal átona é descrita por Amaral (1920, p. 23), Nascentes (1922, p. 40), Marroquim (1934, p. 92), Teixeira (1938, p. 29) e Teixeira (1944, p. 85). Amaral (1920, p. 75, 84, 148, 161 e 211) documenta *amenhã*/*aminhã, aribu, gruvata, jinéla* e *sujigar*; Nascentes (1922, p. 40 e 25), *menhã, jenela*;

Marroquim (1934, p. 213, 60, 47 e 92), *amenhã, aribú, jinela* e *sujigar*; e Teixeira (1938, p. 47 e 29), *aminhã, aribú* e *jinéla*; e Teixeira (1944, p. 85), *trivuada*.

q) Monotongação de *ua*

Registro: *córẽnta* [R8] (< *quarenta*).

Comentário: Monotongação de *ua* não é descrita por Amaral (1920, p. 25-26), mas é descrita por Nascentes (1922, p. 29), Marroquim (1934, p. 72-73), Teixeira (1938, p. 19) e Teixeira (1944, p. 57). Amaral (1920, p. 119-120), Nascentes (1922, p. 50), Marroquim (1934, p. 73) e Teixeira (1938, p. 19) documentam a forma *corenta*. A forma *corenta* é atestada já na fase arcaica do português: "(...) mandou que se ajumtasse aly o capitulo geeral em no ano do Senhor de mill e duzemtos e *corenta* e quatro anos." (*Crônica da Ordem dos Frades Menores*: NUNES, 1918, v. 2, p. 57, itálicos nossos).

r) Ditongação de *om* final

Registro: *bão* [R8] (< *bom*).

Comentário: Ditongação de *om* final é descrita por Amaral (1920, p. 26), Nascentes (1922, p. 28), Marroquim (1934, p. 73), Teixeira (1938, p. 16) e Teixeira (1944, p. 55). A forma *bão* é documentada por Amaral (1920, p. 26), Nascentes (1922, p. 28), Marroquim (1934, p. 73), Teixeira (1938, p. 16) e Teixeira (1944, p. 55). Do ponto de vista histórico, trata-se certamente de continuação da tendência de regularização dos finais nasais *om* e *am* em *ão* no português, iniciada na Idade Média (WILLIAMS, 1991, p. 180-184).

s) Desnasalização de *em* átono final

Registros: *arége* [R7] (< *aragem*); *trasantonte* [R5, C3] (< *tras-ante hontem ~ tras-antehontem*).

Comentário: Desnasalização de *em* final é descrita por Amaral (1920, p. 23), Nascentes (1922, p. 40), Marroquim (1934, p. 92), Teixeira (1938, p. 29) e Teixeira (1944, p. 55). Amaral (1920, p. 77) documenta *antonte*; Nascentes (1922, p. 94 e 59), *arage, tresantonte* e *anteonte*; Marroquim (1934, p. 42), *ontonte, antonte* e *ternantonte*; e Teixeira (1938, p. 47), *tresantonte*.

4.2 Morfologia

a) *Havera*

Registro: *havéra* [R8] (cf. *havia, haverí́a*).

Comentário: A forma *havera* não é documentada por Amaral (1920, p. 55-56), Teixeira (1938, p. 45) e Teixeira (1944, p. 104), mas é documentada por Nascentes (1922, p. 51) e Marroquim (1934, p. 121). Trata-se de uma forma analógica para a de pretérito mais-que-perfeito *houvera* (*vender* : *vendera* :: *haver* : *havera*). Nascentes (1922, p. 52) assinala que se trata de forma que aparece em frases petrificadas – cf. "quem *havera* de dizê!" – assim como Marroquim (1934, p. 215) o diz – cf. "nestas era dagora *havéra de havê* uma pendença". Marroquim (1934, p. 205) esclarece, ademais, que a forma *havera* tem a função de pretérito imperfeito e de imperfeito do condicional, exatamente as funções que Senna registrou para essa forma (cf. as formas *havia* e *haveria* apresentadas como equivalentes por Senna).

b) Comparativo analítico

Registro: *mais mió* [R8].

Comentário: O comparativo analítico é descrito por Amaral (1920, p. 54), Nascentes (1922, p. 62), Marroquim (1934, p. 194), Teixeira (1938, p. 33) e Teixeira (1944, p. 93), tendo documentado os quatro primeiros a expressão *mais mió*. O analitismo pode ser considerado uma tendência românica, que se manifestou nos mais

diferentes domínios da gramática: marcação de função sintática de objeto indireto com preposição, tempos verbais perifrásticos, etc.

c) Aglutinação

Registros: *ancê* [R5, C3] ~ *oncê* [R8] ~ *vancê* [R5, C2, R8, C3] (< *você*); *vassuncê* [R5, C2, C3] ~ *vossuncê* [R8] (< *vossa mercê*); *vossúría* [R5] ~ *vossuría* [R8] ~ *vossùrìa* [C3] (< *v. sª.* [= v*ossa senhoria*]); *sûscristo* [R5, C3] ~ *suscristo* [C2] (< *louvado seja Christo*).

Comentário: Os dados em questão refletem processos complexos que ultrapassam apenas o nível fonológico, na medida em que envolvem mais de um item lexical. Para os derivados de *vossa mercê*, Amaral (1920, p. 56 e 170) documenta *vossuncê, vassuncê, vamicê, vancê, vacê, você, ocê* e *mecê*; Nascentes (1922, p. 69), apenas *você*; Marroquim (1934, p. 111 e 114), *você* e *ocê*; Teixeira (1938, p. 35), *vancê, você, ocê* e *micê*; e Teixeira (1944, p. 98 e 102), *vancê, voncê, oncê, você, ocê* e *cê*. Para os derivados de *vossa senhoria*, nenhum dos cinco estudiosos apresenta variante. A forma *suscristo*, que nenhum dos referidos estudiosos registra e que Senna interpreta como vinculada a *louvado seja Cristo*, deve derivar, na verdade, de *Jesus Cristo* ou, ainda, de *louvado seja Jesus Cristo*, em função da presença do segmento *sus* (< *Jesus*).

4.3 Sintaxe

a) Próclise pronominal a infinitivo

Registro: *s'astrevêr* [R8] (< *atrevêr-se*).

Comentário: Próclise pronominal a infinitivo não é descrita por Amaral (1920, p. 19-20), mas é descrita por Nascentes (1922, p. 73), Marroquim (1934, p. 187), Teixeira (1938, p. 94) e Teixeira (1944, p. 120). Amaral não cita explicitamente a questão da próclise, mas faz referência a texto de Said Ali e nele há a descrição respectiva (SAID ALI, 1908, p. 46).

4.4 Paremiologia

Nos dados de Senna, há oito expressões que ele próprio chama de *adágios* e *ditados*. Apenas para o último item a seguir, ele apresenta a glosa. Nenhuma dessas oito expressões está atestada como tal nas compilações de Delicado (1651), Pereira (1655) e Rolland (1780 [1841]). Consultaram-se outras obras para se identificar a atestação mais antiga de cada uma delas.

a) *Cara de aribu, coração de arutu*

Registros: *cara de aribú, coração de arutú* [R5] ~ *cára de aribú, coração de arutú* [C3].

Comentário: Este ditado não foi encontrado atestado em nenhuma das obras consultadas. No ditado em questão, opõem-se dois animais: *aribu* (= urubu, um tipo de ave) e *arutu* (= aratu, um tipo de caranguejo de mangue). Considerando que ditados frequentemente apresentam ideias opostas entre suas partes, é possível aventar a hipótese de que esse ditado signifique "pessoa feia, mas bondosa", ideia expressa também por outros ditados no português: cf., p. ex., *Tem má cara, mas tem bom coração* (PINTO; PINTO, 1917, p. 92).

b) *Como três e dois são cinco*

Registro: *como-tres-e-dois-são-cinco* [R6, C3].

Comentário: Este ditado está atestado na tradução portuguesa da obra *Guy Mannering; or, The Astrologer* (1815) de Walter Scott (1771-1832) publicada por M. A. da Silva em 1842[43]. Pelo contexto

[43] Texto original em inglês: "'Which Meg ?' 'Meg Merrilies, the old devil's limb of a gypsey witch.' 'Is she still alive ?' 'Yaw.' 'And in this country?' '*And in this country*. She was at the Kaim of Derncleugh, at Vanbeest Brown's last wake, as they call it, the other night, with two of my people, and some of her own blasted gypsies.'" (SCOTT, 1815, t. 2, p. 231, itálicos nossos) / Tradução para o português de M. A. da Silva: "– Quem é essa Meg? – É Meg Merrilies, a velha feiticeira, a

de uso na referida tradução, infere-se que significa "exatamente", ou seja, uma confirmação categórica.

c) *Macaco velho não mete a mão na combuca*

Registros: *macaco velho não mette a mão na combùca* [R5] ~ *macaco velho não mette a mão na combúca* [C3].

Comentário: Romero (1879, p. 272) registra este ditado em seu estudo sobre a poesia popular no Brasil, mas não a glosa. Cabral (1982, p. 567) também o registra, glosando-o como "pessoa experiente ou sagaz não se aventura a negócios suspeitos ou duvidosos".

d) *Não tugir nem mugir*

Registro: *não-tugir-nem-mugir* [R6, C3].

Comentário: Camara (1848, p. 253) registra este ditado, mas não o glosa. Ribeiro (1908, p. 26 e 69) registra os ditados *não tuje nem muje* e *sem tujir nem mugir*, esclarecendo tratar-se de sinônimo de *nem chuz nem buz*, que significa "não dizer palavra, guardar silêncio absoluto". As formas *tuje* e *muje*, segundo Ribeiro, são flexões, respectivamente, dos verbos *tossir* e *mugir*.

e) *O que arde cura, o que aperta segura*

Registro: *o que arde cura, o que aperta segura* [R5, C3].

Comentário: Pinto e Pinto (1917, p. 90) registram este ditado, mas não o glosam. As duas partes do ditado apontam para a mesma ideia de "esforço gera recompensa": suportar um remédio que arde permite que o corpo se cure e reter algo permite que não se perca.

---

cigana, a filha de Satanaz! – Pois ainda vive? – *Ia*! – E está cá no condado? – *Como tres e dois são cinco*! Estava em Darnecleugh na noite em que dois dos meus e eu depositamos Brown n'um sitio onde ficará para sempre, quer bem quer mal." (SCOTT, 1842, t. 3, p. 139, itálicos nossos).

f) *Papagaio come o milho, periquito leva a fama*

Registro: *papagaio come o milho, periquito leva a fama* [R5].

Comentário: Ribeiro (1908, p. 264) registra este ditado como de uso no Brasil e considera que tenha tido como modelo *Agosto tem culpa, setembro leva a fama*, documentado na coleção de Delicado (1651)[44]. Cabral (1982, p. 567) também o registra, glosando como "o pobre ou o tolo é sempre quem paga o pato" e "os pequenos pagam as faltas dos grandes".

g) *Santo de casa não faz milagre*

Registro: *santo de casa não faz milagre* [R5].

Comentário: Camara (1848, p. 107) registra este ditado e o glosa como "não se tem prestigio em pessoas de familiaridade, pois a illusão é que o alimenta".

h) *Sino está batendo e a missa já acabou*

Registro: *sino 'tá batendo e a missa já cabou* [R5].

Comentário: Este ditado não foi encontrado atestado em nenhuma das obras consultadas. Senna o glosa como "o que foi mais depressa do que se suppunha".

4.5 Semântica e léxico

Os dados referentes ao nível semântico-lexical foram organizados aqui em forma de verbetes[45].

---

[44] A forma documentada por Delicado (1651, p. 188) é, na verdade, *Agosto tem a culpa, Setembro leua a fruta*.

[45] A única forma que não foi incluída aqui é a que se transcreveu como *biscausa* [R8] e estava borrada no meio, não havendo segurança sobre a leitura correta: caso proceda a leitura, tratar-se-ia provavelmente de aportuguesamento da forma inglesa *because*, apesar de Senna não apresentar acepção para o vocábulo, o que permitiria a confirmação dessa interpretação.

Esses verbetes compõem-se dos seguintes itens:

a) entrada em negrito e em grafia uniformizada segundo o VOLP (quando presente nele);

b) classe gramatical em itálico[46];

c) definição(ões) do vocábulo ou da locução dada(s) por Senna nos seus textos[47];

d) registro das formas do vocábulo presentes nos textos de Senna;

e) indicação de presença ou ausência do vocábulo e da locução e/ou da acepção do vocábulo e da locução nos dicionários de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712-1721, 1727-1728), Silva (1789), Ferreira (1999) e Houaiss e Villar (2009);

f) etimologia do vocábulo ou formação da locução presente nos dicionários consultados[48] ou aqui proposta[49] e 1ª atestação do vocábulo[50] segundo Houaiss e Villar (2009);

g) nota sobre particularidades referentes ao uso do vocábulo ou da locução, geralmente segundo Ferreira (1999) e Houaiss e Villar (2009);

h) indicação de sinônimos do vocábulo ou da locução nos dados de Senna.

---

[46] A determinação da classe gramatical (bem como do gênero dos vocábulos) foi feita por inferência, tendo em conta a tradição lexicográfica, já que essas informações não foram fornecidas por Senna.

[47] Mantiveram-se as escolhas lexicais das definições de Senna, mas fizeram-se alguns pequenos ajustes na forma da(s) definição(ões): as definições na forma original se encontram no anexo 1. A divisão das glosas de Senna em duas ou mais acepções (cada uma delas numerada) é de nossa autoria.

[48] No registro da etimologia de formas latinas, indicou-se a forma no acusativo já com apócope de *-m*, mesmo que as obras consultadas não o tenham feito.

[49] Quando não constava a etimologia nas obras consultadas, apresentou-se uma proposta, que foi marcada como (AA.), ou seja, dos autores da presente obra. Como as referidas obras geralmente não apresentam descrição das locuções, todas elas tiveram a descrição de sua formação proposta aqui.

[50] A data de 1ª atestação se refere sempre ao vocábulo, exceto se informado que se refere a uma acepção específica.

Nos casos de distância entre a forma do vocábulo ou da locução registrada por Senna e a uniformizada na entrada do verbete, inclui-se verbete remissivo.

———————

— A —

abalativo, *adj*. – animal pesado. ▪ REGISTRO: *abalativo* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 9; 1727, v. 1, p. 1), Silva (1789, v. 1, p. 2), Ferreira (1999, p. 4) e Houaiss e Villar (2009, p. 3). ▪ ETIMOLOGIA: *abalar* + *-tivo* (AA.). ▪ Cf. tb. *trotão*.

abiscoitar, *v*. – obter ou ganhar qualquer coisa, adulando e malandreando; conseguir o alheio com traça ou manha. ▪ REGISTROS: *abiscoitar* [R6, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Bluteau (1712, v. 1, p. 29; 1727, v. 1, p. 3), mas presente em Silva (1789, v. 1, p. 5), Ferreira (1999, p. 10) e Houaiss e Villar (2009, p. 10). A acepção referida por Senna está presente nesta última obra. ▪ ETIMOLOGIA: *a-* + *biscoito* + *-ar* (F./H.V.); 1ª atestação em 1783 (H.V.). ▪ Cf. tb. *bifar*, *filar*, *goderar*, *lamber*.

abrir o chambre, *loc. v.* – fugir do perigo ou de um barulho. ▪ REGISTROS: *abrio o chambre* [R5], *abrir o chambre* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 44-46; 1712, v. 2, p. C/270; 1727, v. 1, p. 3 e 222) e Silva (1789, v. 1, p. 9 e 261), mas presente em Ferreira (1999, p. 452) e Houaiss e Villar (2009, p. 444). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + artigo definido + substantivo. ▪ NOTA: brasileirismo popular e do nordeste (F.) e brasileirismo (H.V.). ▪ Cf. tb. *campar*, *dar às de Vila*, *meter o arco*, *rodar nos joanetes*.

adivertimento, *s.m.* – 1. baile; 2. teatro. ▪ REGISTRO: *adivertimento* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Bluteau (1712, v. 1, p. 129, mas há *divertimento*), Silva (1789, v. 1, p. 28, mas há *divertimento*), Ferreira (1999, p. 52, mas há *divertimento*) e Houaiss e Villar (2009, p. 50, mas há *divertimento*), mas presente em Biderman e Murakawa

(2021, dentro do verbete *divertimento*). As duas acepções referidas por Senna estão ausentes desta obra, mas há acepções hiperonímicas (cf. B.M., "aquilo que distrai; entretenimento"). ▪ ETIMOLOGIA: *divertir* + *-mento* com prótese de *a-* (AA.); atestação em 1704 (*adevertimento*) (B.M.). ▪ Cf. tb. *brinquedo*, *função*.

água, *s.f.* – bebedeira. ▪ REGISTRO: *agua* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 171-172), Silva (1789, v. 1, p. 43-44), Ferreira (1999, p. 74-75) e Houaiss e Villar (2009, p. 72-73). A acepção referida por Senna está presente na penúltima obra. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *aqua-* (F./H.V.); 1ª atestação em 973 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "bebedeira" como brasileirismo (F.). ▪ Cf. tb. *azougue*, *camueca*, *cana*, *chuva*, *cotreia*, *enchente*, *gata*, *erva*, *mona*, *porre*.

alambazado, *adj*. – 1. indivíduo sujo, pouco asseado; 2. relambório, descuidado no vestir, malvestido, pouco decente de trajos. ▪ REGISTROS: *alambazado* [R4, C2, C3] ~ *alambazádo* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1727, v. 1, p. 22), Silva (1789, v. 1, p. 49), Ferreira (1999, p. 82) e Houaiss e Villar (2009, p. 80). A segunda acepção referida por Senna está presente na segunda obra (cf. S. "roto, trapento"), havendo acepções próximas referentes geralmente a corpo nas demais (cf. B., "corpulento, e mal feito de corpo"; F., "corpulento e desajeitado"; e H.V., "que possui considerável volume corporal"). ▪ ETIMOLOGIA: part. de *alambazar* (< *a-* + *lambaz* + *-ar*) (H.V.); 1ª atestação em 1727 (H.V.). ▪ NOTA: vulgar (B.) e plebeu (S.). ▪ Cf. tb. (acep. 2) *labatu*, *relaxado*.

alto da sinagoga → sinagoga.

aluado, *adj*. – adoidado, desequilibrado. ▪ REGISTRO: *aluádo* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 1, p. 305), Silva (1789, v. 1, p. 68), Ferreira (1999, p. 109) e Houaiss e Villar (2009, p. 105). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *aluar* (< *a-* + *lua* + *-ar*); 1ª atestação em 1858 (H.V.).

amigado, *adj*. – amancebado. ▪ REGISTROS: *amigado* [R6, C2, R8, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa

(2021), mas presente em Bluteau (1727, v. 1, p. 40), Silva (1789, v. 1, p. 75), Ferreira (1999, p. 121) e Houaiss e Villar (2009, p. 116). A acepção referida por Senna está diretamente presente na primeira, na terceira e na quarta obra. Silva, no entanto, indica que *amigado* é "p. pass. de Amigar" e define *amigar* como "amancebar", então pode-se considerar que a acepção em questão também está presente em Silva, ainda que indiretamente. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *amigar* (< *amigo* + *-ar*) (H.V.); 1ª atestação no séc. XV (H.V.).

amuado, *adj*. – zangado. ▪ REGISTRO: *amuado* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 1, p. 356), Silva (1789, v. 1, p. 78), Ferreira (1999, p. 128) e Houaiss e Villar (2009, p. 122). A acepção referida por Senna está presente nestas três últimas obras. Silva, no entanto, indica que *amuado* é "part. pass. de amuar-se" e define *amuar-se* como "agastar-se por algum pequeno desgosto, offensa, e dá-lo a entender na má cara, que se faz, e em fugir de conversação familiar antiga", então pode-se considerar que a acepção em questão também está presente em Silva, ainda que indiretamente. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *amuar* (< *a-* + *mu* + *-ar*) (F./H.V.); *mu* é forma portuguesa antiga derivada do lat. MULU-, que nomeava uma espécie originada do cruzamento entre as espécies *Equus caballus* (cavalo) e *Equus asinus* (asno); 1ª atestação em *ca*. 1543 (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *embezerrado*, *fera*.

ancho, *adj*. – satisfeito, repleto de alegria. ▪ REGISTRO: *ância* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Bluteau (1712, v. 1, p. 364; 1727, v. 1, p. 45), mas presente em Silva (1789, v. 1, p. 80), Ferreira (1999, p. 133) e Houaiss e Villar (2009, p. 128). A acepção referida por Senna está ausente destas três obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *amplu-* (F./H.V.); 1ª atestação em 1257 (H.V.). ▪ Cf. tb. *inchado*.

ao despois, *loc. adv.* – depois. ▪ REGISTRO: *ôsdispôis* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. D/169), Silva (1789, v. 1, p. 424), Ferreira (1999, p. 663) e Houaiss e Villar (2009, p. 666). ▪ FORMAÇÃO: locução composta de preposição + artigo + advérbio; a forma registrada por

Senna seria variante fônica de *ao despois*, com monotongação de *ao*, epêntese de *s* e alçamento do *e* pretônico. ▪ Cf. tb. *despois*.

apatacado, *adj*. – ricaço. ▪ REGISTRO: *apatacado* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 420; 1727, v. 1, p. 56) e Silva (1789, v. 1, p. 92), mas presente em Ferreira (1999, p. 162) e Houaiss e Villar (2009, p. 155). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *a-* + *pataca* + *-ado* (F./H.V.); *pataca* era o nome de diferentes moedas que circularam no Brasil entre 1695 e 1834; 1ª atestação em 1913 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *casacudo*, *cobrudo*, *ourudo*, *patacudo*.

aragem → tomar aragem

arapuado, *adj*. – 1. zangado; 2. pessoa valente, destemida e cheia de expedientes ardilosos (na expressão *negro arapuado*). ▪ REGISTROS: *arapuàdo* [R3], *nêgro arapuádo* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 467; 1727, v. 1, p. 65), Silva (1789, v. 1, p. 106), Ferreira (1999, p. 180) e Houaiss e Villar (2009, p. 173). No entanto, o verbo *arapuar* é registrado por Ferreira ("zangar-se") e Houaiss e Villar ("ficar zangado ou zangar-se"). A acepção 1 referida por Senna é compatível com a do verbo nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *arapuar* (< *arapuã* ou *arapuá* + *-ar*) (AA.); *arapuã* é uma das denominações de uma espécie de abelha (*Trigona spinipes*). ▪ NOTA: acepção de "zangar-se" como brasileirismo de uso em Minas Gerais familiar (F.) e regionalismo de uso em Minas Gerais informal (H.V.). ▪ Cf. tb. (acep. 1) *amuado*, *embezerrado*, *fera*; (acep. 2) *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

arco → meter o arco.

arranchar, *v*. – hospedar, aboletar. ▪ REGISTROS: *arranchar* [R6, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Silva (1789, v. 1, p. 116), mas presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 547), Ferreira (1999, p. 196) e Houaiss e Villar (2009, p. 187). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪

ETIMOLOGIA: *a-* + *rancho* + *-ar* (H.V.); 1ª atestação em 1665 (H.V.). ▪ NOTA: Bluteau considera que a forma deriva do fr. *arranger*.

arrastar saco, *loc. v.* – demonstrar valentia. ▪ REGISTRO: *arrastar-sácco* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 548-549; 1720, v. 7, p. 420-421; 1727, v. 1, p. 72; 1728, v. 2, p. 188), Silva (1789, v. 1, p. 116, e v. 2, p. 364), Ferreira (1999, p. 197 e 1795) e Houaiss e Villar (2009, p. 188 e 1692). ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + substantivo.

arrelia, *s.f.* – birra, implicância. ▪ REGISTROS: *arrelía* [R6, R8] ~ *arrelia* [C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 555; 1727, v. 1, p. 73) e Silva (1789, v. 1, p. 119), mas presente em Ferreira (1999, p. 199) e Houaiss e Villar (2009, p. 190). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: derivação regressiva de *arreliar* (F./H.V.); 1ª atestação em 1871 (H.V.).

assumptar → **assuntar**.

assuntar, *v.* – 1. tomar nota, conhecimento; 2. apanhar segredos; 3. perceber, sondar. ▪ REGISTROS: *assumptar* [R6, C2, R8, C3] ~ *suntar* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 616; 1727, v. 1, p. 80) e Silva (1789, v. 1, p. 135), mas presente em Ferreira (1999, p. 217) e Houaiss e Villar (2009, p. 208). As acepções 1 e 3 referidas por Senna estão presentes nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *assunto* + *-ar* (F./H.V.); 1ª atestação em 1872 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *bispar*.

azougue, *s.m.* – embriaguez, bebedeira (na expressão *estar no azougue*). ▪ REGISTROS: *azougue* [R4, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 697-698), Silva (1789, v. 1, p. 155), Ferreira (1999, p. 246) e Houaiss e Villar (2009, p. 235). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras, mas há a acepção de "aguardente" nas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: ár. hisp. *az-azawqa*(*t*) > ár. cl. *az-zibaq* (F.) e ár. *az-azāw'q* (H.V.); *azougue* designa o metal mercúrio no português; 1ª atestação em 1344 (H.V.). ▪ Cf. tb. *água*, *camueca*, *cana*, *chuva*, *cotreia*, *enchente*, *gata*, *erva*, *mona*, *porre*.

— B —

bagarote, *s.m.* – dinheiro. ▪ REGISTRO: *bagarótes* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. 13; 1727, v. 1, p. 100) e Silva (1789, v. 1, p. 158), mas presente em Ferreira (1999, p. 253) e Houaiss e Villar (2009, p. 241). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: derivado de *bago* (F.) e *baga* + *-r-* + *-ote* (H.V.); *bago* e *bagarote* eram denominações dadas à cédula e à moeda de mil réis; 1ª atestação em 1913 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo informal (H.V.); palavra muito usada no plural (F.). ▪ Cf. tb. *bago*, *chelpa*, *cheta*, *cisco*, *cobre*, *larjan*, *milho*, *tacho*.

bago, *s.m.* – dinheiro (cédula ou moeda). ▪ REGISTROS: *bagos* [C1], *bago* [R3, C2, C3] ~ *bágo* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/13-14), Silva (1789, v. 1, p. 158), Ferreira (1999, p. 253) e Houaiss e Villar (2009, p. 242). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: masc. de *baga* < lat. *baca-* (H.V.); *baca* significava em latim qualquer fruto redondo e *bago* era denominação dada à cédula e à moeda de mil réis; 1ª atestação em 1706-1728 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "dinheiro" como brasileirismo informal obsoleto (H.V.). ▪ Cf. tb. *bagarote*, *chelpa*, *cheta*, *cisco*, *cobre*, *larjan*, *milho*, *tacho; borboleta*, *pelega*, *pintadinha*.

baianço, *adj.* – baiano. ▪ REGISTRO: *bahianço* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/15; 1927, v. 1, p. 101), Silva (1789, v. 1, p. 158), Ferreira (1999, p. 255, mas há *baiano* e *baiense*) e Houaiss e Villar (2009, p. 243, mas há *baiano* e *baiense*). ▪ ETIMOLOGIA: *Bahia* + *-anço*, possivelmente com influência de *baiense* (AA.).

balandrau, *s.m.* – convite (de banquete ou festa). ▪ REGISTRO: *balandráu* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. B/18-19), Silva (1789, v. 1, p. 159), Ferreira (1999, p. 258) e Houaiss e Villar (2009, p. 246). A acepção referida por Senna está ausente

destas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: it. *palandrana* (B.), lat. med. *balandrana* (F.) e orig. contr. (H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.).

bananeira → papel bananeira.

banzar, *v.* – 1. andar à toa; 2. cismar, pensar, meditar. ▪ REGISTROS: *banzar* [R6, C2, R8, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. B/37), Silva (1789, v. 1, p. 164), Ferreira (1999, p. 267) e Houaiss e Villar (2009, p. 255). A acepção 2 referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: quimb. *kubanza* (F.) e derivado de *balançar* com síncope de *-l-* intervocálico e significado de "ficar tonto" (H.V.); 1ª atestação em 1707 (H.V.).

banzé de cuia, *loc. s.* – barulho, barulhada, algazarra, rolo, tumulto na rua. ▪ REGISTROS: *banzé de cuia* [C1] ~ *banzé de cùia* [R4] ~ *banzé de cúia* [C2] ~ *banzé-de-cuia* [R7] ~ *banzê de cuia* [C3]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/37) e Silva (1789, v. 1, p. 164), mas presente em Ferreira (1999, p. 267) e Houaiss e Villar (2009, p. 255). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de substantivo + preposição + substantivo; *banzé* é de orig. duv. (F.) e africanismo de orig. duv. (H.V.); *cuia* deriva do tupi *kuya* ("vasilha feita da fruta da cuiera") (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *esparrame*, *latomia*, *matinada*, *rolo*, *sinagoga*, *tendepá*, *turumbamba*.

barafunda, *s.f.* – grande movimento. ▪ REGISTRO: *bárafùnda* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. B/39), Silva (1789, v. 1, p. 165), Ferreira (1999, p. 267) e Houaiss e Villar (2009, p. 256). A acepção referida por Senna está ausente destas quatro obras, mas há acepções próximas (cf. B., "confusaõ de gente"; S., "multidão de gente em desordem"; F., "baderna" e "algazarra"; e H.V., "tumulto, balbúrdia"). ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (H.V.); 1ª atestação em *ca*. 1543 (H.V.).

batea → bateia.

bate-boca, *s.m.* – descompostura forte, gritaria, briga com discussão azeda. ▪ REGISTRO: *bate-bôca* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo

ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/69 e B/134-136; 1727, v. 1, p. 113-114 e 144) e Silva (1789, v. 1, p. 173 e 184-185), mas presente em Ferreira (1999, p. 278) e Houaiss e Villar (2009, p. 267). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ FORMAÇÃO: vocábulo composto de verbo + substantivo; 1ª atestação em 1913 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *destampatório*, *lambança*, *xingatório*.

bateia, *s.f.* – gamela. ▪ REGISTRO: *batêa* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1727, v. 1, p. 113), Silva (1789, v. 1, p. 172), Ferreira (1999, p. 278) e Houaiss e Villar (2009, p. 267). A acepção referida por Senna está presente nestas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: ár. *batya*(*t*) (F.) e esp. *batea* (H.V.); 1ª atestação em 1711 (H.V.). ▪ Cf. tb. *canoa*, *carumbé*, *saladeira*.

bate-pau, *s.m.* – [?]. ▪ REGISTRO: *bate-páu* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/69; 1727, v. 1, p. 114) e Silva (1789, v. 1, p. 173), mas presente em Ferreira (1999, p. 279) e Houaiss e Villar (2009, p. 267). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas Ferreira apresenta quatro ("indivíduo armado e posto a serviço da polícia rural", de uso em Goiás; "aquele que presta serviços policiais onde não existe ou é deficiente a força pública", de uso em Goiás; "informante da polícia, alcaguete", de uso no Amazonas; e "dança de pares em que os dançarinos, munidos de cacetes, os chocam ritmadamente com os dois pares à frente e dos lados", de uso em Goiás) e Houaiss e Villar apresentam três ("cidadão comum que presta serviço à polícia em razão da carência de homens ou recursos públicos especificamente destinados à tarefa", de uso em Goiás; "informante a serviço da polícia, alcaguete", de uso no Amazonas; e "dança em que os participantes, aos pares, armados de bastões de madeira, os batem ritmadamente nos dos companheiros à frente, ao lado, ao mesmo tempo em que executam seu bailado", de uso em Goiás). Pela proximidade geográfica entre Minas Gerais e Goiás, possivelmente a acepção que se aplica ao registro de Senna é "aquele que presta serviços policiais onde não existe ou é deficiente a força pública" (F.) e "cidadão comum que presta serviço à polícia em razão da carência

de homens ou recursos públicos especificamente destinados à tarefa" (H.V.). ▪ FORMAÇÃO: vocábulo composto de verbo + substantivo; sem data de 1ª atestação (H.V.).

beicinho, *s.m.* – lábio (quando pequeno ou de moça). ▪ REGISTRO: *beicinhos* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Silva (1789, v. 1, p. 176), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. B/85), Ferreira (1999, p. 283) e Houaiss e Villar (2009, p. 272). A acepção referida por Senna está presente na primeira e na terceira obra. ▪ ETIMOLOGIA: *beiço* + *-inho* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.), mas está atestada em Bluteau em 1712.

beijoca, *s.f.* – beijo. ▪ REGISTRO: *beijoca* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/87; 1727, v. 1, 119) e Silva (1789, v. 1, p. 176), mas presente em Ferreira (1999, p. 284) e Houaiss e Villar (2009, p. 273). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras, mas há acepções hiponímicas (cf. F., "beijo em que os lábios se abrem, fazendo estalido"; e H.V., "beijo leve" e "beijo que faz ruído, beijo estalado"). ▪ ETIMOLOGIA: *beijo* + *-oca* (F./H.V.); 1ª atestação em 1813 (H.V.). ▪ NOTA: familiar e popular (F.). ▪ Cf. tb. *bicota*, *boquinha*.

bicha, *s.f.* – brinco. ▪ REGISTRO: *bichas* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. B/118-119), Silva (1789, v. 1, p. 181), Ferreira (1999, p. 295-296) e Houaiss e Villar (2009, p. 285). A acepção referida por Senna está presente na primeira e na segunda obra (cf. B., "Antigamente em Portugal era uma arrecada, do feitio de uma bichinha em baixo, fechando, & entrando a verguinha da arrecada na boca da bichinha"; e S., "Arrecada, ou pendente d'orelha feita a modo de bicha, que fechava na boca"). ▪ ETIMOLOGIA: *bicho* (lat. vulg. *bestiu-* < lat. *bestia-*) com mudança da vogal temática de *-o* para *-a* (F./H.V.); 1ª atestação em 1513 (H.V.).

bicho → matar o bicho.

bicota, *s.f.* – beijo. ▪ REGISTRO: *bicóta* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/121; 1727, v. 1, p. 133) e Silva (1789, v. 1, p. 181), mas presente em Ferreira (1999, p. 297) e Houaiss e Villar (2009, p. 287). A acepção

referida por Senna está ausente destas duas obras, mas há acepções hiponímicas (cf. F., "beijo com estalo"; e H.V., "beijinho ou beijo estalado; beijoca"). ▪ ETIMOLOGIA: *bico* + *-ota* com mudança de gênero (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo afetivo e jocoso (F.). ▪ Cf. tb. *beijoca*, *boquinha*.

bicudo, *adj*. – bêbedo, embriagado. ▪ REGISTROS: *bicudo* [C1] ~ *bicúdo* [R6, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/121), Silva (1789, v. 1, p. 181), Ferreira (1999, p. 298) e Houaiss e Villar (2009, p. 287). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *bico* + *-udo* (F./H.V.); 1ª atestação em 1562 (H.V.) ▪ NOTA: acepção de "bêbedo" como brasileirismo de uso em Minas Gerais familiar (F.) e brasileirismo de uso em Minas Gerais informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *borracho*, *cheio*, *chumbado*, *cortador*, *ervado*, *trombiqueiro*.

bifar, *v*. – obter ou ganhar qualquer coisa adulando e malandreando; apanhar as cousas alheias malandreando; conseguir o alheio com traça ou manha. ▪ REGISTROS: *bifar* [R4, R6, C2, C3 (2×)]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/122; 1727, v. 1, p. 133) e Silva (1789, v. 1, p. 181), mas presente em Ferreira (1999, p. 298) e Houaiss e Villar (2009, p. 288). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *bife* + *-ar* (F.) e fr. *biffer* ("cortar com traços um manuscrito, cancelar, suprimir") (H.V.); 1ª atestação em 1858 (H.V.). NOTA: brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *abiscoitar*, *filar*, *goderar*, *lamber*.

biltre, *adj.* – pessoa íntima (na expressão *Oh*, *biltre!*). ▪ REGISTRO: *óh! biltre!* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Bluteau (1712, v. 2, p. B/124; 1727, v. 1, p. 134), mas presente em Silva (1789, v. 1, p. 182), Ferreira (1999, p. 300) e Houaiss e Villar (2009, p. 290). A acepção referida por Senna está ausente destas três obras. ▪ ETIMOLOGIA: fr. *bélître* ("mendigo") (F./H.V.); 1ª atestação em 1817-1819 (H.V.). ▪ Cf. tb. *imenso*, *Zebas*.

binga, *s.f.* – caixa de mecha e fuzil de pederneira. ▪ REGISTRO: *binga* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/124; 1727, v. 1, p. 134) e

Silva (1789, v. 1, p. 182), mas presente em Ferreira (1999, p. 301) e Houaiss e Villar (2009, p. 291). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: quimb. *mbinga* ("chifre") (F./H.V.); 1ª atestação em 1889 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *isqueiro*.

bispar, *v.* – 1. tomar nota, conhecimento; 2. apanhar segredos; 3. perceber, sondar. ▪ REGISTROS: *bispar* [R6, C2, R8, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. B/128), Silva (1789, v. 1, p. 183), Ferreira (1999, p. 305) e Houaiss e Villar (2009, p. 296). A acepção 3 está presente nestas últimas três obras. ▪ ETIMOLOGIA: *bispo* + *-ar* (F./H.V.); 1ª atestação em 1557 (H.V.). ▪ NOTA: acepção 3 como familiar (S.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *assuntar*.

bochecha, *s.f.* – face. ▪ REGISTRO: *bochêchas* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/138), Silva (1789, v. 1, p. 185), Ferreira (1999, p. 311) e Houaiss e Villar (2009, p. 303). A acepção referida por Senna está presente nestas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. contr. (F./H.V.); 1ª atestação em 1340 (H.V.).

boia, *s.f.* – carne (seca, com farinha). ▪ REGISTRO: *boia* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. B/173), Silva (1789, v. 1, p. 186), Ferreira (1999, p. 313) e Houaiss e Villar (2009, p. 303). A acepção referida por Senna está ausente destas quatro obras, mas há acepção hiperonímica nestas duas últimas (cf. F., "comida, refeição, rancho"; e H.V., "refeição, comida"). ▪ ETIMOLOGIA: frânc. **baukan* ("sinal") por uma var. ant. ou dial. do fr. *bouée* (F.) e fr. ant. ou dial. *bouée* ("sinal flutuante") (H.V.); 1ª atestação no séc. XV (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "refeição" como brasileirismo e de uso no Alentejo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *farofa*, *paçoca*.

bolacha, *s.f.* – bofetada. ▪ REGISTRO: *bolacha* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1727, v. 1, p. 145), Silva (1789, v. 1, p. 187), Ferreira (1999, p. 314) e Houaiss e Villar (2009, p. 307). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *bolo* + *-acha*

(H.V.); 1ª atestação em 1712 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "bofetada" como familiar popular (F.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *moafa*, *pescotapa*, *tapa*.

boquinha, *s.f.* – beijo. ▪ REGISTRO: *boquinha* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. B/85), Silva (1789, v. 1, p. 189), Ferreira (1999, p. 320) e Houaiss e Villar (2009, p. 312). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *boca* + *-inha* (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "beijo" como brasileirismo familiar (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *beijoca*, *bicota*.

borboleta, *s.f.* – nota (moeda papel). ▪ REGISTRO: *borboleta* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/155-156), Silva (1789, v. 1, p. 189), Ferreira (1999, p. 320) e Houaiss e Villar (2009, p. 313). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. **belbellita* < lat. *bellu* ("bom, belo") (F.) e orig. contr., sendo talvez do radical **papill-* relacionado ao lat. *papillo* ("borboleta") (H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.). ▪ Cf. tb. *pelega*, *pintadinha; bago*, *chelpa*, *cheta*, *larjan*, *tacho*.

borracho, *adj.* – bêbedo. ▪ REGISTRO: *borracho* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. B/162-163), Silva (1789, v. 1, p. 191), Ferreira (1999, p. 322) e Houaiss e Villar (2009, p. 316). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: esp. *borracho* (F./H.V.); 1ª atestação em 1712 (H.V.). ▪ NOTA: familiar (S.). ▪ Cf. tb. *bicudo*, *cheio*, *chumbado*, *cortador*, *ervado*, *trombiqueiro*.

botim, *s.m.* – botina. ▪ REGISTRO: *botins* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/170) e Silva (1789, v. 1, p. 193), mas presente em Ferreira (1999, p. 325) e Houaiss e Villar (2009, p. 318). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *bota* + *-im* (F.) e esp. *botín*, diminutivo de *bota* (H.V.); 1ª atestação em 1871 (H.V.).

branca, *s.f.* – restilo (aguardente). ▪ REGISTRO: *branca* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. B/182), Silva (1789, v. 1, p. 195), Ferreira (1999, p. 328) e Houaiss e Villar (2009, p. 322). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: feminino de *branco* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XV (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "aguardente" como brasileirismo popular (F.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *cachaça*, *caiana*, *cana*, *caninha*, *cotreia*, *espírito*, *golo*, *jeribita*, *malunga*, *mata-bicho*, *panete*, *parati*, *sizoca*.

brasa → no calor da brasa.

breca → levado da breca.

brinquedo, *s.m.* – 1. baile; 2. teatro. ▪ REGISTRO: *brinquêdo* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/194; 1727, v. 1, p. 155) e Silva (1789, v. 1, p. 198), mas presente em Ferreira (1999, p. 333) e Houaiss e Villar (2009, p. 328). As acepções referidas por Senna estão ausentes destas duas obras, mas há acepções hiperonímicas (cf. F., "divertimento, passatempo, brincadeira" e "festa, folia, folguedo, brincadeira"; e H.V., "brincadeira ou jogo, passatempo, distração"). ▪ ETIMOLOGIA: *brinco* + *-edo* (H.V.); 1ª atestação em 1836 (H.V.). ▪ Cf. tb. *adivertimento*, *função*.

brocotó, *s.m.* – estrada de morros e saltos a pique. ▪ REGISTRO: *brocotós* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/162 e 197; 1727, v. 1, p. 149 e 156) e Silva (1789, v. 1, p. 191 e 199), mas presente em Ferreira (1999, p. 322 [*borocotó*] e 334 [*brocotó*]) e Houaiss e Villar (2009, p. 315 [*borocotó*] e 330 [*brocotó*]). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. tupi (F.) e orig. contr. (H.V.); 1ª atestação de *borocotó* em 1889 e de *brocotó* em 1922 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.) e informal (H.V.).

bucha, *s.f.* – comida para viagem. ▪ REGISTRO: *búcha* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1727, v. 1, p. 164 [*buxa*]), Silva (1789, v. 1, p. 201), Ferreira (1999, p. 337) e Houaiss e Villar (2009, p. 333-334). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras, mas há acepção próxima

nas quatro últimas (cf. S., "bocado de comer sobre que se bebe"; B.M., "bocado de alimento que é colocado todo de uma vez na boca"; F., "bocado de pão ou outra comida"; e H.V., "bocado de pão ou de outro alimento que embucha"). ▪ ETIMOLOGIA: fr. *bouche* (F.) e fr. ant. *bousche* ("punhado de palha, tudo de ervas") < lat. vulg. **bosca* ("rama, ramagem") < germ. **bosk* (H.V.); 1ª atestação em 1789 (H.V.). ▪ NOTA: vulgar (S.) e informal (H.V.), para as acepções respectivas.

bucha → levar bucha.

bumbu, *s.m.* – excremento. ▪ REGISTRO: *bumbú* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/209; 1727, v. 1, p. 161), Silva (1789, v. 1, p. 202), Ferreira (1999, p. 341) e Houaiss e Villar (2009, p. 337). ▪ ETIMOLOGIA: possivelmente relacionado ao vocábulo *bumbum*, que também é oxítono, significa "nádegas" e tem sentido associável à acepção referida por Senna; *bumbum* é vocábulo de origem onomatopaica (F.) e hipocorístico infantil de *bunda* (H.V.). ▪ Cf. tb. *enxurrio*, *monte*, *pipi*, *rosca*, *tica*, *troço*.

bundudo, *adj.* – [?]. ▪ REGISTRO: *bundúdo* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/209; 1727, v. 1, p. 161) e Silva (1789, v. 1, p. 202), mas presente em Ferreira (1999, p. 341) e Houaiss e Villar (2009, p. 337). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas Ferreira apresenta duas ("que tem bundona" e "ancudo, quartudo") e Houaiss e Villar apresentam duas ("cuja bunda é volumosa e/ou proeminente" e "cujas ancas são volumosas, ancudo, quartudo"). ▪ ETIMOLOGIA: *bunda* + *-udo* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: informal (H.V.).

buta, *s.m.* – homem valente. ▪ REGISTRO: *búta* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/214; 1727, v. 1, p. 163), Silva (1789, v. 1, p. 203) e Ferreira (1999, p. 344), mas presente em Houaiss e Villar (2009, p. 340). A acepção referida por Senna está ausente desta obra, mas há acepção próxima (cf. H.V., "indivíduo decidido"). ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*,

distorcido, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

— C —

cabacinha, *s.f.* – brinco. ▪ REGISTRO: *cabacinhas* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. C/4), Silva (1789, v. 1, p. 204), Ferreira (1999, p. 347) e Houaiss e Villar (2009, p. 344). A acepção referida por Senna é inferível na primeira, na segunda e na quarta obra a partir de alguma das acepções de *cabaça* (cf. B., "cabaça de brinco de orelhas"; S., "[p]endente, ou pinjente de brincos da mesma forma"; e H.V., "objeto de adorno (esp. pingente de brinco, colar ou pulseira) de forma semelhante à desses frutos"). ▪ ETIMOLOGIA: *cabaça* + *-inha* (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.).

cabe, *s.m.* – paletó. ▪ REGISTRO: *cabes* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. C/6), Silva (1789, v. 1, p. 204), Ferreira (1999, p. 348) e Houaiss e Villar (2009, p. 345). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: redução de *cabide* (F.) e orig. obsc. (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo de uso em Minas Gerais (F.) e regionalismo de uso em Minas Gerais informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *casaco*.

caboclo catingueiro → catingueiro.

cabra, *s.m.* – sujeito valente e disposto, indivíduo valente. ▪ REGISTROS: *cabra* [R6, C3] ~ *cábra* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/20-21), Silva (1789, v. 1, p. 207), Ferreira (1999, p. 352) e Houaiss e Villar (2009, p. 349). A acepção referida por Senna está presente nesta última obra. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *capra-* (F./H.V.); 1ª atestação em 1278 (H.V.). ▪ NOTA: Senna classifica a acepção em questão como expressiva. ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

cabra distorcido → distorcido.

cachaça, *s.f.* – restilo (aguardente). ▪ REGISTRO: *cachaça* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2 p. 24), Silva (1789, v. 1, p. 208), Ferreira (1999, p. 355) e Houaiss e Villar (2009, p. 352). A acepção referida por Senna está presente na primeira, na terceira, na quarta e na quinta obra. ▪ ETIMOLOGIA: orig. contr. (F./H.V.); 1ª atestação em 1635 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *branca*, *caiana*, *cana*, *caninha*, *cotreia*, *espírito*, *golo*, *jeribita*, *malunga*, *mata-bicho*, *panete*, *parati*, *sizoca*.

cachação, *s.m.* – pescoção. ▪ REGISTRO: *cachação* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1727, v.1, p. 170), Silva (1789, v. 1, p. 208), Ferreira (1999, p. 355) e Houaiss e Villar (2009, p. 352). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: *cachaço* + *-ão* (F./H.V.); 1ª atestação em 1789 (H.V.). ▪ Cf. tb. *casmurro*, *coscorrão*, *tabefe*.

cacherenguengo → **caxerenguengo**.

cacunda, *s.f.* – costas. ▪ REGISTRO: *cacùnda* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1727, v. 1, p. 199 [*carcunda*]), Silva (1789, v. 1, p. 233 [*carcunda*]), Ferreira (1999, p. 359) e Houaiss e Villar (2009, p. 355). A acepção referida por Senna está presente na terceira obra, mas há acepção próxima na primeira, na segunda e na quarta obra (cf. B./F./H.V., "corcunda"). ▪ ETIMOLOGIA: orig. africana (F.) e quimb. *kakunda* ("corcova") (H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ NOTA: chulo (B.) e brasileirismo (F./H.V.).

cacundeiro, *s.m.* – defensor de outrem, homem valente a soldo de terceiro, guarda-costas. ▪ REGISTRO: *cacundêiro* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/28; 1727, v. 1, p. 171) e Silva (1789, v. 1, p. 233), mas presente em Ferreira (1999, p. 359) e Houaiss e Villar (2009, p. 356). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *cacunda* + *-eiro* (F./H.V.); 1ª atestação em 1913 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *capanga*, *encostado*, *jagunço*.

cafajeste, *s.m./adj.* – sujeito implicante. ▪ REGISTRO: *cafagéste* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/35; 1727, v. 1, p. 175) e Silva (1789, v. 1, p. 212), mas presente em Ferreira (1999, p. 361) e Houaiss e Villar (2009, p. 358). A acepção referida por Senna está presente nesta última obra. ▪ ETIMOLOGIA: orig. contr. (F.) e orig. obsc. (H.V.); 1ª atestação em 1891 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.).

caiana, *s.f.* – restilo (aguardente). ▪ REGISTRO: *cayanna* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/41 e 221; 1727, v. 1, p. 175 e 211) e Silva (1789, v. 1, p. 213 e 250), mas presente em Ferreira (1999, p. 363 e 384) e Houaiss e Villar (2009, p. 361 e 381). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: top. *Caiena* (F./H.V.); o topônimo é usado para especificar uma variedade de cana de açúcar (cf. *cana-caiana*); 1ª atestação em 1913 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *branca*, *cachaça*, *cana*, *caninha*, *cotreia*, *espírito*, *golo*, *jeribita*, *malunga*, *mata-bicho*, *panete*, *parati*, *sizoca*.

calor → no calor da brasa.

campar, *v.* – fugir do perigo ou de um barulho. ▪ REGISTROS: *campou* [R5, C3], *campar* [C2, R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2 p. 84), Silva (1789, v. 1, p. 222) Ferreira (1999, p. 381) e Houaiss e Villar (2009, p. 379). A acepção referida por Senna está presente nesta última obra. ▪ ETIMOLOGIA: *campo* + *-ar* (F./H.V.); 1ª atestação em 1836 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "fugir" como brasileirismo do sudeste (H.V.). ▪ Cf. tb. *abrir o chambre*, *dar às de Vila*, *meter o arco*, *rodar nos joanetes*.

camueca, *s.f.* – bebedeira, embriaguez (na expressão *estar na camueca*). ▪ REGISTROS: *camuéca* [C1, R4, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. 38; 1727, v. 1, p. 188) e Silva (1789, v. 1, p. 223), mas presente em Ferreira (1999, p. 381) e Houaiss e Villar (2009, p. 380). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. contr. (F./H.V.); 1ª atestação em 1891 (H.V.). ▪ NOTA: popular

(F.) e lusismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *água*, *azougue*, *cana*, *chuva*, *cotreia*, *enchente*, *gata*, *erva*, *mona*, *porre*.

cana, *s.f.* – bebedeira (na expressão *estar na cana*). ▪ REGISTROS: *canna* [R4, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/89), Silva (1789, v. 1, p. 223), Ferreira (1999, p. 384) e Houaiss e Villar (2009, p. 380-381). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras, mas há a acepção de "aguardente" nas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *canna-* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.). ▪ Cf. tb. *água*, *azougue*, *camueca*, *chuva*, *cotreia*, *enchente*, *gata*, *erva*, *mona*, *porre*.

candeeiro, *s.m.* – guia nos carros de bois [refere-se à pessoa que desempenha essa função]. ▪ REGISTROS: *candieiro* [C1] ~ *candiêiro* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2 p. 98-99), Silva (1789, v. 1, p. 225), Ferreira (1999, p. 387) e Houaiss e Villar (2009, p. 379). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *candeia* + *-eiro* (F./H.V.); 1ª atestação em 1364 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "guia" como brasileirismo de uso no sul, no Espírito Santo e em Minas Gerais (F.) e brasileirismo de uso no sul, no sudeste e no centro-oeste (H.V.).

candieiro → **candeeiro**.

candonga, *s.f.* – intriga, mexida, invenção. ▪ REGISTRO: *candonga* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1727, v. 1, p. 191), Silva (1789, v. 1, p. 225), Ferreira (1999, p. 387) e Houaiss e Villar (2009, p. 384). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. de Angola (B.), orig. africana (F.) e étimo banto de orig. contr. (H.V.); 1ª atestação em 1727 (H.V.). ▪ NOTA: chulo (B./S.).

candongueiro, *s.m./adj.* – pessoa intrigante [no sentido de "indivíduo que cria intrigas"]. ▪ REGISTROS: *candongueira* [R3], *candonguêiro* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1727, v. 1, p. 191), Silva (1789, v. 1, p. 225), Ferreira (1999, p. 388) e Houaiss e Villar (2009, p. 384). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras.

▪ ETIMOLOGIA: *candonga* + *-eiro* (F./H.V.); 1ª atestação em 1727 (H.V.). ▪ NOTA: chulo (S.). ▪ Cf. tb. *inventadeira*, *leva e traz*.

caninha, *s.f.* – restilo (aguardente). ▪ REGISTROS: *canninha* [C1, C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/104; 1727, v. 1, p. 192) e Silva (1789, v. 1, p. 226), mas presente em Ferreira (1999, p. 391) e Houaiss e Villar (2009, p. 388). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *cana* + *-inha* (F./H.V.); 1ª atestação em 1647 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "cachaça" como brasileirismo popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *branca*, *cachaça*, *caiana*, *cana*, *cotreia*, *espírito*, *golo*, *jeribita*, *malunga*, *mata-bicho*, *panete*, *parati*, *sizoca*.

canoa, *s.f.* – gamela. ▪ REGISTRO: *canôa* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 106), Silva (1789, v. 1, p. 227), Ferreira (1999, p. 392) e Houaiss e Villar (2009, p. 388). A acepção referida por Senna está presente nesta última obra. ▪ ETIMOLOGIA: esp. *canoa* a partir do aruaque (F./H.V.); 1ª atestação em 1533 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "gamela" como brasileirismo (H.V.). ▪ Cf. tb. *bateia*, *carumbé*, *saladeira*.

capanga, *s.m.* – defensor de outrem, homem valente a soldo de terceiro, guarda-costas. ▪ REGISTRO: *capanga* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 119; 1727, v. 1, p. 194) e Silva (1789, v. 1, p. 229), mas presente em Ferreira (1999, p. 395) e Houaiss e Villar (2009, p. 391). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. africana (F.) e quimb. *kappanga* ("entre sovaco") (H.V.); 1ª atestação em 1868 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "defensor" como brasileirismo de uso na Bahia e no Mato Grosso (F.) e brasileirismo (H.V.). ▪ Cf. tb. *cacundeiro*, *encostado*, *jagunço*.

carapina, *s.m.* – carpinteiro. ▪ REGISTRO: *carapina* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Bluteau (1712, v. 2 p. 138; 1727, v. 1, p. 198) e Silva (1789, v. 1, p. 232), mas presente em Biderman e Murakawa (2021), Ferreira (1999, p. 405) e Houaiss e Villar (2009, p. 391). A acepção referida por Senna está presente nestas três obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. tupi (F.) e tupi *kara'pina* ("carpinteiro") (H.V.); 1ª atestação em 1623 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.).

carcamano, *s.m.* – estrangeiro. ▪ REGISTRO: *carcamano* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2 p. 140; 1727, v. 1, p. 199) e Silva (1789, v. 1, p. 233), mas presente em Ferreira (1999, p. 407) e Houaiss e Villar (2009, p. 402). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras, mas há acepção hiponímica (cf. F., "alcunha jocosa que se dá aos italianos em vários estados"; e H.V., "indivíduo nascido na Itália"). ▪ ETIMOLOGIA: esp. *carcamán* (F.) e orig. duv. (H.V.); 1ª atestação em 1867 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.) e brasileirismo pejorativo ou jocoso (H.V.). ▪ Cf. tb. *latacho*.

carpim, *s.m.* – meia. ▪ REGISTROS: *carpins* [C1, R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2 p. 158, mas há *escarpim*, v. 3, p. 213) e Silva (1789, v. 1, p. 237, mas há *carpinhos*, v. 1, p. 237, e *escarpim*, v. 1, p. 532), mas presente em Ferreira (1999, p. 414, no pl.) e Houaiss e Villar (2009, p. 410, no pl.). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *escarpins* com aférese e com alter. de sentido (F.) e *escarpins*, derivado do it. *scarpino*, dim. de *scarpo* ("calçado de vários tipos") (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo de uso no Rio Grande do Sul e provincianismo português (F.) e regionalismo de uso no Rio Grande do Sul e em Portugal (H.V.).

carrasco, *s.m.* – pasto ruim e estragado. ▪ REGISTRO: *carrásco* [R5]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2 p. 160), Silva (1789, v. 1, p. 237), Ferreira (1999, p. 415) e Houaiss e Villar (2009, p. 411). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: rad. pré-rom. *karr-* (F.) e orig. duv. (H.V.); 1ª atestação em 1553 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.) e brasileirismo de uso no nordeste (H.V.). Cf. tb. *rapador*.

carumbé, *s.d.g.* – gamela. ▪ REGISTRO: *carumbé* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 170; 1727, v. 1, p. 202) e Silva (1789, v. 1, p. 240), mas presente em Ferreira (1999, p. 419) e Houaiss e Villar (2009, p. 414). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪

ETIMOLOGIA: orig. tupi (F.) e tupi *karu'mbe* (na mesma acepção) (H.V.); 1ª atestação em 1884 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.). ▪ Cf. tb. *bateia*, *canoa*, *saladeira*.

casaca → vira-casaca.

casaco, *s.m.* – paletó. ▪ REGISTRO: *casaco* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021, mas há *casaca*), Bluteau (1712, v. 2, p. C/175, mas há *casaca*) e Silva (1789, v. 1, p. 241, mas há *casaca*), mas presente em Ferreira (1999, p. 420) e Houaiss e Villar (2009, p. 345). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *casaca* (F.) e *casaca* com alter. da vogal temática de *-a* para *-o* (H.V.); 1ª atestação em 1706 (H.V.). ▪ Cf. tb. *cabe*.

casacudo, *adj*. – ricaço. ▪ REGISTRO: *casacudo* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/175; 1727, v. 1, p. 203) e Silva (1789, v. 1, p. 241), mas presente em Ferreira (1999, p. 420) e Houaiss e Villar (2009, p. 415). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *casaco* + *-udo* (F.) e *casaca* ou *casaco* + *-udo* (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *apatacado*, *cobrudo*, *ourudo*, *patacudo*.

casmurro, *s.m.* – pescoção. ▪ REGISTRO: *casmurro* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2 p. 181; 1727, v. 1, p. 204) e Silva (1789, v. 1, p. 242), mas presente em Ferreira (1999, p. 433) e Houaiss e Villar (2009, p. 417). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: possivelmente do ant. *caçurro* (F.) e orig. contr. (H.V.); 1ª atestação em 1881 (H.V.). ▪ Cf. tb. *cachação*, *coscorrão*, *tabefe*.

cateretê, *s.m.* – pândega. ▪ REGISTRO: *catêrêtê* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2 p. 199; 1727, v. 1, p. 208) e Silva (1789, v. 1, p. 246), mas presente em Ferreira (1999, p. 428) e Houaiss e Villar (2009, p. 423). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras, que geralmente apresentam acepção de "tipo de dança". ▪ ETIMOLOGIA: orig. inc. (F.) e orig. contr. (H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo de uso tanto no sul e em Goiás como

em São Paulo e Minas Gerais (segundo o tipo de dança) (F.) e brasileirismo (H.V.). ▪ Cf. tb. *charola*, *cinismo*, *revoada*.

catinga, *s.f.* – mau cheiro, fedor. ▪ REGISTRO: *catinga* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1727, v. 1, p. 208), Silva (1789, v. 1, p. 246), Ferreira (1999, p. 429) e Houaiss e Villar (2009, p. 423). A acepção referida por Senna está presente nestas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: guar. *kati* ("cheiro forte") (F.) e orig. contr. (H.V.); 1ª atestação em 1727 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.).

catingueiro, *adj.* – pessoa valente, destemida e cheia de expedientes ardilosos e prontos (na expressão *caboclo catingueiro*). ▪ REGISTRO: *cabôclo catingueiro* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/201; 1727, v. 1, p. 208) e Silva (1789, v. 1, p. 246), mas presente em Ferreira (1999, p. 429) e Houaiss e Villar (2009, p. 424). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: há duas possibilidades, sendo a primeira com base em *caatinga* ("tipo de vegetação") – *caatinga* + *-eiro* (F./H.V.) – e a segunda com base em *catinga* ("mau odor") – *catinga* + *-eiro* (H.V.); 1ª atestação com base em *caatinga* em 1936 e sem data de 1ª atestação com base em *catinga* (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

caxerenguengo, *s.m.* – faca pequena, punhal. ▪ REGISTRO: *cachérẽnguêngo* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2 p. C/25 e 220; 1727, v. 1, p. 170 e 211) e Silva (1789, v. 1, p. 209 e 250), mas presente em Ferreira (1999, p. 435 e 436 [*caxerenga*, *caxerenguenga*, *caxerenguengue*, *caxeringuengue*, *caxirengue*, *caxirenguengue*]) e Houaiss e Villar (2009, p. 430 [*caxerenga*, *caxerenguenga*, *caxerenguengue*, *caxeringuengue*, *caxirengue*, *caxirenguengue*]). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras, mas há acepção próxima (cf. F., "faca velha e imprestável e/ou sem cabo"; e H.V., "faca desgastada e inútil, às vezes com lâmina partida ou sem cabo"). ▪ ETIMOLOGIA: orig. africana (F.) e

orig. contr. (H.V.); 1ª atestação na forma *caxerenguengue* em 1902 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.).

cayanna → caiana.

cécio → sécio.

ceva, *s.f.* – curral (de suínos). ▪ REGISTRO: *céva* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. C/262), Silva (1789, v. 1, p. 259), Ferreira (1999, p. 449) e Houaiss e Villar (2009, p. 443). A acepção referida por Senna está presente nesta última obra. ▪ ETIMOLOGIA: derivação regressiva de *cevar* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "curral" como brasileirismo (H.V.). ▪ Cf. tb. *chiqueiro*.

charola, *s.f.* – pândega. ▪ REGISTRO: *charola* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1727, v. 1, p. 244) Silva (1789, v. 1, p. 263), Ferreira (1999, p. 455) e Houaiss e Villar (2009, p. 449). A acepção referida por Senna está ausente destas quatro obras, que geralmente apresentam a acepção de "andor". ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.). ▪ Cf. tb. *cateretê*, *cinismo*, *revoada*.

cheio, *adj.* – bêbedo. ▪ REGISTRO: *cheio* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/286-287), Silva (1789, v. 1, p. 265), Ferreira (1999, p. 458) e Houaiss e Villar (2009, p. 452). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras, mas Bluteau e Silva associam a "bêbado" na expressão *cheio de vinho*. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *plenu-* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ Cf. tb. *bicudo*, *borracho*, *chumbado*, *cortador*, *ervado*, *trombiqueiro*.

chelpa, *s.f.* – dinheiro (cédula ou moeda). ▪ REGISTROS: *chêlpa* [C1, R3, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/286; 1727, v. 1, p. 225) e Silva (1789, v. 1, p. 265), mas presente em Ferreira (1999, p. 458) e Houaiss e Villar (2009, p. 242). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (H.V.); 1ª atestação em 1665 (H.V.). ▪ NOTA: lusismo popular (F.) e antigo e

informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *bagarote*, *bago*, *cheta*, *cisco*, *cobre*, *larjan*, *milho*, *tacho; borboleta*, *pelega*, *pintadinha*.

cheta, *s.f.* – dinheiro (cédula ou moeda). ▪ REGISTROS: *chêta* [C1, R3, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/288; 1727, v. 1, p. 226) e Silva (1789, v. 1, p. 265), mas presente em Ferreira (1999, p. 458) e Houaiss e Villar (2009, p. 452). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "dinheiro" como brasileirismo (F.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *bagarote*, *bago*, *chelpa*, *cisco*, *cobre*, *larjan*, *milho*, *tacho; borboleta*, *pelega*, *pintadinha*.

chicória → fresco como chicória.

chicória → fresco que nem chicória.

chiqueiro, *s.m.* – curral (de suínos). ▪ REGISTRO: *chiqueiro* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/293), Silva (1789, v. 1, p. 267), Ferreira (1999, p. 461) e Houaiss e Villar (2009, p. 443). A acepção referida por Senna está presente nestas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: *chico* + *-eiro* (F.) e orig. contr. (H.V.); 1ª atestação em 1547 (H.V.). ▪ Cf. tb. *ceva*.

chumbado, *adj.* – bêbedo. ▪ REGISTRO: *chumbado* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. C/340), Silva (1789, v. 1, p. 270), Ferreira (1999, p. 464) e Houaiss e Villar (2009, p. 459). A acepção referida por Senna está presente nestas três últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *chumbar* (< *chumbo* + *-ar*) (F./H.V.); 1ª atestação em 1305 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "bêbado" como brasileirismo popular (F.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *bicudo*, *borracho*, *cheio*, *cortador*, *ervado*, *trombiqueiro*.

chupista, *s.d.g./adj.* – [?]. ▪ REGISTRO: *chupista* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/305) e Silva (1789, v. 1, p. 271), mas presente em Ferreira (1999, p. 465) e Houaiss e Villar (2009, p. 460). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas estas duas últimas obras apresentam acepções correlatas (cf. F., "ébrio"; e H.V., "bêbado"). ▪ ETIMOLOGIA: *chupar* + *-ista* (F./H.V.); 1ª atestação em 1803 (H.V.).

chuva, *s.f.* – bebedeira. ▪ REGISTRO: *chuva* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/206), Silva (1789, v. 1, p. 271), Ferreira (1999, p. 384) e Houaiss e Villar (2009, p. 380-381). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *pluvia-* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "bebedeira" como brasileirismo (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *água*, *azougue*, *camueca*, *cana*, *cotreia*, *enchente*, *gata*, *erva*, *mona*, *porre*.

cinismo, *s.m.* – pândega. ▪ REGISTRO: *cynismo* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/652; 1727, v. 1, p. 284) e Silva (1789, v. 1, p. 273), mas presente em Ferreira (1999, p. 473) e Houaiss e Villar (2009, p. 467-468). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *cynismu-* < gr. *kunismós* (F./H.V.); 1ª atestação em 1836 (H.V.). ▪ Cf. tb. *cateretê*, *charola*, *revoada*.

cisco, *s.m.* – dinheiro. ▪ REGISTROS: *cisco* [C1, C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/329), Silva (1789, v. 1, p. 276), Ferreira (1999, p. 480) e Houaiss e Villar (2009, p. 474). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (F.) e orig. contr. e obsc. (H.V.); 1ª atestação em 1508 (H.V.). ▪ Cf. tb. *bagarote*, *bago*, *chelpa*, *cheta*, *cobre*, *larjan*, *milho*, *tacho*.

cobre, *s.m.* – dinheiro. ▪ REGISTRO: *cobre* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/352), Silva (1789, v. 1, p. 281), Ferreira (1999, p. 492) e Houaiss e Villar (2009, p. 485). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *cupru-* (F./H.V.); *cobre* era a denominação da moeda de 40 réis de Minas Gerais (F.); 1ª atestação em 1274 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "dinheiro" como informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *bagarote*, *bago*, *chelpa*, *cheta*, *cisco*, *larjan*, *milho*, *tacho*.

cobrudo, *adj.* – ricaço. ▪ REGISTROS: *cobrudo* [R3, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/352; 1727, v. 1, p. 244), Silva (1789, v. 1, p.

281), Ferreira (1999, p. 492) e Houaiss e Villar (2009, p. 485). ▪ ETIMOLOGIA: *cobre* + *-udo* (AA.). ▪ Cf. tb. *apatacado*, *casacudo*, *ourudo*, *patacudo*.

codório, *s.m.* – ato de beber aguardente, restilo ou cachaça. ▪ REGISTRO: *codório* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/358; 1727, v. 1, p. 245) e Silva (1789, v. 1, p. 282), mas presente em Ferreira (1999, p. 495) e Houaiss e Villar (2009, p. 488). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: expressão *quod ore*, que o sacerdote diz, na missa, quando vai beber o vinho (F.) e expressão *quod ore* [*sumpsimus*] ("o que tomamos pela boca"), que são as primeiras palavras da oração que o sacerdote rezava após a sua comunhão (F./H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *gole*, *mata-bicho*, *matar o bicho*, *panete*, *refresco*, *sequente*, *trago*, *trompário*.

começão, *s.m.* – namoro. ▪ REGISTRO: *começão* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/390; 1727, v. 1, p. 248), Silva (1789, v. 1, p. 289), Ferreira (1999, p. 507) e Houaiss e Villar (2009, p. 498). ▪ ETIMOLOGIA: *começo* + *-ão* (AA.). ▪ Cf. tb. *cortado*, *fila*, *fininho*.

contar potocas, *loc. v.* – dizer mentiras. ▪ REGISTRO: *contar potócas* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/492-493; 1720, v. 6, p. 656; 1727, v. 1, p. 257; 1728, v. 2, p. 150), Silva (1789, v. 1, p. 318, e v. 2, p. 225) e Ferreira (1999, p. 539 e 1618, mas há *potoca* com o sentido de "mentira"), mas presente em Houaiss e Villar (2009, p. 1533). A acepção referida por Senna está presente nesta obra. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + substantivo. ▪ NOTA: *potoca* como brasileirismo (F.) e brasileirismo informal (H.V.).

cordão, *s.m.* – cadeia (de relógio). ▪ REGISTRO: *cordão* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/546), Silva (1789, v. 1, p. 329), Ferreira (1999, p. 555) e Houaiss e Villar (2009, p. 488). A acepção referida por Senna, referente a relógio, está ausente destas cinco obras, mas há acepção próxima nestas três últimas obras (cf. S., "corda delgadinha, de seda,

algodão, fio de oiro"; F., "corrente que se usa pendente do pescoço"; e H.V., "corrente de ouro ou prata, us. como adorno pendente do pescoço"). ▪ ETIMOLOGIA: fr. *cordon* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ Cf. tb. *corrente*, *gôndola*.

corrente, *s.f.* – cadeia (de relógio). ▪ REGISTRO: *corrente* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/564-565), Silva (1789, v. 1, p. 334), Ferreira (1999, p. 562-563) e Houaiss e Villar (2009, p. 555-556). A acepção referida por Senna, referente a relógio, está presente nesta última obra. ▪ ETIMOLOGIA: *correr* + *-nte* (F.) e lat. *corrente-* (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ Cf. tb. *cordão*, *gôndola*.

corrimaça, *s.f.* – aluvião, porção. ▪ REGISTRO: *corrimaça* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. C/570), Silva (1789, v. 1, p. 336), Ferreira (1999, p. 564) e Houaiss e Villar (2009, p. 555-556). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (H.V.); 1ª atestação em 1524-1585 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.).

corrubiana, *s.f.* – neblina, chuvisco fino e peneirado em brumas. ▪ REGISTROS: *corrubiâna* [R4, R7] ~ *corrúbiãna* [C2] ~ *corrubiana* [C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/570; 1727, v. 1, p. 264) e Silva (1789, v. 1, p. 336), mas presente em Ferreira (1999, p. 564) e Houaiss e Villar (2009, p. 557). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: var. de *corrupiana* formada de *corrupio* + *-ana* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.) e regionalismo de uso em Minas Gerais (H.V.). ▪ Cf. tb. *lubrina*, *noruega*.

cortado, *s.m.* – namoro. ▪ REGISTRO: *cortado* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. C/573), Silva (1789, v. 1, p. 337), Ferreira (1999, p. 565) e Houaiss e Villar (2009, p. 558). A acepção referida por Senna está ausente destas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *cortar* (< lat. *curtare*) (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ Cf. tb. *começão*, *fila*, *fininho*.

cortador, *adj*. – bêbedo. ▪ REGISTRO: *cortador* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. C/573), Silva (1789, v. 1, p. 337), Ferreira (1999, p. 565) e Houaiss e Villar (2009, p. 459). A acepção referida por Senna está ausente destas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: *cortar* + *-dor* (F.) e *cortado* + *-or* (H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.). ▪ Cf. tb. *bicudo*, *borracho*, *cheio*, *chumbado*, *ervado*, *trombiqueiro*.

coscorrão, *s.m.* – pescoção. ▪ REGISTRO: *coscorrão* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Ferreira (1999, p. 567) e Houaiss e Villar (2009, p. 560), mas presente em Bluteau (1712, v. 2, p. C/582) e Silva (1789, v. 1, p. 339). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: esp. *coscorrón* "golpe seco e duro na cabeça", de um rad. onom. *kosk* "golpe com objeto duro", sob influência de cognato de *casc-* ou de *crost-* (H.V., na ed. de 2001); 1ª atestação no séc. XVI (H.V., na ed. de 2001). ▪ Cf. tb. *cachação*, *casmurro*, *tabefe*.

cotreia, *s.f.* – 1. restilo (aguardente); 2. embriaguez, bebedeira (na expressão *estar na cotreia*). ▪ REGISTROS: *cotréa* [C1, R4, C2, C3] ~ *cotreia* [C1] ~ *cotréia* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/591; 1727, v. 1, p. 266) e Silva (1789, v. 1, p. 343), mas presente em Ferreira (1999, p. 571) e Houaiss e Villar (2009, p. 380-381). A acepção 1 referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "aguardente ordinária" como brasileirismo de uso no Amazonas e em Sergipe e de "cachaça" como popular (F.) e ambas como informal de uso no Amazonas e em Sergipe (H.V.). ▪ Cf. tb. (acep. 1) *branca*, *cachaça*, *caiana*, *cana*, *caninha*, *cotreia*, *espírito*, *golo*, *jeribita*, *malunga*, *mata-bicho*, *panete*, *parati*, *sizoca*; (acep. 2) *água*, *azougue*, *camueca*, *cana*, *chuva*, *enchente*, *gata*, *erva*, *mona*, *porre*.

cravanista, *s.d.g./adj*. – avalentoado, valentão, destemido. ▪ REGISTRO: *cravanista* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 601; 1727, v. 1, p. 268) e Silva (1789, v. 1, p. 345), mas presente em Ferreira (1999, p. 574) e Houaiss e Villar (2009, p. 558). A acepção referida por Senna

está ausente destas duas obras, mas há acepção próxima (cf. F., "esperto, vivo, inteligente"; e H.V., "que demonstra inteligência, esperteza"). ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo de uso em Minas Gerais (F.) e regionalismo de uso em Minas Gerais (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

crespo, *adj.* – difícil, impossível. ▪ REGISTROS: *crêspo* [R3] ~ *crespo* [C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/607-608), Silva (1789, v. 1, p. 347), Ferreira (1999, p. 577) e Houaiss e Villar (2009, p. 558). A acepção referida por Senna está presente nesta última obra. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *crispu-* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.).

cru, *adj.* – ser ignorante de alguma cousa, nada saber (nas expressões *estar cru* ou *estar cru na história*). ▪ REGISTROS: *crú* [R5, C2] ~ *cru* [C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/618-619), Silva (1789, v. 1, p. 350), Ferreira (1999, p. 585) e Houaiss e Villar (2009, p. 578). A acepção referida por Senna está presente nesta última obra. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *crudu-* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "ignorante" como informal (H.V.).

cuia → banzé de cuia.

cuia → tomar na cuia.

cynismo → cinismo.

— D —

dar às de Vila, *loc. v.* – fugir do perigo ou de um barulho. ▪ REGISTROS: *deu as de Villa* [R5] ~ *deu ás de Villa* [C3]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. D/10-14; 1721, v. 8, p. 489-490; 1727, v. 1, p. 290-291; 1728, v. 2, p. 308) e Silva (1789, v. 1, p. 360, e v. 2, p. 526), mas presente em Ferreira (1999, p. 2072 [*dar às de vila-diogo*]) e Houaiss e Villar (2009, p. 1945 [*dar às de vila-diogo*]). A acepção referida por Senna está presente

nestas duas obras. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + preposição + artigo definido + preposição + substantivo; 1ª atestação da locução em 1665 (H.V.). ▪ Cf. tb. *abrir o chambre*, *campar*, *meter o arco*, *rodar nos joanetes*.

debicar, *v.* – criticar, ridicularizar. ▪ REGISTRO: *debicar* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 3, p. D/20), Silva (1789, v. 1, p. 362), Ferreira (1999, p. 608) e Houaiss e Villar (2009, p. 598). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *de-* + *bicar* (F./H.V.); 1ª atestação em 1713 (H.V.). ▪ NOTA: vulgar (S.). ▪ Cf. tb. *troçar*, *tomar sopa*, *torrar pipocas*.

despois, *adv.* – depois. ▪ REGISTROS: *dispôis* [R5, R8] ~ *dispõis* [C2] ~ *dispois* [C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 3, p. D/169), Silva (1789, v. 1, p. 424), Ferreira (1999, p. 663) e Houaiss e Villar (2009, p. 666). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *de* + *ex* + *poste* segundo Machado (1995, v, 2, p. 305); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ NOTA: antigo e popular (F.) e antigo e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *ao despois*.

destabocar, *v.* – disparar chufas, dizer asneiras. ▪ REGISTROS: *destabócar* [R4] ~ *destabocar* [C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. D/174; 1727, v. 1, p. 311) e Silva (1789, v. 1, p. 427), mas presente em Ferreira (1999, p. 666) e Houaiss e Villar (2009, p. 669). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras, mas há acepção próxima (cf. F., "perder o acanhamento, a vergonha, deixando de respeitar conveniências"; e H.V., "fazer perder ou perder o acanhamento, a timidez, desacanhar-(se)"). ▪ ETIMOLOGIA: *des-* + *taboca* + *-ar* (F./H.V.); *taboca* (tupi *ta'woka*) é um tipo de taquara (H.V.); 1ª atestação em 1836 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo familiar (F.) e brasileirismo informal (H.V.).

destampatório, *s.m.* – franqueza rude, descompostura forte, discussão forte, discussão azeda, briga com discussão azeda, gritaria. ▪ REGISTROS: *destampatório* [R4, C2, R7, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Bluteau (1727, v. 1, p.

D/311, mas há *destampatoria*), mas presente em Silva (1789, v. 1, p. 427), Ferreira (1999, p. 666) e Houaiss e Villar (2009, p. 670). A acepção referida por Senna está presente nestas três obras. ▪ ETIMOLOGIA: *destampar* + *tório* (F.) e *destampado* (part. de *destampar*) sob a f. rad. *destampat-* + *-ório* (H.V.); 1ª atestação em 1713 (H.V.). ▪ NOTA: termo escolástico muito usado em Coimbra (B.), brasileirismo (F.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *bate-boca*, *lambança*, *xingatório*.

disgra, *s.f.* – falta (de dinheiro). ▪ REGISTRO: *disgra* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. D/246; 1727, v. 1, p. 322) e Silva (1789, v. 1, p. 623), mas presente em Ferreira (1999, p. 691) e Houaiss e Villar (2009, p. 670). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: forma eufêmica de *desgraça* (F.) e orig. duv. (H.V.); 1ª atestação no séc. XX (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo gírio (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *embira*, *pindaíba*, *quebradeira*.

dispois → despois.

distorcido, *adj.* – pessoa valente, destemida e cheia de expedientes ardilosos e prontos; avalentoado, valentão, destemido (na expressão *cabra distorcido*). ▪ REGISTROS: *cabra distorcido* [R7 (2×)]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. D/177 e 255; 1727, v. 1, p. 311 e 322) e Silva (1789, v. 1, p. 428 e 447), mas presente em Ferreira (1999, p. 695) e Houaiss e Villar (2009, p. 699). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *distorcer* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

durázio, *adj*. – avalentoado, valentão, destemido. ▪ REGISTRO: *durazio* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1727, v. 1, p. D/336), Silva (1789, v. 1, p. 459), Ferreira (1999, p. 691) e Houaiss e Villar (2009, p. 670). A acepção referida por Senna está ausente destas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *duracinu-* (F./H.V.); 1ª atestação em 1557 (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*,

distorcido, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

duro de roer, *loc. adj.* – indivíduo, assunto ou coisa insuportável, inaturável. ▪ REGISTROS: *duro de roer* [R3, C3] ~ *duro de roêr* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. D/314-315; 1720, v. 7, p. 360; 1727, v. 1, p. 336; 1728, v. 2, p. 184) e Silva (1789, v. 1, p. 459, e v. 2, p. 353), mas presente em Ferreira (1999, p. 1777) e Houaiss e Villar (2009, p. 1675). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de adjetivo + preposição + verbo. ▪ NOTA: familiar (F.) e brasileirismo informal (H.V.).

— E —

embezerrado, *adj.* – zangado. ▪ REGISTRO: *embezerrado* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 3, p. E/43), Silva (1789, v. 1, p. 469), Ferreira (1999, p. 733) e Houaiss e Villar (2009, p. 173). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *embezerrar* (< *em-* + *bezerro* + *-ar*) (F./H.V.); 1ª atestação em 1713 (H.V.). ▪ NOTA: vulgar (B./S.), popular (F.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *amuado*, *arapuado*, *fera*.

embira, *s.f.* – sem dinheiro, desprovido de meios (na expressão *estar na embira*). ▪ REGISTRO: *embíra* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Bluteau (1713, v. 3, p. E/43; 1727, v. 1, p. 367), mas presente em Silva (1789, v. 1, p. 470) Ferreira (1999, p. 733) e Houaiss e Villar (2009, p. 734). A acepção referida por Senna está ausente destas três obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. tupi (F.) e tupi *i'mbïra* ("que tem fibra") (H.V.); 1ª atestação em *ca*. 1574 (H.V.). ▪ Cf. tb. *disgra*, *pindaíba*, *quebradeira*.

embirrar, *v.* – ojerizar, implicar, criar aversão. ▪ REGISTRO: *imbirrar* [R6]. ▪ Dicionários: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Bluteau (1713, v. 3, p. E/43), mas presente em Silva (1789, v. 1, p. 470), Ferreira (1999, p. 733) e Houaiss e Villar (2009, p. 734). A acepção referida por Senna está presente nestas duas

últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *em-* + *birra* + *-ar* (F./H.V.); 1ª atestação em 1543 (H.V.). ▪ NOTA: familiar (S.). ▪ Cf. tb. *enticar*.

enchente, *s.f.* – bebedeira. ▪ REGISTRO: *enchente* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. E/89), Silva (1789, v. 1, p. 489), Ferreira (1999, p. 748-749) e Houaiss e Villar (2009, p. 749). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: *encher* + *-nte* (F./H.V.); 1ª atestação em *ca*. 1539 (H.V.). ▪ Cf. tb. *água*, *azougue*, *camueca*, *cana*, *chuva*, *cotreia*, *enchente*, *gata*, *erva*, *mona*, *porre*.

encostado, *adj*. – defensor de outrem, homem valente a soldo de terceiro, guarda-costas. ▪ REGISTRO: *incostado* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. E/95), Silva (1789, v. 2, p. 492), Ferreira (1999, p. 751) e Houaiss e Villar (2009, p. 751). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *encostar* (< *en-* + *costa* + *ar*) (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.). ▪ Cf. tb. *capanga*, *cacundeiro*, *jagunço*.

enfarar, *v*. – 1. estar repleto, saciar; 2. enjoar. ▪ REGISTROS: *enfarar* [R6, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Bluteau (1713, v. 3, p. E/106, mas há *enfarado*), mas presente em Silva (1789, v. 1, p. 469), Ferreira (1999, p. 755) e Houaiss e Villar (2009, p. 755). A acepção 2 referida por Senna está presente nestas três obras. ▪ ETIMOLOGIA: *en-* + *faro* + *-ar* (F.) e orig. obsc. (H.V.); 1ª atestação em 1536 (H.V.). ▪ Cf. tb. *entojar*.

enfarruscado, *adj*. – tempo ruim, céu encoberto. ▪ REGISTRO: *enfarruscádo* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. E/106, mas há *enfarruscar*), Silva (1789, v. 1, p. 496, mas há *enfarruscar*), Ferreira (1999, p. 755, mas há *enfarruscar*) e Houaiss e Villar (2009, p. 755, mas há *enfarruscar*). A acepção referida por Senna é compatível com a do verbo nestas duas últimas obras (cf. F., "enevoar-se"; e H.V., "nublar-se"). ▪ ETIMOLOGIA: part. de *enfarruscar* (< *en-* + *farrusco* + *-ar*) (AA.); *farrusco* (de **ferrusco* < *ferro* + *-usco*) significa "manchado de carvão" (H.V.).

enticar, *v*. – ojerizar, implicar, criar aversão. ▪ REGISTRO: *inticar* [R6]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa

(2021), Bluteau (1713, v. 3, p. E/144; 1727, v. 1, p. 380) e Silva (1789, v. 2, p. 510), mas presente em Ferreira (1999, p. 768) e Houaiss e Villar (2009, p. 770). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. duv. (F./H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ Cf. tb. *embirrar*.

entiotado, *adj.* – coisa chique ▪ REGISTRO: *entiotada* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. E/144; 1727, v. 1, p. 380), Silva (1789, v. 1, p. 510), Ferreira (1999, p. 768) e Houaiss e Villar (2009, p. 770). ▪ ETIMOLOGIA: part. de *entiotar* (*en-* + *tiotê* + *-ar*) (AA.); *tiotê* é um "conjunto de dobras em forma de tubo num tecido, sobretudo nos folhos ou babados de uma blusa" (H.V.).

entojar, *v.* – 1. estar repleto; 2. enjoar. ▪ REGISTROS: *entojar* [R6, C2, R8, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 3, p. E/139 [*entejar*]), Silva (1789, v. 1, p. 509 [*entejar*]), Ferreira (1999, p. 769) e Houaiss e Villar (2009, p. 755). A acepção 2 referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: *entojo* + *-ar* (F.) e alter. de *entejar* por influência de *antojar* (H.V.); 1ª atestação em 1611 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "enjoar" como brasileirismo (F.). ▪ Cf. tb. *enfarar*.

entojo, *s.m.* – enjoo. ▪ REGISTRO: *entôjo* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 3, p. E/139 [*entejo*]), Silva (1789, v. 1, p. 509 [*entejo*]), Ferreira (1999, p. 769) e Houaiss e Villar (2009, p. 755). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: derivação regressiva de *entojar* (H.V.); 1ª atestação em 1563 (H.V.).

entonces, *adv.* – então. ▪ REGISTROS: *entonces* [C2] ~ *intonces* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 3, p. E/145), Silva (1789, v. 1, p. 511), Ferreira (1999, p. 769) e Houaiss e Villar (2009, p. 771). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: *entonce* + *-s* como marca de advérbio (H.V.) e *entonce* do lat. vulgar **intŭnce* composto pela preposição latina *in* + latim arcaico *tunce* (depois *tunci*) na acepção de "então" (H.V.); 1ª atestação no séc.

XIV (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo popular arcaico (F.) e arcaico e informal (H.V.).

enxurrio, *s.m.* – excremento. ▪ REGISTRO: *enxurrio* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. E/170; 1727, v. 1, p. 381), Silva (1789, v. 1, p. 521), Ferreira (1999, p. 777) e Houaiss e Villar (2009, p. 780). ▪ ETIMOLOGIA: *enxurro* ("jorro de água") + *-io* (AA.). ▪ Cf. tb. *bumbu*, *monte*, *pipi*, *rosca*, *tica*, *troço*.

erva, *s.f.* – bebedeira. ▪ REGISTRO: *herva* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. E/193-195), Silva (1789, v. 1, p. 681), Ferreira (1999, p. 1038) e Houaiss e Villar (2009, p. 1015). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *herba-* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ Cf. tb. *água*, *azougue*, *camueca*, *cana*, *chuva*, *cotreia*, *enchente*, *gata*, *mona*, *porre*.

ervado, *adj*. – bêbedo. ▪ REGISTRO: *hervado* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. E/196), Silva (1789, v. 1, p. 681), Ferreira (1999, p. 1038) e Houaiss e Villar (2009, p. 1015). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *ervar* (< *erva* +*-ar*) (F./H.V.); 1ª atestação em 1614 (H.V.).▪ Cf. tb. *bicudo*, *borracho*, *cheio*, *chumbado*, *cortador*, *trombiqueiro*.

escovado, *adj.* – pessoa valente, destemida e cheia de expedientes ardilosos e prontos (na expressão *moleque escovado*). ▪ REGISTRO: *moleque escovado* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. E/224; 1727, v. 1, p. 394) e Silva (1789, v. 2, p. 536), mas presente em Ferreira (1999, p. 800) e Houaiss e Villar (2009, p. 803). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *escovar* (< *escova* + *-ar*) (F./H.V.); 1ª atestação em *ca*. 1543 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "valente" como brasileirismo familiar (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

esparrame, *s.m.* – barulho, algazarra. ▪ REGISTROS: *esparrâme* [R4, R7] ~ *espárrame* [C2] ~ *esparrame* [C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. E/259; 1727, v. 1, p. 402) e Silva (1789, v. 2, p. 546), mas presente em Ferreira (1999, p. 811) e Houaiss e Villar (2009, p. 813). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: derivação regressiva de *esparramar* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.). ▪ Cf. tb. *banzé de cuia*, *latomia*, *matinada*, *rolo*, *sinagoga*, *tendepá*, *turumbamba*.

espírito, *s.m.* – restilo (aguardente). ▪ REGISTRO: *espirito* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. E/281-282), Silva (1789, v. 1, p. 552), Ferreira (1999, p. 818) e Houaiss e Villar (2009, p. 820). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *spiritu-* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XV (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "aguardente" como brasileirismo popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *branca*, *cachaça*, *caiana*, *cana*, *caninha*, *cotreia*, *golo*, *jeribita*, *malunga*, *mata-bicho*, *panete*, *parati*, *sizoca*.

estorado → estourado

estourado, *adj.* – avalentoado, valentão, destemido. ▪ REGISTRO: *estôrado* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. E/329; 1727, v. 1, p. 407) e Silva (1789, v. 1, p. 566), mas presente em Ferreira (1999, p. 839) e Houaiss e Villar (2009, p. 838). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *estourar* (F./H.V.); 1ª atestação em 1562 (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

estrambótico, *adj.* – extravagante, bizarro. ▪ REGISTRO: *estrambótica* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Bluteau (1713, v. 3, p. E/332; 1727, v. 1, p. 407), mas presente em Silva (1789, v. 1, p. 567), Ferreira (1999, p. 839) e Houaiss e Villar (2009, p. 839). A acepção referida por Senna está presente nestas três obras. ▪ ETIMOLOGIA: *estramboto* + *-ico* (F.) e *estrambote* + *-ico* (H.V.); 1ª atestação em 1789 (H.V.). ▪ NOTA: informal (H.V.).

esturdeza, *s.f.* – [?]. ▪ REGISTRO: *esturdêza* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 3, p. E/351), Silva (1789, v. 1, p. 573), Ferreira (1999, p. 847) e Houaiss e Villar (2009, p. 845). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas sua estrutura interna sugere tratar-se de um substantivo derivado de *estúrdio*, definido por Senna como "esquisito"; então o significado do vocábulo seria "esquisitice". ▪ ETIMOLOGIA: *estúrdio* + *-eza* (AA.).

estúrdio, *adj.* – esquisito. ▪ REGISTROS: *istûrdio* [R5, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 3, p. E/351 [*esturdia*]), Silva (1789, v. 1, p. 573), Ferreira (1999, p. 847) e Houaiss e Villar (2009, p. 845). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. inc. (F.) e derivado de *estúrdia* (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.).

— F —

fala, *s.f.* – discurso, conferência. ▪ REGISTRO: *fála* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. F/18), Silva (1789, v. 1, p. 595), Ferreira (1999, p. 873) e Houaiss e Villar (2009, p. 868-869). A acepção referida por Senna está presente nestas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: derivação regressiva de *falar* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.).

farofa, *s.f.* – carne (seca, com farinha). ▪ REGISTRO: *farófa* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. F/36; 1727, v. 1, p. 420) e Silva (1789, v. 1, p. 599), mas presente em Ferreira (1999, p. 881) e Houaiss e Villar (2009, p. 875). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras, mas há acepção próxima (cf. F., "farinha comestível torrada ou escaldada com manteiga ou gordura, e às vezes misturada com ovos"; e H.V., "iguaria feita de farinha de mandioca, frita na manteiga ou na gordura, que pode ser enriquecida com outros ingredientes"). ▪ ETIMOLOGIA: quimb. *falofa* (F.) e orig. contr. (H.V.);

1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "carne" como brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *boia*, *paçoca*.

femeeiro, *s.m.*/adj. – homem dado a mulheres. ▪ REGISTRO: *femêiro* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. F/74; 1727, v. 1, p. 425) e Silva (1789, v. 1, p. 607), mas presente em Ferreira (1999, p. 891) e Houaiss e Villar (2009, p. 884). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *fêmea* + *-eiro* (F./H.V.); 1ª atestação em 1858 (H.V.).

femeiro → **femeeiro**.

fera, *s.f.* – zangado. ▪ REGISTRO: *féra* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. F/77), Silva (1789, v. 1, p. 607), Ferreira (1999, p. 893) e Houaiss e Villar (2009, p. 886). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras, mas há acepção próxima nestas duas últimas obras (cf. F., "pessoa muito severa, irascível"; e H.V., "indivíduo muito severo"). ▪ ETIMOLOGIA: lat. *fera-* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.). ▪ Cf. tb. *amuado*, *arapuado*, *embezerrado*.

fila, *s.f.* – namoro. ▪ REGISTRO: *fila* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. F/117), Silva (1789, v. 1, p. 615), Ferreira (1999, p. 901-902) e Houaiss e Villar (2009, p. 498). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: fr. *file* (F./H.V.); 1ª atestação em 1540 (H.V.). ▪ Cf. tb. *começão*, *cortado*, *fininho*.

filante, *s.d.g./adj.* – indivíduo que tudo pede e quer ganhar, pedinte, amolador, parasita. ▪ REGISTROS: *filante* [R6, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. F/117; 1727, v. 1, p. 430) e Silva (1789, v. 1, p. 615), mas presente em Ferreira (1999, p. 902) e Houaiss e Villar (2009, p. 894). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *filar* + *-nte* (F./H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *godero*, *pidão*.

filar, *v.* – apanhar as cousas alheias malandreando, obter ou ganhar qualquer coisa adulando e malandreando, conseguir o alheio

com traça ou manha. ▪ REGISTROS: *filar* [R4, R6, C2, C3 (2×)]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 4, p. F/118), Silva (1789, v. 1, p. 615), Ferreira (1999, p. 902) e Houaiss e Villar (2009, p. 894). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: port. ant. *filhar* (F./H.V.); 1ª atestação em 1712 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "apanhar as cousas alheias" como brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *abiscoitar*, *bifar*, *goderar*, *lamber*.

fininho, *s.m.* – namoro. ▪ REGISTRO: *fininho* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. F/126; 1727, v. 1, p. 431) e Silva (1789, v. 1, p. 617), mas presente em Ferreira (1999, p. 907) e Houaiss e Villar (2009, p. 898). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *fino* + *-inho* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ Cf. tb. *começão*, *cortado*, *fila*.

fogacho, *s.m.* – comichão, coceira forte. ▪ REGISTROS: *fogácho* [R6, C2] ~ *fogacho* [C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. F/149; 1727, v. 1, p. 433) e Silva (1789, v. 1, p. 623), mas presente em Ferreira (1999, p. 920) e Houaiss e Villar (2009, p. 894). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *fogo* + *-acho* (F./H.V.); 1ª atestação em 1817-1818 (H.V.).

folia, *s.f.* – festa alegre. ▪ REGISTRO: *folia* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 4, p. F/160), Silva (1789, v. 1, p. 625), Ferreira (1999, p. 924) e Houaiss e Villar (2009, p. 498). A acepção referida por Senna está presente na primeira, na terceira e na quarta obra, constando em Silva a acepção de "dança". ▪ ETIMOLOGIA: fr. *folie* (F./H.V.); 1ª atestação em 1102 (H.V.).

fresco como chicória, *loc. adj.* – sem medo, sem emoção em qualquer lance arriscado. ▪ REGISTROS: *fresco-como-chicórea* [R6] ~ *fresco-como-chicória* [C3]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. F/210-211; 1712, v. 2, p. C/289; 1727, v. 1, p. 72), Silva (1789, v. 1, p. 439 e 229), Ferreira (1999, p. 943 e 459) e Houaiss e Villar (2009, p. 929 e 453). ▪

FORMAÇÃO: locução composta de adjetivo + preposição + substantivo. ▪ Cf. tb. *fresco que nem chicória*.

fresco que nem chicória, *loc. adj.* – sem medo, sem emoção em qualquer lance arriscado. ▪ REGISTRO: *fresco qui nem chicórea* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. F/210-211; 1712, v. 2, p. C/289; 1727, v. 1, p. 72), Silva (1789, v. 1, p. 439 e 229), Ferreira (1999, p. 943 e 459) e Houaiss e Villar (2009, p. 929 e 453). ▪ FORMAÇÃO: locução composta de adjetivo + conjunção + conjunção + substantivo. ▪ Cf. tb. *fresco como chicória*.

função, *s.f.* – 1. baile; 2. teatro. ▪ REGISTRO: *funcção* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. F/229), Silva (1789, v. 1, p. 642), Ferreira (1999, p. 951-952) e Houaiss e Villar (2009, p. 937-938). A acepção 1 referida por Senna está presente na quarta obra e a acepção 2 está presente nas duas últimas obras, havendo, no entanto, acepção hiperonímica na terceira obra (cf. S., "[f]esta, ou festim em casa, ou nos templos"). ▪ ETIMOLOGIA: lat. *functione-* (F./H.V.); 1ª atestação em 1675 (H.V.). ▪ Cf. tb. *adivertimento*, *brinquedo*.

funcção → função.

furriel, *s.m.* – namorado, amante, predileto. ▪ REGISTRO: *furriel* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021 [*forriel/furriel*]), Bluteau (1713, v. 4, p. F/181-182 [*forriel/furriel*]), Silva (1789, v. 1, p. 630 [*forriel/furriel*]), Ferreira (1999, p. 955) e Houaiss e Villar (2009, p. 498). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras, que geralmente apresentam acepção referente a graduação militar. ▪ ETIMOLOGIA: alem. *Furrier* (B.), fr. *fourrier* (F.) e fr. *fourier* (H.V.); 1ª atestação em 1707 (H.V.).

— G —

gata, *s.f.* – bebedeira. ▪ REGISTRO: *gata* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 4, p. G/38-39), Silva (1789, v. 1, p. 654), Ferreira (1999, p. 974) e Houaiss e Villar (2009, p. 958). A acepção referida por

Senna está presente na segunda (nas locuções *tomar a gata* e *larga a gata*) e na terceira obra. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *catta-* (F.) e *gato* com mudança da vogal temática de *-o* para *-a* tomada como desinência de feminino (H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "bebedeira" como popular (F.). ▪ Cf. tb. *água*, *azougue*, *camueca*, *cana*, *chuva*, *cotreia*, *enchente*, *erva*, *mona*, *porre*.

gereba → jereba.

gerebita → jeribita.

goderar, *v.* – apanhar as cousas alheias malandreando, obter ou ganhar qualquer coisa adulando e malandreando, conseguir o alheio com traça ou manha. ▪ REGISTROS: *godérar* [R4] ~ *goderár* [R6] ~ *góderar* [C2] ~ *godérar* [C3 (2×)]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. G/85; 1727, v. 1, p. 461) e Silva (1789, v. 1, p. 661), mas presente em Ferreira (1999, p. 994) e Houaiss e Villar (2009, p. 975). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: var. de *gauderiar* (< *gaudério* + *-ar*) (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.) e brasileirismo de uso no nordeste (H.V.). ▪ Cf. tb. *abiscoitar*, *bifar*, *filar*, *lamber*.

godério → godero.

godero, *s.m.* – indivíduo que tudo pede e quer ganhar, pedinte, amolador, parasita. ▪ REGISTROS: *godério* [R6, C2, R8, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. G/85; 1727, v. 1, p. 461) e Silva (1789, v. 1, p. 661), mas presente em Ferreira (1999, p. 994) e Houaiss e Villar (2009, p. 976). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: esp. plat. *gauderio* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo de uso no nordeste (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *filante*, *pidão*.

gole, *s.m.* – ato de beber aguardente, restilo ou cachaça. ▪ REGISTRO: *góle* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 4, p. G/87), Silva (1789, v. 1, p. 662), Ferreira (1999, p. 995) e Houaiss e Villar (2009, p. 976-977). A acepção referida por Senna está ausente destas quatro obras, que geralmente apresentam a acepção de "porção de bebida

que se toma de cada vez". ▪ ETIMOLOGIA: **engole* (derivação regressiva de *engolir*) com aférese (F./H.V.); 1ª atestação em 1713 (H.V.). ▪ Cf. tb. *codório*, *mata-bicho*, *matar o bicho*, *panete*, *refresco*, *sequente*, *trago*, *trompário*.

golo, *s.m.* – aguardente. ▪ REGISTRO: *gólo* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. G/91; 1727, v. 1, p. 462) e Silva (1789, v. 1, p. 662), mas presente em Ferreira (1999, p. 996) e Houaiss e Villar (2009, p. 1131). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: derivado de *gole* (F.); 1ª atestação em 1858 (H.V.). ▪ NOTA: informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *branca*, *cachaça*, *caiana*, *cana*, *caninha*, *cotreia*, *espírito*, *jeribita*, *malunga*, *mata-bicho*, *panete*, *parati*, *sizoca*.

gôndola, *s.f.* – corrente ou cadeia de relógio. ▪ REGISTROS: *gondola* [C1] ~ *góndola* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 4, p. G/94), Silva (1789, v. 1, p. 663), Ferreira (1999, p. 997) e Houaiss e Villar (2009, p. 978). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: it. *gondola* (F./H.V.); 1ª atestação em 1566 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "corrente" como brasileirismo de uso em Minas Gerais e no centro-oeste (F.) e brasileirismo de uso em Minas Gerais (H.V.). ▪ Cf. tb. *cordão*, *corrente*.

gratuitis, *adj.* – grátis, sem preço, por favor. ▪ REGISTRO: *gratuitis* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. G/127; 1727, v. 1, p. 468), Silva (1789, v. 1, p. 669), Ferreira (1999, p. 1007) e Houaiss e Villar (2009, p. 998). ▪ ETIMOLOGIA: cruzamento entre *gratuito* e *grátis* (AA.).

guarnição, *s.f.* – botões (de punho). ▪ REGISTRO: *guarnição* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. G/150), Silva (1789, v. 1, p. 674), Ferreira (1999, p. 1018) e Houaiss e Villar (2009, p. 998). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: *guarnir* + *-ção* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.). ▪ Cf. tb. *tranqueta*.

guasca, *s.m.* – valentão. ▪ REGISTROS: *guásca* [C2, R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. G/151; 1727, v. 1, p. 471) e Silva (1789, v. 1, p.

674), mas presente em Ferreira (1999, p. 1018) e Houaiss e Villar (2009, p. 998). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. hispano-americana *guasca* < quíchua *wháskha* (F.) e do quíchua *uáskha* (H.V.); 1ª atestação em 1881 (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

guiada, *s.f.* – [?]. ▪ REGISTRO: *guiáda* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. G/156; 1727, v. 1, p. 472) e Silva (1789, v. 1, p. 675), mas presente em Ferreira (1999, p. 1020) e Houaiss e Villar (2009, p. 1000). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas estas duas obras apresentam acepções correlatas (cf. F./H.V., "aguilhada"). ▪ ETIMOLOGIA: alter. de *aguilhada* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.).

— H —

herva → erva.
hervado → ervado.
homem teso → teso.

— I —

imbirrar → embirrar.

imenso, *adj.* – pessoa íntima (na expressão *Oh, imenso!*). ▪ REGISTRO: *óh! immenso!* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. I/60), Silva (1789, v. 2, p. 695), Ferreira (1999, p. 1079) e Houaiss e Villar (2009, p. 1049). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *immensu-* (F./H.V.); 1ª atestação em *ca.* 1543 (H.V.). ▪ Cf. tb. *biltre*, *Zebas*.

inchado, *adj.* – satisfeito, repleto de alegria. ▪ REGISTRO: *inchado* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. I/88), Silva (1789, v. 1, p. 704), Ferreira

(1999, p. 1092) e Houaiss e Villar (2009, p. 1063). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *inchar* (< lat. *inflare*) (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ Cf. tb. *ancho*.

incostado → encostado.

inté, *prep.* – até. ▪ REGISTRO: *inté* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. I/156; 1727, v. 1, p. 523) e Silva (1789, v. 1, p. 726), mas presente em Ferreira (1999, p. 1121) e Houaiss e Villar (2009, p. 1093). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: alter. de *até* (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: antigo e popular (F.) e antigo e informal (H.V.).

inteirado, *adj*. – 1. quando um assunto desagrada; 2. quando se encoleriza com outro. ▪ REGISTRO: *inteirado* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 4, p. I/157), Silva (1789, v. 1, p. 727), Ferreira (1999, p. 1121) e Houaiss e Villar (2009, p. 1094). As duas acepções referidas por Senna estão ausentes destas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *inteirar* (< *inteiro* +*-ar*) (F./H.V.); 1ª atestação em 1589 (H.V.).

inticar → enticar.

intonces → entonces.

inventadeira, *s.f./adj*. – pessoa intrigante [no sentido de "indivíduo que cria intrigas"]. ▪ REGISTRO: *inventadeira* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. I/182; 1727, v. 1, p. 523), Silva (1789, v. 1, p. 734), Ferreira (1999, p. 1132) e Houaiss e Villar (2009, p. 1104). ▪ ETIMOLOGIA: *inventar* + *-deira* (AA.). ▪ Cf. tb. *candongueiro*, *leva e traz*.

isca, *s.f.* – [?]. ▪ REGISTRO: *isca* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. I/205-206), Silva (1789, v. 1, p. 739), Ferreira (1999, p. 1140) e Houaiss e Villar (2009, p. 1113). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas estas cinco obras apresentam acepções correlatas (cf. B.M., "tudo que se põe no anzol" e "chamariz"; B., "isca de tomar peixes" e "attractivo"; S., "o peixe, ou a carne, que se põe no anzol, para

tomar peixe" e "attractivo"; F., "engodo que se põe no anzol, chamariz"; e H.V., "chamariz que se põe no anzol, aquilo que atrai e seduz uma pessoa"). ▪ ETIMOLOGIA: lat. *esca-* ("alimento") (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.).

isqueiro, *s.m.* – caixa de mecha e fuzil de pederneira. ▪ REGISTRO: *isqueiro* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. I/208; 1727, v. 1, p. 530) e Silva (1789, v. 1, p. 739), mas presente em Ferreira (1999, p. 1143) e Houaiss e Villar (2009, p. 1116). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *isca* + *-eiro* (F./H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ Cf. tb. *binga*.

isturdia, *adv.* – outro dia. ▪ REGISTROS: *istúrdia* [C2] ~ *isturdìa* [C3] ~ *sirtudia* [R5]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. I/209; 1727, v. 1, p. 530) e Silva (1789, v. 1, p. 739), Ferreira (1999, p. 1144) e Houaiss e Villar (2009, p. 1116). ▪ ETIMOLOGIA: podem-se aventar as hipóteses de que (i) derivaria de *estoutro dia*, locução atestada desde a Idade Média: "Um sangrador de Leirea / me sangrou *estoutro dia* / e vedes que me fazia: (...)" (LOPES; FERREIRA ET AL., 2011) ou (ii) derivaria de *certo dia*, locução próxima à forma *sirtudia* atestada por Senna (AA.). ▪ NOTA: Amaral (1920, p. 84) documenta *isturdia* e *siturdia* (e ainda *átru-dia*), afirmando que é forma comum em quase todo o Brasil, sobretudo no nordeste.

istúrdio → **estúrdio**.

— J —

jagunço, *s.m.* – defensor de outrem, homem valente a soldo de terceiro, guarda-costas. ▪ REGISTRO: *jagunço* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. I/7; 1727, v. 1, p. 504) e Silva (1789, v. 1, p. 741), mas presente em Ferreira (1999, p. 1152) e Houaiss e Villar (2009, p. 1124). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *zarguncho* (Senna e F.) e orig. contr. (H.V.); 1ª atestação em 1877 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *cacundeiro*, *capanga*, *encostado*.

jaleco, *s.m.* – colete. ▪ REGISTRO: *jaléco* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Silva (1789, v. 1, p. 741), mas presente em Bluteau (1727, v. 1, p. 504), Ferreira (1999, p. 1152) e Houaiss e Villar (2009, p. 1124). A acepção referida por Senna está presente nestas três obras. ▪ ETIMOLOGIA: esp. *jaleco* < turco *jelek* (F.) e esp. *jaleco* < turco *yelék*, pelo ár. argelino *djalika* (H.V.); 1ª atestação em 1725 (H.V.).

jereba, *s.m.* – 1. animal ruim e magro ou feio; 2. espécie de arreios. ▪ REGISTROS: *geréba* [R4, C2 (2×), R8, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. G/39 e 62; 1727, v. 1, p. 456 e 512) e Silva (1789, v. 1, p. 658 e 743), mas presente em Ferreira (1999, p. 1159) e Houaiss e Villar (2009, p. 1131). As duas acepções referidas por Senna estão presentes nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. tupi (F./H.V.); 1ª atestação em 1958 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.).

jeribita, *s.f.* – aguardente, cachaça. ▪ REGISTROS: *gerebita* [R5, C3] ~ *gérebita* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1713, v. 4, p. G/62 [*gerebita*], e 1727, v. 1, 456 [*gerebita*/*geribita*]), Silva (1789, v. 1, p. 658 [*gerebita*]), Ferreira (1999, p. 1160) e Houaiss e Villar (2009, p. 1131). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. africana (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (B.), brasileirismo popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *branca*, *cachaça*, *caiana*, *cana*, *caninha*, *cotreia*, *espírito*, *golo*, *malunga*, *mata-bicho*, *panete*, *parati*, *sizoca*.

joanetes → **rodar nos joanetes**.

jornal, *s.m.* – salário, ganho do dia. ▪ REGISTROS: *jornal* [R7, R8] ~ *jorná* [R7, R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1713, v. 4, p. I/194), Silva (1789, v. 1, p. 745), Ferreira (1999, p. 1164) e Houaiss e Villar (2009, p. 1135). A acepção referida por Senna está presente nestas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *diurnale-* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.).

jornaleiro, *s.m./adj.* – trabalhador. ▪ REGISTRO: *jornalêiro* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Silva (1789, v. 1, p. 745), mas presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau

(1713, v. 4, p. I/194), Ferreira (1999, p. 1164) e Houaiss e Villar (2009, p. 1135). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: *jornal* + *-eiro* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.).

— L —

labatu, *adj*. – relambório, descuidado no vestir, malvestido, pouco decente de trajos ▪ REGISTRO: *labatú* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 8; 1727, v. 1, p. 543) e Silva (1789, v. 2, p. 1), mas presente em Ferreira (1999, p. 1174) e Houaiss e Villar (2009, p. 1145). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *alambazado*, *relaxado*.

ladear, *v*. – enganar, fugir à palavra dada. ▪ REGISTROS: *ladear* [R6, C3] ~ *ládear* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1716, v. 5, p. 16), Silva (1789, v. 2, p. 3), Ferreira (1999, p. 1178) e Houaiss e Villar (2009, p. 1148). A acepção referida por Senna está ausente destas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: *lado* + *-ear* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XV (H.V.). ▪ Cf. tb. *tretar*.

ladino, *adj*. – esperto, vivo, lépido, inteligente. ▪ REGISTRO: *ladino* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 16), Silva (1789, v. 2, p. 3), Ferreira (1999, p. 1178) e Houaiss e Villar (2009, p. 1148). A acepção referida por Senna está presente nestas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *latinu-* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.).

lambança, *s.f*. – 1. franqueza rude, discussão azeda; 2. velhacaria. ▪ REGISTROS: *lambança* [R4, C2, C3] ~ *lambânça* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 26; 1727, v. 1, p. 544) e Silva (1789, v. 2, p. 4), mas presente em Ferreira (1999, p. 1181) e Houaiss e Villar (2009, p. 1151). As acepções referidas por Senna estão presentes nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *lamber* + *-ança* (F./H.V.); 1ª atestação em 1889

(H.V.). ▪ NOTA: ambas as acepções como brasileirismos (H.V.). ▪ Cf. tb. (acep. 1) *bate-boca*, *destampatório*, *xingatório*.

lamber, *v.* – obter ou ganhar qualquer coisa, adulando e malandreando. ▪ REGISTROS: *lamber* [R6, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 26-27), Silva (1789, v. 2, p. 4-5), Ferreira (1999, p. 1182) e Houaiss e Villar (2009, p. 1151). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *lambere* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "obter ou ganhar qualquer coisa" como brasileirismo popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *abiscoitar*, *bifar*, *filar*, *goderar*.

lancha, *s.f.* – pé grande. ▪ REGISTRO: *lancha* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 35), Silva (1789, v. 2, p. 6), Ferreira (1999, p. 1185) e Houaiss e Villar (2009, p. 1154). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: malaio *lán čār/lantxaran* ("rápido, ágil") (F./H.V.); 1ª atestação em 1513 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "pé grande" como brasileirismo familiar (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *pata*.

lanhado, *adj.* – homem valente, atrevido, ousado. ▪ REGISTROS: *lanhádo* [C1, C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 37; 1727, v. 1, p. 547) e Silva (1789, v. 2, p. 7), mas presente em Ferreira (1999, p. 1186) e Houaiss e Villar (2009, p. 1155). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *lanhar* (< lat. *laniare*) (F./H.V.); 1ª atestação em 1836 (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

larjan, *s.m.* – dinheiro (cédula ou moeda). ▪ REGISTROS: *larjân* [C1, R3] ~ *larjan* [C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 46; 1727, v. 1, p. 550), Silva (1789, v. 2, p. 9), Ferreira (1999, p. 1189) e Houaiss e Villar (2009, p. 1158). ▪ ETIMOLOGIA: fr. *l'argent* ("o dinheiro") (Senna). ▪ Cf.

tb. *bagarote*, *bago*, *chelpa*, *cheta*, *cisco*, *cobre*, *milho*, *tacho; borboleta*, *pelega*, *pintadinha*.

latacho, *s.m.* – estrangeiro. ▪ REGISTRO: *latacho* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 48; 1727, v. 1, p. 550) e Silva (1789, v. 2, p. 9), mas presente em Ferreira (1999, p. 1190) e Houaiss e Villar (2009, p. 1159). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras, mas há acepção hiponímica (cf. F./H.V., "carcamano, italiano"). ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *carcamano*.

latomia, *s.f.* – barulho, barulhada infernal. ▪ REGISTROS: *latumía* [R4, R7, C3] ~ *látumia* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 51; 1727, v. 1, p. 551) e Silva (1789, v. 2, p. 10), mas presente em Ferreira (1999, p. 1192) e Houaiss e Villar (2009, p. 1160). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (F./H.V.); possivelmente alter. de *litania* (< lat. ecl. *litania-* "oração") (AA.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "barulho" como brasileirismo popular de uso no nordeste, em Goiás e em Minas Gerais (F.) e brasileirismo informal de uso no nordeste, no centro-oeste e em Minas Gerais (H.V.). ▪ Cf. tb. *banzé de cuia*, *esparrame*, *matinada*, *rolo*, *sinagoga*, *tendepá*, *turumbamba*.

latumia → latomia.

lavrado, *s.m.* – joia, adereço. ▪ REGISTROS: *lavrados* [R6, C2, R8, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 55), Silva (1789, v. 2, p. 11), Ferreira (1999, p. 1194) e Houaiss e Villar (2009, p. 1162). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *lavrar* (< lat. *laborare*) (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "joia" como brasileirismo de uso no Mato Grosso (F./H.V.).

leva e traz, *s.m.* – pessoa intrigante [no sentido de "indivíduo que cria intrigas"]. ▪ REGISTRO: *leva-e-traz* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 92; 1727, v. 1, p. 556) e Silva (1789, v. 2, p. 17), mas presente em

Ferreira (1999, p. 1206) e Houaiss e Villar (2009, p. 1173). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ FORMAÇÃO: vocábulo composto de verbo (3ª pessoa do singular do presente do indicativo de *levar*) + conjunção + verbo (3ª pessoa do singular do presente do indicativo de *trazer*); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo e provincianismo português (F.). ▪ Cf. tb. *candongueiro*, *inventadeira*.

levado da breca, *loc. adj.* – atrevido, ousado. ▪ REGISTRO: *levádo da bréca* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/188; 1716, v. 5, p. 92; 1727, v. 1, p. 154 e 556) e Silva (1789, v. 1, p. 197 e v. 2, p. 17), mas presente em Ferreira (1999, p. 330) e Houaiss e Villar (2009, p. 325). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras, mas há acepção próxima (cf. F., "muito levado, muito travesso"; e H.V., "travesso, buliçoso"). ▪ FORMAÇÃO: locução composta de adjetivo + preposição + artigo definido + substantivo. ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

levar bucha, *loc. v.* – tomar um logro, fazer um mau negócio. ▪ REGISTRO: *levar búcha* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. B/203; 1716, v. 5, p. 97-101; 1727, v. 1, p. 159 e 556), Silva (1789, v. 2, p. 18-19 e 201) e Ferreira (1999, p. 337-338 e 1206-1207), mas presente em Houaiss e Villar (2009, p. 1173). A acepção referida por Senna está presente nesta obra. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + substantivo. ▪ NOTA: acepção de "tomar um logro" como informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *tomar na cuia*.

lorde, *s.m./adj.* – dado a luxo, bem-vestido, trajado com luxo ou apuro. ▪ REGISTROS: *lórde* [C2, R7, R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 182; 1727, v. 1, p. 563) e Silva (1789, v. 2, p. 33), mas presente em Ferreira (1999, p. 1234) e Houaiss e Villar (2009, p. 1196). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: ing. *lord* (F./H.V.); 1ª atestação em 1836 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "dado ao

luxo" como popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *pelintra*, *sécio*.

lubrina, *s.f.* – neblina, chuvisco fino e peneirado em brumas. ▪ REGISTROS: *lubrina* [R4, C2, R7, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 196; 1727, v. 1, p. 565), Silva (1789, v. 2, p. 34), Ferreira (1999, p. 1237) e Houaiss e Villar (2009, p. 1198). ▪ ETIMOLOGIA: var. de *neblina* (< lat. *nebula*-) (AA.). ▪ Cf. tb. *corrubiana*, *noruega*.

lumiar, *s.m.* ou *v.* – [?]. ▪ REGISTRO: *lumiar* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1727, v. 5, p. 203), Silva (1789, v. 2, p. 36), Ferreira (1999, p. 1240) e Houaiss e Villar (2009, p. 1201). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas Bluteau apresenta uma para o substantivo ("entrada da porta"), Silva cita uma para o substantivo ("liminar, a entrada da porta") e uma para o verbo ("allumiar"), Ferreira apresenta uma para o substantivo ("limiar") e Houaiss e Villar também citam uma para o substantivo ("limiar") e uma para o verbo ("alumiar"). ▪ ETIMOLOGIA: var. de *alumiar* por aférese (< lat. *luminare* com prótese) para o verbo (H.V.); 1ª atestação do substantivo em *ca*. 1560 e do verbo no séc. XIV (H.V.).

— M —

mação, *s.m./adj.* – libertino, pouco religioso. ▪ REGISTRO: *mação* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 230; 1728, v. 2, p. 2, mas há homônimos) e Silva (1789, v. 2, p. 39, mas há homônimos), mas presente em Ferreira (1999, p. 1246) e Houaiss e Villar (2009, p. 1208). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: var. de *maçom* (< fr. *maçon* < frânc. **makjo* "pedreiro") (F./H.V.); 1ª atestação em 1858 (H.V.).

maludo, *adj.* – avalentoado, valentão. ▪ REGISTRO: *malúdo* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 275; 1728, v. 2, p. 11) e Silva (1789, v. 2, p. 47), mas presente em Ferreira (1999, p. 1264) e Houaiss e Villar (2009, p.

1225). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *mal* + *-udo* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo popular de uso em Alagoas e em Minas Gerais (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

malunga, *s.f.* – cachaça. ▪ REGISTRO: *malunga* [R5]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 275; 1728, v. 2, p. 11) e Silva (1789, v. 2, p. 47), mas presente em Ferreira (1999, p. 1264) e Houaiss e Villar (2009, p. 1225). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: quic. *malunga* (F.) e orig. contr. (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *branca*, *cachaça*, *caiana*, *cana*, *caninha*, *cotreia*, *espírito*, *golo*, *jeribita*, *mata-bicho*, *panete*, *parati*, *sizoca*.

malungo, *s.m.* – [?]. ▪ REGISTRO: *malungo* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 275; 1728, v. 2, p. 11) e Silva (1789, v. 2, p. 47), mas presente em Ferreira (1999, p. 1264) e Houaiss e Villar (2009, p. 1225). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas estas duas obras apresentam acepções correlatas (cf. F., "camarada, companheiro", "título que os escravos africanos davam àqueles que tinham vindo da África no mesmo navio" e "irmão colaço ou irmão de criação"; e H.V., "aquele que participa das atividades, da amizade, do destino etc. de outrem", "camarada, companheiro, parceiro", "título por que se tratavam reciprocamente os escravos africanos que tinham vindo da África na mesma embarcação" e "irmão colaço ou de criação"). ▪ ETIMOLOGIA: quimb. *ma 'luga* ("camarada, companheiro") ou do quic. *ma lungo* ("no mesmo navio") (F.) e orig. contr. (H.V.); 1ª atestação em 1688 (H.V.).

mamparreador, *s.m./adj.* – indivíduo velhaco. ▪ REGISTRO: *mamparreadôr* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 277; 1728, v. 2, p. 13) e Silva

(1789, v. 2, p. 49), mas presente em Ferreira (1999, p. 1266) e Houaiss e Villar (2009, p. 1227). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *mamparrear* + *-dor* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *treteiro*.

mangagá, *adj.* – coisa grande. ▪ REGISTRO: *manganga* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 290; 1728, v. 2, p. 14) e Silva (1789, v. 2, p. 52), mas presente em Ferreira (1999, p. 1271) e Houaiss e Villar (2009, p. 1232). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: var. de *mangangá* (de orig. tupi) (F.) e alter. de *mangangá* (< tupi *manga'nga* "abelha do gên. *Bombus*") (H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.).

mangangá → **mangagá**.

manjar, *s.m.* ou *v.* – [?]. ▪ REGISTRO: *manjár* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 294-295), Silva (1789, v. 2, p. 53), Ferreira (1999, p. 1274) e Houaiss e Villar (2009, p. 1235-1236). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas Bluteau apresenta duas ("cousa de comer" e "o que he bom de comer"), Silva apresenta uma ("vianda, comer"), Biderman e Murakawa apresentam três ("alimento, iguaria"; "nome genérico de vários produtos da culinária" e "o que revigora o espírito"), Ferreira apresenta nove ("comer"; "observar, espionar"; "conhecer"; "entender, compreender"; "ter conhecimento"; "antigo verbo *comer*"; "qualquer substância alimentícia"; "iguaria delicada e apetitosa" e "aquilo que alimenta ou deleita o espírito"), e Houaiss e Villar apresentam sete ("o que serve de alimento ao homem"; "comida sofisticada e apetitosa, iguaria"; "o que serve de alimento e deleite para o espírito"; "antigo verbo *ingerir*"; "acompanhar a evolução ou o comportamento de, espionar, observar"; "ter conhecimento(s) sobre, entender" e "captar, perceber"). ▪ ETIMOLOGIA: cat. arc. *majar* ou occ. *manjar* ou fr. ant. *mangier* ou it. *mangiare* (todos do lat. *manducare* "comer") (F.) e fr. *manger* ("ingerir alimentos, comer") (H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ NOTA:

acepções com sentido diferente daqueles relacionados a alimentação como brasileirismo gírio (F.) e brasileirismo informal (H.V.).

mão → ter mão.

maria vai com as outras, *loc. s.* – sujeito versátil, incoerente. ▪ REGISTROS: *Maria-vai-com-as-outras* [R5, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 331; 1728, v. 2, p. 19), Silva (1789, v. 2, p. 59) e Houaiss e Villar (2009, p. 1247), mas presente em Ferreira (1999, p. 1287). A acepção referida por Senna está presente nesta obra. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de substantivo + verbo + preposição + artigo definido + pronome indefinido. ▪ NOTA: brasileirismo familiar (H.V.). ▪ Cf. tb. *vira-casaca*.

marvado, *s.m.* ou *adj.* – [?]. ▪ REGISTRO: *marvádo* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 349; 1728, v. 2, p. 21), Silva (1789, v. 2, p. 62), Ferreira (1999, p. 1293) e Houaiss e Villar (2009, p. 1252). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas é provavelmente uma var. de *malvado* (geralmente com sentido de "mau" e, por extensão, "diabo") (AA.).

mata-bicho, *s.m.* – 1. restilo (aguardente); 2. ato de beber aguardente, restilo ou cachaça. ▪ REGISTROS: *matabicho* [C1, R4, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 356; 1728, v. 2, p. 22) e Silva (1789, v. 2, p. 63), mas presente em Ferreira (1999, p. 1296) e Houaiss e Villar (2009, p. 1255). A acepção 1 referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ FORMAÇÃO: vocábulo composto de verbo (3ª pessoa do singular do presente do indicativo de *matar*) + substantivo; 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ NOTA: acepção 1 como brasileirismo (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. (acep. 1) *branca*, *cachaça*, *caiana*, *cana*, *caninha*, *cotreia*, *espírito*, *golo*, *jeribita*, *malunga*, *panete*, *parati*, *sizoca*; (acep. 2) *codório*, *gole*, *matar o bicho*, *panete*, *refresco*, *sequente*, *trago*, *trompário*.

matalotagem, *s.f.* – comida para viagem. ▪ REGISTRO: *matalotagem* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 356), Silva (1789, v. 2, p. 63), Ferreira (1999, p. 1296-1297) e Houaiss e Villar (2009, p. 1255). A

acepção referida por Senna está presente nestas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: fr. *matelotage* (F.) e *matalote* + *-agem* (H.V.); 1ª atestação em *ca*. 1537-1583 (H.V.).

matar o bicho, *loc*. *v.* – beber aguardente. ▪ REGISTRO: *matar o bicho* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 357-360; 1728, v. 2, p. 22), Silva (1789, v. 2, p. 63) e Houaiss e Villar (2009, p. 285 e 1256), mas presente em Ferreira (1999, p. 296). A acepção referida por Senna está presente nesta obra. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + artigo definido + substantivo. ▪ Cf. tb. *codório*, *gole*, *mata-bicho*, *panete*, *refresco*, *sequente*, *trago*, *trompário*.

matinada, *s.f.* – barulho, algazarra, barulhada infernal, rolo. ▪ REGISTROS: *matinada* [R4, C2, R7, C3] ~ *matináda* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1716, v. 5, p. 365), Silva (1789, v. 2, p. 64), Ferreira (1999, p. 1299) e Houaiss e Villar (2009, p. 1257). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: feminino substantivado de *matinado* (part. de *matinar*) (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XV (H.V.). ▪ Cf. tb. *banzé de cuia*, *esparrame*, *latomia*, *rolo*, *sinagoga*, *tendepá*, *turumbamba*.

meche → mexer.

memória, *s.f.* – anel. ▪ REGISTRO: *memoria* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 414-418; 1728, v. 2, p. 33), Silva (1789, v. 2, p. 72), Ferreira (1999, p. 1315) e Houaiss e Villar (2009, p. 1271-1272). A acepção referida por Senna está presente nestas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *memoria-* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "anel" como antiga e brasileirismo de uso no Amazonas, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul (F./H.V.).

menina, *s.f.* – namorada. ▪ REGISTRO: *menina* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1716, v. 5, p. 421), Silva (1789, v. 2, p. 73), Ferreira (1999, p. 1316) e Houaiss e Villar (2009, p. 1273). A acepção referida por Senna está presente nesta última obra. ▪ ETIMOLOGIA: *menino* + *-a* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ Cf. tb. *pequena*.

meter o arco, *loc. v.* – fugir do perigo ou de um barulho. ▪ REGISTROS: *metteu o arco* [R5] ~ *metteo o arco* [C3], *metter o arco* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 477-478; 1716, v. 5, p. 463-466; 1727, v. 1, p. 66; 1728, v. 2, p. 41), Silva (1789, v. 1, p. 109, e v. 2, p. 79-80) e Houaiss e Villar (2009, p. 177), mas presente em Ferreira (1999, p. 184). A acepção referida por Senna está presente nesta obra. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + artigo definido + substantivo. ▪ NOTA: brasileirismo popular (F.). ▪ Cf. tb. *abrir o chambre*, *campar*, *dar às de Vila*, *rodar nos joanetes*.

mexer, *v.* – (expressão na narração de um caso). ▪ REGISTRO: *méche* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 471), Silva (1789, v. 2, p. 80), Ferreira (1999, p. 1330) e Houaiss e Villar (2009, p. 1285). Embora Senna não indique claramente a acepção deste vocábulo, provavelmente tem afinidade com a da locução *virar e mexer* com o sentido de "quando menos se espera; sem mais sem menos" (F.). ▪ ETIMOLOGIA: lat. *miscere* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ Cf. tb. *ter mão*, *virar*.

milho, *s.m.* – dinheiro. ▪ REGISTRO: *milho* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 487), Silva (1789, v. 2, p. 82), Ferreira (1999, p. 1336) e Houaiss e Villar (2009, p. 1291). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *miliu-* (F./H.V.); 1ª atestação em 1255 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "dinheiro" como brasileirismo gírio (F.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *bagarote*, *bago*, *chelpa*, *cheta*, *cisco*, *cobre*, *larjan*, *tacho*.

moafa, *s.f.* – bofetada. ▪ REGISTRO: *muáfa* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 521 e 614; 1728, v. 2, p. 50 e 61) e Silva (1789, v. 2, p. 87 e 102), mas presente em Ferreira (1999, p. 1349) e Houaiss e Villar (2009, p. 1302). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: suaíle *mwafa* ("desastre, estrago, prejuízo") (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ Cf. tb. *bolacha*, *pescotapa*, *tapa*.

moleque escovado → escovado.

mona, *s.f.* – bebedeira. ▪ REGISTRO: *mona* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1716, v. 5, p. 552), Silva (1789, v. 2, p. 92), Ferreira (1999, p. 1357) e Houaiss e Villar (2009, p. 1309). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: feminino de *mono* ("macaco") (F.) e orig. contr. (H.V.); 1ª atestação em *ca*. 1537-1583 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "bebedeira" como popular (F.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *água*, *azougue*, *camueca*, *cana*, *chuva*, *cotreia*, *enchente*, *gata*, *erva*, *porre*.

monte, *s.m.* – excremento. ▪ REGISTRO: *monte* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 566-569), Silva (1789, v. 2, p. 94-95), Ferreira (1999, p. 1363) e Houaiss e Villar (2009, p. 1315). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *monte-* (F./H.V.); 1ª atestação em 1255 (H.V.). ▪ Cf. tb. *bumbu*, *enxurrio*, *pipi*, *rosca*, *tica*, *troço*.

montoeira, *s.f.* – porção de coisas, montão. ▪ REGISTRO: *montoêira* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 571) e Silva (1789, v. 2, p. 95), mas presente em Ferreira (1999, p. 1364) e Houaiss e Villar (2009, p. 1315). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *montão* + *-eira* com desnasalização (F.) e f. rad. desnasalizada *monto-* + *-eira* (H.V.); 1ª atestação no séc. XX (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "porção de coisas" como brasileirismo (F./H.V.).

muafa → moafa.

mulher parideira → parideira.

mutirão, *s.m.* – empreitada de roça. ▪ REGISTROS: *motirão* [R6, C2, C3] ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 605 e 652; 1728, v. 2, p. 60 e 64) e Silva (1789, v. 2, p. 100 e 106), mas presente em Ferreira (1999, p. 1385) e Houaiss e Villar (2009, p. 1336). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. tupi (F.) e vocábulo tupi não definido (H.V.); 1ª atestação em 1872 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.) e regionalismo de uso no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, em São Paulo e no Paraná (H.V.).

— N —

náfego, *adj.* – animal que puxa do quadril. ▪ REGISTRO: *náfego* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1716, v. 5, p. N/688), Silva (1789, v. 2, p. 18), Ferreira (1999, p. 1389) e Houaiss e Villar (2009, p. 1339). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: alter. de *náufrago* (F.) e orig. obsc. ou alter. de *náufrago* (H.V.); 1ª atestação em antes de 1635 (H.V.).

nanica, *s.f.* – galinha (pequena). ▪ REGISTRO: *nanica* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. N/670; 1728, v. 2, p. 68) e Silva (1789, v. 2, p. 108), Ferreira (1999, p. 1390, mas há *nanico*) e Houaiss e Villar (2009, p. 1340, mas há *nanico*). ▪ ETIMOLOGIA: *nanico* + *-a* (AA.); 1ª atestação *nanico* em 1836 (H.V.).

nanja, *adv.* – jamais. ▪ REGISTRO: *nânja* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. N/670; 1728, v. 2, p. 68) e Silva (1789, v. 2, p. 108), mas presente em Ferreira (1999, p. 1390) e Houaiss e Villar (2009, p. 1340). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *nã*(*o*) + *já* (F./H.V.); 1ª atestação em 1651 (H.V.). ▪ NOTA: popular antigo (F.) e informal antigo (H.V.).

negro arapuado → arapuado.

niquento, *adj.* – cheio de momos e defeitos. ▪ REGISTROS: *niquento* [C3, R6] ~ *niquênto* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. N/725; 1728, v. 2, p. 80) e Silva (1789, v. 2, p. 115), mas presente em Ferreira (1999, p. 1409) e Houaiss e Villar (2009, p. 1357). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *nica* + *-ento* (F./H.V.); 1ª atestação em 1881 (H.V.).

no calor da brasa, *loc. adv.* – no mesmo ato, rapidez, coisa decidida e feita. ▪ REGISTROS: *no-calor-da-brasa* [C3, R6] ~ *no calôr da bráza* [C2] ~ *no calôr da braza* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/63 e B/187; 1727, v. 1, p. 181 e 154), Silva (1789, v. 1, p. 218 e 196-

197), Ferreira (1999, p. 374 e 329) e Houaiss e Villar (2009, p. 371 e 323). ▪ FORMAÇÃO: locução composta de preposição + artigo definido + substantivo + preposição + artigo definido + substantivo.

noruega, *s.f.* – neblina, chuvisco fino e peneirado em brumas. ▪ REGISTRO: *noruéga* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. N/750; 1728, v. 2, p. 83) e Silva (1789, v. 2, p. 119), mas presente em Ferreira (1999, p. 1416) e Houaiss e Villar (2009, p. 1362). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras, mas há acepção próxima (cf. F., "[v]ento frio e áspero"; e H.V., "diz-se de (...) vento forte e frio"). ▪ ETIMOLOGIA: top. *Noruega* (F./H.V.); 1ª atestação em 1877 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "vento" como brasileirismo de uso no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e em São Paulo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *corrubiana*, *lubrina*.

— O —

óh! biltre! → **biltre**.

óh! imenso! → **imenso**.

óh! zebas! → **Zebas**.

onça, *s.f.* – 1. homem valente; 2. indivíduo feio. ▪ REGISTROS: *onça* [C1, R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 75-77), Silva (1789, v. 2, p. 133), Ferreira (1999, p. 1444) e Houaiss e Villar (2009, p. 1386). A acepção 1 referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: mesma orig. inc. do esp. *onza*, cat. *onça* e fr. *once*, possivelmente do lat. vulg. **luncea* (< lat. cláss. *lynx* < gr. *lýnx*) (F.) e lat. vulg. **lyŭncea* ("lince"), do lat. cláss. *lynx*, e este do gr. *lúgks* (H.V.); 1ª atestação no séc. XV (H.V.). ▪ Cf. tb. (acep. 1) *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

orudo → **ourudo**.

osdispois → **ao despois**.

ourudo, *adj.* – endinheirado, rico. ▪ REGISTROS: *ôrùdo* [R5] ~ *ôrúdo* [C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 154; 1728, v. 2, p. 101) e Silva (1789, v. 2, p. 143), mas presente em Ferreira (1999, p. 1464) e Houaiss e Villar (2009, p. 1405). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *ouro* + *-udo* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.). ▪ Cf. tb. *apatacado*, *casacudo*, *cobrudo*, *patacudo*.

— P —

pachola, *s.m.* – sujeito pândego, desocupado, indolente. ▪ REGISTRO: *pachóla* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1720, v. 6, p. 170), Silva (1789, v. 2, p. 114), Ferreira (1999, p. 1470) e Houaiss e Villar (2009, p. 1409). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: possivelmente do ant. *pajola* < *pajem* (F.) e vocábulo expressivo (H.V.); 1ª atestação em 1720 (H.V.). ▪ NOTA: vulgar (B.) e plebeu (S.).

paçoca, *s.f.* – carne (seca, com farinha). ▪ REGISTRO: *passóca* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 173 e 309; 1728, v. 2, p. 103 e 117) e Silva (1789, v. 2, p. 145 e 168), mas presente em Ferreira (1999, p. 1470) e Houaiss e Villar (2009, p. 1410). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. tupi (F.) e tupi *pa'soka* (H.V.); 1ª atestação em 1873 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *boia*, *farofa*.

pai-zé, *s.m.* – toleirão, idiota. ▪ REGISTROS: *paizé* [R6, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 189; 1728, v. 2, p. 105), Silva (1789, v. 2, p. 147), Ferreira (1999, p. 1474, mas há *pai-mané* na mesma acepção) e Houaiss e Villar (2009, p. 1413, mas há *pai-mané* na mesma acepção). ▪ ETIMOLOGIA: vocábulo composto de substantivo + substantivo, possivelmente formado por analogia a *pai-mané* (AA.).

palerma, *s.d.g./adj.* – [?]. ▪ REGISTRO: *palérma* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 198; 1728, v. 2, p. 105) e Silva (1789, v. 2, p. 149), mas presente em Ferreira (1999, p. 1478) e Houaiss e Villar (2009, p. 1416). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas estas duas obras apresentam acepções iguais (cf. F./H.V., "tolo"). ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (F./H.V.); 1ª atestação em 1821-1875 (H.V.).

panete, *s.m.* – 1. aguardente; 2. ato de beber aguardente, restilo ou cachaça. ▪ REGISTROS: *panête* [R4, C2, R8, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1720, v. 6, p. 222; 1728, v. 2, p. 109), Silva (1789, v. 2, p. 153), Ferreira (1999, p. 1485) e Houaiss e Villar (2009, p. 1422). A acepção 1 referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. (acep. 1) *branca*, *cachaça*, *caiana*, *cana*, *caninha*, *cotreia*, *espírito*, *golo*, *jeribita*, *malunga*, *mata-bicho*, *parati*, *sizoca*; (acep. 2) *codório*, *gole*, *mata-bicho*, *matar o bicho*, *refresco, sequente*, *trago*, *trompário*.

papel bananeira, *s.m.* – papel pautado de escrita. ▪ REGISTRO: *papel bananeira* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 238-240; 1728, v. 2, p. 112), Silva (1789, v. 2, p. 154-155), Ferreira (1999, p. 1490) e Houaiss e Villar (2009, p. 1426). ▪ FORMAÇÃO: vocábulo composto de substantivo + substantivo; a denominação provavelmente se deve ao fato de o papel ter sido produzido com fibra de bananeira ou se assemelhar a ele (AA.).

parati, *s.m.* – restilo (aguardente). ▪ REGISTRO: *paraty* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021, mas há homônimo), Bluteau (1720, v. 6, p. 262, mas há homônimo; 1728, v. 2, p. 114) e Silva (1789, v. 2, p. 158, mas há homônimo), mas presente em Ferreira (1999, p. 1499) e Houaiss e Villar (2009, p. 1433). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: top. *Parati*, cidade fluminense em que a cachaça homônima era originalmente produzida (H.V.); 1ª atestação em 1890

(H.V.). ▪ NOTA: acepção de "aguardente" como brasileirismo (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *branca*, *cachaça*, *caiana*, *cana*, *caninha*, *cotreia*, *espírito*, *golo*, *jeribita*, *malunga*, *mata-bicho*, *panete*, *sizoca*.

parideira, *s.f./adj.* – fecunda (na expressão *muié paridêira*). ▪ REGISTRO: *muié paridêira* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1720, v. 6, p. 273), Silva (1789, v. 2, p. 160), Ferreira (1999, p. 1502) e Houaiss e Villar (2009, p. 1436). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: *parir* + *-deira* (F./H.V.); 1ª atestação em 1720 (H.V.).

passoca → paçoca.

pata, *s.f.* – pé grande. ▪ REGISTRO: *pata* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 312), Silva (1789, v. 2, p. 169), Ferreira (1999, p. 1511) e Houaiss e Villar (2009, p. 1444). A acepção referida por Senna está presente nestas últimas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: mesma orig. inc. do esp. *pata*, que é provavelmente de orig. onomatopaica (F.) e orig. obsc., provavelmente onomatopeia do ruído feito pelos membros do animal em marcha (H.V.); 1ª atestação em *ca*. 1537-1583 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "pé grande" como chula (S./F.) e pejorativa (H.V.). ▪ Cf. tb. *lancha*.

patacoada, *s.f.* – mentira; exagero; narrativa, caso exagerado. ▪ REGISTROS: *patacuáda* [R4, C2, C3] ~ *patacuàda* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Bluteau (1720, v. 6, p. 313; 1728, v. 2, p. 118), mas presente em Silva (1789, v. 2, p. 169), Ferreira (1999, p. 1512) e Houaiss e Villar (2009, p. 1444). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *pataco* + *-oada* (F.) e *pataco* + *-ada* (H.V.); 1ª atestação em 1836 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "mentira" como brasileirismo (F./H.V.).

patacudo, *adj.* – endinheirado, rico. ▪ REGISTROS: *patacúdo* [R5, R8, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 313; 1728, v. 2, p. 118) e Silva (1789, v. 2, p. 169), mas presente em Ferreira (1999, p. 1512) e Houaiss e Villar (2009, p. 1444). A acepção referida por Senna está presente nestas

duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *pataca* + *-udo* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ Cf. tb. *apatacado*, *casacudo*, *cobrudo*, *ourudo*.

patureba, *s.d.g./adj.* – avalentoado, valentão. ▪ REGISTRO: *paturéba* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 324; 1728, v. 2, p. 119) e Silva (1789, v. 2, p. 171), mas presente em Ferreira (1999, p. 1516) e Houaiss e Villar (2009, p. 1448). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. indígena (F.) e orig. tupi (H.V.); 1ª atestação em 1877 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

pau → bate-pau.

pelega, *s.f.* – nota (moeda papel). ▪ REGISTRO: *pelêga* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 337; 1728, v. 2, p. 123) e Silva (1789, v. 2, p. 179), mas presente em Ferreira (1999, p. 1532) e Houaiss e Villar (2009, p. 1462). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *pelego* + *-a* (H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo gírio (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *borboleta*, *pintadinha; bago*, *chelpa*, *cheta*, *larjan*, *tacho*.

pelintra, *s.d.g./adj.* – bem-vestido, trajado com luxo ou apuro. ▪ REGISTRO: *pelintra* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 380; 1728, v. 2, p. 124) e Silva (1789, v. 2, p. 179), mas presente em Ferreira (1999, p. 1532) e Houaiss e Villar (2009, p. 1463). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras, mas com matiz pejorativo (cf. F., "que ou quem é afetado de maneiras, ou muito requintado no trajar"; e H.V., "que ou o que é presunçoso nos modos e no vestir"). ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (H.V.); 1ª atestação em 1858 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "bem-vestido" como brasileirismo (F.). ▪ Cf. tb. *lorde*, *sécio*.

pequena, *s.f.* – namorada. ▪ REGISTRO: *pequena* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 405; 1728, v. 2, p. 126) e Silva (1789, v. 2, p. 185),

mas presente em Ferreira (1999, p. 1539) e Houaiss e Villar (2009, p. 1469). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *pequeno* + *-a* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XX (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "namorada" como brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *menina*.

pescotapa, *s.m.* – bofetada. ▪ REGISTRO: *pescotapa* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 462; 1728, v. 2, p. 130) e Silva (1789, v. 2, p. 195), mas presente em Ferreira (1999, p. 1556) e Houaiss e Villar (2009, p. 1482). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: aglutinação de *pescoço* + *tapa* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo gírio (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *bolacha*, *moafa*, *tapa*.

pica-fumo, *s.m.* – lavrador de poucos haveres e pequena cultura; lavrador pobre. ▪ REGISTROS: *pica-fumo* [R3, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 494; 1728, v. 2, p. 136) e Silva (1789, v. 2, p. 200), mas presente em Ferreira (1999, p. 1561) e Houaiss e Villar (2009, p. 1487). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ FORMAÇÃO: vocábulo composto de verbo (3ª pessoa do singular do presente do indicativo de *picar*) + substantivo; sem data de 1ª atestação (H.V.).

picó, *s.m.* – corte de tesoura, talho pequeno. ▪ REGISTROS: *picó* [R4, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 498-500; 1728, v. 2, p. 137), Silva (1789, v. 2, p. 201), Ferreira (1999, p. 1563) e Houaiss e Villar (2009, p. 1488). ▪ ETIMOLOGIA: possivelmente derivado de *picote* (< *pico* + *-ote*) com apócope de *-te* (AA.).

pidão, *s.m./adj.* – indivíduo que tudo pede e quer ganhar, pedinte, amolador, parasita. ▪ REGISTROS: *pidão* [R6, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 500; 1728, v. 2, p. 137) e Silva (1789, v. 2, p. 201), mas presente em Ferreira (1999, p. 1563) e Houaiss e Villar (2009, p. 1489). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *pedir* sob a f. rad. *ped-* alter. em *pid-* + *-ão* (H.V.); sem

data de 1ª atestação (H.V.) ▪ NOTA: brasileirismo (F.). ▪ Cf. tb. *godero*, *filante*.

pindaíba, *s.f.* – falta (de dinheiro). ▪ REGISTRO: *pindahyba* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 512; 1728, v. 2, p. 138) e Silva (1789, v. 2, p. 203), mas presente em Ferreira (1999, p. 1567) e Houaiss e Villar (2009, p. 1492). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. tupi (F.) e tupi *pinda'ïwa* ("planta da família das anonáceas"), de *pi'nda* ("anzol") + *'ïwa* ("haste, vara") (H.V.); 1ª atestação em 1587 (H.V.) ▪ NOTA: acepção de "falta de dinheiro" como brasileirismo gírio (F.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *disgra*, *embira*, *quebradeira*.

pinguela, *s.f.* – ponte feita com um pranchão. ▪ REGISTRO: *pinguéla* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Bluteau (1720, v. 6, p. 513, mas há *pinguelo*; 1728, v. 2, p. 139), mas presente em Biderman e Murakawa (2021), Silva (1789, v. 2, p. 203), Ferreira (1999, p. 1568) e Houaiss e Villar (2009, p. 1493). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: possivelmente de *pingar* (F.) e orig. duv. (H.V.); 1ª atestação em *ca*. 1543 (H.V.).

pintadinha, *s.f.* – nota (moeda papel). ▪ REGISTRO: *pintadinha* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 516; 1728, v. 2, p. 139), Silva (1789, v. 2, p. 204), Ferreira (1999, p. 1569) e Houaiss e Villar (2009, p. 1494). ▪ ETIMOLOGIA: *pintadinho* + *-a* (AA.). ▪ Cf. tb. *pelega*, *pelega; bago*, *chelpa*, *cheta*, *larjan*, *tacho*.

pipi, *s.m.* – excremento. ▪ REGISTRO: *pipi* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 522, mas há homônimo) e Silva (1789, v. 2, p. 204, mas há homônimo), mas presente em Ferreira (1999, p. 1572) e Houaiss e Villar (2009, p. 1496). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras (na acepção de "urina"). ▪ ETIMOLOGIA: fr. *pipi* derivado de reduplicação da primeira sílaba do fr. *pisser* ("urinar") (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.) ▪ NOTA: informal (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *bumbu*, *enxurrio*, *monte*, *rosca*, *tica*, *troço*.

pipoca → torrar pipocas.

piraí, *s.m.* – chicote de relho. ▪ REGISTRO: *pirahy* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 526; 1728, v. 2, p. 139) e Silva (1789, v. 2, p. 205), mas presente em Ferreira (1999, p. 1573) e Houaiss e Villar (2009, p. 1498). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. tupi (F.) e tupi **pira'i* (H.V.); 1ª atestação em 1875 (H.V.).

pirão, *s.m.* – escaldado (de farinha e peixe). ▪ REGISTRO: *pirão* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 527; 1728, v. 2, p. 140) e Silva (1789, v. 2, p. 205), mas presente em Ferreira (1999, p. 1574) e Houaiss e Villar (2009, p. 1499). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. tupi (F.) e orig. contr. (H.V.); 1ª atestação em 1836 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "escaldado" como brasileirismo e angolismo (F./H.V.).

pito, *s.m.* – cachimbo. ▪ REGISTRO: *pito* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 538; 1728, v. 2, p. 141) e Silva (1789, v. 2, p. 207), mas presente em Ferreira (1999, p. 1579) e Houaiss e Villar (2009, p. 1503). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: derivado de *pitar* (F.) e orig. contr. (H.V.); 1ª atestação com a acepção de "cachimbo" em 1661 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "cachimbo" como brasileirismo (F./H.V.).

ponche[1], *s.m.* – bebida refrigerante. ▪ REGISTROS: *ponche* [R6, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Bluteau (1720, v. 6, p. 593; 1728, v. 2, p. 146), mas presente em Silva (1789, v. 2, p. 215), Ferreira (1999, p. 1602) e Houaiss e Villar (2009, p. 1521). A acepção referida por Senna está presente nestas três obras. ▪ ETIMOLOGIA: ing. *punch* do hind. *pāc* ("cinco") (< sânscr. *pañca*) (F.) e ing. *punch* ("espécie de bebida") do hind. *pānch* ("cinco") (< sânscr. *pañca*) (H.V.); 1ª atestação em *ca*. 1750-1799 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "bebida refrigerante" como brasileirismo (F./H.V.).

ponche[2], *s.m.* – capote pesado, de pano. ▪ REGISTROS: *ponche* [R6, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa

(2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 593; 1728, v. 2, p. 146) e Silva (1789, v. 2, p. 215, mas há homônimo), mas presente em Ferreira (1999, p. 1602) e Houaiss e Villar (2009, p. 1521). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: arac. *pontho* ou esp. *poncho* ("descorado") pelo esp. plat. *poncho* (F.) e esp. *poncho* (H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo de uso em São Paulo (F./H.V.).

por amor de, *loc. prep.* – a fim de que. ▪ REGISTRO: *p'ra móde* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Bluteau (1716, v. 1, p. 345-348; 1727, v. 1, p. 41-42)[51], mas presente em Silva (1789, v. 1, p. 76-77), Ferreira (1999, p. 124) e Houaiss e Villar (2009, p. 119). A acepção referida por Senna está ausente destas três obras, que apresentam sempre acepção causal. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de preposição + substantivo + preposição. É consensual vincular-se a redução *p'ra móde* à expressão *por amor de* com valor causal (AMARAL, 1920, p. 67 [*pramór de*, *mór de*, *mó de*]; NASCENTES, 1922, p. 58 [*prumode*]; MARROQUIM, 1934, p. 95 [*pru móde*, *móde*, *môde*]; TEIXEIRA, 1938, p. 29 [*prumódi*]; TEIXEIRA, 1944, p. 112 [*pramóde, prá modi, modi*]), apesar de a grafia adotada por Senna parecer apontar para sua interpretação como *para modo de*. ▪ NOTA: informal (H.V.).

por amor de que, *loc. conj.* – a modo que, por causa de. ▪ REGISTROS: *pra móde que* [R4, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 1, p. 345-348; 1727, v. 1, p. 41-42, Silva (1789, v. 1, p. 76-77), Ferreira (1999, p. 124) e Houaiss e Villar (2009, p. 119) ▪ FORMAÇÃO: locução composta de preposição + substantivo + preposição + conjunção; cf. comentário no verbete precedente. ▪ NOTA: Os dicionários registram a locução prepositiva, mas não a conjuntiva.

por riba, *loc. adv.* – por cima. ▪ REGISTRO: *p'ru riba* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021),

[51] Embora Bluteau não registre esta locução no verbete de *amor*, ele próprio emprega a locução na sua obra: cf. "Agoar a praça, o corro, como se faz em dias de Touros *por amor d*o pò" (BLUTEAU, 1712, v. 1, p. 177; itálicos nossos).

Bluteau (1720, v. 6, p. 610-615; 1720, v. 7, p. 327-328; 1728, v. 2, p. 147 e 181-182) [52], Silva (1789, v. 2, p. 219 e 347), Ferreira (1999, p. 1767, mas há *pra riba de*) e Houaiss e Villar (2009, p. 1666, mas há *pra riba de*). ▪ FORMAÇÃO: locução composta de preposição + substantivo.

por via de, *loc. prep.* – por causa de. ▪ REGISTROS: *p'rú via de* [R4] ~ *p'ru via* [R8] ~ *p'rù via de* [C3]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Bluteau (1720, v. 6, p. 610-615; 1721, v. 8, p. 465-467; 1728, v. 2, p. 147 e 295-296)[53] e Silva (1789, v. 2, p. 219 e 523), mas presente em Biderman e Murakawa (2021), Ferreira (1999, p. 1659) e Houaiss e Villar (2009, p. 1570). A acepção referida por Senna está presente nestas três obras. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de preposição + substantivo + preposição.

porre, *s.m.* – embriaguez ou bebedeira (na expressão *estar no porre*). ▪ REGISTROS: *porre* [R4] ~ *pórre* [C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 624; 1728, v. 2, p. 147) e Silva (1789, v. 2, p. 220), mas presente em Ferreira (1999, p. 1611) e Houaiss e Villar (2009, p. 1527). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: derivação regressiva de *porrão* ("pote de barro") (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XX (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *água*, *azougue*, *camueca*, *cana*, *chuva*, *cotreia*, *enchente*, *gata*, *erva*, *mona*.

potocas → contar potocas.

pra mode → por amor de.

pra mode que → por amor de que.

---

[52] Embora Bluteau não registre esta locução no verbete de *riba*, ele próprio emprega a locução prepositiva correlata na sua obra: "Quando se passa a mão *por riba d*o cavallo, dirsehâ, *Equum blandè attrectare*, ou *blandâ manuum tractatione equum demulcere*, ou *Equo palpari* (...)" (BLUTEAU, 1712, v. 1, p. 145; itálicos nossos na locução em português).

[53] Embora Bluteau não registre esta locução no verbete de *via*, ele próprio emprega a locução na sua obra: "Dizem que neste Reyno de Achem foy inventada a polvora; e que *por via d*o commercio passara este terrivel invento à China" (BLUTEAU, 1727, v. 1, p. 91; itálicos nossos).

pregador de sermonia, *loc. s.* – indivíduo que dá conselhos, é prudente. ▪ REGISTROS: *pregador de sermonia* [R5, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 6, p. 691-692; 1720, v. 7, p. 605; 1728, v. 2, p. 153 e 207), Silva (1789, v. 2, p. 233 e 395), Ferreira (1999, p. 1627) e Houaiss e Villar (2009, p. 1541). ▪ FORMAÇÃO: locução composta de substantivo + preposição + substantivo; *pregador* formado por derivação de *pregar* (< *pregar* + *-dor*) e *sermonia* formado por derivação de *sermão* (< *sermão* + *-ia*) (AA.).

pregar ladainha, *loc. v.* – dar conselhos, ser prudente. ▪ REGISTROS: *pregar ladainha* [R5, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1716, v. 5, p. 15-16; 1720, v. 6, p. 692; 1727, v. 1, p. 544; 1728, v. 2, p. 153), Silva (1789, v. 2, p. 3 e 234), Ferreira (1999, p. 1177 e 1627) e Houaiss e Villar (2009, p. 1148 e 1541). ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + substantivo.

preguiça → quieto que nem preguiça.

pru riba → por riba.

pru via de → por via de.

— Q —

quebradeira, *s.f.* – falta (de dinheiro). ▪ REGISTRO: *quebradeira* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1720, v. 7, p. 33), Silva (1789, v. 2, p. 272), Ferreira (1999, p. 1679) e Houaiss e Villar (2009, p. 1588). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *quebrar* + *-deira* (F./H.V.); 1ª atestação em 1696 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "falta de dinheiro" como brasileirismo popular (F.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *disgra*, *embira*. *pindaíba*.

quebrar, *v.* – dançar com lascívia. ▪ REGISTROS: *quebrar* [R6, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 39-41), Silva (1789, v. 2, p. 273-274), Ferreira (1999, p. 1679-1680) e Houaiss e Villar (2009, p. 1588-1589). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras, mas esta acepção

é compatível com a de *requebrar* presente em quatro destas obras (BLUTEAU, 1720, v. 7, p. 271; SILVA, 1789, v. 2, p. 328; FERREIRA, 1999, p. 1749; HOUAISS E VILLAR, 2009, p. 1649). ▪ ETIMOLOGIA: lat. *crepāre* (F./H.V.); 1ª atestação em 1015 (H.V.).

quieto que nem preguiça, *loc. adj.* – [?]. ▪ REGISTROS: *quiéto-qui-nem-priguiça* (animal) [R6, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 57-58; 1720, v. 6, p. 693-694; 1728, v. 2, p. 166 e 153), Silva (1789, v. 2, p. 276 e 234), Ferreira (1999, p. 1685 e 1627) e Houaiss e Villar (2009, p. 1593 e 1541). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas seu significado é inferível pela comparação com o animal, no sentido de "silencioso, discreto". ▪ FORMAÇÃO: locução composta de adjetivo + conjunção + conjunção + substantivo.

quitanda, *s.f.* – conjunto de bagagens ou móveis em desordem. ▪ REGISTRO: *quitanda* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 71; 1728, v. 2, p. 167) e Silva (1789, v. 2, p. 278), mas presente em Ferreira (1999, p. 1691) e Houaiss e Villar (2009, p. 1598). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras, mas há acepção próxima na última obra (cf. H.V., "grande quantidade de pequenos objetos, de quinquilharias"). ▪ ETIMOLOGIA: quimb. *kitanda* ("feira", "venda") (F.) e quimb. *kitanda* ("feira") < *kitânda* ("estrado de bordão entrelaçado que servia de colchão") (H.V.); 1ª atestação em 1681 (H.V.).

— R —

rapador, *s.m.* – pasto ruim e estragado. ▪ REGISTROS: *rapadô* [R5] ~ *rapadôr* [C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 105-106; 1728, v. 2, p. 170) e Silva (1789, v. 2, p. 284), mas presente em Ferreira (1999, p. 1705) e Houaiss e Villar (2009, p. 1610). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: alter. de *rapadouro* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.) e regionalismo de uso no Rio Grande do Sul (H.V.). Cf. tb. *carrasco*.

rascada, *s.f.* – [?]. ▪ REGISTRO: *rascada* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 113; 1728, v. 2, p. 170) e Silva (1789, v. 2, p. 171), mas presente em Ferreira (1999, p. 1707) e Houaiss e Villar (2009, p. 1612). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas estas duas obras apresentam duas acepções iguais (cf. F./H.V., "rasca" e "enrascada"). ▪ ETIMOLOGIA: *rascar* + *-ada* (F.) e feminino substantivado de *rascado* (part. de *rascar*) (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "enrascada" como brasileirismo informal (H.V.).

refresco, *s.m.* – ato de beber aguardente, restilo ou cachaça. ▪ REGISTRO: *refrêsco* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 190), Silva (1789, v. 2, p. 308), Ferreira (1999, p. 1729) e Houaiss e Villar (2009, p. 1633). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras, que apresentam acepção genérica sem associação específica com bebida alcoólica. ▪ ETIMOLOGIA: *re-* + *fresco* (F.) e regressivo de *refrescar* (H.V.); 1ª atestação no séc. XV (H.V.). ▪ Cf. tb. *codório*, *gole*, *mata-bicho*, *matar o bicho*, *panete*, *sequente*, *trago*, *trompário*.

regojijo → regozijo.

regozijo, *s.m.* – alegria, satisfação. ▪ REGISTRO: *regojíjo* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1720, v. 7, p. 204), Silva (1789, v. 2, p. 312), Ferreira (1999, p. 1732) e Houaiss e Villar (2009, p. 1635). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: esp. *regocijo* (F./H.V.); 1ª atestação em *ca*. 1537-1583 (H.V.).

reiúno, *s.m.* – [?]. ▪ REGISTRO: *reùno* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 214 e R/317; 1728, v. 2, p. 176 e 181) e Silva (1789, v. 2, p. 314 e 345), mas presente em Ferreira (1999, p. 1735) e Houaiss e Villar (2009, p. 1662). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas estas duas obras apresentam acepções correlatas (cf. F., "O gado pertencente ao Estado ou que não tem dono"; e H.V., "animal pertencente ao Estado" e "animal sem dono ou de dono desconhecido"). ▪ ETIMOLOGIA: esp. plat. *reyuno* (F.) e esp. *reyuno* ("moeda com o selo do rei de Espanha; cavalo que pertence ao rei ou

ao Estado; mostrengo; botas de soldados") (H.V.); 1ª atestação em 1881 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "gado do Estado ou sem dono" como brasileirismo (F.) e regionalismo de uso no sul do Brasil (H.V.).

relaxado, *adj.* – relambório, descuidado no vestir, malvestido, pouco decente de trajes. ▪ REGISTRO: *relaxado* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 217-218), Silva (1789, v. 2, p. 315), Ferreira (1999, p. 1736) e Houaiss e Villar (2009, p. 1639). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *relaxar* (F.) e lat. *relaxatu-* ("repousado, descansado") (H.V.); 1ª atestação no séc. XV (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "relambório" como brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *alambazado*, *labatu*.

repente, *s.m.* – raiva momentânea, cólera passageira. ▪ REGISTRO: *repente* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1720, v. 7, p. 256-257), Silva (1789, v. 2, p. 324), Ferreira (1999, p. 1744) e Houaiss e Villar (2009, p. 1646). A acepção referida por Senna está ausente destas quatro obras, que apresentam acepção genérica sem associação específica com raiva (cf. F., "dito ou ato repentino"; e H.V., "ação repentina"). ▪ ETIMOLOGIA: lat. *repēnte* (F./H.V.); 1ª atestação em *ca*. 1590 (H.V.).

reúno → reiúno.

revoada, *s.f.* – pândega. ▪ REGISTROS: *revoada* [C1, R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1720, v. 7, p. 317), Silva (1789, v. 2, p. 345), Ferreira (1999, p. 1765) e Houaiss e Villar (2009, p. 1665). A acepção referida por Senna está ausente destas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: *revoar* + *-ada* (F.) e feminino substantivado de *revoado* (part. de *revoar*) (H.V.); 1ª atestação em 1616 (H.V.). ▪ Cf. tb. *catereté*, *charola*, *cinismo*.

rodar nos joanetes, *loc. v.* – fugir do perigo ou de um barulho. ▪ REGISTROS: *rodou nos joanêtes* [R5] ~ *rodou nos joanetes* [C3]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 356-357; 1713, v. 4, p. J/188; 1728, v. 2, p. 184; 1727, v. 1, p. 524), Silva (1789, v. 2, p. 352. e v. 1, p. 743), Ferreira (1999, p. 1776 e 1161) e Houaiss e Villar (2009, p. 1674 e 1133). ▪ FORMAÇÃO:

locução composta de verbo + preposição + artigo definido + substantivo. ▪ Cf. tb. *abrir o chambre*, *campar*, *dar às de Vila*, *meter o arco*.

roer → duro de roer.

rolo, *s.m.* – tumulto na rua. ▪ REGISTRO: *rôlo* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 363-364), Silva (1789, v. 2, p. 354-355), Ferreira (1999, p. 1779) e Houaiss e Villar (2009, p. 1676). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *rotŭlu-* ("cilindro") (F./H.V.); 1ª atestação em 1364 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "tumulto" como brasileirismo popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *banzé de cuia*, *esparrame*, *latomia*, *matinada*, *sinagoga*, *tendepá*, *turumbamba*.

rosca, *s.f.* – excremento. ▪ REGISTRO: *rôsca* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1720, v. 7, p. 379), Silva (1789, v. 2, p. 357), Ferreira (1999, p. 1783) e Houaiss e Villar (2009, p. 1680). A acepção referida por Senna está ausente destas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (F.) e orig. inc., talvez pré-romana (H.V.); 1ª atestação em 1664 (H.V.). ▪ Cf. tb. *bumbu*, *enxurrio*, *monte*, *pipi*, *tica*, *troço*.

— S —

sacrafúgio, *s.m.* – sacrilégio. ▪ REGISTRO: *sacrafúgio* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 421; 1728, v. 2, p. 188), Silva (1789, v. 2, p. 364), Ferreira (1999, p. 1796) e Houaiss e Villar (2009, p. 1692). ▪ ETIMOLOGIA: possivelmente cruzamento de *sacrilégio* e *subterfúgio* (ou a var. *sutrifúgio*) em função da semelhança fônica inicial e final, com assimilação do *i* em *a* (AA.).

sacudido, *adj.* – 1. viçoso, bem-disposto, forte, robusto; 2. avalentoado, valentão, destemido. ▪ REGISTROS: *sacudido* [R7 (2×)]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 425; 1728, v. 2, p. 189) e Silva (1789, v. 2, p. 365), mas presente em Ferreira (1999, p. 1796) e Houaiss e Villar (2009, p. 1692). As duas acepções referidas por Senna estão presentes nestas

duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *sacudir* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ NOTA: ambas as acepções como brasileirismo (F.) e a acepção 1 como brasileirismo e a acepção 2 como regionalismo de uso no sul do Brasil (H.V.). ▪ Cf. tb. (acep. 2) *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *tebas*, *teso*, *topador*, *turuna*.

saladeira, *s.f.* – gamela. ▪ REGISTRO: *saladeira* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 442; 1728, v. 2, p. 197) e Silva (1789, v. 2, p. 368), mas presente em Ferreira (1999, p. 1800) e Houaiss e Villar (2009, p. 1696). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *salada* + *-eira* (F./H.V.); 1ª atestação em 1858 (H.V.). ▪ Cf. tb. *bateia*, *canoa*, *carumbé*.

sarabadejo, *s.m.* – brinquedo de bonecos. ▪ REGISTRO: *sarabadéjo* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 494; 1728, v. 2, p. 190), Silva (1789, v. 2, p. 377), Ferreira (1999, p. 1817) e Houaiss e Villar (2009, p. 1711). ▪ ETIMOLOGIA: possivelmente *sarabanda* (tipo de dança) + *-ejo* (sufixo de diminutivo), com desnasalização (AA.).

sécio, *adj.* – bem-vestido, trajado com luxo ou apuro, lampeiro, bonito, elegante. ▪ REGISTROS: *cécio* [R6, C2, R7, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 2, p. C/224; 1720, v. 7, p. 535; 1727, v. 1, p. 212; 1728, v. 2, p. 190) e Silva (1789, v.1, p. 251, e v. 2, p. 382), mas presente em Ferreira (1999, p. 1826) e Houaiss e Villar (2009, p. 1719). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras, mas há acepção próxima pejorativa (cf. F., "que ou aquele que se veste com afetação"; e H.V., "que ou quem se mostra afetado no vestir"). ▪ ETIMOLOGIA: orig. inc. (F.) e orig. obsc. (H.V.); 1ª atestação em 1817-1819 (H.V.). ▪ Cf. tb. *lorde*, *pelintra*.

sequente, *s.m.* – ato de beber aguardente, restilo ou cachaça. ▪ REGISTRO: *sequênte* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 598; 1728, v. 2, p. 206) e Silva (1789, v. 2, p. 393), mas presente em Ferreira (1999, p.

1840) e Houaiss e Villar (2009, p. 1732). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *sequente-* (F./H.V.); 1ª atestação em 1659 (H.V.). ▪ Cf. tb. *gole*, *mata-bicho*, *matar o bicho*, *panete*, *refresco*, *trago*, *trompário*.

serra → subir à serra.

sestroso, *adj.* – dengoso, cheio de dengos e cacoetes. ▪ REGISTROS: *sestrôso* [R6, R8, C3] ~ *séstrôso* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1720, v. 7, p. 622 [*sestruoso*]), Silva (1789, v. 2, p. 398), Ferreira (1999, p. 1847) e Houaiss e Villar (2009, p. 1738). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: *sestro* + *-oso* (F./H.V.); 1ª atestação em 1720 (H.V.).

sinagoga, *s.f.* – 1. barulho, barulhada infernal, rolo; 2. cabeça (na locução *alto da sinagoga*). ▪ REGISTROS: *synagoga* [C1] ~ *synagóga* [R4, C2, R7, C3], *alto da synagóga* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 817), Silva (1789, v. 2, p. 746), Ferreira (1999, p. 1858) e Houaiss e Villar (2009, p. 1747). As duas acepções referidas por Senna estão presentes nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: lat. ecl. *synagōga* < gr. *sunagōgḗ* (H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.). ▪ NOTA: acepção 1 como brasileirismo popular e acepção 2 como brasileirismo gírio (F.) e ambas como brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. (acep. 1) *banzé de cuia*, *esparrame*, *latomia*, *matinada*, *rolo*, *tendepá*, *turumbamba*.

sirtudia → isturdia.

sizoca, *s.f.* – restilo (aguardente). ▪ REGISTRO: *sizóca* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 666; 1728, v. 2, p. 214), Silva (1789, v. 2, p. 404), Ferreira (1999, p. 1868) e Houaiss e Villar (2009, p. 1755). ▪ Cf. tb. *branca*, *cachaça*, *caiana*, *cana*, *caninha*, *cotreia*, *espírito*, *golo*, *jeribita*, *malunga*, *mata-bicho*, *panete*, *parati*.

sopa → tomar sopa.

subir à serra, *loc. v.* – desapontar-se. ▪ REGISTRO: *subir á serra* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 759-760 e p. S/442; 1728, v. 2, p. 230 e 208) e Silva (1789, v. 2, p. 424 e 395-396), mas presente em Ferreira

(1999, p. 1844) e Houaiss e Villar (2009, p. 1735). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras, mas há acepção próxima (cf. F./H.V., "irritar-se"). ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + preposição + artigo definido + substantivo. ▪ NOTA: brasileirismo familiar (F.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *subir nos tamancos*, *trepar nos tamancos*.

subir nos tamancos, *loc. v.* – irritar-se, desapontar-se. ▪ REGISTROS: *subir-nos-tamancos* [R6, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 759-760; 1721, v. 8, p. 31; 1728, v. 2, p. 230 e 237), Silva (1789, v. 2, p. 424 e 442) e Ferreira (1999, p. 1920, mas há *subir nas tamancas*), mas presente em Houaiss e Villar (2009, p. 1807). A acepção referida por Senna está presente nesta obra. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + preposição + artigo definido + substantivo. ▪ NOTA: *subir nas tamancas* como brasileirismo gírio (F.) e *subir nos tamancos* como informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *subir à serra*, *trepar nos tamancos*.

súcia, *s.f.* – [?]. ▪ REGISTRO: *sucia* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 771; 1728, v. 2, p. 231) e Silva (1789, v. 2, p. 428), mas presente em Ferreira (1999, p. 1898) e Houaiss e Villar (2009, p. 1784). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas Ferreira apresenta uma ("agrupamento de pessoas de má índole e/ou mal-afamadas") e Houaiss e Villar apresenta três ("assembleia, sociedade, convívio familiar", "reunião de indivíduos de má índole, ou de má fama" e "festa familiar, pagode"). ▪ ETIMOLOGIA: derivação regressiva de *suciadade*, pronúncia inculta de *sociedade* (F.) e regressivo de *sociedade* (pronunciado à lusitana *suciedade*), de caráter burlesco (H.V.); 1ª atestação em *ca.* 1805 (H.V.). ▪ NOTA: as suas duas primeiras acepções deste vocábulo como obsoletas e a terceira como brasileirismo informal (H.V.).

suntar → assuntar.

supimpa, *adj.* – bom, excelente, magnífico. ▪ REGISTROS: *supimpa* [R5, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 791; 1728, v. 2, p. 232) e Silva (1789, v. 2, p. 432), mas presente em Ferreira (1999, p. 1906) e Houaiss

e Villar (2009, p. 1792). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. duv. (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo familiar (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *surunga*.

surripiar, *v.* – furtar. ▪ REGISTRO: *surripiar* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1728, v. 2, p. 232), Silva (1789, v. 2, p. 434), Ferreira (1999, p. 1908) e Houaiss e Villar (2009, p. 1795). A acepção referida por Senna está presente nestas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: adaptado do lat. *surrupere* ("furtar") (F.) e lat. *surripio* ou *subripio* ("tomar, tirar às escondidas, subtrair, furtar") (H.V.); 1ª atestação em *ca.*1697 (H.V.). ▪ NOTA: chulo (B./S.), popular (F.) e informal (H.V.).

suruca, *s.f.* – galinha (sem rabo). ▪ REGISTRO: *surúca* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 799; 1728, v. 2, p. 232), Silva (1789, v. 2, p. 434) e Ferreira (1999, p. 1908, mas há *sura* com a acepção em questão), mas presente em Houaiss e Villar (2009, p. 1795, e há também *sura* com a acepção em questão). A acepção referida por Senna está ausente desta obra para a forma *suruca*. ▪ ETIMOLOGIA: *sura* + *-uca* (AA.), sendo *sura* feminino de *suro* de orig. obsc. (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo informal (H.V.).

surunga, *adj.* – coisa boa; bom, excelente, magnífico. ▪ REGISTROS: *surunga* [C1, C3] ~ *surúnga* [C2] ~ *surùnga* [R5, R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1720, v. 7, p. 799; 1728, v. 2, p. 232), Silva (1789, v. 2, p. 434), Ferreira (1999, p. 1909, mas há *surunganga* com a acepção de "valente") e Houaiss e Villar (2009, p. 1796, mas há *surunganga* com as acepções de "valente" e "bonito"). ▪ ETIMOLOGIA: possivelmente redução de *surunganga* (AA.), sendo esta de orig. contr. (H.V.). ▪ Cf. tb. *supimpa*.

— T —

tabaréu, *s.m.* – homem simples e despretensioso. ▪ REGISTRO: *tabaréo* [R6]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e

Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1721, v. 8, p. 5 [*tabarêo*]), Silva (1789, v. 2, p. 438), Ferreira (1999, p. 1913) e Houaiss e Villar (2009, p. 1799). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras, como uma das acepções de *caipira*. ▪ ETIMOLOGIA: tupi *taba're* ("propenso à aldeia") (F./H.V.); 1ª atestação em 1711 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "homem simples e despretensioso" como brasileirismo (F./H.V.).

tabefe, *s.m.* – pescoção. ▪ REGISTRO: *tabéfe* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1721, v. 8, p. 6), Silva (1789, v. 2, p. 438), Ferreira (1999, p. 1913) e Houaiss e Villar (2009, p. 1799). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: ár. *ṭabīh* ("cozido") (F./H.V.); 1ª atestação em *ca.*1690 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "pescoção" como popular (F.) e informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *cachação*, *casmurro*, *coscorrão*.

tacho, *s.m.* – dinheiro (cédula ou moeda). ▪ REGISTROS: *tacho* [C1, R3, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 14), Silva (1789, v. 2, p. 439), Ferreira (1999, p. 1915) e Houaiss e Villar (2009, p. 1802). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (H.V.); 1ª atestação em 1574-1590 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "dinheiro" como gíria (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *bagarote*, *bago*, *chelpa*, *cheta*, *cisco*, *cobre*, *larjan*, *milho; borboleta*, *pelega*, *pintadinha*.

tamancos → trepar nos tamancos, **subir nos tamancos**.

tapa, *s.m.* – bofetada. ▪ REGISTRO: *tapa* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1721, v. 8, p. 44), Silva (1789, v. 2, p. 444), Ferreira (1999, p. 1924) e Houaiss e Villar (2009, p. 1811). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: redução de *tapa-boca* (F./H.V.); 1ª atestação em *ca.*1836 (H.V.). ▪ Cf. tb. *bolacha*, *moafa*, *pescotapa*.

tareco, *s.m.* – 1. caminho ruim; 2. quitanda ou sequilho conhecido de polvilho e açúcar. ▪ REGISTROS: *taréco* [R5, C2] ~ *tareco* [C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa

(2021), mas presente em Bluteau (1728, v. 2, p. 239 [*tarecos*]) Silva (1789, v. 2, p. 445 [*tarecos*]), Ferreira (1999, p. 1928) e Houaiss e Villar (2009, p. 1815). As duas acepções referidas por Senna estão presentes nestas duas últimas obras, mas com diferença de ingredientes (cf. F., "biscoitinho arredondado feito de massa de pão-de-ló"; e H.V.; "biscoito torrado, espécie de pão de ló fatiado"). ▪ ETIMOLOGIA: ár. *tarayk* ("coisas de pouco valor") (F./H.V.); 1ª atestação em 1789 (H.V.). ▪ NOTA: acepção 1 como brasileirismo de uso em Minas Gerais e acepção 2 como brasileirismo de uso em Pernambuco e em Alagoas (F./H.V.).

tarugo, *s.m.* – animal forte. ▪ REGISTROS: *tarúgo* [R5, C2, R8] ~ *tarugo* [C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1721, v. 8, p. 57), Silva (1789, v. 2, p. 446), Ferreira (1999, p. 1930) e Houaiss e Villar (2009, p. 1816). A acepção referida por Senna está ausente destas quatro obras, mas há acepção próxima nas duas últimas (cf. F., "homem baixo e atarracado"; e H.V., "indivíduo baixo e forte"). ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (F.) e orig. inc. (H.V.); 1ª atestação em 1721 (H.V.).

tebas, *s.m.* – homem valente. ▪ REGISTROS: *tébas* [R4, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 63; 1728, v. 2, p. 244) e Silva (1789, v. 2, p. 447), mas presente em Ferreira (1999, p. 1934) e Houaiss e Villar (2009, p. 1820). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: antrop. *Tebas* (séc. XVIII), arquiteto improvisado da antiga Sé de São Paulo (F.) e orig. quimb. (H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "homem valente" como brasileirismo gírio de uso no sul do Brasil (F.) e brasileirismo informal de uso no sul do Brasil (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *teso*, *topador*, *turuna*.

tendepá, *s.m.* – rolo, barulhada. ▪ REGISTROS: *tendepá* [C1] ~ *tendêpá* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 94; 1728, v. 2, p. 242) e Silva (1789, v. 2, p. 451), mas presente em Ferreira (1999, p. 1942) e Houaiss e Villar (2009, p. 1827). A acepção referida por Senna está presente

nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: provavelmente de orig. onomatopaica (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *banzé de cuia*, *esparrame*, *latomia*, *matinada*, *rolo*, *sinagoga*, *turumbamba*.

ter mão, *loc. v.* – (expressão na narração de um caso). ▪ REGISTRO: *tem mão* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: locução presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 102-106; 1716, v. 5, p. 306-308), Silva (1789, v. 2, p. 452 e 48), Ferreira (1999, p. 1276-1277) e Houaiss e Villar (2009, p. 1238-1239). Como Senna não especificou a acepção a que se referia no caso dessa locução e as obras consultadas registram várias, não é possível inferir com segurança qual foi a acepção considerada por ele: Biderman e Murakawa apresentam uma ("interferir"); Bluteau, duas ("estar firme na sua resolução" e "resistir ao ímpeto dos inimigos"); Silva, três ("soster que não caia, f. apoiar, patrocinar que se não perca, arruine", "f. sustentar, soster, que não caia; impedir" e "ter parte, ser cúmplice, adjuvar"); Ferreira, três ("suspender o que estava fazendo, ou deixar de fazer o que ia fazer", "tomar cautela" e "deter-se, parar"); e Houaiss e Villar, três ("amparar, parar", "suspender o que ia fazer ou o que estava fazendo" e "tomar cautela"). ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + substantivo. ▪ Cf. tb. *mexer*, *virar*.

teso, *adj*. – pessoa valente, destemida e cheia de expedientes ardilosos e prontos (na expressão *homem teso*). ▪ REGISTRO: *home têso* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 129), Silva (1789, v. 2, p. 455-456), Ferreira (1999, p. 1951) e Houaiss e Villar (2009, p. 1836). A acepção referida por Senna está presente na segunda, na terceira e na quarta obra. ▪ ETIMOLOGIA: lat. *tensu-* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIV (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *topador*, *turuna*.

tica, *s.f.* – excremento. ▪ REGISTRO: *tica* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 162 e 178; 1728, v. 2, p. 253 e 256) e Silva (1789, v. 2, p. 459 e 461), Ferreira (1999, p. 1957, mas há *titica*) e Houaiss e Villar (2009, p. 1841,

mas há *titica*). ▪ ETIMOLOGIA: possivelmente redução de *titica* (AA.), sendo esta de orig. africana (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *bumbu*, *enxurrio*, *monte*, *pipi*, *rosca*, *troço*.

tomar aragem, *loc. v.* – criar fôlego, ganhar alento para a luta. ▪ REGISTRO: *tomá aráge* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712, v. 1, p. 765; 1721, v. 8, p. 192-195; 1727, v. 1, p. 65; 1728, v. 2, p. 257), Silva (1789, v. 1, p. 106, e v. 2, p. 464-465), Ferreira (1999, p. 178 e 1971) e Houaiss e Villar (2009, p. 171 e 1852-1853). ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + substantivo.

tomar na cuia, *loc. v.* – levar (um) logro, ser caipora em algum negócio. ▪ REGISTROS: *tomou na cuia* [R3, C3], *tomar na cúia* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 192-195; 1712, v. 2, p. C/629; 1728, v. 2, p. 257; 1727, v. 1, p. 276), Silva (1789, v. 2, p. 464-465, e v. 1, p. 353) e Houaiss e Villar (2009, p. 581), mas presente em Ferreira (1999, p. 589 [*tomar na cuia dos quiabos*]). A acepção referida por Senna está presente nesta obra. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + preposição + artigo definido + substantivo. ▪ NOTA: brasileirismo de uso na Bahia popular (F.). ▪ Cf. tb. *levar bucha*.

tomar sopa, *loc. v.* – troçar, dizer liberdades, tomar liberdade. ▪ REGISTROS: *tomar-sôpa* [R6] ~ *tomar sôpa* [C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 192-195; 1720, v. 7, p. 725-726; 1728, v. 2, p. 257 e 227) e Silva (1789, v. 2, p. 464-465 e 418), mas presente em Ferreira (1999, p. 1884 [*tomar sopa com*]) e Houaiss e Villar (2009, p. 1771 [*tomar sopa com* (*alguém*)]). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + substantivo. ▪ NOTA: brasileirismo de uso na Bahia e em Minas Gerais (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *debicar*, *torrar pipocas*, *troçar*.

topador, *s.m./adj.* – avalentoado, valentão; quem não enjeita briga, que desafia a Deus e a todo mundo. ▪ REGISTROS: *topadô* [R7], *topadô de gente* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 201; 1728, v. 2, p. 258) e Silva (1789, v. 2, p. 466), mas presente em Ferreira (1999, p. 1973) e Houaiss

e Villar (2009, p. 1854). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *topar* + *-dor* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *turuna*.

topador de gente → topador.

topetudo, *adj.* – corajoso. ▪ REGISTRO: *topêtúdo* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Bluteau (1721, v. 8, p. 203; 1728, v. 2, p. 259), mas presente em Silva (1789, v. 2, p. 466), Ferreira (1999, p. 1973) e Houaiss e Villar (2009, p. 1855). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *topete* + *-udo*; 1ª atestação em 1789 (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "corajoso" como brasileirismo de uso no nordeste e no sul do Brasil (F.) e brasileirismo (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *topador*, *turuna*.

torrar pipocas, *loc. v.* – troçar, dizer liberdades. ▪ REGISTROS: *torrar-pipócas* [R6, C3] ~ *torrar pipócas* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 215; 1720, v. 6, p. 522; 1728, v. 2, p. 260 e 140), Silva (1789, v. 2, p. 469 e 205), Ferreira (1999, p. 1977 e 1572) e Houaiss e Villar (2009, p. 1858 e 1497). ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + substantivo. ▪ Cf. tb. *debicar*, *tomar sopa*, *troçar*.

trabuco, *s.m.* – [?]. ▪ REGISTRO: *trabuco* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1721, v. 8, p. 231-232), Silva (1789, v. 2, p. 478), Ferreira (1999, p. 1981) e Houaiss e Villar (2009, p. 1862). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas Bluteau apresenta uma ("maquina bellica, que se usava antes da invenção da polvora, & da artilharia"); Silva, uma ("maquina bellica antiga com que se atiravão grandes pedras dentro das praças"); Ferreira, três ("antiga máquina de guerra com que se atiravam pedras; balestra", "espécie de bacamarte" e "charuto grande e/ou ordinário"); e Houaiss e Villar,

seis ("máquina de guerra com que se lançavam grandes pedras para abalar e destruir muralhas e torres", "espingarda de um só cano, curto e de boca larga", "bacamarte", "revólver de grande tamanho", "cavalo de mau aspecto, mas firme e bom para trabalhar" e "grande charuto e/ou charuto ordinário"). ▪ ETIMOLOGIA: cat. *trabuc*, pelo esp. *trabuco* (F.) e cat. *trabuc* ("espécie de catapulta, bacamarte") (H.V.); 1ª atestação no séc. XV (H.V.).

trago, *s.m.* – ato de beber aguardente, restilo ou cachaça. ▪ REGISTRO: *trago* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1721, v. 8, p. 236), Silva (1789, v. 2, p. 480), Ferreira (1999, p. 1982) e Houaiss e Villar (2009, p. 1863). A acepção referida por Senna está presente na terceira obra (na locução *beber um trago*), constando nas três demais a acepção mais genérica de "gole". ▪ ETIMOLOGIA: derivação regressiva de *tragar* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XV (H.V.). ▪ NOTA: acepção de "ato de beber aguardente" como brasileirismo (F.). ▪ Cf. tb. *gole*, *matabicho*, *matar o bicho*, *panete*, *refresco*, *sequente*, *trompário*.

tranqueta, *s.f.* – botões (de punho). ▪ REGISTROS: *tranquetas* [C1] ~ *tranquêtas* [R3], *tranquêta* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021) e Silva (1789, v. 2, p. 481), mas presente em Bluteau (1721, v. 8, p. 241), Ferreira (1999, p. 1984) e Houaiss e Villar (2009, p. 1865). A acepção referida por Senna está ausente destas três obras. ▪ ETIMOLOGIA: *tranca* + *-eta* (F./H.V.); 1ª atestação em 1721 (H.V.). ▪ Cf. tb. *guarnição*.

tremelique, *s.m.* – medo, síncope. ▪ REGISTRO: *trêmilíques* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 268 e 269; 1728, v. 2, p. 259, mas há *tremelhicar*) e Silva (1789, v. 2, p. 488, mas há *tremelhicar*), mas presente em Ferreira (1999, p. 1995) e Houaiss e Villar (2009, p. 1875). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras, que apresentam em comum a acepção de "tremer de frio ou de susto" para o verbo. ▪ ETIMOLOGIA: derivação regressiva de *tremelicar* (F./H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.).

trepar nos tamancos, *loc. v.* – zangar-se, irritar-se, desapontar-se. ▪ REGISTROS: *trepar-nos-tamancos* [R6, C3] ~ *trepár nos tamancos*

[C2]. ▪ DICIONÁRIOS: locução ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 217-272 e 31; 1728, v. 2, p. 267 e 237) e Silva (1789, v. 2, p. 489 e 442) e Houaiss e Villar (2009, p. 1807, mas há *trepar-se nas tamancas*), mas presente em Ferreira (1999, p. 1920). A acepção referida por Senna está presente nesta obra. ▪ FORMAÇÃO: locução composta de verbo + preposição + artigo definido + substantivo. ▪ NOTA: brasileirismo gírio de uso no Rio de Janeiro (F.) e brasileirismo informal para *trepar-se nas tamancas* (H.V.). ▪ Cf. tb. *subir à serra*, *subir nos tamancos*.

tretar, *v.* – enganar, fugir à palavra dada; ser velhaco. ▪ REGISTROS: *tretar* [R6] ~ *trêtar* [C2, R8, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 276; 1728, v. 2, p. 268), Silva (1789, v. 2, p. 490), Ferreira (1999, p. 1998, mas há *tretear* na mesma acepção) e Houaiss e Villar (2009, p. 1877, mas há *tretear* na mesma acepção). ▪ ETIMOLOGIA: *treta* + *-ar* (AA.). ▪ Cf. tb. *ladear*.

treteiro, *s.m./adj.* – indivíduo velhaco. ▪ REGISTRO: *trêtêiro* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 276; 1728, v. 2, p. 268) e Silva (1789, v. 2, p. 490), mas presente em Ferreira (1999, p. 1998) e Houaiss e Villar (2009, p. 1877). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *treta* + *-eiro* (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ Cf. tb. *mamparreador*.

trinque, *s.m.* – luxo. ▪ REGISTROS: *trinque* [R6, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1728, v. 2, p. 269), Silva (1789, v. 2, p. 492), Ferreira (1999, p. 2004) e Houaiss e Villar (2009, p. 1882). A acepção referida por Senna está presente nestas duas últimas obras. ▪ ETIMOLOGIA: possivelmente fr. *tringle* (F.) e orig. obsc. (H.V.); 1ª atestação em 1652 (H.V.).

troçar, *v.* – criticar, ridicularizar. ▪ REGISTRO: *tróçar* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 303; 1728, v. 2, p. 269) e Silva (1789, v. 2, p. 494), mas presente em Ferreira (1999, p. 2007) e Houaiss e Villar (2009, p. 1884). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras.

▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (F.) e orig. contr. (H.V.); 1ª atestação em 1881 (H.V.). ▪ Cf. tb. *debicar*, *tomar sopa*, *torrar pipocas*.

troço (/ô/), *s.m.* – excremento. ▪ REGISTRO: *trôço* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 304 [*troço*]; 1728, v. 2, p. 269 [*troços*] e 270 [*trossos*]), Silva (1789, v. 2, p. 494 [*troço*]), Ferreira (1999, p. 2008) e Houaiss e Villar (2009, p. 1885). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: possivelmente prov. *tros* ("pedaço") (F.) e orig. contr. Houaiss e Villar; 1ª atestação em 1513 (H.V.) ▪ Cf. tb. *bumbu*, *enxurrio*, *monte*, *pipi*, *rosca*, *tica*.

troço (/ó/), *s.m.* – arreio velho, estragado. ▪ REGISTROS: *tróços* [R4, C2, R8, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 304, mas há homônimo; 1728, v. 2, p. 269, mas há *troços*, e 270, mas há *trossos*) e Silva (1789, v. 2, p. 494, mas há *troço*), mas presente em Ferreira (1999, p. 2008) e Houaiss e Villar (2009, p. 1885): não se pode descartar a hipótese de que este vocábulo seja, na verdade, uma acepção diferente de *troço* (/ô/), que apresenta timbre aberto por estar no plural e que também partilha matiz pejorativo. A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *troço* (/ô/), com alter. de timbre com consequências semânticas (F./H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo gírio (F.) e brasileirismo informal (H.V.).

tromba, *s.f.* – lábios (quando disformes). ▪ REGISTRO: *tromba* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 307 e 306), Silva (1789, v. 2, p. 494), Ferreira (1999, p. 2008) e Houaiss e Villar (2009, p. 1885). A acepção referida por Senna está ausente destas cinco obras. ▪ ETIMOLOGIA: alter. de *trompa* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XIII (H.V.).

trombicar, *v.* – [?]. ▪ REGISTRO: *trombicar* [R8]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 307; 1728, v. 2, p. 270) e Silva (1789, v. 2, p. 495), mas presente em Ferreira (1999, p. 2009) e Houaiss e Villar (2009, p. 1886). Senna não apresenta acepção para o vocábulo, mas Ferreira apresenta três ("ter relações sexuais; copular", "burlar, ludibriar, lograr, intrujar" e "trumbicar-se"), e Houaiss e Villar, três semelhantes ("manter

relações sexuais", "enganar através de artimanhas; burlar, ludibriar" e "mesmo que trumbicar-se"). ▪ ETIMOLOGIA: orig. obsc. (H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ NOTA: terceira acepção das mencionadas como brasileirismo gírio (F.) e brasileirismo informal (H.V.).

trombiqueiro, *adj.* – bêbedo. ▪ REGISTRO: *trombiqueiro* [C1]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 307; 1728, v. 2, p. 270), Silva (1789, v. 2, p. 495), Ferreira (1999, p. 2009) e Houaiss e Villar (2009, p. 1886). ▪ ETIMOLOGIA: *trombicar* + *-eiro* (AA.). ▪ Cf. tb. *bicudo*, *borracho*, *cheio*, *chumbado*, *cortador*, *ervado*.

trompário, *s.m.* – ato de beber aguardente, restilo ou cachaça. ▪ REGISTRO: *trompário* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 307; 1728, v. 2, p. 270), Silva (1789, v. 2, p. 495), Ferreira (1999, p. 2009) e Houaiss e Villar (2009, p. 1886). ▪ ETIMOLOGIA: *trompa* + *-ário* (AA.). ▪ Cf. tb. *gole*, *mata-bicho*, *matar o bicho*, *panete*, *refresco*, *sequente*, *trago*.

trotão, *s.m./adj.* – animal pesado. ▪ REGISTRO: *trotão* [R3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Bluteau (1721, v. 8, p. 311), Silva (1789, v. 2, p. 496), Ferreira (1999, p. 2011) e Houaiss e Villar (2009, p. 1887). A acepção referida por Senna está ausente destas quatro obras. ▪ ETIMOLOGIA: *trotar* + *-ão* (F./H.V.); 1ª atestação no séc. XV (H.V.). ▪ Cf. tb. *abalativo*.

turumbamba, *s.m.* – tumulto na rua. ▪ REGISTRO: *turúmbamba* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 335; 1728, v. 2, p. 271) e Silva (1789, v. 2, p. 498), mas presente em Ferreira (1999, p. 2019) e Houaiss e Villar (2009, p. 1896). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. contr. (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo gírio (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *banzé de cuia*, *esparrame*, *latomia*, *matinada*, *rolo*, *sinagoga*, *tendepá*.

turuna, *s.d.g./adj.* – homem valente. ▪ REGISTROS: *turúna* [C1, R4, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 335; 1728, v. 2, p. 271) e Silva (1789, v. 2, p. 498), mas presente em Ferreira (1999, p. 2019) e Houaiss e Villar

(2009, p. 1896). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: orig. tupi ("negro poderoso") (F.) e tupi *tyr'una* (*tyr-* "cano, monte" + *-una* "negro" por metáfora de "membro genital masculino") (H.V.); 1ª atestação em 1882-1923 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo popular (F.) e brasileirismo informal (H.V.). ▪ Cf. tb. *arapuado*, *buta*, *cabra*, *catingueiro*, *cravanista*, *distorcido*, *durázio*, *escovado*, *estourado*, *guasca*, *lanhado*, *levado da breca*, *maludo*, *onça*, *patureba*, *sacudido*, *tebas*, *teso*, *topador*.

tutu[1], *s.m.* – papão de que crianças têm medo. ▪ REGISTRO: *tútú* [C2]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 337; 1728, v. 2, p. 273) e Silva (1789, v. 2, p. 499), mas presente em Ferreira (1999, p. 2020) e Houaiss e Villar (2009, p. 1897). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: quimb. *kitu'tu* ("bicho, bicho-papão") (F./H.V.); 1ª atestação em 1836 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F.).

tutu[2], *s.m.* – feijão mexido. ▪ REGISTROS: *tútú* [R6, C2, C3]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 337; 1728, v. 2, p. 273) e Silva (1789, v. 2, p. 499), mas presente em Ferreira (1999, p. 2020) e Houaiss e Villar (2009, p. 1897). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: quimb. *ki'tutu* ("indigestão") (F./H.V.); 1ª atestação em 1899 (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.).

— V —

vira → **virar**.

vira-casaca, *s.d.g.* – sujeito versátil, incoerente. ▪ REGISTRO: *vira-casáca* [R5]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 513; 1728, v. 2, p. 302, mas há *voltar casaca* em acepção próxima) e Silva (1789, v. 2, p. 528, mas há *voltar casaca* em acepção próxima), mas presente em Ferreira (1999, p. 2076) e Houaiss e Villar (2009, p. 1949). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ FORMAÇÃO: vocábulo composto de verbo + substantivo; sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪

NOTA: brasileirismo (F.) e informal (por vezes pejorativo) (H.V.). ▪ Cf. tb. *maria vai com as outras*.

virar, *v.* – (expressão na narração de um caso). ▪ REGISTRO: *vira* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo presente em Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 513-514), Silva (1789, v. 2, p. 528-529), Ferreira (1999, p. 2077) e Houaiss e Villar (2009, p. 1949-1950). Embora Senna não indique claramente a acepção deste vocábulo, provavelmente tem afinidade com a da locução *virar e mexer* no sentido de "quando menos se espera; sem mais sem menos" (F.). ▪ ETIMOLOGIA: lat. **virare* (< gal. *gwyro* "inclinar-se para um lado") (F.) e fr. *virer* (H.V.); 1ª atestação no séc. XV (H.V.). ▪ Cf. tb. *mexer*, *ter mão*.

— X —

xingatório, *s.m.* – descompostura forte, gritaria, briga com discussão azeda. ▪ REGISTRO: *xingatório* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 617; 1728, v. 2, p. 320) e Silva (1789, v. 2, p. 538), mas presente em Ferreira (1999, p. 2098) e Houaiss e Villar (2009, p. 1968). A acepção referida por Senna está presente nestas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: *xingar* + *-tório* (F.) e *xingado* (part. de *xingar*) sob a f. rad. *xingat-* + *-ório* (H.V.); sem data de 1ª atestação (H.V.). ▪ NOTA: brasileirismo (F./H.V.). ▪ Cf. tb. *bate-boca*, *destampatório*, *lambança*.

— Z —

Zebas, *antrop.* (?) – pessoa íntima (na expressão *Oh, Zebas!*). ▪ REGISTRO: *óh! zébas!* [R4]. ▪ DICIONÁRIOS: vocábulo ausente de Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1721, v. 8, p. 632; 1728, v. 2, p. 322), Silva (1789, v. 2, p. 540), Ferreira (1999, p. 2104) e Houaiss e Villar (2009, p. 1973). ▪ ETIMOLOGIA: possivelmente o antrop. *Zebah* (em hebraico transliterado), *Zebee* (em lat.) e *Zeba* (em português) referente a um dos reis midianitas de que Gideão libertou os israelitas segundo a Bíblia (Juízes, 8:5-21), mas a razão de sua

adoção na expressão em questão parece ser de difícil explicação (AA.). Deve-se registrar aqui que o início dessa palavra está parcialmente borrado no manuscrito de Senna, então não há segurança absoluta sobre a forma da palavra em questão. ▪ Cf. tb. *biltre, imenso*.

———

4.6 Uma visão do conjunto

Os 724 dados compilados por Senna se referem principalmente aos níveis fonológico e semântico-lexical. Em função disso, realiza-se a seguir uma análise de conjunto de cada um desses dois níveis.

4.6.1 Nível fonológico

Do conjunto de 724 dados compilados por Nelson de Senna, 143 se referem ao nível fonológico. Uma das grandes dificuldades para comparar os dados de Senna com os dos estudos dialetais tradicionais aqui considerados – Amaral (1920), Nascentes (1922), Marroquim (1934), Teixeira (1938) e Teixeira (1944) – está no fato de essas cinco descrições linguísticas não terem sido feitas exatamente segundo o mesmo método, não sendo raro, ademais, que tenham apresentado um dado linguístico com manifestação de algum fenômeno que não foi explicitamente descrito nelas. Para superar essa dificuldade, foram considerados, na discussão a seguir, os fenômenos não apenas explicitados formalmente como também os não descritos, mas com dado(s) que os tenha(m) documentado.

Tabela 1 – Fenômenos linguísticos descritos, documentados e não descritos nem documentados

Categorias	Amaral (1920)	Nascentes (1922)	Marroquim (1934)	Teixeira (1938)	Teixeira (1944)
Descritos	16 (45,8%)	22 (62,9%)	23 (65,7%)	22 (62,9%)	25 (71,4%)
Documentados	6 (17,1%)	2 (5,7%)	3 (8,6%)	3 (8,6%)	1 (2,9%)
Não descritos nem documentados	13 (37,1%)	11 (31,4%)	9 (25,7%)	10 (28,6%)	9 (25,7%)
Total	35 (100%)	35 (100%)	35 (100%)	35 (100%)	35 (100%)

Quadro 1 – Fenômenos linguísticos descritos, documentados e não descritos nem documentados[54]

Classes	Fenômenos	Amaral (1920)	Nascentes (1922)	Marroquim (1934)	Teixeira (1938)	Teixeira (1944)
Acréscimos	a) Paragoge de vogal	X	D	X	D	D
	b) Epêntese de *s*	X	X	X	X[55]	D
	c) Ditongação de vogal tônica antes de sibilante	D	X	D	D	D
Supressões	a) Aférese	D	D	D	D	D
	b) Aférese seguida de prótese	X	X	C	X	X
	c) Síncope de vogal pretônica	D	X	D	D	X
	d) Síncope de vogal postônica em proparoxítona	D	D	D	D	D
	e) Síncope de *i* tônico em hiato diante de palatal nasal	X	X	X	X	X
	f) Síncope de *i* em ditongo crescente átono final	X	D	D	D	D
	g) Síncope de consoante oclusiva medial em final de sílaba	X	D	D	X	X
	h) Apócope de *e* átono	X	X	X	X	X
	i) Apócope de *r*	D	D	D	D	D
	j) Apócope de *l*	C	D	D	D	D
	k) Apócope de *s*	D	D	D	D	D
	l) Elisão de *e* final	C	C	C	C	C

[54] Legenda: **D** = descrito, **C** = documentado e **X** = não descrito nem documentado.

[55] Como já se comentou antes, o único caso de epêntese de *s* descrito por Teixeira (1938) foi interpretado aqui como questão de natureza morfológica, e não fonológica.

Transposições	a) Metátese de *r* em grupo inicial	D	D	D	D	D
Substituições	a) Alçamento de vogal média pretônica	D	D	D	D	D
	b) Alçamento de *e* átono final	X	D	D	D	D
	c) Rebaixamento de *i* pretônico	D	D	D	D	D
	d) Rebaixamento de *u* pretônico	X	X	X	X	D
	e) Rebaixamento de *o* em ditongo decrescente	C	X	X	X	X
	f) Iodização de *lh*	D	D	D	D	D
	g) Palatalização de *li* seguido de vogal	X	D	D	D	D
	h) Palatalização de *ni* seguido de vogal	D	D	D	D	D
	i) Palatalização da semivogal *i*	X	X	X	X	D
	j) Rotacismo de *l*	D	D	D	D	D
	k) Assimilação de *l* precedido de *r*	D	D	D	X	X
	l) Assimilação de *r* seguido de *s*	C	X	X	C	X
	m) Assimilação de *n* medial	X	X	X	X	X
	n) Palatalização de *z* antes de *i*	X	D	D	D	D
	o) Dissimilação de vogal tônica	C	C	C	C	D
	p) Dissimilação de vogal átona	D	D	D	D	D
	q) Monotongação de *ua*	C	D	D	D	D
	r) Ditongação de *om* final	D	D	D	D	D
	s) Desnasalização de *em* átono final	D	D	D	D	D

Os resultados na tabela 1, obtidos a partir do quadro 1, evidenciam que os dados de Senna têm mais afinidade, se se considerarem apenas os fenômenos descritos, com os de Teixeira (referentes a Goiás, 71,4%), seguidos por Marroquim (referentes ao nordeste, 65,7%), por Teixeira (referentes a Minas Gerais, 62,9%) e Nascentes (referentes ao Rio de Janeiro, 62,9%), estes dois últimos empatados, e, por fim, por Amaral (referentes a São Paulo, 45,8%). Se, no entanto, se considerarem os dados descritos e documentados juntos, há empate entre Teixeira (referentes a Goiás, 74,3%) e Marroquim (referentes ao nordeste, 74,3%), seguidos por Teixeira (referentes a Minas Gerais, 71,4%), Nascentes (referentes ao Rio de Janeiro, 68,6%) e Amaral (referentes a São Paulo, 62,9%). Considerando que Senna informa, no seu texto de 1896 [= C1], que seus dados se referiam ao sertão e ao centro-norte mineiros, então os resultados da tabela 1 são compreensíveis. Nelson de Senna era natural da Cidade do Serro, estudou em São João Evangelista do Peçanha e em Diamantina (1891-1893), todas as três cidades no centro-norte de Minas Gerais, e residiu em Ouro Preto (1894-1897) e em Belo Horizonte (1897-1952), ambas as cidades no centro desse estado: é natural, portanto, que os dados que compilou reflitam essa sua vivência linguística pessoal.

Mas há um aspecto bastante saliente nos dados: há um grande número de fenômenos atestados por Senna que estão presentes simultaneamente nas cinco descrições dialetais consideradas: 13 (37,1%), se se considerarem apenas os fenômenos descritos separadamente, e 17 (48,6%), se se considerarem os fenômenos descritos e documentados conjuntamente. Muitos desses fenômenos, aliás, foram atestados em fases antigas da língua portuguesa: síncope de vogal postônica em proparoxítona, apócope de *s*, alçamento de vogal média pretônica, dentre outros. Segundo Melo (1971), a presença, em Minas Gerais, de tantos fatos comuns a outras regiões do Brasil seria decorrente de um conservadorismo do domínio linguístico mineiro:

> No que tange à língua familiar, é de notar o extraordinário número de expressões, construções e modos de dizer antigos na língua, que aí se mantêm vivos. Quem já conversou com mineiros de alguma ou muita instrução, mas principalmente mineiros da linha-tronco, sabe quanto ouro velho se guarda na linguagem familiar dessa gente.
>
> Quanto à língua vulgar, em virtude das condições históricas e sociais do povo, entre as quais releva notar a quase ausência de imigração estrangeira (não se pode considerar, no caso, estrangeiro ao português!), quanto à língua vulgar, digo, tenho para mim que a de Minas representa a feição *brasileira* mais antiga e que, por isso mesmo, na generalidade dos casos, nela temos o denominador-comum dos nossos falares plebeus. Sim: *são poucos os fatos da língua popular de Minas que não se encontram em todo o interior do Brasil e vice-versa*. Está claro que fica excluído o vocabulário regional, pois êste, como já se tem dito e ainda se verá mais detidamente, é principalmente elemento de *estilo*.
>
> A própria situação geográfica, histórica e social de Minas favorece e explica êsse papel de "denominador-comum" que me parece desempenhar sua linguagem em relação à nossa fala popular. (MELO, 1971, p. 94, itálicos nossos apenas no período inteiro grifado)

Os dados do quadro 1 e da tabela 1 evidenciam de fato que foram raros os fenômenos fonológicos analisados que não foram constatados em outras regiões do país nos estudos consultados: apócope de *e* átono (cf. *hipótis*), síncope de *i* tônico em hiato diante de palatal nasal (cf. *múñho*) e assimilação de *n* medial (cf. *chinchellos*). Estes dois últimos são casos problemáticos, porque o fenômeno de síncope em questão está atestado dialetalmente no nordeste de Portugal e a forma *chichellos* está atestada desde o séc. XIII na língua portuguesa. Então apenas o primeiro caso é "candidato" a fato peculiar à língua portuguesa do Estado de Minas Gerais: é apenas "candidato", porque a ampliação da consulta a outros estudos dialetais da 1ª met. do séc. XX pode levar à sua exclusão como fato peculiar, se constatado em outras regiões do Brasil.

4.6.2 Nível semântico-lexical

4.6.2.1 Obras lexicográficas gerais

Do conjunto de 724 dados compilados por Nelson de Senna, 581 se referem ao nível semântico-lexical, os quais, com tratamento lexicográfico básico, resultaram em 332 verbetes não remissivos. Considerando que alguns verbetes apresentam mais de uma acepção diferenciada, então há 354 itens para análise. Esses itens foram confrontados com o inventário de 5 obras lexicográficas gerais – Biderman e Murakawa (2021), Bluteau (1712-1728), Silva (1789), Ferreira (1999) e Houaiss e Villar (2009) – a fim de se averiguar sua presença na tradição lexicográfica de língua portuguesa. Desse confronto, puderam-se apurar, em relação aos vocábulos e às locuções dos verbetes, os seguintes padrões:

Gráfico 1 – Vocábulos e locuções
dos verbetes em obras lexicográficas gerais (%)

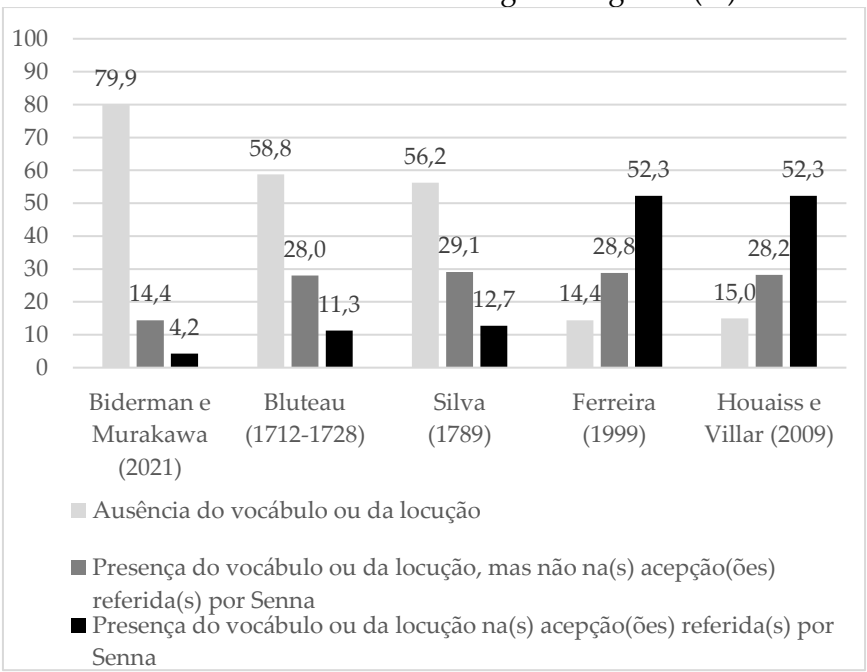


Tabela 2 – Vocábulos e locuções dos verbetes em obras lexicográficas gerais[56]

	Biderman e Murakawa (2021)	**Bluteau (1712-1728)**	**Silva (1789)**	**Ferreira (1999)**	**Houaiss e Villar (2009)**
Ausência do vocábulo ou da locução	283 (79,9%)	208 (58,8%)	199 (56,2%)	51 (14,4%)	53 (15,0%)
Presença do vocábulo ou da locução, mas não com a(s) acepção(ões) referida(s) por Senna	51 (14,4%)	99 (28,0%)	103 (29,1%)	102 (28,8%)	100 (28,2%)
Presença do vocábulo ou da locução com a(s) acepção(ões) referida(s) por Senna	15 (4,2%)	40 (11,3%)	45 (12,7%)	185 (52,3%)	185 (52,3%)
Outros[57]	5 (1,4%)	7 (2,0%)	7 (2,0%)	16 (4,5%)	16 (4,5%)
Total	354 (100%)	354 (100%)	354 (100%)	354 (100%)	354 (100%)

[56] Deve-se assinalar aqui que a equivalência entre a acepção apresentada por Senna e a das demais obras lexicográficas consultadas não foi de apuração isenta de dúvidas, pois não raramente a diferença se manifestava em uma escala gradiente.

[57] A categoria *outros* se refere a vocábulos e a locuções presentes na obra, mas para os quais Senna não apresentou acepção.

Os dados apurados revelam uma tendência esperada: obras mais recentes apresentam maior presença de vocábulos e de locuções da compilação de Senna em seu inventário, pois, à medida que novas obras lexicográficas são produzidas, amplia-se geralmente o conjunto de formas documentadas[58] (sua nomenclatura). Os resultados referentes a Biderman e Murakawa[59], apesar de se tratar de obra recente, destoam em função de particularidades de seu método: sua base de dados se refere essencialmente aos sécs. XVI a XVIII (embora chegue até o ano de 1808), está focada no português do Brasil e é composta de textos de estilo mais formal, o que a torna menos compatível com os dados compilados por Senna, que datam de fins do séc. XIX e se referem a um estilo mais informal. Como não há segurança sobre a data de criação de cada vocábulo ou locução, as lacunas em obras mais antigas não são prova inconteste de que se trata de inovações de fins do séc. XIX: podem apenas não ter sido documentadas antes em função de sua natureza informal, própria de língua oral e muitas vezes ausente de textos escritos.

No entanto, os resultados, de forma geral, são significativos para evidenciar a relevância da compilação de Senna para os estudos do léxico da língua portuguesa, pois ela oferece a documentação para 153 itens ausentes da obra mais recente – Houaiss e Villar (2009) –, seja pelo fato de os vocábulos e as locuções não terem sua forma registrada, seja por, apesar de presentes, não terem uma acepção específica registrada.

---

[58] Não se trata, porém, de um processo progressivo e linear de acumulação de dados: há casos de itens registrados na 1ª ed. de Houaiss e Villar, de 2001, mas suprimidos da 2ª ed., de 2009, como *coscorrão*, *maria vai com as outras*, *matar o bicho*, *meter o arco*, dentre outros.

[59] Embora o dicionário de Biderman e Murakawa, de 2021, seja posterior à 2ª ed. do de Houaiss e Villar, de 2009, aquele foi colocado, na presente discussão, antes do de Bluteau, de 1712-1728, em função da natureza de seus dados, que são dos sécs. XVI a XVIII.

Embora a compilação de Senna não possa ser considerada como "certidão de nascimento" dos vocábulos e das locuções documentados, serve certamente de prova de sua existência de uma dada época (1896-1906) e em um dado lugar (Minas Gerais). A análise dos dados da compilação em confronto com as obras lexicográficas gerais permitiu ainda datar e retrodatar formas com base nos textos de Senna[60]:

a) datação de vocábulos ausentes das 5 obras lexicográficas gerais ou presentes nelas mas não datados:

a.1) 1896: *baianço, bicota, boquinha, bumbu, buta, cabacinha, cabe, carpim, casacudo, começão, corrente, cotreia, enxurrio, fininho, larjan, latacho, moafa, papel bananeira, pescotapa, pintadinha, pipi, sizoca, suruca, surunga, tendepá, tica* e *trombiqueiro*;

a.2) 1899: *abalativo, arapuado, cobrudo, corrubiana, enfarruscado, entiotado, esparrame, estúrdio*[61], *goderar, godero, inventadeira, isturdia, jeribita*[62], *latomia, leva e traz, lubrina, malunga, mamparreador, ourudo, pai-zé, panete, patacudo, pica-fumo, picó, pidão, rapador, supimpa, tretar, treteiro, troço* (/ó/), *trompário, vira-casaca* e *Zebas*;

a.3) 1902: *turumbamba*;

a.4) 1904: *bate-pau, bundudo, cravanista, esturdeza, gratuitis, guiada, inté, labatu, maludo, marvado, rascada, sacrafúgio, sarabadejo, topador* e *xingatório*.

b) retrodatação de vocábulos presentes em Houaiss e Villar (2009)[63]:

---

[60] Correspondência entre o texto de Senna com registro da forma e sua data: C1 = 10/06/1896; R1 a R6 = 03/1899; C2 = 1902 (10/1902); R7 = 04/1904; R8 = 1904 (entre 04/1904 e 31/12/1904); e C3 = 28/03/1906. Os vocábulos e as locuções são apresentados a seguir com base na forma da entrada dos verbetes.

[61] Góes, no entanto, atestou este vocábulo na obra *Pelo Sertão* (1898), de Afonso Arinos (cf. Anexo 2-A [D2]).

[62] Gomes, no entanto, atestou este vocábulo na obra *Pelo Sertão* (1898), de Afonso Arinos (cf. Anexo 2-B [D6]).

[63] A primeira data é a apresentada por Houaiss e Villar (2009) e a segunda é a do texto de Senna com registro da forma.

b.1) 1899 → 1896: *catereté*[64], *cheta*, *farofa*, *isqueiro*, *mangagá*, *mata-bicho* e *pelega*;

b.2) 1913 → 1896: *apatacado* e *caiana*;

b.3) 1913 → 1902: *bagarote*;

b.4) 1913 → 1904: *bate-boca* e *cacundeiro*;

b.5) 1922 → 1902: *brocotó*;

b.6) 1936 → 1904: *catingueiro*;

b.7) 1958 → 1899: *jereba*;

b.8) séc. XX → 1896: *disgra* e *pequena*;

b.9) séc. XX → 1899: *porre*;

b.10) séc. XX → 1904: *montoeira*.

c) datação de locuções que, mesmo presentes em Houaiss e Villar (2009), via de regra não apresentam data[65]:

c.1) 1896: *banzé de cuia*;

c.2) 1899: *abrir o chambre*, *duro de roer*, *fresco como chicória*, *levar bucha*, *maria vai com as outras*, *meter o arco*, *no calor da brasa*, *por amor de que*, *por via de*[66], *pregador de sermonia*, *pregar ladainha*, *quieto que nem preguiça*, *rodar nos joanetes*, *subir nos tamancos*, *ter mão*, *tomar na cuia*, *tomar sopa*, *torrar pipocas* e *trepar nos tamancos*;

c.3) 1902: *contar potocas*, *levado da breca*, *matar o bicho* e *subir à serra*[67];

c.4) 1904: *ao despois*, *arrastar saco*, *fresco que nem chicória*, *tomar aragem*, *por amor de*[68] e *por riba*.

A análise dos dados demonstrou ainda que:

(a) o vocábulo *adivertimento*, ausente de Houaiss e Villar (2009) nesta forma protética, foi atestado por Biderman e Murakawa (2021) na forma *adevertimento* em documento de 1704;

---

[64] Gomes, no entanto, atestou este vocábulo na obra *Aquarellas* (1893), de Olímpio de Araújo (cf. Anexo 2-B [D12]).

[65] No conjunto de dados analisados, a única exceção foi a locução *dar às de villa*, cuja 1ª atestação é situada por Houaiss e Villar (2009) em 1665.

[66] Bluteau (1727, v. 1, p. 91), no entanto, empregou esta locução na sua obra.

[67] Bessa (1901), no entanto, registrou *levado da breca* (p. 185) e *matar o bicho* (p. 202).

[68] Bluteau (1712, v. 1, p. A/177), no entanto, empregou esta locução na sua obra.

(b) o vocábulo *beicinho*, sem data de 1ª atestação apresentada por Houaiss e Villar (2009), já estava atestado em 1712 em Bluteau;

(c) o vocábulo *enfarruscado*, com data de atestação de 1713 por Houaiss e Villar (2009), aparece na obra considerada, o dicionário de Bluteau, apenas no infinitivo (*enfarruscar*), mas está atestado como adjetivo nos dados de Senna referentes ao ano de 1899;

(d) o vocábulo *bolacha*, com data de atestação de 1712 por Houaiss e Villar (2009), aparece na obra considerada, o dicionário de Bluteau, não no v. 1 de 1712, mas no v. 1 do suplemento de 1727;

(e) o vocábulo *destampatório*, com data de atestação de 1713 por Houaiss e Villar (2009), aparece na obra considerada, o dicionário de Bluteau, não no v. 3 de 1713, mas no v. 1 do suplemento de 1727 e na forma feminina (*destampatoria*);

(f) o vocábulo *filar*, com data de atestação de 1712 por Houaiss e Villar (2009), aparece na obra considerada, o dicionário de Bluteau, não no v. 2 de 1712, mas no v. 4 de 1713 (*filar*);

(g) os vocábulos *bucha* e *cachação*, com data de atestação de 1789 (referente ao dicionário de Silva) por Houaiss e Villar (2009), já aparecem no v. 1 do suplemento de 1727 de Bluteau (*buxa* e *cachação*);

(h) o vocábulo *tareco*, com data de atestação de 1789 (referente ao dicionário de Silva) por Houaiss e Villar (2009), já aparece no v. 2 do suplemento de 1728 de Bluteau (*tarecos*); e

(i) o vocábulo *biltre*, com data de atestação de 1817-1819 por Houaiss e Villar (2009), já aparece no v. 1 de 1789 de Silva (*biltre*).

(j) o vocábulo *patacoada*, com data de atestação de 1836 (referente ao dicionário etimológico de Constâncio) por Houaiss e Villar (2009), já aparece no v. 2 de 1789 de Silva (*patacoada*).

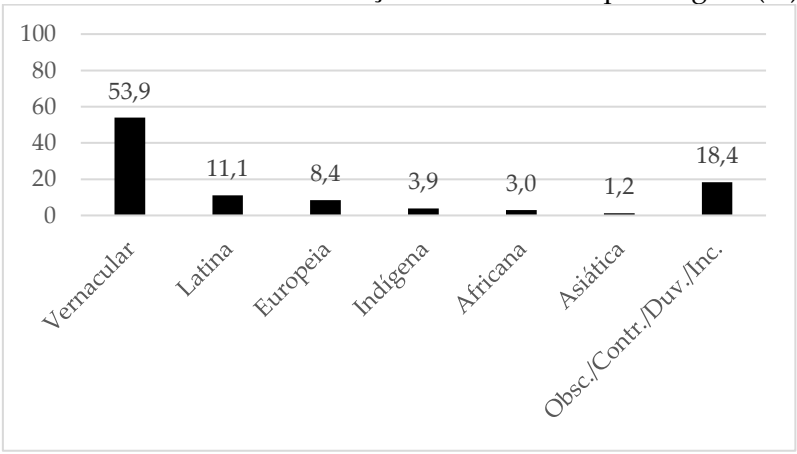
(k) o vocábulo *cacunda*, com data de atestação de 1899 (referente ao dicionário de Cândido de Figueiredo) por Houaiss e Villar (2009), já aparece no v. 1 do suplemento de 1727 de Bluteau (*carcunda*).

No que se refere à origem dos vocábulos e das locuções da compilação de Senna, constata-se a seguinte distribuição[69]:

Tabela 3 – Vocábulos e locuções dos verbetes por origem[70]

Origem	**n**	**%**
Vernacular	179	53,9
Latina	37	11,1
Europeia	28	8,4
Indígena	13	3,9
Africana	10	3,0
Asiática	4	1,2
Obsc./Contr./Duv./Inc.	61	18,4
Total	332	99,9%

Gráfico 2 – Vocábulos e locuções dos verbetes por origem (%)



[69] A quantificação da tabela 2 leva em conta o número de verbetes não remissivos, não sendo computados separadamente os casos de acepção diferenciada (diferentemente do que se fez na tabela 1).

[70] Uma vez que a etimologia de vocábulos é tema bastante polêmico e que as propostas de Ferreira e de Houaiss e Villar não raramente divergem, tomou-se como referência aqui apenas a proposta de Houaiss e Villar. Considerou-se na classificação o turno final de formação, por isso um vocábulo como *candongueiro* foi classificado como vernacular, porque foi formado com o acréscimo de um sufixo vernacular (*-eiro*) a uma base de origem africana (*candonga*) que já tinha sido integrada à língua portuguesa.

Como se vê, os dados compilados por Senna apresentam majoritariamente formações vernaculares (53,9%), ou seja, criações realizadas com o emprego de formas (vocábulos e morfemas) da língua portuguesa ou já integradas a ela em fase anterior. O segundo maior contingente é de formas herdadas da língua latina ou adaptadas dela em fase mais recente da história da língua portuguesa (11,1%). Em seguida, há os empréstimos de línguas europeias (8,4%) nesta ordem decrescente: francês, 14 itens; espanhol, 10 itens; inglês, 2 itens; catalão, 1 item; e italiano, 1 item. Os empréstimos indígenas compreendem 3,9% dos dados (11 itens do tupi e 1 do quíchua); os africanos, 3,0% (6 do quimbundo, 1 do suaíle, 1 da família banto e 2 não especificados); e os asiáticos, 1,2% (3 do árabe e 1 do malaio). Os vocábulos de origem obscura, controversa, duvidosa ou incerta são 18,4% dos dados, o que revela que ainda há muito a ser pesquisado nesta seara.

Todos estes dados são compatíveis com o fato de o inventário compilado por Senna se referir à língua de falantes sob menor influência da língua escrita (variedade com cujo contato resulta em uma maior presença de vocábulos tomados emprestados do latim em fases mais recentes, ou seja, de formas eruditas e semieruditas) e situados na virada do séc. XIX para o séc. XX, época em que a língua europeia de maior influência era o francês. Reflete também a própria formação do povo brasileiro, composto do elemento europeu, africano e indígena.

4.6.2.2 Obras lexicográficas especializadas

Como já comentado na seção 3.2, Nelson de Senna atribuiu o título de *O Calão Mineiro* à sua compilação de dados. O termo *calão* é bastante polissêmico e interpretou-se aqui que foi empregado para se referir à variedade linguística usada por pessoas com baixa escolaridade na modalidade falada em contexto informal. No entanto, o próprio Senna, na descrição dos dados que apresenta, usa a expressão "gyria popular" [C2] para lhes fazer referência. Em função disso, também é conveniente confrontar seus dados com

obras lexicográficas especializadas em gírias, uma vez que, não raramente, essas formas deixam de ser registradas nas obras lexicográficas gerais. Foram então selecionadas duas obras para serem confrontadas com a compilação de Senna: Bessa (1901), que permite verificar formas em uso sobretudo em Portugal; e Viotti (1957), que reuniu dados de várias obras da 1ª met. do séc. XX referentes à gíria de uso no Brasil.

O confronto dos dados da compilação de Senna com a obra de Bessa (1901) permitiu apurar os seguintes padrões em relação aos vocábulos e às locuções:

a) formas presentes em Bessa na mesma acepção de Senna e classificadas como brasileirismos[71] (13 itens): *abrir o chambre* (p. 15), *bate-bôca* (p. 49), *chuva* (p. 88), *debicar* (p. 103), *jagunço* (p. 174), *giribita* (p. 160) [cf. *jeribita*], *lambança* (p. 178) [na acepção de "velhacaria"], *paçoca* (p. 233), *pelega* (p. 238), *pindaíba* (p. 244), *pinguela* (p. 245), *rolo* (p. 271) e *tabaréu* (p. 284); e

b) formas presentes em Bessa na mesma acepção de Senna e classificadas como populares, familiares ou outros (35 itens): *abiscoitar* (fam., p. 15), *bago* (pop., p. 45), *bifar* (pop., p. 53), *bispar* (gatunos, p. 54 [na acepção de "sondar"]), *bolacha* (pop., p. 56), *bucha* (pop., p. 61), *camoéca* (pop., p. 69), *chelpa* (pop., p. 83), *cheta* (pop., p. 83), *chumbado* (pop., p. 87), *codório* (pop., p. 89), *dar às de Villa Diogo* (pop., p. 83) [cf. *dar às de vila*], *destampatório* (pop., p. 110), *duro de roêr* (pop., p. 112), *embezerrado* (pop., p. 114), *enticar* (pop., p. 124), *filar* (pop., p. 146), *gata* (pop., p. 158), *jaleco* (pop., p. 175), *jornal* (aldeão, p. 175), *lorde* (pop., p. 188), *maria vai co'as outras* (fam., p. 198), *matar o bicho* (pop., p. 202), *milho* (pop., p. 207), *mona* (pop., p. 210), *nanja* (aldeão, p. 216), *niquento* (pop., p. 219), *pachola* (pop., p. 223), *patacoada* (pop., p. 233), *pequena* (pop., p. 239), *sinagoga* (pop., p. 283 [na acepção de "barulho"]), *supimpa* (pop., p. 283), *tabefe* (pop., p. 284), *teso* (pop., p. 287) e *troçar* (pop., p. 293).

[71] Bessa (1901, p. 11) esclarece que os brasileirismos constantes de sua obra foram extraídos, em grande parte, da obra *A giria brazileira*, de João Nepomuceno Torres (TORRES, 1899).

Em alguns casos, uma forma é classificada como brasileirismo, mas a acepção apresentada por Bessa é diferente da de Senna: cf., p. ex., *candonga* e *candongueiro*, respectivamente "intriga" e "pessoa intrigante" segundo Senna e "contrabando" e "contrabandista" segundo Bessa; *capanga*, "guarda-costas" segundo Senna e "assaltante" segundo Bessa; dentre outros.

Há também casos em que uma forma é classificada como popular, familiar ou outros, mas a acepção apresentada por Bessa é diferente da de Senna, sendo por vezes próxima (como no primeiro exemplo a seguir): cf., p. ex., *bóia*, "carne (seca, com farinha)" segundo Senna e "sopa de pão" segundo Bessa; *durázio*, "destemido" segundo Senna e "homem de meia idade" segundo Bessa; *moafa*, "bofetada" segundo Senna e "bebedeira" segundo Bessa; dentre outros.

Dos 13 itens classificados por Bessa como brasileirismos, apenas 3 não foram classificados como tal também por Houaiss e Villar (2009): *debicar*, *pindaíba* e *pinguela*.

Dos 35 itens classificados por Bessa como populares, familiares ou outros, mas não como brasileirismos, 8 foram classificados por Houaiss e Villar (2009) como brasileirismos: *bago*, *duro de roer*, *filar*, *lorde*, *patacoada*, *pequena*, *sinagoga* e *supimpa*. Por serem de uso popular em Portugal no início do séc. XX, provavelmente não consistiam efetivamente em brasileirismos.

Dos 48 itens atestados por Bessa na mesma acepção de Senna, apenas um tem sua forma ausente de Houaiss e Villar (2009) – a locução *matar o bicho*, que, no entanto, estava presente na 1ª ed., de 2001, desse dicionário – e apenas dois não tiveram a mesma acepção registrada em Houaiss e Villar (2009) – *bucha* e *gata*, mas as acepções em questão, no entanto, estavam presentes na 1ª ed., de 2001.

O aspecto mais importante do confronto entre a compilação de Senna e o inventário de Bessa é certamente a constatação de que uma parte relevante dos dados de Senna (35 dos 332, ou seja, 10,5%), de uso em Minas Gerais na virada do séc. XIX, também era de uso em Portugal na mesma época, revelando assim um

compartilhamento lexical entre as variedades populares da língua portuguesa do Brasil e de Portugal.

O confronto dos dados da compilação de Senna com a obra de Viotti (1957) permitiu identificar as seguintes formas presentes nesta na mesma acepção daquela (103 itens): *abrir o chambre* (p. 24), *amuado* (p. 39), *arranchar* (p. 48), *assuntar* (p. 52 [nas acepções de "tomar conhecimento" e "sondar"]), *bagarote* (p. 58), *bago* (p. 58), *banzar* (p. 62 [nas acepções de "andar à toa" e "meditar"]), *banzé de cuia* (p. 62), *bate-bôca (*p. 66), *bateia* (p. 66), *bispar* (p. 72 [na acepção de "perceber"]), *bolacha* (p. 75), *boquinha* (p. 76), *branca* (p. 78), *brocotó* (p. 79), *cabra* (p. 85), *cachaça* (p. 85), *cacunda* (p. 88), *cafajeste* (p. 88 [dentro de *cafagestada*]), *caiana* (p. 86 [dentro de *cachaça*]), *cana* (p. 95), *candonga* (p. 95-95), *candongueiro* (p. 96 [dentro de *candonguear*]), *caninha* (p. 86 [dentro de *cachaça*]), *caxerenguengo* (p. 109), *cheio* (p. 114), *chumbado* (p. 119), *chuva* (p. 120), *cotreia* (p. 133 [nas acepções de "cachaça" e "embriaguez"]), *debicar* (p. 148), *destampatório* (p. 155), *disgra* (p. 158), *destorcido* (p. 156) [cf. *distorcido*], *duro de roer (*p. 162), *embira* (p. 165), *enticar* (p. 172), *entojo* (p. 172), *entonces* (p. 172), *escovado* (p. 177), *esparrame* (p. 179), *espírito* (p. 180), *estr'o dia* (p. 186) [cf. *isturdia*], *estúrdio* (p. 187), *fala* (p. 192), *fininho* (p. 205), *gata* (p. 222 [na locução *amarrar a gata*]), *goderar* (p. 226 [dentro de *godero*]), *godero* (p. 226), *inchado* (p. 238), *inté* (p. 241), *jeribita* (p. 249), *lambança* (p. 256 [nas acepções de "discussão azeda" e "velhacaria"]), *lamber* (p. 256), *latomia* (p. 259), *leva e traz* (p. 261), *levado da breca* (p. 261), *levar bucha* (p. 80), *lorde* (p. 264), *maludo* (p. 271), *malunga* (p. 271), *maria vai com as outras* (p. 279), *mata-bicho* (p. 86 [na acepção de "aguardente"]), *matinada* (p. 282), *memória* (p. 285), *meter o arco* (p. 286-287), *milho* (p. 289), *mona* (p. 293), *monte* (p. 293), *montoeira* (p. 294), *náfico* (p. 301) [cf. *náfego*], *onça* (p. 310 [na acepção de "homem valente"]), *pachola* (p. 315), *panete* (p. 86 [dentro de *cachaça*]), *parati* (p. 86 [dentro de *cachaça*]), *patacoada* (p. 327), *patacudo* (p. 327), *pelega* (p. 336), *pequena* (p. 338 [a partir de *pequeno*]), *pipi* (p. 347), *pirão* (p. 348), *ponche*[1] (p. 353), *poncho* (p. 353) [cf. *ponche*[2]], *pro mode* (p. 292) e *pra morde* (p. 357) [cf. *por amor de*]), *pru-via-de* (p. 361) [cf. *por via de*], *rapador* (p. 378 [dentro de *rapado*]),

sacudido (p. 394 [nas acepções de "forte" e "avalentoado"]), *sestroso* (p. 404 [a partir de *sestrosa*]), *sinagoga* (p. 405 [na acepção de "cabeça"]), *supimpa* (p. 410), *surripiar* (p. 411), *tacho* (p. 414), *tapa* (p. 416 [a partir de *à tapa*]), *tareco* (p. 416 [nas acepções de "caminho ruim" e "sequilho"]), *tarugo* (p. 417), *tendepá* (p. 419), *topetudo* (p. 427), *trepar nos tamancos* (p. 415), *tretar* (p. 431), *treteiro* (p. 431), *trinque* (p. 432), *turumbamba* (p. 436) e *turuna* (p. 436).

Há também casos em que uma forma está presente, mas a acepção apresentada por Viotti é diferente da de Senna, sendo por vezes próxima: cf. *chiqueiro*, "curral (de suínos)" segundo Senna e "curral de tartarugas e jabotis" segundo Viotti; lancha, "pé grande" segundo Senna e "calçado grande" segundo Viotti; dentre outros.

Vê-se, portanto, que o inventário de Viotti registra um volume muito maior dos itens compilados por Senna do que o de Bessa: 103 de 332 (31,0%)[72] em Viotti contra apenas 48 (14,5%) em Bessa.

A primeira explicação para essa diferença é o fato de Viotti ter-se ocupado especificamente da gíria brasileira, enquanto Bessa focou na gíria portuguesa, com eventuais registros de brasileirismos.

Outra explicação é o fato de que a obra de Bessa é de 1901 e a compilação de Senna abarca registros de 1896 a 1906 (parcialmente publicados entre 1896 e 1906), havendo, portanto, registros posteriores à data de publicação da obra de Bessa.

Uma terceira explicação é o fato de que Viotti usou o dicionário de Teschauer (1928)[73] como uma de suas fontes (VIOTTI, 1957, p. XVI) e a obra de Teschauer adotou diferentes textos de Senna como fonte de dados para Minas Gerais, sendo de especial importância para a presente discussão o fato de dois dos textos de Senna serem

---

[72] Há formas que aparecem em Viotti dentro de derivados e que não foram consideradas aqui: p. ex., não há *cobre* na acepção de "dinheiro", mas há *cobreira* na acepção de "porção de dinheiro" (p. 112); não há *chelpa* na acepção de "dinheiro", mas há *chelpudo* na acepção de "dinheiroso [ou seja, endinheirado]" (p. 114); dentre outros. A ausência dessas bases se deve ao fato de elas já estarem dicionarizadas na época de elaboração de sua obra.

[73] Teschauer já tinha incorporado dados dos textos de Senna de 1906 nas suas *Apostillas ao "Diccionario de Vocabulos Brazileiros"* (TESCHAUER, 1912).

os de 1906: C2, na versão de 1906, e C3, que é retextualização de R1 a R6. Consultando o dicionário de Teschauer, foi possível identificar os seguintes itens que ele próprio informa como extraídos dos textos de Senna de 1906[74] (34 itens): *assumptar* (p. 88), *no calor da braza* (p. 144), *cabra* (p. 156), *campar* (p. 172), *cécio* (p. 201) [cf. *sécio*], *cobrudo* (p. 223), *crespo* (p. 251), *desabocar* (p. 271) [cf. *destabocar*], *destampatorio* (p. 305), *duro de roer* (p. 319), *enfarar* (p. 344), *entojar* (p. 357), *esparrame* (p. 381), *estar cru* (p. 389) [cf. *cru*], *gaudério* (p. 444), *geréba* (p. 447) [cf. *jereba*], *ladear* (p. 555), *lanhado* (p. 558), *lavrados* (p. 560), *corrubiana* e *lubrina* (p. 571), *patacoada* (p. 686), *pica-fumo* (p. 711), *ponche*[1] e *ponche*[2] (p. 730-731), *contar potócas* (p. 736), *subir-a-serra* (p. 851), *sujijar* (p. 855) [cf. *sujigar*], *tacho*, *chêta* e *chélpa* (p. 865), *tarugo* (p. 874), *topetudo* (p. 891) e *torrar-pipócas* (p. 892). Há, no entanto, outros itens em Teschauer que estão presentes nos textos de Senna de 1906, mas foram abonados com outras fontes: p. ex., *gerebita* (p. 447), abonado a partir d'*O Garatujo*, de José de Alencar; *mata-bicho* (p. 600), abonado a partir do *Relatório do Ministério da Justiça* de 1908 (embora conste a data de 1920 na lista de fontes); dentre outros. Mas não se pode considerar, porém, que todas as formas de Senna presentes em Viotti derivem de Teschauer, porque há várias que estão em Viotti mas não em Teschauer: cf. *cotreia*, *maria vai com as outras*, *matinada*, *meter o arco*, *milho*, *panete*, *por via de*, *sestroso*, *sinagoga*, *tareco*, *trepar nos tamancos*, *tretar* e *trinque*. Isso significa que Viotti as coletou a partir de outras fontes, diferentes de Teschauer, que podem até incluir outro texto de Senna, pois consta referência à publicação *Africanos no Brasil* (1938) de Senna dentre as fontes de Viotti (p. XVI). Chama a atenção, ademais, que há itens coletados de Senna por Teschauer, mas que não foram incluídos por Viotti: *no calor da braza*, *campar*, *cécio* [cf. *sécio*], *cobrudo*, *crespo*, *desabocar* [cf. *destabocar*], *enfarar*, *estar cru*, *geréba*, *ladear*, *lanhado*, *lavrados*, *corrubiana*, *lubrina*, *pica-fumo*,

[74] O item *cravanista* é referenciado por Teschauer (1928, p. 250) a partir dos *Contos Sertanejos: Lendas e Fragmentos* (1902) de Senna, e não do R7; o item *lambança* (p. 556), a partir *Rev. de Ling. Portug.*, nov. de 1923, 3. Serie, e não de C2 ou C3.

subir-a-serra, *sujijar* [cf. *sujigar*] e *torrar-pipócas*. Não está claro por que esses itens não foram incluídos: talvez Viotti tenha considerado que alguns não se enquadrassem propriamente na categoria de gíria por terem se tornado de uso geral ao longo da 1ª met. do séc. XX, mas há certamente alguns que não parecem ser o caso, como *lanhado*, *pica-fumo* e *torrar-pipócas*, e ainda assim foram deixados de fora de seu inventário.

4.6.2.3 Estudos dialetais

Considerando a descrição de Amaral (1920) sobre o dialeto caipira do Estado de São Paulo, foi possível constatar a presença de 43 vocábulos e locuções (13,0%) com a mesma acepção apresentada por Senna: *assuntar* (p. 82 [na acepção de "perceber"]), *banzar* (p. 87-88 [na acepção de "pensar"]), *bate-boca* (p. 90), *beijoca* (p. 189), *binga* (p. 93), *cachaça* (p. 99), *cacunda* (p. 100), *candeeiro* (p. 104), *candonga* (p. 104), *candongueiro* (p. 105), *caninha* (p. 105), *capanga* (p. 106), *carapina* (p. 108), *casaco* (p. 42), *catinga* (p. 110), *caxerenguengo* (p. 112), *cobre* (p. 137), *despois* (p. 131), *distorcido* (p.), *embira* (p. 153), *enticar* (p. 157), *entonces* (p. 76), *estúrdio* (p. 140), *filante* (p. 45), *função* (p. 145 [na acepção de "baile"]), *godero* (p. 147), *inté* (p. 157), *isturdia* (p. 84), *levado da breca* (p. 97), *levar bucha* (p. 98), *matinada* (p. 169), *memória* (p. 171), *mutirão* (p. 173), *paçoca* (p. 178), *pito* (p. 191), *ponche*[2] (p. 192), *pramór de* (p. 67) [cf. *por amor de*], *reúno* (p. 203) [cf. *reiúno*], *sacudido* (p. 205 [nas acepções de "forte" e "valente"]), *supimpa* (p. 214), *topetudo* (p. 220), *turuna* (p. 124) e *tutu*[2] (p. 223).

Levando em conta a descrição de Nascentes (1922) sobre o linguajar carioca, constatou-se a presença de 33 vocábulos e locuções (9,9%) com a mesma acepção apresentada por Senna: *abiscoitar* (p. 93), *bagarote* (p. 95), *bago* (p. 104), *boia* (p. 96), *bolacha* (p. 96), *bucha* (p. 97), *cachaça* (p. 94), *cafajeste* (p. 98), *candongueiro* (p. 98), *capanga* (p. 99), *caxerenguengo* (p. 100), *cheta* (p. 101), *chumbado* (p. 101), *chuva* (p. 101), *cobre* (p. 101), *debicar* (p. 104),

despois (p. 59), *embira* (p. 105), *enticar* (p. 107), *filar* (p. 109), *função* (p. 110), *gata* (p. 111), *goderar* (p. 111), *godero* (p. 111), *inté* (p. 58), *mata-bicho* (p. 115), *pelega* (p. 118), *pidão* (p. 119), *pindaíba* (p. 119), *prumode* (p. 58) [cf. *por amor de*], *quebradeira* (p. 120), *turumbamba* (p. 124) e *turuna* (p. 124).

Tomando como referência a descrição de Marroquim (1934) sobre a língua do nordeste (Estados de Alagoas e Pernambuco), foi possível constatar a presença de 6 vocábulos e locuções (1,8%) com a mesma acepção apresentada por Senna: *adispois* (p. 215) [cf. *ao despois*], *cabra* (p. 102), *despois* (p. 140), *inté* (p. 196), *mangangá* (p. 159) [cf. *mangagá*] e *pru via de* (p. 233) [cf. *por via de*].

Tendo em conta a descrição de Teixeira (1938) sobre o falar mineiro, foi possível constatar a presença de 7 vocábulos e locuções (2,1%) com a mesma acepção apresentada por Senna: *abrir o chambre* (p. 55), *ao depois* (p. 91) [cf. *ao despois*], *despois* (p. 29), *embira* (p. 61), *inté* (p. 93), *pindaíba* (p. 61) e *prumódi* (p. 29) [cf. *por amor de*].

Por fim, considerando a descrição de Teixeira (1944) sobre a linguagem de Goiás, constatou-se a presença de 9 vocábulos e locuções (2,7%) com a mesma acepção apresentada por Senna: *despois* (p. 69)/*dispois* (p. 112), *odispois* (p. 49) [cf. *ao despois*], *inté* (p. 109), *pramóde* (p. 112) [cf. *por amor de*], *baianço* (p. 134), *banzer* (p. 134) [cf. *banzar*], *camoeca* (p. 139) [cf. *camueca*], *esturdio* (p. 147) e *fonção* (p. 148) [cf. *função*].

Em seu dicionário referente ao dialeto rural do Vale do Jequitinhonha, Antunes (2013) apresenta um grande inventário de itens lexicais coletados da tradição oral por um período de 25 anos em 15 municípios da referida região. Desse conjunto, foi possível identificar a presença de 27 vocábulos e locuções (8,1%) com a mesma acepção apresentada por Senna: *amigado* (p. 34), *arranchá* (p. 38) [cf. *arranchar*], *assuntá* (p. 42 [na acepção de "perceber, sondar"]) [cf. *assuntar*], *batê boca* (p. 50) [cf. *bate-boca*], *bicha* (p. 51), *bicudo* (p. 52), *cacunda* (p. 63), *candonga* (p. 67), *candonguero* (p. 67) [cf. *candongueiro*], *carrasco* (p. 71), *catinga* (p. 72-73), *chumbá* (p. 76) [cf. *chumbado*], *despois* (p. 99), *distampatório* (p. 102) [cf. *destampatório*], *imbirrá* (p. 135) [cf. *embirrar*], *entojo* (p. 107), *fonção* (p. 116) [cf.

função], *inté* (p. 139), *ladino* (p. 152), *muntuera* (p. 173) [cf. *montoeira*], *urudo* (p. 236) [cf. *ourudo*], *por mode* (*de*) *que* (p. 195) [cf. *por amor de que*], *pra mode* (p. 198) [cf. *por amor de*], *potoca* (p. 196) [cf. *contar potocas*], *tendepá* (p. 225), *tretero* (p. 230) [cf. *treteiro*] e *tá nos trinque* (p. 225) [cf. *trinque*].

Em estudo sobre o português de regiões rurais da zona da mata mineira, Moreira (2020) coletou dados com 200 perguntas relativas a itens lexicais documentados por Amaral (1920), as quais foram aplicadas a 5 informantes cada, do sexo masculino e feminino, de 3 faixas etárias (A: 18-33, B: 34-49 e C: 50 ou mais), nos municípios de Silveirânia e Dores do Turvo, próximos a Ubá (no sudeste do Estado de Minas Gerais). As perguntas foram distribuídas em 5 temas: atividades rurais (20), animais (45), alimentos (9), vegetais (16) e temas diversos (110). O pesquisador constatou a presença de 179 (89,5%) dos itens documentados por Amaral, com eventuais diferenças por variação fônica ou flexional, e a ausência de 21 (10,5%). Considerando os dados da compilação de Senna, verifica-se que[75]:

a) nove dos itens encontrados por Moreira (2020) também foram documentados por Senna: *mutirão* (p. 147-148), *ceva* (p. 151-152), *candiêro* (p. 155-156) [cf. *candeeiro*], *arranchô* (p. 170) [cf. *arranchar*], *bate-boca* (p. 173-174), *binga* (p. 173-174), *cacunda* (p. 175-176), *jinela* (p. 185-186) e *sojigá* (p. 193-194) [cf. *sujigar*];

b) dois dos itens lexicais não encontrados por Moreira (2020) que constavam de Amaral (1920) tinham sido documentados por Senna: cf. *gaudério* (p. 93) [cf. *godero*] e *aminhã/amenhã* (p. 93) [cf. *aminhã*]);

Sendo assim, ainda que Moreira (2020) não tenha encontrado, em Minas Gerais, alguns dos itens arrolados por Amaral (1920) em

[75] Os dados relativos a *jinélla*, *sujigar* e *aminhã* presentes na compilação de Senna não constam do conjunto da seção referente ao nível semântico-lexical do presente trabalho, porque o próprio Senna não os codificou como sendo questão de natureza semântico-lexical, codificação esta que é feita em sua compilação através da apresentação de sinônimos.

época recente, os dados de Senna atestam que eles efetivamente circularam nestas terras no passado.

Dois dos itens encontrados por Moreira (2020) e documentados por Senna são geracionalmente marcados, aparecendo em frequência decrescente em termos de geração: *arrachô* (3× na geração C, mas nenhuma nas gerações B e A) e *sojigá* (2× nas gerações C e B, mas nenhuma na geração A) (MOREIRA, 2020, p. 106-107).

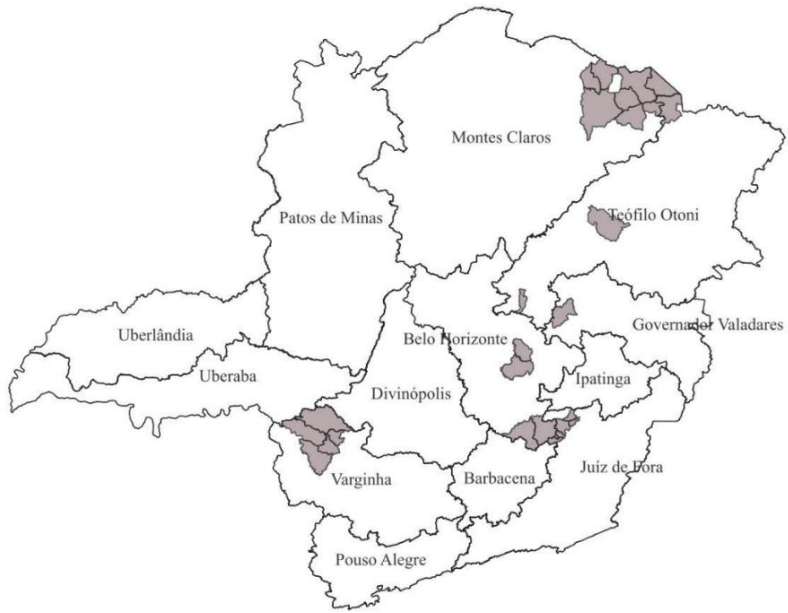
Não se pode dizer, no entanto, com base no estudo de Moreira (2020), que os dados compilados por Senna refletem um inventário já desaparecido nas Minas Gerais de hoje, pois as 200 perguntas utilizadas como referência para a coleta de dados feita por este não contemplam boa parte dos itens arrolados por Senna: basta mencionar aqui o riquíssimo inventário relativo a pessoa valente, aguardente e bebedeira da compilação de Senna, não contemplado por Moreira (2020).

Um aspecto que chama a atenção, no entanto, é que a alta taxa de itens encontrados por Moreira (2020) diz respeito a uma região (a Zona da Mata) que, no mapeamento de Zágari (1998), se encontra na área do falar mineiro, e não do falar paulista.

O conjunto de estudos realizados no âmbito do Projeto *Léxicos Regionais de Minas Gerais*, por fim, oferece interessante material a ser confrontado com os dados da compilação de Senna. Os dados foram coletados na zona rural de diferentes localidades: Freitas (2012) coletou nos municípios de Jaboticatubas e Santana do Riacho, no centro da região geográfica intermediária de Belo Horizonte; Cordeiro (2013), no de Minas Novas, no centro da região de Teófilo Otoni; Miranda (2013), no de Sabinópolis, no oeste da região de Governador Valadares; Souza (2014), no de Águas Vermelhas, no norte da região de Teófilo Otoni, e nos de Berizal, Ninheira, Taiobeiras, Indaiabira, São João do Paraíso, Rio Pardo de Minas, Santo Antônio do Retiro e Montezuma, no nordeste da região de Montes Claros; e Ribeiro (2016), nos de São Roque de Minas, Delfinópolis, São João Batista do Glória, Vargem Bonita e Passos, no norte da região de Varginha. Afins a estes estudos são o

de Seabra (2004), referente aos municípios de Ouro Preto e de Mariana, no sul da região de Belo Horizonte, e aos de Barra Longa, Diogo de Vasconcelos, Rio Doce, Dom Silvério e Acaiaca, no noroeste da região de Juiz de Fora, e o de Santos (2015), referente ao município de Datas e ao povoado de Cachimbos no sul da região de Teófilo Otoni. Uma síntese desses estudos foi apresentada por Seabra e Souza (2023), contendo 2027 unidades léxicas coletadas entre os anos de 2002 e 2016. Para se ter uma ideia da localização desse conjunto de municípios contemplados, veja-se o mapa a seguir:

Figura 10 – Municípios de origem dos dados dos *Léxicos Regionais de Minas Gerais* por região geográfica intermediária



O confronto com a compilação de Seabra e Souza (2023) permitiu verificar a presença de 29 vocábulos e locuções (9,0%) com a mesma acepção apresentada por Senna: *arranchar* (p. 41), *assuntar* (p. 47), *bateia* (p. 59), *bicudo* (p. 62), *brocotó* (p. 76), *cabra* (p. 81 [na acepção de "pessoa"]), *cachaça* (p. 82), *cacunda* (p. 83), *candieiro* (p.

90-91 [na acepção de "indivíduo que vai à frente de carro de boi"]), *candonguero* (p. 91) [cf. *candongueiro*], *capanga* (p. 96 [na acepção de "guarda-costas"]), *carapina* (p. 100), *carrasco* (p. 103), *catinga* (p. 107 [na acepção de "cheiro forte e desagradável"]), *chiqueiro* (p. 115), *chumbado* (p. 116), *cobre* (p. 117), *dispois* (p. 146), *isturdia* (p. 209), *jagunço* (p. 212), *lubrina* (p. 226), *mangangá* (p. 233), *mode* (p. 244) [cf. *por amor de*], *montoeiro* (p. 245) [cf. *montoeira*], *paçoca* (p. 255), *pirão* (p. 269-270), *sacudido* (p. 295), *tareco* (p. 307) e *tendepá* (p. 309). Verificou-se, ademais, que quase todos esses vocábulos e locuções já estão dicionarizados, com exceção de *lubrina*.

Em síntese, a presença de vocábulos e locuções da compilação de Nelson de Senna em estudos dialetais apresenta a seguinte distribuição:

Tabela 4 – Presença de vocábulos e locuções da compilação de Nelson de Senna em estudos dialetais

Estudo	Região	Itens
Amaral (1920)	Estado de São Paulo	43/332 (13,0%)
Nascentes (1922)	Cidade do Rio de Janeiro	33/332 (9,9%)
Marroquim (1934)	Estados de Alagoas e Pernambuco	6/332 (1,8%)
Teixeira (1938)	Estado de Minas Gerais	7/332 (2,1%)
Teixeira (1944)	Estado de Goiás	9/332 (2,7%)
Antunes (2013)	Nordeste do Estado de Minas Gerais (Vale do Jequitinhonha)	27/332 (8,1%)
Moreira (2020)	Sudeste do Estado de Minas Gerais (Região de Ubá)	7/332 (2,1%)[76]
Seabra e Souza (2023)	Estado de Minas Gerais	29/332 (9,0%)

[76] Considerou-se aqui apenas os vocábulos e as locuções presentes na seção referente ao nível semântico-lexical da compilação de Senna.

Considerando inicialmente apenas os cinco primeiros estudos da 1ª met. do séc. XX, os resultados do nível semântico-lexical (tabela 4) contrastam fortemente com os obtidos em relação ao nível fonológico (tabela 1), cujas taxas de semelhança (para fenômenos descritos e/ou documentados) em relação aos dados de Senna foram: Amaral (1920), 62,9%; Nascentes (1922), 68,6%; Marroquim (1934), 74,3%; Teixeira (1938), 71,4%; e Teixeira (1944), 74,3%.

Essas diferenças se devem, em parte, a questões metodológicas dos cinco estudos: Amaral (1920, p. 68-227), Nascentes (1922, p. 87-127) e Teixeira (1944, p. 121-164) apresentam extensa seção tratando apenas do léxico da variedade linguística descrita, que, no primeiro, ocupa 70% da obra, no segundo, 31,5%, e, no terceiro, 25,4%, mas Marroquim (1934, p. 125-146) apresenta uma seção curta, ocupando 8,9% de sua obra, e Teixeira (1938) não dedica seção específica ao tema, sendo o vocabulário apresentado de forma esparsa na descrição gramatical. Nestas duas últimas obras, ademais, foi muito comum a apresentação de itens lexicais sem glosa, o que impediu que pudessem ser computados como com a mesma acepção apresentada por Senna. Percebe-se claramente, na comparação entre os cinco estudos dialetais, que houve uma mudança de orientação no tratamento da matéria, passando-se de descrições fortemente baseadas em listas de palavras para descrições mais centradas na questão gramatical. Sendo assim, especificamente em relação ao léxico, o aspecto quantitativo das semelhanças deve ser considerado como relativo para associar os dados de Senna aos das regiões em questão.

No entanto, os resultados obtidos demonstram, de certa forma, que os dados de Senna não podem ser considerados, no todo, como registros de usos linguísticos peculiares apenas ao "sertão e centro-norte mineiros": 69 deles (20,8%) – considerando os presentes em Amaral (1920), Nascentes (1922), Marroquim (1934) e Teixeira (1944) – foram registrados fora desse estado. No entanto, é verdade que, no nível semântico-lexical, há mais fatos linguísticos que não foram encontrados alhures que no nível fonológico: sendo assim, talvez isófonas sejam menos eficazes para

delimitar as idiossincrasias linguísticas peculiares a Minas Gerais do que isoléxicas.

Os valores mais altos para a presença de vocábulos e locuções da compilação de Senna nos estudos de Antunes (2013) e Seabra e Souza (2023) podem ser explicados não apenas por se tratar de estudos relativos ao Estado de Minas Gerais, mas também por contemplarem a região do nordeste deste estado (já que a compilação de Senna se refere ao sertão e ao centro-norte mineiros), diferentemente de Moreira (2020), que se ocupou da variedade linguística do sudeste desse estado.

4.6.2.4 Questionário do ALiB

Como já assinalado antes, a 4ª fase dos estudos dialetais no Brasil teve início com a instituição do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) em 1996. Um dos grandes méritos dessa nova fase foi a adoção de um questionário único para ser aplicado em todas as localidades pesquisadas. Esse questionário é composto das seguintes seções:

I – Questionário fonético-fonológico (QFF): 159 itens;
II – Questões de prosódia: 11 itens;
III – Questionário semântico-lexical (QSL): 202 itens;
IV – Questionário morfossintático (QMS): 49 itens;
V – Pragmática: 4 itens;
VI – Metalinguístico: 5 itens;
VII – Parábola dos sete vimes: 1 texto;

Os dados compilados por Senna não podem ser interpretados sob a perspectiva de todos os 430 itens (além do texto da seção VII) desse questionário, porque foram transmitidos por meio de língua escrita, o que impede conhecer, p. ex., como os itens seriam pronunciados naquela época e no(s) local(is) em que foram coletados.

No entanto, é possível associar alguns dos dados compilados por Senna com alguns dos itens do questionário semântico-lexical (QSL), mostrando assim formas em uso em Minas Gerais (mais

especificamente, no sertão e no centro-norte mineiros) na virada do séc. XIX. A seguir apresenta-se a pergunta do QSL, identificada com a respectiva numeração nesse questionário, com o dado correspondente da compilação de Senna e sua definição após a seta:

a) *Acidentes geográficos*:

2. Pinguela: Como se chama tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um ____ (cf. item 1)? → *pinguéla* [C1] ("ponte feita com um pranchão").

b) *Fenômenos atmosféricos*:

8. Relâmpago: Como se chama um clarão que surge no céu em dias de chuva? → *relâmpo* [R8].

21. Nevoeiro / Cerração / Neblina: Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso? → *corrúbiãna* [C2] ~ *corrubiana* [C3] ~ *corrubiâna* [R4, R7]; *lubrina* [C2, C3, R4, R7]; *noruéga* [R7] ("neblina, chuvisco fino e peneirado em brumas").

c) *Astros e tempo*:

38. Trasanteontem: Como se chama o dia que foi antes de ____ (cf. item 37)? [E mais um dia para trás?] → *trasantonte* [C3, R5].

d) *Atividades agropastoris*:

61. Trabalhador de enxada em roça alheia: Como se chama o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho? → *jornalêiro* [R7] ("trabalhador").

e) *Fauna*:

64. Urubu: Como se chama a ave preta que come animal morto, podre? → *aribù* [C3, R5].

69. Sura: Como se chama uma galinha sem rabo? → *surúca* [C1] ("gallinha (sem rabo)").

82. Manco: Como se chama o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna? → *náfego* [R3] ("animal que puxa do quadril").

f) *Corpo humano*:

107. Corcunda: Como se chama a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (mímica)? → *cacùnda* [R8] ("costas").

g) *Ciclos da vida*:

129. Irmão de leite: O próprio filho da ____ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro? → *malungo* [R8] (obs: Senna não apresenta definição para esta palavra, mas ela é associada a irmão de leite por vários dicionários).

h) *Convívio e comportamento social*:

137. Pessoa pouco inteligente: Como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas? → *paizé* [C2, C3, R6] ("toleirão, idiota"), *palérma* [R8] (obs: Senna não apresenta definição para esta palavra, mas ela é associada a "tolo" por vários dicionários).

144. Bêbado: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais? *bicudo* [C1] ~ *bicúdo* [C2, R6, C3], *borracho* [C1], *cheio* [C1], *chumbado* [C1], *cortador* [C1], *hervado* [C1] e *trombiqueiro* [C1] ("bebedo", "embriagado").

i) *Habitação*:

173. Isqueiro / binga: Para acender um cigarro, se usa fósforo ou ____? → *isqueiro* [C1] e *binga* [C1] ("caixa de mecha e fuzil de pederneira").

j) *Alimentação e cozinha*:

182. Aguardente: Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar? → *branca* [C1], *cachaça* [C1], *canna* [C2], *canninha* [C1], *cayanna* [C1], *cotréa* [C1], *espirito* [C1], *gérebita* [C2] ~ *gerebita* [C3, R5], *gólo* [C2], *malunga* [R5], *matabicho* [C1], *paraty* [C1], *panête* [C2, R4], *sizóca* [C1] ("restillo", "aguardente").

Considerações finais: contribuições deste estudo crítico

O presente estudo crítico se ocupou de um conjunto de textos de Nelson de Senna reunidos sob o título *O Calão Mineiro*, produzidos e parcialmente publicados entre 1896 e 1906. Convém sintetizar aqui as principais contribuições deste estudo.

1) *Edição acessível aos leitores modernos*

O conjunto de textos em questão tinha sido publicado, em grande parte, em versão impressa, mas não foi possível localizar registro de todos eles. No entanto, localizou-se a versão manuscrita autógrafa de parte desses textos (pertencente ao Instituto Histórico-Geográfico da Bahia), a qual foi transcrita e disponibilizada para os leitores modernos no Anexo 1 deste livro, junto com outros cuja versão impressa foi localizada.

2) *Reunião de dados referentes a diferentes níveis linguísticos*

O conjunto de textos em questão compreende uma grande quantidade de dados de interesse (que eventualmente se repetiam em um e outro texto, com variantes gráficas e formais). Todos esses dados foram reunidos e organizados segundo o nível linguístico a que se referem: foram computados 724 dados (incluindo-se as eventuais repetições), que permitiram constatar 35 fatos fonológicos, 3 morfológicos, 1 sintático, 8 paremiológicos e 332 semântico-lexicais.

3) *Confronto com dados de diferentes domínios dialetais*

Embora os dados do conjunto de textos de Senna analisado se refiram a Minas Gerais (mais especificamente, ao sertão e ao centro-norte mineiros), foi possível evidenciar que parte desses dados é

compatível com o português popular brasileiro de forma geral. Os dados de Senna referentes ao nível fonológico documentam mais fenômenos encontrados em alguma outra parte do Brasil (32/35 = 91,4%) que os referentes ao nível semântico-lexical (69/332 = 20,8%), considerando quatro de cinco estudos dialetais realizados na 1ª met. do séc. XX: Amaral (1920) [referente ao Estado de São Paulo], Nascentes (1922) [referente à Cidade do Rio de Janeiro], Marroquim (1934) [referente aos Estados de Alagoas e Pernambuco] e Teixeira (1944) [referente ao Estado de Goiás]. Em parte, isso se deve a especificidades metodológicas dessas obras, mas, em parte, revela que o léxico parece ser mais significativo para diferenciar uma área dialetal peculiar a Minas Gerais (o *falar mineiro* na terminologia de Zágari).

4) *Datação e retrodatação de vocábulos e locuções*

Os dados de Senna referentes ao nível semântico-lexical, porque todos datados, contribuíram para aperfeiçoar o enquadramento cronológico do léxico da língua portuguesa. Foram datados, pela primeira vez, 73 itens lexicais: 1896 → *bicota, boquinha, bumbu, buta, cabacinha, cabe, carpim, casacudo, começão, corrente, cotreia, enxurrio, fininho, larjan, latacho, moafa, papel bananeira, pescotapa, pintadinha, pipi, sizoca, suruca, surunga, tendepá, tica* e *trombiqueiro*; 1899 → *abalativo, arapuado, cobrudo, corrubiana, entiotado, enfarruscado, esparrame, estúrdio, goderar, godero, inventadeira, jeribita, latomia, leva e traz, lubrina, malunga, mamparreador, ourudo, pai-zé, panete, patacudo, pica-fumo, picó, pidão, rapador, supimpa, tretar, treteiro, troço* (/ó/), *trompário, vira-casaca* e *Zebas*; 1902 → *turumbamba*; e 1904 → *bate-pau, bundudo, cravanista, esturdeza, gratuitis, guiada, labatu, maludo, marvado, rascada, sacrafúgio, sarabadejo, topador* e *xingatório*. Foram retrodatados, considerando Houaiss e Villar (2009), 19 itens lexicais (ou acepções diferentes): 1896 → *apatacado, caiana, cateretê, cheta, disgra, farofa, isqueiro, mangagá, mata-bicho, pelega* e *pequena*; 1899 → *jereba* e *porre*; 1902 → *bagarote* e *brocotó*; 1904 → *bate-boca, cacundeiro, catingueiro* e

montoeira. Foram datadas, pela primeira vez, 29 locuções: 1896 → *banzé de cuia*; 1899 → *abrir o chambre, duro de roer, fresco como chicória, levar bucha, maria vai com as outras, meter o arco, no calor da brasa, por amor de que, por via de, pregador de sermonia, pregar ladainha, quieto que nem preguiça, rodar nos joanetes, subir nos tamancos, ter mão, tomar na cuia, tomar sopa, torrar pipocas* e *trepar nos tamancos*; 1902 → *contar potocas, levado da breca, matar o bicho* e *subir à serra*; e 1904 → *arrastar saco, fresco que nem chicória, por amor de, por riba e tomar aragem*.

5) Proposição de etimologia para vocábulos não contemplados nas obras lexicográficas consultadas

Dentre os 332 itens referentes ao nível semântico-lexical, encontraram-se 31 que não constavam nas obras lexicográficas consultadas ou que, mesmo constando, não se apresentou proposta etimológica. Fez-se aqui uma proposta de etimologia para esses vocábulos: *abalativo, adivertimento, arapuado, baianço, cobrudo, começão, enfarruscado, entiotado, enxurrio, esturdeza, gratuitis, inventadeira, isturdia, latomia, lubrina, marvado, nanica, pai-zé, papel bananeira, picó, pintadinha, (pregador de) sermonia, sacrafúgio, sarabadejo, suruca, surunga, tica, tretar, trombiqueiro, trompário* e *Zebas*. Dada a dispersão de informação sobre etimologia de vocábulos na língua portuguesa em tantas obras atualmente, não é improvável, no entanto, que alguns desses vocábulos tenham sido contemplados em obra não consultada para este estudo.

6) *Recuperação da história e das contribuições do projeto do Diccionario Brasilico-Mineiro*

A instituição da Academia Mineira de Letras em 1910 foi acompanhada de uma iniciativa para a produção de uma obra lexicográfica que contemplasse a realidade linguística do Estado de Minas Gerais. Embora essa iniciativa não tenha sido levada a cabo integralmente, foram produzidas breves contribuições que ficaram eclipsadas pelo tempo. No presente estudo, essa iniciativa foi dada a conhecer, recuperando não apenas a sua história, mas

também parte das referidas contribuições iniciais, as quais foram transcritas no Anexo 2.

7) *Delimitação da história da geolinguística mineira por critérios internos*

Não parece haver, até onde se sabe, texto anterior ao artigo intitulado *O Calão Mineiro*, de Nelson de Senna, publicado na edição de 10 de junho de 1896 do jornal ouro-pretano *O Estado de Minas*, que tenha tratado de fatos da língua portuguesa especificamente em Minas Gerais com a mesma atenção. Esse texto, que foi o primeiro de uma série, apresenta um conjunto de 119 dados, sendo 117 do domínio semântico-lexical, um do fonológico e um do morfológico. Apesar de puramente descritivo, com lista de formas no que chamou de "vernáculo" (provavelmente modalidade escrita no estilo formal de pessoas com alta escolaridade) e no que chamou de "vulgo de Minas" (provavelmente modalidade oral no estilo informal de pessoas com baixa escolaridade), o texto tem a importância historiográfica de assinalar a emergência da atenção a diferenças linguísticas diatópicas no Estado de Minas Gerais (já que se tratava do dito calão *mineiro*).

Os textos de Senna tiveram notável repercussão.

Primeiramente, foram republicados em outros periódicos: constatou-se, p. ex., a presença do primeiro deles, de 1896, também nas edições do carioca *Gazeta da Tarde*, de 22 de junho de 1896 (p. 2), e do pernambucano *Jornal do Recife*, de 4 de julho de 1896 (p. 2-3).

Além disso, o próprio plano de vocabulários regionais, previsto nos estatutos da AML (publicados em 1910), levava adiante um trabalho de coleta de material que tinha sido iniciado por Senna, que era membro fundador dessa instituição.

Ademais, o interesse por esse tipo de trabalho tinha dado origem a outro texto, também anterior ao DBM da AML, publicado no *Annuario* do próprio Senna de 1907: trata-se do texto *Achêgas*

para o Estudo do Calão Mineiro, de autoria de Daniel Serapião de Carvalho[77]. O título do texto, contendo a expressão *calão mineiro*, não deixa dúvida do tributo que o autor prestava aos textos de Senna.

Também se constata repercussão da produção de Senna nas *Apostillas ao "Diccionario de Vocabulos Brazileiros"* (1912), de Carlos Teschauer, que cita frequentemente itens d'*O Calão Mineiro* publicados no *Annuario* de Senna de 1906 para ilustrar fatos referentes a Minas Gerais, com repercussão também na obra subsequente de Teschauer, o *Novo Diccionario Nacional* (1928). Essa repercussão adentrou ainda, indiretamente, o *Novo Dicionário da Gíria Brasileira* (1957), de Manuel Viotti, já que este adotou a obra de Teschauer como uma de suas fontes de dados.

Por fim, mesmo o texto de Souza-Pinto (1912), único citado por Ferreira e Cardoso (1994) para Minas Gerais para a 1ª fase de sua periodização, parece poder ser considerado tributário do trabalho de Senna: Souza-Pinto encerra seu texto, de 1912, dizendo que "[c]om tão variado *lexicon* um curioso que disponha de tempo pode escrevêr uma carta *sui generis,* ao alcance de todos" e a expressão "um curioso" foi o pseudônimo que Senna usou para assinar o artigo *Vocabulario Caipira* publicado no seu *Annuario* de 1906 (p. 407-408), que era republicação da primeira versão vinda a lume, com o título *O Calão Mineiro*, no *Almanach Popular Brazileiro* (p. 99-101) de Pelotas em 1903, texto diverso daquele inicial de 1896. Sustenta essa interpretação, além da questão do pseudônimo, o fato de 21 dos 134 itens listados por Souza-Pinto já constarem do textos de Senna, como *alambazado*, *banzar*, *cheta*, *destampatório,* dentre outros.

Considerando que Amaral e Santos (2016, p. 1178) adotaram a data de 1889, que foi a da mudança de Província de Minas Gerais para Estado de Minas Gerais, como início da 1ª fase dos estudos sobre o português falado em Minas Gerais "[n]a ausência de uma obra significativa que tenha se ocupado da descrição do português

[77] Cf. transcrição parcial no Anexo 3 deste livro.

oral de Minas Gerais", parece adequado ajustar essa data para o ano de 1896, tomando como referência a publicação do primeiro texto da série *O Calão Mineiro* de Nelson de Senna. Trata-se, do ponto de vista historiográfico, de uma obra significativa sobre o português oral de Minas Gerais, pela originalidade, pela riqueza e pela repercussão.

Referências

ABL [ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS]. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeio: ABL, 2024-2025. Disponível em: https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario. Acesso em: 31 out. 2025.

AFFONSO, José. *Selecta de prosadores mineiros*. Belo Horizonte: Imprensa Official do Estado de Minas Geraes, 1914. Disponível em: https://books.google.com/books?id=TGBLAQAAMAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

ALEGRE, Apolinário Porto. *Popularium sulriograndense*. 1872. [*Popularium sul-rio-grandense*: estudos de filologia e folclore. 2. ed. Reorganização de Lothar Hessel. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/Instituto Estadual do Livro, 1980; reimpr., 2004].

AMARAL, Amadeu. O dialecto caipira. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano I, n. 9, p. 22-33, 1916a. Disponível em: http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26234. Acesso em: 31 out. 2025.

AMARAL, Amadeu. O dialecto caipira. *Revista do Brasil*, São Paulo, I, n. 10, p. 119-130, 1916b. Disponível em: http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26236. Acesso em: 31 out. 2025.

AMARAL, Amadeu. *O dialecto caipira:* gramática, vocabulário. São Paulo: O Livro, 1920. Disponível em: https://books.google.com/books?id=wRY9-Wyyuw0C. Acesso em: 31 out. 2025.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SANTOS, Marcos Paulo. As pesquisas sobre o português falado em Minas Gerais em 125 anos de história (1889-2014). *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1172-1201, 2016. DOI: https://doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-20. Acesso em: 31 out. 2025.

AML [ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS]. Estatutos. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, ano XIX, n. 33, 7, 8, 9 e 10 de fevereiro de 1910, p. 7-8. Disponível em: https://www.jornalminasgerais.mg.gov.br/modulos/www.jornalminasgerais.mg.gov.br//diarioOficial/1910/02/10/jornal//MG_1910-02-10%200007.JPG. Acesso em: 31 out. 2025.

ANTUNES, Carolina. *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2013.

APCBH [Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte]. *Inventário do Arquivo Pessoal Nelson Coelho de Senna* (*1876-1952*). Belo Horizonte: APCBH, 2000a. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/cultura/2018/documentos/inv_nelson_de_senna.pdf. Acesso em: 31 out. 2025.

APCBH [Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte]. *Inventário do Arquivo Pessoal Nelson Coelho de Sena* (*1876-1952*): inventário analítico – série correspondências. Belo Horizonte: APCBH, 2000b.

ARINOS, Affonso. *Pelo sertão*: historias e paizagens. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1898. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=au8pAAAAYAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

BALBI, Adrien. *Introduction à l'atlas ethnographique du globe*. Paris: Rey et Gravier, 1826. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=pugqAAAAYAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. *Diccionario de vocabulos brazileiros*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221706. Acesso em: 31 out. 2025.

BESSA, Alberto. *A giria portugueza*: esboço de um diccionario de «calão». Lisboa: Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1901. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9385713. Acesso em: 31 out. 2025.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. (Org.). *Dicionário histórico do português do Brasil*: séculos XVI, XVII e XVIII. Araraquara: FCL-UNESP, 2021. Disponível em: http://dicionarios.fclar.unesp.br. Acesso em: 31 out. 2025.

BLUTEAU, Rapahel. *Vocabulario portuguez & latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu; Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1721. 8 v. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5446. Acesso em: 31 out. 2025.

BLUTEAU, Rapahel. *Supplemento ao vocabulario portuguez, e latino*. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727-1728. 2. V. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5448. Acesso em: 31 out. 2025.

BRASIL. *Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952*. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 31 out. 2025.

CABRAL, Tomé. *Novo dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

CAMARA, Paulo Perestrello da. *Collecção de proverbios, adagios, rifãos, anexins, sentenças moraes e idiotismos da lingoa portugueza*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1848. Disponível em: https://www.google.com.br/books?id=lttWAAAAcAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

CAMBRAIA, César Nardelli; POLIZER, Gabrielle Venâncio Ruas. Em busca dos precursores da geolinguística mineira: *O Calão Mineiro*, de Nelson de Senna, e o *Dicionário Brasílico-Mineiro*, da Academia Mineira de Letras. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGUÍSTICOS, XVII, Campo Grande, 9-11 abril 2025. *Anais*... São Carlos: Pedro e João Editores, 2025. p. 242-257. Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/?arquivo_download=14114. Acesso em: 31 out. 2025.

CHRONICA do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira. Rev., pref. e notas por Mendes dos Remédios. Coimbra: F. França Amado, 1911. Disponível em: https://purl.pt/14411. Acesso em: 31 out. 2025.

COELHO, Francisco Adolpho. *Os ciganos em Portugal com um estudo sobre o calão*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892. Disponível em: https://purl.pt/24588. Acesso em: 31 out. 2025.

CORDEIRO, Maryelle Joelma. *Estudo linguístico no Vale do Jequitinhonha*: o léxico de Minas Novas. 291p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9EAKY6. Acesso em: 31 out. 2025.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Apontamentos para um vocabulario pernambucano de termos e frases populares e de vocabulos vernaculos correntes no Estado com acepções diferentes. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, Recife, v. 18, n. 92, p. 103-170, 1916; v. 34, n. 159-162, p. 8-763, 1936.

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais com estudo histórico da divisão territorial administrativa*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1970.

DELICADO, Antônio. *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*. Lisboa. Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=K_sxuAAACAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

DIÉGUES JR., Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.

ELIA, Sílvio. *Ensaios de filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1963.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FREITAS, Cassiane Josefina de. *Café com quebra torto*: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG. 302p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/RMSA-ALTRFU. Acesso em: 31 out. 2025.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1996.

GARCIA, Rodolpho. Diccionario de brasileirismos (peculiaridades pernambucanas). *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 76, parte 1, p. 633-947, 1913 [publicado em 1915]. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/893676/62291. Acesso em: 31 out. 2025.

GÓES, Carlos. Diccionario brasilico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, ano XX, n. 93, 24 e 25 de abril de 1911, p. 4. Disponível em: https://www.jornalminasgerais.mg.gov.br/modulos/www.jornalminasgerais.mg.gov.br//diarioOficial/1911/04/25/jornal//MG_1911-04-25%200004.JPG. Acesso em: 31 out. 2025.

GÓES, Carlos. Diccionario brasilico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, ano XX, n. 111, 14 de maio de 1911, p. 1-2. Disponível em: https://www.jornalminasgerais.mg.gov.br/modulos/www.jornalminasgerais.mg.gov.br//diarioOficial/1911/05/14/jornal//MG_1911-05-14%200001.JPG. Acesso em: 31 out. 2025.

GÓES, Carlos. Diccionario brasilico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, ano XX, n. 124, 29 e 30 de maio de 1911, p. 4-5. Disponível em: https://www.jornalminasgerais.mg.gov.br/modulos/www.jornalminasgerais.mg.gov.br//diarioOficial/1911/05/30/jornal//MG_1911-05-30%200004.JPG. Acesso em: 31 out. 2025.

GOMES, Lindolpho. Diccionario brasil[ic]o-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 101, 30 de abril de 1911, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/27761. Acesso em: 31 out. 2025.

GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 103, 3 de maio de 1911, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/27769. Acesso em: 31 out. 2025.

GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 104, 4 de maio de 1911, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/27773. Acesso em: 31 out. 2025.

GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 105, 5 de maio de 1911, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/27777. Acesso em: 31 out. 2025.

GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 106, 6 de maio de 1911, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/258822/27781. Acesso em: 31 out. 2025.

GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 108, 9 de maio de 1911, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/258822/27790. Acesso em: 31 out. 2025.

GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 110, 11 de maio de 1911, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/258822/27797. Acesso em: 31 out. 2025.

GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 112, 13 de maio de 1911, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/258822/27806. Acesso em: 31 out. 2025.

GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 113, 14 de maio de 1911, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/27810. Acesso em: 31 out. 2025.

GOMES, Lindolpho. Afro-negrismos. *Revista de Philologia e de Historia*, Rio de Janeiro, t. II, v. III-IV, p. 378-392, 1934.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.) *História geral da civilização brasileira*: II – O Brasil monárquico, 2 – Dispersão e unidade. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972. [1. ed., 1960].

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAUSBERG, Heinrich. *Linguística românica*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1981.

LIVRARIA Scientifica Brasileira. *O Mundo Litterario*, Rio de Janeiro, ano 1, vol. 2, p. 249, 5 de setembro de 1922. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/179973/673. Acesso em: 31 out. 2025.

LOPES NEVES, [José Francisco]. O calão: organização do diccionario brazilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 166, 15 de julho de 1911, p. 1-2. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/28022. Acesso em: 31 out. 2025.

LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro et al. *Cantigas medievais galego portuguesas*: base de dados online. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011. Disponível em: http://cantigas.fcsh.unl.pt. Acesso em: 31 out. 2025.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1995. 5 v.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português*: estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno). 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. [1. ed., 1986]

MANIFESTO dos Mineiros: 70 anos. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 2013. Disponível em: https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/60243. Acesso em: 31 out. 2025.

MARROQUIM, Mário. *A lingua do nordeste* (*Alagôas e Pernambuco*). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. Disponível em: http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/103. Acesso em: 31 out. 2025.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 2. ed. melhorada e aumentada. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971. [1. ed., 1946].

MENDONÇA, Renato. *O português do Brasil*: origens – evolução – tendências. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

MIRANDA, Vanderlei Martins Ribeiro de. *Léxico e cultura*: estudo linguístico na área rural de Sabinópolis-MG. 264p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-8ZDNV5. Acesso em: 31 out. 2025.

MIRANDA, Vicente Chermont de. *Glossario paraense ou colecção de vocabulos peculiares á Amazonia e especialmente á ilha do Marajó*. Pará: Livraria Maranhense, 1906. [2. ed., Belém: Ed. da UFPA, 1968]. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=shwTAAAAYAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

MONTEIRO, Norma de Góes. *Dicionário biográfico de Minas Gerais*: período republicano 1889-1991. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1994. V. 2, p. 628-629. Disponível em: https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/128. Acesso em: 31 out. 2025.

MOREIRA, Francisco de Assis. *O dialeto caipira de Amadeu Amaral e suas reminiscências na linguagem de regiões rurais da zona da mata mineira*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/?arquivo_download=2076. Acesso em: 31 out. 2025.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sobre a dialectologia no Brasil: para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. *In*: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (Orgs.) *Documentos 2*: projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/documentos.pdf. Acesso em: 31 out. 2025.

NASCENTES, Antenor. Variante carioca de um subdialeto brasileiro. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 65, p. 134-138, maio 1921. Disponível em: https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26290. Acesso em: 31 out. 2025.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Süssekind de Mendonça & Comp., [1922]. Disponível em: https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.$b62939. Acesso em: 31 out. 2025.

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*: gramática histórica. Rio de Janeiro: Livraria Machado / Livraria Alves, 1933. V. IV.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. completamente refundida. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 213-219, 1955. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1955_v17_n2.pdf. Acesso em: 31 out. 2025.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.

NUNES, José Joaquim. *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*: manuscrito do século XV, agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e indice onomástico. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918. 2 v. Disponível em: https://archive.org/download/crnicadaordemd02nune/crnicadaordemd02nune.pdf. Acesso em: 31 out. 2025.

PEREIRA, Bento. *Florilegio dos modos de fallar, e adagios da lingoa portuguesa: dividido em duas partes, em a primeira das quaes se poem pella ordem do alphabeto as frases portuguesas, a que correspondem as mais puras, & elegantes lLatinas: na segunda se poem os principaes adagios portugueses, com seu latim proverbial correspondente*. Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1655. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=B2TcaWOTkV4C. Acesso em: 31 out. 2025.

PEREIRA, Carlos Eduardo. *Grammatica expositiva*. São Paulo: Weiszflog Irmãos & Co., 1907. Disponível em: http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26057. Acesso em: 31 out. 2025.

PINTO, Aleixina Magalhães; PINTO, Astolpho. *Proverbios populares, maximas e observações usuaes colligidos na tradição oral*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917. Disponível em: https://www.google.com.br/books?id=U90zAQAAMAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da lingua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5414. Acesso em: 31 out. 2025.

RIBEIRO, Giselle Aparecida. *O léxico nos domínios da Zagaia*: um estudo linguístico na Serra da Canastra – Minas Gerais. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9PEP75. Acesso em: 31 out. 2025.

RIBEIRO, João. *Historia do Brasil adaptada ao ensino primario e secundario*. Rio de Janeiro: Livraria Cruz Coutinho, 1900. Disponível em: https://www.google.com.br/books?id=nlA_AAAAIAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

RIBEIRO, João. *Frazes feitas, estudo conjectural de locuções, ditados e proverbios*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908. Disponível em: https://archive.org/details/frazesfeitasest00ribegoog. Acesso em: 31 out. 2025.

RIBEIRO, João. Brazileirimos: apontamentos gerais sobre o estudo de vocabulos brazileiros. *Revista da Academia Brazileira de Letras*, Rio de Janeiro, v. 1, f. I, p. 145-151, 1910. Disponível em: https://www.google.com.br/books?id=Qq9wMo0hicsC. Acesso em: 31 out. 2025.

RIBEIRO, Joaquim. *Introducção ao estudo do folk-lore brasileiro*: ensaio. Rio de Janeiro: Alba, [1934].

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*: 1º volume. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Fundação Casa de Rui Barbosa/Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RIBEIRO, Júlio. *Grammatica portugueza*. Segunda edição, refundida e muito augmentada. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1885. Disponível em:

https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/d151c66e-12df-4844-ad34-6013af6ad5e1. Acesso em: 31 out. 2025.

RIO-TORTO, Graça; RENCA, Nuno. Nomes em *-deira* no português. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 9, p. 103-116, 2007. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p103-116. Acesso em: 31 out. 2025.

ROCHA, Ana Paula Antunes; ANDRADE, Francisco Eduardo. A relação entre dialetologia e história: reflexões teórico-metodológicas para o estudo do português usado em Minas Gerais. *Gragoatá*, Niterói, v. 21, n. 40, p. 47-69, 2016. DOI: https://doi.org/10.22409/gragoata.v21i40.33374. Acesso em: 31 out. 2025.

ROLLAND, Francisco. *Adagios, proverbios, rifãos, e anexins da lingua portugueza, tirados dos melhores autores nacionaes, e recopilados por ordem alfabetica por F.R.I.L.E.L.* Nova edição correcta e augmentada. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1841. Disponível em: https://archive.org/details/adagiosproverbio00friluoft. Acesso em: 31 out. 2025.

ROMERO, Sylvio. A poesia popular no Brazil. *Revista Brazileira*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 265-174, 1879. Disponível em: https://www.google.com.br/books?id=zcRLAQAAMAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

RUBIM, Braz da Costa. *Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, 1853. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3886. Acesso em: 31 out. 2025.

SAID ALI, Manoel. A collocação dos pronomes pessoaes na linguagem corrente. *In*: SAID ALI, Manoel. *Difficuldades da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1908, p. 29-59. https://www.google.com.br/books?id=UjUzAQAAMAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

SAMPAIO, Theodoro *O tupi na geographia nacional*. São Paulo: Casa Ecletica, 1901. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=iPN42QE8iaoC. Acesso em: 31 out. 2025.

SANTOS, Lília Soares Miranda. *O léxico de remanescentes de comunidades garimpeiras do Alto Jequitinhonha - MG*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte,

2015. Disponível em: https://hdl.handle.net/1843/MGSS-9VYQ4X. Acesso em: 31 out. 2025.

SCOTT, Walter. *Guy Mannering, ou o astrologo*: romance traduzido por M. A. da Silva. Lisboa: Typographia de G. M. Martins, 1842-1843. 5 tomos. Disponível em: https://www.google.com.br/books?id=c15-TdB8zh4C. Acesso em: 31 out. 2025.

SCOTT, Walter. *Guy Mannering; or, the astrologer*. Edinburgh: James Balantyne and Co., 1815. 3 vols. Disponível em: https://www.google.com.br/books?id=14cnAAAAMAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

SEABRA, Maria Candida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais*: a toponímia da região do Carmo. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: https://hdl.handle.net/1843/ALDR-64KQ9A. Acesso em: 31 out. 2025.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; SOUZA, Vander Lúcio de. *Léxicos regionais*: em busca do vocabulário rural de Minas Gerais. Campinas: Pontes, 2023.

SENNA, Nelson Coelho de. O calão mineiro. *O Estado de Minas*, Ouro Preto, ano VII, n. 463, 10 de junho de 1896, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/305367/982. Acesso em: 31 out. 2025.

SENNA, Nelson Coelho de. O calão mineiro. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 172, 22 de junho de 1896, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/226788/15464. Acesso em: 31 out. 2025.

SENNA, Nelson Coelho de. O calão mineiro. *Jornal do Recife*, Recife, ano XXXIX, n. 1149, 4 de julho de 1896, p. 2-3. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/705110/36947. Acesso em: 31 out. 2025.

SENNA, Nelson Coelho de. O calão mineiro. *Almanach Popular Brazileiro*, Porto Alegre, ano XI, 1903, p. 99-101. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/829684/715. Acesso em: 31 out. 2025.

[SENNA, Nelson Coelho de]. Vocabulario caipira. *In*: SENNA, Nelson Coelho de. *Annuario de Minas Geraes*: estatistica, historia, chorographia, finanças, variedades, biographia, literatura, indicações (anno I). Belo Horizonte: Imprensa Official do Estado, 1906. p. 407-409. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/212689/407. Acesso em: 31 out. 2025.

SENNA, Nelson Coelho de. *Annuario de Minas Geraes*: estatistica, historia, chorographia, finanças, variedades, biographia, literatura, indicações (anno I). Belo Horizonte: Imprensa Official do Estado, 1906. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/212689/per212689_1906_00001.pdf. Acesso em: 31 out. 2025.

SENNA, Nelson Coelho de. *Annuario de Minas Geraes*: estatistica, historia, chorographia, finanças, variedades, biographia, literatura, indicações (anno II). Belo Horizonte: Imprensa Official do Estado, 1907. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/212689/per212689_1907_00002.pdf. Acesso em: 31 out. 2025.

SENNA, Nelson Coelho de. *Annuario de Minas Geraes*: chronologia mineira, governo civil e ecclesiastico, notas e informações, chorographia, historia e estatistica do Estado de Minas Geraes, letras e bibliographia (anno IV). Bello Horizonte: Imprensa Official do Estado, 1911. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=mnlQAQAAIAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

[SENNA, Nelson Coelho de]. Notas para a história da Academia Mineira de Letras. Revista da Academia Mineira de Letras, Belo Horizonte, v. 5, p. 253-260, 1928. Disponível em: https://academiamineiradeletras.org.br/ publicacoes/revista-da-aml-no5/. Acesso em: 31 out. 2025.

SERAPIÃO, Daniel. Achêgas para o estudo do calão mineiro. *In*: SENNA, Nelson Coelho de. *Annuario estatistico illustrado do Estado de Minas Geraes* (anno II). Belo Horizonte: Imprensa Official do Estado, 1907. p. 634-641. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=UnlQAQAAIAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

SILVA, Antonio de Morais. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1789. 2 v.

Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5412. Acesso em: 31 out. 2025.

SILVA, José Jorge Paranhos da. *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil*. Rio de Janeiro: Typographia de Lourenço Winter, 1879. Disponível em: https://www.e-rara.ch/bau_1/content/structure/23662751. Acesso em: 31 out. 2025.

SILVA JR., [Manoel] Pacheco da; ANDRADE, [Boaventura Plácido] Lameira de. *Noções de grammatica portugueza de accordo com o programma official para os exames geraes preparatorios do corrente anno*. Rio de Janeiro: J. G. Azevedo, 1887. Disponível em: https://archive.org/details/noesdegramma00pachuoft. Acesso em: 31 out. 2025.

[SILVA] JR., [Manoel] Pacheco [da]. O dialecto brazileiro. *Revista Brazileira*. Rio de Janeiro, v. 5, p. 487-495, 1880. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=JT0PulkhQZIC. Acesso em: 31 out. 2025.

SILVA NETO, Serafim. Divisão dialetal do Brasil. *A Manhã*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 2591, 17 de janeiro de 1950, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/116408/46962. Acesso em: 31 out. 2025. [Rep. como parte de: SILVA NETO, Serafim. Problemas do português da América. *In*: SILVA NETO, Serafim. *Língua, cultura e civilização*: estudos de filologia portuguêsa. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960. p. 247-274]

SILVESTRE, Honorio. Introducção ao estudo do folk-lore brasileiro: commentar[i]os a livro de Joaquim Ribeiro. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 108, n. 12, 14 de outubro de 1934, p. 12-13. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/364568_12/32621. Acesso em: 31 out. 2025.

SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. *Diccionario brazileiro da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1889. Disponível em: https://books.google.com/books?id=lsFBAQAAIAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro (1874-1890). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 177, p. 5-270, 1942. Disponível em: https://app.docvirt.com/crv_revistaihgb/pageid/102328. Acesso em: 31 out. 2025.

SOUZA, Vander Lúcio de. *Nas cacimbas do Rio Pardo*: um estudo léxico-cultural. 621p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-98BJJX. Acesso em: 31 out. 2025.

SOUZA-PINTO, P. H. Vocabulario popular mineiro. *In*: ALMANAK Garnier. Rio de Janeiro: Garnier, 1912. p. 416-418. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/348449/6614. Acesso em: 31 out. 2025.

SYNTHESE biographica do escriptor e publicista brasileiro Dr. Nelson de Senna (natural de Minas Geraes). Bello Horizonte: [s.n.], 1945.

TEIXEIRA, José de Aparecida. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano IV, v. XLV, p. 5-100, março de 1938.

TEIXEIRA, José de Aparecida. *Estudos de dialetologia portuguesa*: linguagem de Goiás. São Paulo: Anchieta, 1944.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. *Cartografia e georreferenciamento na geolinguística*: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes. 485 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35905. Acesso em: 31 out. 2025.

TESCHAUER, Carlos. *Apostillas ao "Diccionario de Vocabulos Brazileiros"*. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1912. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=NjjIOw7cyB4C. Acesso em: 31 out. 2025.

TESCHAUER, Carlos. *Novo diccionario nacional*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1928. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=Ub9-AAAAIAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

TEYSSIER, Paul. *La langue de Gil Vicente*. Paris: C. Klincksiek, 1959.

TORRES, João Nepomuceno. *A giria brazileira*: collecção de anexins, adagios, rifões e locuções populares. Bahia: [Diario da Bahia],1899.

VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *Historia geral do Brazil*. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert, 1854-1857. 2v. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=Gl0OAAAAQAAJ. Acesso em: 31 out. 2025.

VASCONCELLOS, Diogo de. *Historia antiga das Minas Geraes*. Belo Horizonte: Impresa Official do Estado de Minas Geraes, 1904. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7552. Acesso em: 31 out. 2025.

VASCONCELLOS, Diogo de. *Historia média das Minas Geraes*. Belo Horizonte: Impresa Official do Estado de Minas Geraes, 1918. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7863. Acesso em: 31 out. 2025.

VERÍSSIMO, José. A linguagem popular amazonica. *Revista Amazonica*, Belém, n. 2, p. 48-57; n. 3, p. 86-93; n. 4, p. 135-142, 1883. Disponível em: https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/file/periodicos/revistaamazonica. Acesso em: 31 out. 2025.

VIOTTI, Manuel. *Novo dicionário da gíria brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tupã, 1957.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português*: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. Os falares mineiros. *In*: AGUILERA, Vanderci. (Org.) *A geolingüística no Brasil*: caminhos e perspectivas. Londrina: Ed.UEL, 1998. p. 34-35.

Anexos

Nos anexos que se seguem, apresenta-se uma edição de textos, produzidos e parcialmente publicados entre 1896 e 1912, com referência a formas linguísticas de uso no Estado de Minas Gerais na sua maioria. Buscou-se transcrever com fidelidade a forma do texto presente nos modelos, mas realizaram-se algumas intervenções para corrigir lapsos *calami* ou tipográficos: retificação de sinais de pontuação (adição e/ou supressão de aspas, dois-pontos, ponto final, travessão e parênteses; deslocamento de hífen) e de grifo itálico. Retificações de formas linguísticas decorrentes de lapsos nos textos também foram informadas em nota. No caso dos textos do Anexo 1-D, que foram transcritos de um manuscrito, manteve-se o sublinhado adotado pelo autor para marcação de uso metalinguístico, suprimindo-se as aspas francesas (« ») que foram riscadas. Nesse mesmo texto, casos de substituição de formas que puderam ser recuperadas foram informados em nota. Os endereços eletrônicos dos fac-símiles dos textos dos anexos foram disponibilizados na seção de referências.

Por fim, convém ressaltar que os textos dos anexos foram produzidos há mais de um século e eventualmente apresentam teses linguísticas, termos, conceitos ou valores que não se sustentam no contexto atual. Ainda assim, esses textos possuem interesse historiográfico para a compreensão da formação do pensamento da sociedade brasileira, incluindo, em especial, a visão de mundo naquela época, seja dos informantes de quem os dados foram coletados, seja daqueles que se ocuparam da reflexão metalinguística, razão pela qual os dados linguísticos foram registrados integralmente.

Anexo 1: Nelson de Senna

Anexo 1-A

O CALÃO MINEIRO[78] [= C1]

A titulo de curiosidade damos hoje um ligeiro apanhado dos termos e expressões mais corriqueiras, bem como alguns modos de dizer, especiaes e peculiares a nossa gente rustica, do sertão e centro-norte mineiros.

Vernaculo: No vulgo de Minas:

Annel — « Memoria. »
Beijo — « Beijoca, Bicóta, Boquinha. »
Bebedo — « Bicudo, Borracho, Cheio, Chumbado, Cortador, Hervado, Trombiqueiro... »
Bebedeira — « Agua, Camuéca, Chuva, Enchente, Gata, Herva, Mona, Cotreia... »
Bofetada — « Bolacha, Muáfa, Pescotapa, Tapa... »
Botões (de punho) — « Guarnição, Tranquetas. »
Bahiano — « Bahianço. »
Botinas — « Botins. »
Brincos — « Bichas, Cabacinhas. »
Barulhada — « Banzé de cuia, Synagoga, Tendepá... »
Carne (secca, com farinha) — « Boia, Farófa, Passóca. »
Caixa de mecha e fuzil de pederneira — « Binga, Isqueiro. »
Carpinteiro — « Carapina. »
Collete — « Jaléco. »
Convite (de banquete ou festa) — « Balandráu. »
Chinelos — « Chichellos. »
Curral (de suinos) — « Céva, Chiqueiro. »

[78] Transcrito de: SENNA, Nelson Coelho de. O calão mineiro. *O Estado de Minas*, Ouro Preto, ano VII, n. 463, 10 de junho de 1896, p. 3.

Chicote de relho — « Pirahy. »

Cachimbo — « Pito. »

Cousa grande — « Manganga. »

Cousa bôa — « Surunga. »

Cadeia (de relógio) — « Cordão, Corrente, Gondola. »

Dinheiro — « Bagos, Chêta, Chêlpa, Cisco, Cobre, Larjân, Tacho... »

Extrangeiro — « Carcamano, Latacho. »

Escaldado (de farinha e peixe) — « Pirão. »

Excremento — « Bumbú, Enxurrio, Monte, Pipi, Rôsca, Trôço, Tica e muitos outros que a decencia não permitte ennumerar. Em palavras obscenas é fertil a giria do nosso vulgacho. »

Faces — « Bochêchas. »

Falta (de dinheiro) — « Disgra, Pindahyba, Quebradeira... »

Guia (nos carros de bois) — « Candieiro. »

Gallinha (sem rabo) — « Surúca. »

Gallinha (pequena) — « Nanica. »

Gamella — « Batêa, Canôa, Carumbé, Saladeira, conforme o vario tamanho dessa vasilha. »

Homem valente — « Búta, Lanhádo, Onça, Turúna... »

Lábios (quando desformes) — « Tromba. »

Labios (» pequenos ou de moça) — « Beicinhos. »

Meias — « Carpins. »

Nota (moeda papel) — « Borboleta, Pelêga, Pintadinha... »

Namôro — « Fila, Cortado, Fininho, Começão... »

Namorada — « Menina, Pequena... »

Paletot — « Casaco, Cabes. »

Papel pautado de escripta — « Papel bananeira. »

Ponte feita com um pranchão — « Pinguéla. »

Pé grande — « Lancha, Pata... »

Pescoção — « Cachação, Casmurro, Coscorrão, Tabéfe... »

Pandega — « Charola, Revoada, Catêrêtê, Cynismo... »

Ricaço — « Casacudo, Apatacado... »

Restillo (aguardente) — « Cachaça, Cayanna, Canninha, Branca, Cotréa, Matabicho, Paraty, Sizóca, Espirito... »

Anexo 1-B

O calão mineiro[79] [= C2]

Ha modos locaes no falar dos brasileiros. Idiosyncrasias phoneticas, vicios de linguagem, se encontram no Brasil inteiro, formando os *provincialismos*, constituindo um novo dialecto portuguez em nosso paiz.

Os grammaticos (João Ribeiro, Julio Ribeiro, Pacheco e Lameira de Andrade, Sylvio de Almeida...), os historiadores (Varnhagen, Sylvio Roméro, Capistrano de Abreu...), os romancistas e prosadores (José de Alencar, Bernardo Guimarães, Macedo, Franklin Tavora, Teixeira de Souza, Visconde de Taunay, Couto de Magalhães, Beaurepaire Rohan, Affonso Arinos, José Verissimo, Inglez de Souza, Valdomiro Silveira, Romaguera Corrêa...) accentúam as differenças de pronuncia da lingua falada nas varias zonas do Brasil.

Em Minas-Geraes é infinito o numero de vocabulos usados na gyria popular. Darei aqui os que pude colleccionar, sob o titulo *O calão mineiro*. Frases, locuções, termos, appellidos, palavras soltas, etc. :

Crespo — por difficil ;

Duro de roêr — por insupportavel ;

Tomar na cúia — por levar lôgro ;

Pica-fumo — por lavrador pobre ;

Cobrudo — rico, que tem cóbres ;

Tacho, Chêta, Larjan, Bago, Chêlpa, Milho, Bagarótes, Cisco — o mesmo que dinheiro ;

Lubrina — por neblina ;

---

[79] Transcrito de: SENNA, Nelson Coelho de. O calão mineiro. *Almanach Popular Brazileiro*, Porto Alegre, ano XI, 1903, p. 99-101. A versão presente em Senna (1906, p. 407-409) é levemente diferente: o título é *Vocabulario Caipira*, há a supressão dos dois primeiros parágrafos introdutórios e, surpreendentemente, é assinada por "um curioso", e não por "Nelson de Senna".

Corrúbiãna — por chuvisco ;

Matinada, Látumia, Synagóga, Espárrame — por barulho ;

Banzé de cúia, Rôlo, Turúmbamba — tumulto na rua ;

Matar o bicho — beber aguardente ;

Panête, Gólo, Canna e canninha, Gérebita — o mesmo que aguardente ;

Pórre, Camuéca, Cotréa, Azougue — o mesmo que embriaguez ;

Lambança — velhacaria ;

Destampatório — discussão forte ;

Tébas, Turúna — valente ;

Destabocar — dizer asneiras ;

Picó — pequeno talho ou córte ;

Bifar, Filar, Góderar, Abiscoitar — conseguir o alheio com traça ou manha ;

Surripiar — o mesmo que furtar ;

Alambazado — sujo, pouco aceiado ;

Patacuáda — mentira, exaggero ;

Contar potócas — dizer mentiras ;

Tróços — arreios velhos, estragados ;

Geréba — animal ruim e magro ou especie de arreios ;

Estar crú — nada saber ;

Tarúgo — animal forte ;

Supimpa, Surúnga — excellente, magnifico ;

Rapadôr — pasto ruim ;

Pregar ladainha — dar conselhos ;

Taréco — especie de dôce e tambem caminho máu ;

Brocotós — estrada de morros e saltos a pique ;

Quitanda — conjuncto de bagagens ou moveis em desordem ;

Campar, Metter o arco, Abrir o chambre — fugir ;

Arranchar — hospedar, aboletar ;

Ponche — bebida ou capóte pesado ;

Paizé — toleirão, idiota ;

Lavrados — joias, adereços ;

Motirão — empreitada de roça ;

Tútú — feijão mexido ou papão de que têm medo creanças ;

Bicúdo — embriagado ;
Fogácho — coceira forte ;
Cécio — elegante ;
Lórde — dado a luxo ;
Séstrôso — cheio de dengos e cacoêtes ;
Trinque — luxo ;
Niquênto — cheio de môMos ;
Arrelia — birra, implicancia ;
Amigado — amancebado ;
Cábra — individuo valente ;
Banzar — meditar, andar á tôa ;
Entojar — enjoar ;
Enfarar — saciar ;
Assumptar, Bispar — perceber, sondar ;
Trêtar — enganar, ser velhaco ;
Ládear — fugir á palavra dada ;
Godério, Pidão, Filante — individuo que tudo pede e quer ganhar ;
Subir á serra — desapontar ;
Tomar sôpa — tomar liberdade ;
Trepár nos tamancos — zangar-se ;
Tróçar, Debicar — criticar, ridicularisar ;
Torrar pipócas — dizer liberdades ;
No calôr da bráza — no mesmo acto ;
Guásca — valentão ;
Lanhádo, Levádo da bréca — atrevido, ousado ;
Topêtúdo — corajoso.

Muitos outros vocabulos e locuções tenho colleccionado, os quaes darei, opportunamente.

Terminarei, dando as corruptélas phonéticas da linguagem popular e roceira, muitissimo communs no interior de Minas :

Papé — por papel ;
Muié — « mulher ;
Mió — « melhor ;
Mio — « milho ;
Cuié — « colhér ;

Fio — « filho ;
Hypótis — « hypothese ;
Izé — « José ;
Mané — « Manoel ;
Antonho — « Antonio ;
Cárros, Carrinho — Carlos, Carlinhos ;
Cartia — por cartilha ;
Carvo — por calvo ;
Mecê — por mercê ;
Vassuncê — Vossa Mercê ;
Vancê — Você ;
Suscristo — Louvado seja Christo ;
Inhô — Senhor ;
Istúrdia — por outro dia ;
Canáia — « Canalha ;
Barúio — « Barulho ;
Aribú — « Urubú ;
Afrigir — « Affligir ;
Muiér — « Mulher ;
Aminhã — « Amanhã ;
Entonces — « Então ;
Dispõis — « Depois ; etc.

Bello Horizonte — Outubro de 1902.

Nelson de Senna.

Anexo 1-C

O CALÃO MINEIRO[80] [= C3]

I

Ninguem ignora que o mais bello attractivo dos romances populares do hespanhol Peres Escrich, dos francezes Eugenio Sue, Ponson du Terrail e Alexandre Dumas, deste, na sua primitiva *maneira* de escrever, e mesmo das obras dos nossos escriptores Macedo, Teixeira de Souza, Franklin Tavora, procede do cunho accentuadamente plebeo de seu estylo. Nenhum delles desdenhou falar essa lingua fortissima na expressão, sonora e bem talhada nos conceitos, que é usada na bocca plebeia dos humildes e dos pequenos. No portuguez vamos perdendo o habito dos velhos vocabulos populares, dos ditos villãos da canalha, dos trocadilhos vivos e promptos da plebe ; e bem disse Ramalho Ortigão que a nossa lingua, querendo depurar-se no atticismo, na imitação aristocratica dos gallicismos da vida de salão, dos requintes mundanos, ao contrario se corrompia, se desmasculinisava, perdendo a vitalidade intensa, a energia suprema de suas origens de um povo de guerreiros e marujos, de mercadores e aventureiros. Porque não cultivarmos, sendo assim, o nosso dialecto brasileiro, completando a bella iniciativa de Alencar e Bernardo Guimarães, de Varnhagen e Sylvio Roméro — os maiores propugnadores da nacionalisação e independencia do idioma luso-brasileiro? É por isso que batalho, graphando para os curiosos (e são poucos!) o rico diagramma do *calão mineiro*.

⁂

[80] Transcrito de: SENNA, Nelson Coelho de. O calão mineiro. *In*: SENNA, Nelson Coelho de. *Annuario de Minas Geraes*: estatistica, historia, chorographia, finanças, variedades, biographia, literatura, indicações. Belo Horizonte: Imprensa Official do Estado, 1906, p. 468-473.

Cada lingua tem seus dialectos, cada povo crêa as suas idiosyncrasias phoneticas e syntacticas, e dahi sahem o calão, o *patois*, o provincialismo. Cada região Brasileira fala o portuguez com um sotaque seu, peculiar, caracteristico. No Pará e Amazonas, ha a influencia do *nheengatú* ou lingua geral primitiva do selvagem ; no Rio Grande do Sul, o contacto com os platinos da fronteira deo um tom castelhano ao falar dos gaúchos; na Bahia e Maranhão, accentuou-se a pronuncia lusitana no povo, emquanto na plebe e no elemento negro predominou o vocalismo africano; em Minas, São Paulo e Goyaz, ficou um mixto de phonetica indio-luso-africana. O *capixaba* espirito-santense, o *tabaréo* do baixo São Francisco, o carioca do Districto Federal, o caipira do Tieté ou do Oeste paulista, o sertanejo dos chapadões do Araxá e do centro de Goyaz, todos têm o seu *tic*, no falar, um modo proprio e inconfundivel na pronuncia, que os faz logo reconhecidos. Havemos de com tempo vêr essa linguagem expressiva dos nossos campeiros, roceiros, boiadeiros, sertanejos e caipiras. Beaurepaire Rohan, Alfredo de Taunay, João Ribeiro, Affonso Arinos, Couto de Magalhães, Annibal Mascarenhas, Sylvio Roméro, Joaquim Felicio, Valdomiro Silveira, Azevedo Júnior, Franklin Tavora, Rodolpho Theophilo, Inglez de Souza, Romaguera Corrêa, Viriato de Medeiros, já muito nos auxiliam para determinar o que chamaremos — a linguagem do caipira ou matuto do interior do Brasil.

II

Que Mineiro de boa lei, filho do sertão, da roça, ou das cidades, haverá por ahi que desconheça o calão dos nossos patricios? Nas «fazendas», ou nos povoados, o caipira de Minas é sempre o mesmo, constantes os seus habitos, seu trajar expressivo, simples e bem conhecido ; suas inclinações e caracter entre nós muito commentados e já determinados.

Não será um *argot* combinado a sua linguagem ; esta é antes um verdadeiro dialecto, um provincialismo definido, opulento e naturalmente formado, como quizerem admittir.

Ha quem conteste a existencia desse *argot* popular Mineiro e ainda ponha em problema a lingua achavascada e pinturesca dos nossos aldeãos, homens do campo, caipiras e tabaréos.

Mas elle ahi está vívido e forte, para nós que o conhecemos.

Si alguem nos contesta o asserto, vejamos os exemplos, para caracterisar a idéa.

Si se trata de individuo, assumpto ou cousa insupportavel, inaturavel, diz o nosso povo – *é duro de roer*.

Trata-se de negocio ou trabalho difficil, impossivel – *o negocio está crespo*.

Uma pessoa levou um logro, foi caipora em algum negocio... – *tomou na cuia*. Fala-se de um lavrador de poucos haveres e pequena cultura – *é um pica-fumo*; de um homem rico, endinheirado – *é um cobrudo*. O dinheiro, cedula ou moeda, se designa por uma infinidade de appellativos – *tacho, chêta, chêlpa, bago, larjan* (corrupção de *l'argent*, fr.), etc.

Querem referir-se á neblina, ao chuvisco fino e peneirado em brumas, dizem *lubrina*, *corrubiana*. Si ha um barulho, algazarra, dirão *esparrame*, *banzê de cuia*, *matinada*. *Panête* ou *matabicho* é o acto de beber aguardente.

Trata-se de uma embriaguez ou bebedeira, *o sujeito está no pórre, na camuéca, na cotrèa, no azougue, na canna*, etc.

As expressões *por causa de*, *a modo que*, proferem-n'as: *prù via de*, *pra móde que*. Si é uma barulhada infernal, dirão *latumía*, *synagóga*.

Franqueza rude, discussão azeda: *destampatório*, *lambança*.

Individuo sujo, pouco aceiado: *alambazado*.

Homem valente: *tébas, turúna*, etc.

Disparar chufas, dizer asneiras, *destabocar*. Córte de tesoura, talho pequeno, *picó*. Si se fala de uma narrativa, um caso exagerado, *é uma patacuáda*.

Arreios velhos: *tróços*. Animal ruim ou feio: *geréba*.

Apanhar as cousas alheias, malandreando: *godérar*, *bifar*, *filar*.

E as corruptelas dos nomes: papel, mulher, milho, colhér, filho, melhor, hypothese, José, Antonio, etc., que o povo pronuncia (*papé* ou *papeli*, *muié, mîo, cuié, fîo, mió, hypotis, Izé, Antonho*), etc.?

Ser ignorante de alguma cousa: *Estar crú na historia*.

Animal forte: *tarúgo*.

O que é bom, excellente, magnifico: *supimpa*, *surùnga*.

Dar conselhos, ser prudente: *pregar ladainha, pregador de sermonia*.

Endinheirado, rico: *patacúdo, ôrùdo*.

Cachaça, *gerebita*, *malunga*.

Pasto ruim e estragado, *rapadôr*.

A palavra *taréco* exprime ao mesmo tempo caminho ruim e uma *quitanda* ou sequilho conhecido.

Si alguém fóge do perigo ou de um barulho: *deu ás de Villa, campou, metteo o arco, rodou nos joanêtes*.

E os *ditados* (adagios)? *O que arde cura, o que aperta segura. Macaco velho não mette a mão na combúca*.

Este é um Maria-vai-com-as-outras. *Cára de aribú, coração de arutú*, etc.

Vejamos as corruptélas: *afrigir, afrìto*, por affligir, afflicto ; *cuié, cuiér*, *muiè, muièr*, por colhér e mulher ; *cartîa, quartìo*, por cartilha e quartilho ; *canáia, barûio, istûrdio, sup'rior*[81], *dispois, trasantonte, aminhã, isturdìa*, por canalha, barulho, exquisito, superior, depois, tras-ante-hontem, amanhã, outro dia. E os tratamentos familiares de *ancê, mêcê, vassuncê, vancê, vossùrìa, sûscristo, Inhá-mãe, Inhô-Páe*, etc. ?

III

Quantos dos srs. que isto acaso leiam não se enrubecem todos, quando numa sala de gente de bom tom surge um tabaréo, ou um homem simples e despretencioso, a falar termos plebêos ? *Arranchar* por hospedar, aboletar — *ponche* por bebida refrigerante, ou capote de panno — *lavrados* por joias — *paizé* por toleirão — *motirão* por empreitada de roça — *tútú* por feijão mexido — *bicúdo* por embriagado — *fogacho* por comichão, coceira forte — *cécio* por lampeiro, bonito, elegante — *trinque* por luxo — *sestrôso* por

[81] No impr.: *supr'ior.*

dengoso — *niquento* por cheio de môMos e defeitos — *arrelia* por birra, implicancia — *amigado* por amancebado — *cabra* para designar, expressivamente, um sujeito valente e disposto — *banzar* por andar á tôa, scismar, pensar — *entojar, enfarar* por enjoar, estar repleto — *assumptar*, *bispar* por tomar nota, conhecimento, apanhar segredos — *trêtar*, *ladear* por enganar, fugir á palavra dada — *godérar*, *abiscoitar*, *lamber*, *bifar*, *filar* : série de verbos para exprimir o acto de obter ou ganhar qualquer coisa, adulando e malandreando — *godério*, *pidão*, *filante* por pedinte, amollador, parasita — *quebrar* por dançar com lascivia, etc., etc. Eis ahi mais uma longa lista para o nosso calão. E bem numerosos são os adagios e ditos vulgares. *Subir, trepar-nos-tamancos* por irritar-se, desapontar-se — *tomar sôpa*, *torrar-pipócas* por troçar, dizer liberdades — *fresco-como-chicória* — *no-calor-da-brasa* — *não-tugir-nem-mugir* — *quiéto-qui-nem-priguiça* (animal) — *como-tres-e-dois-são-cinco* — etc., etc. E neguem a opulencia das creações populares da nossa lingua !

N.

Anexo 1-D

Recórtes...[82]
O Calão Mineiro
Série de artigos do
Dr. Nelson C. de Senna
(Pelayo Serrano)
(Bello Horizonte — Minas Geraes)

N.º 1 [= R1]
Recórtes...
O Calão Mineiro[83]

Ninguem ignora que o mais bello attractivo dos romances populares do hespanhol Henrique Perez Escrich, dos francezes Eugenio Sue, Ponson du Terrail e de Victor Hugo — deste, na sua primitiva maneira de escrever — e mesmo das obras dos nossos escriptores Joaquim Manoel de Macedo, Teixeira de Souza, Franklin Tavora, Virgilio Varzea, Azevedo Junior (Nemo), Valdomiro Silveira, Xavier Marques... procede do cunho accentuadamente plebeu de seu estylo. Nenhum delles desdenhou fallar essa lingua fortissima na expressão, sonora e bem talhada nos conceitos, que é usada na bocca plebeia dos humildes e dos pequenos. No portuguez, vamos perdendo o habito dos velhos vocabulos populares, dos ditos villãos da canalha, dos trocadilhos vivos e promptos da plebe ; e bem disse Ramalho Ortigão que a nossa lingua, querendo depurar-se no atticismo, na imitação aristocratica dos gallicismos da vida de salão, dos requintes mundanos, ao contrario se corrompia, se desmasculinizava, perdendo a vitalidade intensa, a energia suprema de suas origens

[82] Transcrito de: SENNA, Nelson Coelho de. *Recórtes...*: o calão mineiro. Belo Horizonte, 1899-1905, p. 1-28. [Manuscrito do IHGB, cota CX.01D.042].

[83] Na lateral, dentro de chaves a lápis: Vid. "O Boi" – (no fím). e "Lendas e Canções" (Id.). Dicc. A. Béssa.

de um povo de guerreiros e marujos, de mercadores e aventureiros. Porque não cultivarmos, sendo assim, o nosso dialecto brasileiro, completando a bella iniciativa de José de Alencar e Bernardo Guimarães, de Varnhagem e Sylvio Romero — os maiores propugnadores da nacionalisação e independencia do idioma luso-brasileiro? É por isso que batalhamos, graphando para os curiosos (e são tão poucos!) o rico diagramma do calão mineiro.

Bello Horizonte Março, 99. Nelson de Senna.

Nota:

Reeditámos agora parte destes artigos, que publicámos, em 1899, no "Jornal do Commercio" — de Juiz-de-Fóra — e [damolos][84], inteiramente refundidos e augmentados de alguns inéditos.

N. de S.

N.º 2 [= R2]

Recórtes...

Cada lingua tem seus dialectos, cada povo crêa as suas idiosyncrasias phoneticas e syntacticas, e dahi sahem o calão, o patois, o provincialismo. Cada região brasileira falla o portuguez com um sotaque seu, peculiar, caracteristico. No Pará e Amazonas, ha a influencia do nheengatú ou lingua geral primitiva do selvagem ; no Rio Grande do Sul, o contacto com os platinos da fronteira deu um tom castelhano ao falar dos gaúchos; na Bahia e no Maranhão, accentuou-se a pronuncia lusitana no povo, emquanto na plebe e no elemento negro predominou o vocalismo africano; em Minas, São Paulo e Goyaz, ficou um mixto de phonetica indio-luso-africana, como quer Couto de Magalhães. O capixaba espirito-santense, o tabaréo do baixo São Francisco, o carióca do Districto Federal, o caipira do Tieté ou do Oeste paulista, o sertanejo dos chapadões do Araxá e do centro de Goyaz, todos têm o seu tic, no fallar, um modo proprio e inconfundivel na pronuncia, que os faz logo reconhecidos. Havemos de com tempo

[84] O trecho colocado aqui entre colchetes está muito rasurado no manuscrito.

vêr essa linguagem expressiva dos nossos campeiros, roceiros, boiadeiros, sertanejos e caipiras. Beaurepaire Rohan, Alfredo de Taunay, Inglez de Souza, José Verissimo, Coelho Netto, o Padre Silverio (de Paraopéba), João Ribeiro, Affonso Arinos, Couto de Magalhães, Bento Ernesto Junior e Ernesto Corrêa, Arthur Lobo e Valdomiro Silveira, Annibal Mascarenhas, Sylvio Romero, Joaquim Felicio, Azevedo Junior, Manoel Viotti: todos estes escriptores nacionaes já muito nos auxiliam para a determinação directa ou indirecta[85] do que chamaremos — o calão do nosso povo[86].

Março 99. N. de S.

N.º 3 [= R3]

Recórtes...

Que Mineiro de bôa lei, filho do sertão, da róça, ou das cidades, haverá por ahi que desçonheça o calão dos nossos patricios? Nas fazendas, ou nos arraiaes, sitios e povoados, o caipíra de Minas é sempre o mesmo, constantes os seus habitos, seu trajar expressivo, simples e bem conhecido ; suas inclinações e caracter entre nós muito commentados e já determinados. Não será um argot combinado a sua linguagem ; esta é antes um verdadeiro dialecto, um provincialismo definido, opulento e naturalmente formado, como quizerem admittir. Si alguem nos contesta o asserto, vejamos os exemplos, para caracterizar a affírmação, que é procedente e de facto. Si se trata de individuo, assumpto ou cousa insupportavel, inaturavel, diz o nosso povo — é duro de roer. Trata-se de negocio ou trabalho difficil, impossivel — o negocio está crêspo. Uma pessôa levou um lôgro, foi caipóra em algum negocio... — tomou na cuia. Falla-se de um lavrador de poucos haveres e pequena cultura — é um pica-fumo ; de um homem rico, endinheirado — é um cobrudo. O dinheiro, cédula ou moeda, se designa por uma infinidade de appellativos — tacho, chêta, chêlpa, bago, larjân (corrupção de l'argent, fr.), etc.

---

[85] *indireta* corrigido de *indirectamente*.

[86] *do nosso povo* corrigido de *mineiro*.

Festa alegre = folia — Pessôa intrigante = candongueira, inventadeira, leva-e-traz. Grande movimento = báráfùnda. Comida para viagem = matalotagem, búcha. Animal que puxa do quadril = náfego.

Tempo ruim, céo encoberto = enfarruscádo. Baile, theatro se exprimem pelas palavras: brinquêdo, funcção, adivertimento.

Subjugar : sujigar. Animal pesado : trotão, abalativo. Coisa chic : entiotada.

Medo, syncope : trêmilíques.

Gravata : gùrvata ou grùváta.

Meias : carpins. Corrente ou cadeia de relogio : góndola. Botões de punho : tranquêtas. Zangado : amuado, embezerrado, féra, arapuàdo. Individuo velhaco : trêtêiro, mamparreadôr, etc.

Março 99. N. de S.

N.º 4 [= R4]

Recórtes...

Fallemos ainda do nosso calão. Ha quem conteste a existencia desse argot popular mineiro e ainda ponha em problema a lingua achavascada e pinturesca dos nossos aldeãos, homens do campo, caipiras e tabaréos.

Mas elle ahi está vívido e forte, nos exemplos. Querem referir-se á neblina, ao chuvisco fino e peneirado em brumas, dizem lubrina, corrubiâna. Si ha um barulho, algazarra, dirão esparrâme, banzé de cùia, matinada. Panête e matabicho, trago codório, refrêsco, trompário, góle, sequênte : expressões que denótam o acto de beber aguardente, restillo ou cachaça.

Trata-se de uma embriaguez ou bebedeira, o sujeito está no pórre, na camuéca, na cotréa, no azougue, na canna, etc. Sujeito implicante = cafagéste.

As expressões por causa de, a modo que, proferem-n'as prú via de, pra móde que. Si é uma barulhada infernal, dirão latumía, matináda, synagóga. Franqueza rude, discussão azeda : destampatório, lambança. Individuo sujo, pouco aceiado : alambazado.

Homem valente: tébas, turúna, etc.

Disparar chufas, dizer asneiras : destabócar. Córte de tesoura, talho pequeno : picó. Si se falla de uma narrativa, um caso exagerado : é uma patacuáda. É muito comum esta expressão : vira, méche, tem mão, na narração de um caso .

Arreios velhos: tróços. Animal ruim ou feio: geréba. Apanhar as cousas alheias, malandreando : godérar, bifar, filar.

Varias corruptelas de[87] nomes: papel, mulher, milho, colhér, filho, melhor, hypothese, José, Antonio, Virgilio, Carlos, etc. que o povo pronuncia : papé ou papeli, muié, mîo, cuié, fío, mió, hypotis, Izé, Antonho, Vérgilho, Cárros, etc. Tomar um lôgro, fazer um máu negocio — levar búcha. Sujeito pandego, desocupado, indolente : pachóla. A um individuo feio dá-se o nome de onça ; [a] uma pessôa intima, com quem se tem liberdade, recebe-se com estas alcunhas, que já têm fóros de cidade: óh! zébas! óh! biltre! óh! immenso! etc.

Março 99 —

N. de S.

N.º 5 [= R5]

Recórtes...

Não vos agasteis, ó compassivo leitor patricio... vamos ainda ás caturrices desse inexgottavel calão mineiro.

Ser ignorante de alguma cousa : Estar crú na historia. Animal forte : tarúgo.

O que é bom, excellente, magnifico : supimpa, surùnga. Dar conselhos, ser prudente : pregar ladainha, pregador de sermonia.

Endinheirado, rico : patacúdo, ôrùdo.

Cachaça : gerebita, malunga.

Pasto ruim e estragado : rapadô[88], carrásco.

A palavra taréco exprime ao mesmo tempo caminho ruim e uma quitanda ou sequilho conhecido de polvilho e assucar.

---

[87] *de* corrigido de *dos*.

[88] *rapadô* corrigido de *rapadôr*.

Si alguem fóge do perigo ou de um barulho : deu as de Villa, campou, metteu o arco, rodou nos joanêtes, abrio o chambre. E os ditados (adagios)? "O que arde cura, o que aperta segura". — "Macaco velho não mette a mão na combùca". — "Papagaio come o milho, periquito leva a fama". — "Santo de casa não faz milagre".

"Este é um Maria-vai-com-as-outras" : diz-se do sujeito versatil, incoherente (vira-casáca).

Ao que foi mais depressa do que se suppunha — diz-se: — "Sino 'tá batendo e a missa já cabou".

— "Cara de aribú, coração de arutú", etc.

Vejamos as corruptelas: afrigir, afrito, por affligir, afflicto ; cuié e cuiér, muié e muiér, por colhér e mulher ; cartîa, quartio, por cartilha e quartilho ; canáia, barúio, istûrdio, sup'rior[89], dispôis, trasantonte, aminhâ[90], sirtudia, por canalha, barulho, exquisito, superior, depois, tras-ante hontem, amanhã, outro dia. E os tratamentos familiares de ancê, mécê, vassuncê, vancê, vossúría, sûscristo, Inhá-mãi[91], Inhô-Pái[92], etc.?

O resto, por partes.

Março 99. N. de S.

N.º 6 [= R6]

Recórtes...

O Calão Mineiro

Quantos dos Sres. que isto acaso leiam não se enrubecem todos, quando numa sala de gente de bom tom surge um tabaréo, ou um homem simples e despretencioso, a fallar termos plebeus ? Arranchar por hospedar, aboletar ; ponche por bebida refrigerante, ou capote de panno ; lavrados por joias ; paizé por toleirão ; motirão por empreitada de roça ; tútú por feijão mexido ; bicúdo por embriagado ; fogácho por comichão, coceira forte ; cécio por

[89] No ms.: *supr'ior*.

[90] Aparentemente, *aminhâ* corrigido de *aminhã*.

[91] Aparentemente, *Inhá-mãi* corrigido de *Inhá-mãe*.

[92] Aparentemente, *Inhô-Pái* corrigido de *Inhô-Páe*.

lampeiro, bonito, elegante ; trinque por luxo ; sestrôso por dengoso ; niquento por cheio de môMos e defeitos ; arrelía por birra, implicancia ; amigado por amancebado ; cabra para designar, expressivamente, um sujeito valente e disposto ; banzar por andar á tôa, scismar, pensar ; entojar, enfarar por enjoar, estar repleto ; assumptar, bispar por tomar nota, conhecimento, apanhar segredos ; tretar, ladear por enganar, fugir á palavra dada ; inticar, imbirrar, por ogerizar, implicar, crear aversão. goderár, abiscoitar, lamber, bifar, filar : série de verbos para exprimir o acto de obter ou ganhar qualquer coisa, adulando e malandreando ; godério, pidão, filante por pedinte, amollador, parasita ; quebrar por dançar com lascivia ; etc., etc. Eis ahi mais uma longa lista para o nosso calão. E bem numerosos são os adagios e ditos vulgares. Subir, trepar-nos-tamancos por irritar-se, desapontar-se ; tomar-sôpa, torrar-pipócas por troçar, dizer liberdades ; fresco-como-chicórea ; no-calor-da-brasa, não-tugir-nem-mugir, quiéto-qui-nem-priguiça (animal), como-tres-e-dois-são-cinco — etc., etc. E neguem a opulencia das creações populares na lingua dos Brasileiros?!

Março 99. N. de S.

N.º 7 [= R7]

Recórtes...

Mesmo com risco de repetir, continuamos na faina de enfileirar deante dos olhos do leitor complaente uma lista de termos chulos e locuções habituaes, na gyria roceira de Minas. Falta-nos o tempo para ordenar, em fórma alphabetica, esta corrimaça (alluvião, porção) de termos e frases. Lubrina, corrubiâna, noruéga — o mesmo que neblina, chuvisco fino e peneirado em brumas.

Montoêira — porção de coisas, montão, etc.

Esparrâme, banzé-de-cuia, matinada, latumía, synagóga, tendêpá — o mesmo que rôlo, barulhada. Cravanista, malúdo, durazio, topadô, paturéba, sacudido, estôrado, cabra distorcído — o mesmo que avalentoado, valentão, destemido.

Cacundêiro, capanga, jagunço (de zarguncho), incostado[93] — o mesmo que defensor de outrem, homem valente a soldo de terceiro, guarda-costas. Tomá arége (tomar aragem) — crear fôlego, ganhar alento para a lucta.

Destampatório, bate-bôca, xingatório — descompostura forte, gritaria, briga com discussão azeda.

Candonga — intriga, mechida, invenção.

Sarabadéjo — brinquedo de bonécos.

Cachérẽnguêngo — faca pequena, punhal.

Alto da synagóga — cabeça (alto da).

Gratuitis — gratis, sem prêço, por favor.

Ladino — experto, vivo, lépido, intelligente.

Pelintra, lórde, cécio — bem vestido, trajado com luxo ou apuro.

Regojíjo — alegria, satisfação.

Fála — discurso, conferencia.

Femêiro — homem dado a mulheres.

Arrastar-sácco — demonstrar valentia.

Inchado — satisfeito, repleto de alegria.

Âncho = " " " "

Sacudido — viçoso, bem disposto, forte, robusto.

Catinga — máu cheiro, fedôr.

Furriel — namorado, amante, predileto.

Embíra (estar na) — sem dinheiro, desprovido de meios.

Repente — raiva momentanea, coléra passageira.

Aluádo — adoudado, desequilibrado.

Mação — libertino, pouco religioso.

Jorná, jornal — salario, ganho do dia — Jornalêiro (trabalhador).

Alambazádo, labatú, relaxado — relambório, descuidado no vestir, mal vestido, pouco decente de trajos.

E em locuções é riquissimo o vocabulario do sertão mineiro, como expressões de chiste e energia : Cabôclo catingueiro, moleque

[93] *incostado* corrigido de *encostado*.

escovado, cabra distorcido, nêgro arapuádo, home têso — tudo isso designa uma pessôa valente, destemida e cheia de expedientes ardilosos e promptos.

Topadô de gente, diz-se de quem não engeita briga, do que desafia a Deus e todo mundo...

Muié paridêira — o mesmo que mulher fecunda.

No calôr da braza — expressão que designa rapidez, coisa decidida e feita.

'Stô inteirado — diz o sertanejo, quando um assumpto o desagráda, quando se encolerisa com outro.

'Stô fresco qui nem chicórea — quando está sem mêdo, sem emoção, em qualquer lance arriscado. Continuaremos a vêr o interessante calão Mineiro.

Abril 904. N. de S.

N.º 8 [= R8]

Recórtes...

Num dialogo de caipíras, o que mais fére os nossos ouvidos de homens cultos é escutar a série prodigiosa de vocabulos por elles corrompidos, sob o ponto de vista phonetico.

A prosodia mais estrambótica (extravagante, bizarra) lhes enche a bôcca, quando pronunciam certos termos e palavras. A viciada prosodia dos escravos africanos e indios lhes deixou a bôcca amollecida... P'ru[94] via (por causa), p'ra móde (afim de que), intonces (então), p'ru riba (por cima), havéra (havia, haverία), tá bão (está bom, bem), mecê, vancê, oncê, vossuncê, vossuría (Vossa Mercê, Você e V. Sª.), aminhâ (amanhã), dispôis, ôsdispôis (depois), sacrafúgio (sacrilegio), áio (alho), cárça (calça), arça (alça), canáia (canalha), fuinha (folhinha), fôia (folha), jinélla (janella), mió (melhor), entôjo (nôjo), sordado (soldado), malhór (maior), inté (até), nânja (jámais), tarvêis (talvez), nóis fùmo (nós fomos), cacùnda (costas) jorná (jornal), etc. E ainda: mío (milho), s'astrevêr (atrevêr-se), quartío (quartilho), prânta (planta), mais mió (optimo),

[94] No ms.: *Pr'u*.

córẽnta (quarenta), múñho (moinho), óito (ôito), cuié, cuiér (colhér), taiér (talhér), cartía (cartilha), coléjo (collégio), purcissão (procissão), trivoada (trovoada), relâmpo (relampago), etc. Por muito conhecido, deixámos de dar os significados de outros termos roceiros de Minas. Assim: banzar, malungo, tarúgo, amigado, sestrôso, entojar, arrelía, palérma, bicausa, lavrados, tranquêta, isca, godério, lumiar, candiêiro (guia de carro de bôis), trêtar, suntar ou assumptar, trabuco, guiáda, manjár, chupista, cotréia, geréba, tróços, reùno, bate-páu, revoada, bispar, trombicar, sucia, rascada, esturdêza, lambânça, patacuàda, bundúdo, panête, campar, candonguêiro, patacúdo, bágo, surùnga, marvádo, guásca, lórde, etc. É possível mesmo que, em artigos anteriores, já nelles tenha falado.

Bello Horizonte, 1904. N. de S.

N.º 9

Recórtes...

Já desde 1895, ha dez annos, que pelas columnas do Estado de Minas, um bello semanario ouropretano, começámos a publicar termos e locuções peculiares ao dizer habitual do nosso povo.

Sua riqueza no folk-lore proviciano, em Minas! Sua inaudíta copia de expressões originaes, de frases energicas e conceituosas, de aspectos novos na designação de cousas communs ! A triplice influencia do portuguez-colono, negro-escravo e do caboclo-mestiçado ou puro, tem operado transformações sem conta no falar dos brasileiros.

Em Minas, o campeiro-sertanejo e o matteiro-lavrador têm linguagem diversa, sob muitos pontos de vista : o primeiro é criador, vive nos retiros e se entrega á criação do gado, á industria pastoril ; o segundo, de preferencia, ainda de róças, de labores agricolas, de plantações, nos sitios e fazendas.

O mesmo que o professor Antonio A. Pereira Coruja e o dr. Romangueira Correia fizeram na terra gaùcha, colligindo as frases mais usadas e o Vocabulario Sul-RioGrandense, desejariamos realisar em Minas ; e, nesse sentido, já temos publicado em varias

revistas e Almanachs brasileiros alguns artigos, como se póde vêr no Almanach Popular (de Pelotas), no Almanach de Juiz de Fóra, no de Cuyabá (Matto Grosso), no Archivo Illustrado (de São Paulo), no nosso livro Contos Sertanejos, etc.

Quanto aos elementos, que mais têm contribuido para a differenciação do dialecto brasileiro, em geral, nós os veremos no proximo nº dos Recórtes... Nas Scenas da Vida Amazonica, José Verissimo nos conta os termos e locuções, que o tupy enxertou na lingua mesclada dos canoeiros e na gente mestiça do extremo Norte ; e já Franklin Tavora, descrevendo o caipira nortista, Inglez de Souza tracejando os costume da gente amazonica, Rodolpho Theophilo pintando — a caracter — a vida do paranoára ou cearense emigrado, Bras da Costa Rubim, dando o vocabulario capixaba do povo do Esp.to Santo..., todos estes escriptores enriqueceram e fixaram no livro o vocabulario popular do Brasil.

N. de S.

N.º 10

Recórtes...

Nem todos avaliam a formidavel penetração do elemento indigena, no lexicon portuguez, aqui no Brasil. É, pois, conveniente conhecer a enxertía de palavras tupys na linguagem brasileira.

Francisco Adolpho de Varnhagen (Visconde de Porto Seguro) já deu, no 1.º vol. da sua Historia Geral do Brasil, uma resenha dos vocabulos de procedencia tupy, hoje admittidos como parte integrante da nossa lingua. Caipira, poeira, tabatinga, tejuco, sapopemba, coivára, cipó, gequi, itaipava, caipóra, pipóca, poaya, mandióca, cará, cajú, capâo, pitanga, beijú, catinga, aipim, tapir, ubá, embaúba, tucano, taquára, tabóca, pito, pindoba, amendoim (mendobi), xexéo, canindé, araponga, pelota, mundéo, arapùca, igapó, igára, capoeira, mingáu, paraty, pirahy, goiaba, tapióca, pequiá, gequitáia, moquear, capim, paca, gibóya, cotía, araticum, jacutinga, etc, etc.

Estas são das palavras indígenas mais frequentemente usadas no Brasil, de norte a sul. Andarão, porém, em algumas centenas os

vocabulos que a lingua geral (o nheengatú) introduzio no idioma portuguez, em nosso paiz. A geographia nacional, os appellidos locaes, os nomes de seres da netureza, os phenomenos e factos da vida physica (terras, aguas, ilhas, lagos, montanhas...) são ainda designados com os nomes provindos do tupy. Um philologo (João Ribeiro), um indianologo (o engenheiro Theodoro Sampaio) já bem salientaram tudo isto. E, aliás, antes delles, outros grammaticos eminentes (Pacheco e Lameira de Andrade, Julio Ribeiro) ; outros indianistas (Baptista Caetano, Macedo Soares, Gonçalves Dias, Ladisláu Netto, Barbosa Rodrigues) ; já haviam demonstrado a extraordinaria contribuição do tupy e do abeneega (guarany) no portuguez falado no Brasil.

Voltaremos ao assumpto.

N. de S.

N.º 11

Recórtes...

Ha pouco, lemos em um jornal do interior o seguinte expressivo e jocoso Dialogo, que encerra abundante copia de locuções e termos, muito empregados na gyria da nossa capadoçagem, em varias cidades e povoações provincianas. Para não tirar o sabor do artigo, o sainête da palestra, aqui reproduzimol-o.

DIALOGO
ENTRE CAPOEIRAS[95]

"— Então, que foi aquillo hontem ?

— Não foi nada. Sabes que commigo não ha disso. Não vou no arrastão.

— Disseram-me que te tinham ido á cumieira...

— Qual ! Exercicio de canellas. Sabes que "quando me espalho nem Deus me ajunta", e "quando eu me misturo ninguém me conhece".

[95] O artigo de jornal em questão foi cortado e colado no caderno. O sublinhado foi acrescentado à mão por Senna.

— Conta-me là esse castigo...

— Foi assim : entrei na confeitaria para comer uns doces ; comi quatro. Quando fui pagar o homem disse que eram seis. Foram quatro. Foram seis. E, como o filho de meu pae não mente, fui logo ganhando aragem. O homem trastejou e quiz fazer bonito. Não puxei barato, metti-lhe o andante na caixa da comida que o chefe sahiu barra fora. Não perdeu a scisma e veio a peito. Ahi levei a caveira de lado, e fui buscar o machinismo mastigante do poeta. O veneno espirrou. Não dei confiança ao bruto de acender a lamparina. Fiz uma figuração por cima para o cabra fugir com o carão e abaixei em baixo no bahiano, levei o pé na altura do vulto, no geito da sciencia, que o camarada sahiu voando na roxura da Inana, indo amarrotar a tampa do juízo na caixa das empadas. O negro ganhou tento de novo, coçou-se e eu vi o brilho da sardinha. Ahi tirei fóra o corpo e levei a ferramenta por baixo, não fiz questão do preço da banha, e fui ver a gordura de perto. Quando o cabra sentiu a friagem no talho, deu o desespero p'ra mim ; sahi fóra da pelle e estraguei o bruto de novo. O homem estava verde. Casquei-lhe mais uma vez o quengo e o mano engoliu a lingua que não foi vida. Ah ! Na minha meia hora vou longe ! Juntou gente como cisco. Como não queria sulancar no grande estado maior das grades, arripiei carreira e fui sahindo de barriga... Oh ! ferro ! Nunca vi tanto aço..."[96]

Arrastão = embrùlho, complicação.[97]
Cumieira = casa, posto.
Canellas = pernas.
Misturar = zangar, encolerisar.
Castigo = facto grave, ou negocio complicado.
Ganhar aragem = sahir ao campo ; criar animo ; defender-se.
Trastejar = mostrar valentia.
Puxar barato = não perder tempo.

[96] As aspas foram acrescentadas por Senna à mão.

[97] A transcrição das colunas ao lado do artigo seguiu a ordem da direita para a esquerda por página.

Andante = cacête, bengala.
Chefe = typo, individuo.
Scisma = coaragem, animo.
Vir a peito = não cupitar a briga, agarrar outrem.
Caveira = cabeça.
Machinismo = faca, arma.
Poéta = homem destemido.
Veneno = sangue.
Espirrar = correr sangue.
Confiança = tempo, espaço.
Bruto = adversario, inimigo.
Accender a lamparina = armar a garrucha.
Mano, cabra, negro, bruto, camarada, bahiano = inimigo, adversario.
Sardinha, ferramenta, quengo, lingua = faca, punhal.
Ganhar tento = criar alento na lucta.
Vulto, carão = rosto.
Friagem = córte.
Estragar = cortar, ferir.
Verde = encolerisado, enraivecido.
Meia hora = raiva, cólera, ira.
Cisco = multidão.
Sulancar = aguentar, soffrer.
Sahir de barriga = fugir.
Tampa do juizo = cabeça.
Sciencia = astucia, valentia.
Banha = pélle.

Como se vê, teve real espirito e originalidade o escriptor anonymo d'esse Dialogo. Gryphámos nelle as palavras de sentido popular. Assim, damos ao lado a significação de muitos dos termos d'esse calão entre a molecada, os valentões.

1905[98] N. de S.

[98] *1905* corrigido de *1904*.

N.º 12

Recórtes...

Outra feição da nossa gyria popular são os ditados, as charadas sem sentido, os ditos sem nexo, as cantigas de pé quebrado, e que passam de geração em geração, sempre os mesmos. Por exemplo:

×

Pá-pá, játajá
Ti-ti, carne sêca,
Fé-fé, o que é qui é?
Patife.

×

Gyra-sol, córta o vento,
Sinhá lùa, vem ciá :
Anda, gente, topa o tento,
Róda, morena, vem pr'a cá.

×

Cabôcro, sigùra o píto,
Vem, pôvo, féxa o êito ;
Qui o sil tá p'rum cambito
E nóís tamo sastifêito.

×

Êta, capuêra cerráda,
Abre chão, córta, enxada !

×

Gemte, viola móle,
Chóra, pinho madúro :
Cum teu sinhô não bóle,
Cum tua sinhá não faz bom mùro.

×

Êta, cabra macho,
Mulato pachóla,
Ocê p'ra[99] cá, róla, róla,
Qui nós topa ou eu ti rácho.

×

Santa Maria, ba con dê,
Ora pru nóbe, Maria gondó:
Santa Cruz, canderê,
Rompe, rasga, brocotó.

×

Cárantônha, sacrafugio,
Catimplório, olá, olê,
Siribunda, eu ti fùjo,
Sái candonga, gêrêrê.

×

Tórra, sóca e côa,
Qui café requentado
Cumigo é atôa.

×

Róda, morêna,
Dêixa rodá,
Quem não póde andá ligêro,
Vai andâno di vagá.

×

Eu não canto p'ra[100] cantá,
Nem sô bom cantadô ;
Canto só prá alliviá,
Minhas mágua e minhas dôr.

×

[99] No ms.: *pr'a*.

[100] No ms.: *pr'a*.

Para os desafíos, no vai-de-róda, quando estálou as imbigadas, os versos do violeiro são estes e outros semelhantes, cantados com vozes sonóras e quentes de barytonos sertanejos, no meio lascivo das rôssas, de quadril dengôso, lenço de ramagem ao seio e galho de flôr atraz da orelha, ou mettido na trança negra:

1
"Mulata, minha mulata,
Disconjunta esse quadril,
Qui a mulata quando dansa,
Tira fôgo sem fuzil."

2
"Ha três día qui não cômo,
Há quátro qui não almóço ;
Pur[101] falta de teus carinho
Quero cumê, mas porém não pósso."

3
"A cachaça é meu parente,
O vinho meu primo-irmão,
Não ha funcção argúma[102]
Onde os meus parênte nun[103] vão."[104]

4
"A cachaça é môça branca,
Fía de homem triguêro[105],
Si você quizé cazá cumigo[106],
Venha cheia de dinhêro."

×
× ×

[101] *pur* corrigido de *por*.

[102] *argúma* corrigido de *algúma*.

[103] *nun* corrigido de *não*.

[104] Uma versão desta quadra está registrada nos *Cantos Populares*, de Sílvio Romero (ROMERO, 1883, v. II, p. 118)

[105] *triguêro* corrigido de *triguêiro*.

[106] *cumigo* corrigido de *comigo*.

Razão, portanto, tinhamos, ao encetar estes modestos artigos, em dizer que a alma, o cérne da nossa lingua se encontram no calão do nosso povo. É na gente provinciana, no meio della e longe do bulicio das cidades, que ainda palpita, intensa e fórte, a linguagem natural, com todo o vigor nativo de um povo moço, como é o brasileiro.

Aqui finalisamos, deixando que outros patricios curiosos continùem a tarefa.

Bello Horizonte — Maio 905.

N. de S.

Anexo 2: Diccionario Brasilico-Mineiro

A Academia Mineira de Letras (AML) foi fundada em 25 de dezembro de 1909 em Juiz de Fora e instalada na mesma cidade em 13 de maio de 1910. Nos seus estatutos, publicados no jornal *Minas Geraes* dos dias 7 a 10 de fevereiro de 1910, constavam os seguintes itens dentre os do artigo 27:

> *k*) organizar um diccionario bibliographico e outro de vocabularios regionais; (...)
>
> *m*) organizar um diccionario e uma grammatica da Academia, procurando para realização de tão complexa, melindrosa e alevantada obra, a mais criteriosa cohesão de vistas com as Academias do paiz, acceitando, e solicitando mesmo, a collaboração dos homens de reconhecido saber, de todos os pontos do territorio nacional; (...). (AML, 1910, p. 7-8)

Na edição de 23 de agosto de 1910 do jornal juiz-de-forano *O Pharol* (p. 1)[107], já se tinha dado notícia de que, em reunião da AML de dois dias antes, o acadêmico Carlos Góes tinha entregado o plano do *Diccionario Brasilico-Mineiro* (DBM) para estudo da respectiva comissão.

Segundo o relatório do primeiro ano de atividades da AML, datado de 25 de dezembro de 1910 e publicado no *Annuario* de Senna de 1911[108], houve reconsideração dos objetivos por recomendação do relator, o acadêmico Carlos Góes:

> **Diccionario**
>
> De conformidade com a letra *k*, do art. 27 das disposições geraes, a Academia nomeou uma commissão para estudar e apresentar as bases para elaboração do diccionario bibliographico.

[107] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/26867.

[108] Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/212679/665.

A commissão consta de quatro membros, que são os nossos dignos confrades: Costa Sena, Carlos Góes, João Massena e Brant Horta.

A mesma commissão escolheo para relator do projecto o nosso confrade Carlos Góes, que apresentou o plano approvado por seos collegas.

Em vez de um diccionario da lingua portugueza, trabalho que de preferencia deve ser iniciado pela doutissima Academia Brasileira de Letras, aquelle nosso illustre confrade opinou pela creação de um « Diccionario Brasilico Mineiro », comprehendendo as 7 secções seguintes:

a) O provincialismo ou dialecto regional;
b) O folk-lore;
c) A historia mineira;
d) A chorographia mineira;
e) A flora mineira;
f) A fauna mineira;
g) A geologia mineira.

A este plano, que vae ser discutido e votado em próxima sessão, o secretario geral propoz, por inspiração do relator, mais uma secção:

h) A ethnographia mineira. (SENNA, 1911, p. 126-127).[109]

Não há registro de que esse projeto do DBM tenha sido efetivamente realizado, mas publicaram-se, nos jornais *Minas Geraes* e *O Pharol*, breves textos com contribuições para o referido dicionário. São eles[110]:

a) GÓES, Carlos. Diccionario brasilico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, ano XX, n. 93, 24 e 25 de abril de 1911, p. 4

b) GOMES, Lindolpho. Diccionario brasil[ic]o-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 101, 30 de abril de 1911, p. 1;

c) GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 103, 3 de maio de 1911, p. 1;

[109] Republicado em Senna (1928, p. 253-260).

[110] Todos estes textos foram transcritos nos Anexos 2-A a 2-C da presente obra.

d) GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 104, 4 de maio de 1911, p. 1;

e) GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 105, 5 de maio de 1911, p. 1;

f) GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 106, 6 de maio de 1911, p. 1;

g) GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 108, 9 de maio de 1911, p. 2;

h) GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 110, 11 de maio de 1911, p. 1;

i) GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 110, 13 de maio de 1911, p. 2;

j) GÓES, Carlos. Diccionario brasilico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, ano XX, n. 111, 14 de maio de 1911, p. 1-2

k) GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 113, 14 de maio de 1911, p. 2;

l) GÓES, Carlos. Diccionario brasilico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, ano XX, n. 124, 29 e 30 de maio de 1911, p. 4-5; e

m) LOPES NEVES, [José Francisco]. O calão: organização do diccionario brazilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 166, 15 de julho de 1911, p. 1-2.

Essas contribuições visavam a atender aos ditos "vocabularios regionaes" do item *k* do artigo 27 dos estatutos da AML. Orientações metodológicas foram dadas por Góes no seu primeiro texto:

> é livre a qualquer de seus membros ir desde já apresentando as suas contribuições que serão mais tarde recolhidas e compendiadas para formar o lexicon dialectal e regional de todo o Estado. Essas contribuições devem ter por fonte obras já publicadas de auctores brasileiros, pouco se dando que sejam ou não mineiros, comtanto que mineiros sejam o scenario, o habitat, o meio, o typo ou o motivo. (GÓES, 1911, p. 4)

Por um lado, percebe-se uma preocupação empírica salutar de se lidar com dados de fonte conhecida e verificável ("obras já publicadas de auctores brasileiros"), mas, por outro, restringiam-se

os registros à língua escrita ("publicadas") e, surpreendentemente, admitiam-se dados de autores que não fossem naturais de Minas Gerais ("pouco se dando que sejam ou não mineiros, comtanto que mineiros sejam o scenario, o habitat, o meio, o typo ou o motivo")[111]. Góes coletou seus dados das seguintes obras[112]: *Memorias do Districto Diamantino* (1868) e *Acayaca* (1894), de Joaquim Felício dos Santos (1828-1895), nascido na Cidade do Serro (MG); *Innocencia* (1872), de Alfredo Taunay (1843-1899), nascido na Cidade do Rio de Janeiro (RJ); *José Miguel* (1911), de Aldo Delfino (1872-1945), nascido na Cidade do Rio de Janeiro (RJ); *Pelo Sertão* (1898), de Afonso Arinos (1870-1943), nascido em Paracatu (MG); e *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro (1845-1890), nascido em Sabará (MG). Gomes coletou de: *Pelo Sertão*, de Afonso Arinos; *Aquarellas* (1893), de Olímpio de Araújo (1860-1923), nascido em Rio Novo (MG); *Costumes Sertanejos* (1906), de Gilberto de Alencar (1886-1961), nascido em Palmira (MG), hoje Santos Dumont; e *Producções da Caducidade* (1896), de José Joaquim Correia de Almeida (1820-1905), nascido em Barbacena (MG). Gomes, no entanto, em parte da sua segunda contribuição, apresentou dados "em circulação neste Estado" que assinala ter "ouvido a cada passo". No caso de Lopes Neves, são apresentadas frases com os itens de cada verbete sem identificação da fonte. Góes e Gomes eram efetivamente membros da AML, mas Lopes Neves não. Enquanto os dois primeiros levaram a cabo sua série de publicações (que estavam divididas geralmente por faixas de letras iniciais), Lopes Neves publicou apenas uma primeira parte (das letras A a C). Lopes Neves faleceu em 18 de novembro de 1912 e não se encontrou registro de que tenha produzido continuações da sua primeira parte.

---

[111] Essa decisão talvez fosse um reflexo do fato de Góes não ser natural de Minas Gerais (tinha nascido na Cidade do Rio de Janeiro, mas residia na época em Belo Horizonte). Curiosamente, também não o eram os outros dois que contribuíram para o DBM: Gomes era natural de Guaratinguetá (SP), mas residia em Juiz de Fora; e Lopes Neves, da Cidade do Rio de Janeiro (RJ), mas residia em Carangola.

[112] Góes e Gomes não informam qual edição de cada obra consultaram: as datas informadas aqui são as da 1ª edição de cada uma delas.

Não se localizaram informações bem documentadas da relação entre Nelson de Senna e a comissão responsável pelo DBM (Carlos Góes, Costa Sena, João Massena e Brant Horta, sendo o primeiro seu relator). No *Inventário do Arquivo Pessoal Nelson Coelho de Senna*, catálogo do acervo pertencente ao Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), consta existir um ofício da Comissão da AML pedindo-lhe colaboração para a elaboração de um "Dicionário Bibliográfico Brasileiro" (APCBH, 2000b, p. [92], item 1262), que seria um projeto distinto do projeto dos vocabulários regionais, segundo se infere do já citado item *k* do art. 27 dos estatutos da AML anteriormente referido. Em nenhum dos inventários do APCBH, há qualquer referência à série de artigos d'*O Calão Mineiro* e, o que é mais surpreendente, o caderno manuscrito com esses artigos pertence atualmente ao IHGB. Lopes Neves, no entanto, fez referência a um dos textos de Senna, que era provavelmente o publicado no *Annuario* de 1906: "reeditemos o que alhures escrevemos sobre um resumido glossario, publicado em seus 'Annaes' pelo erudito historiographo e investigador dr. Nelson de Senna" (LOPES NEVES, 1911, p. 1).

Anexo 2-A: Carlos Góes

Diccionario brasilico-mineiro[113] [= D1]

Entre os magnos serviços que se propõe levar a effeito a Academia Mineira de Letras avulta o da elaboração de um diccionario regional, subdividido em sete secções, segundo o plano apresentado pelo mais obscuro de seus membros, relator da commissão a quem foram delegados os trabalhos preliminares.

A nosso ver, emquanto não se constituirem as commissões parciaes que terão a seu cargo a elaboração de cada uma das secções (a vingar o plano a que acima aos referimos), — é livre a qualquer de seus membros ir desde já apresentando as suas contribuições que serão mais tarde recolhidas e compendiadas para formar o lexicon dialectal e regional de todo o Estado. Essas contribuições devem ter por fonte obras já publicadas de auctores brasileiros, pouco se dando que sejam ou não mineiros, comtanto que mineiros sejam o scenario, o habitat, o meio, o typo ou o motivo.

Este artigo pertinente á nossa primeira contribuição, cujo valor unico é o das fontes a que fomos beber e o das citações em que nos esteamos, visa trazer o seu modesto contingente á grande obra que a Academia tem de elaborar e ultimar, recolhendo o esforço singular de todos os seus pares, para que da somma integral de todas as contribuições vingue exsurgir o vocabulario de uso e applicação nesta dilatada terra das Minas Geraes.

Damos a seguir a primeira ruma de vocabulos que nos foi dado colligir :

Acayaca — *subs*. *fem*. — nome que os Purys davam em Minas á arvore do cedro.

A acayaca, tendo salvado a especie humana era tida pelos indigenas como uma arvore sagrada. — J. Felicio dos Santos, *Acayaca*, p. 15.

[113] Transcrito de: GÓES, Carlos. Diccionario brasilico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, ano XX, n. 93, 24 e 25 de abril de 1911, p. 4.

Airado — *adj.* — diz-se do animal de sella que, suado e exposto ao ar, se resfria.

Tirou os arreios, não de subito, mas com cautela e lentidão, para que o animal, encalmado como estava, não ficasse airado. — Taunay, *Innocencia*, p. 349.

Anarchia — *subst. fem.* — desmoralização.

Ah ! que peso uma filha ! Ah ! Então uma menina que já está apalavrada... Isto é uma anarchia! — Taunay, *Ut supra*, p. 215.

Anarchizar — *verb. intr.* — dominar, desmoralizar.

Não é isso, sr. vigario. Não me deixo anarchizar por mulheres, mas emfim a gente deve um dia deitar a poita. — Taunay, *Ut supra*, p. 336.

Ángas — *subst. plur.* — nome com que os Purys designavam os seus manes.

Entendiam que os manes, a quem chamavam ángas, dos guerreiros ahi sepultados, inspiravam á assembléa prudentes conselhos. — J. Felicio dos Santos, *Ut supra*, p. 16.

Araraúna — *subst. fem.* — arara preta.

... (Aves) que, por parecerem negras em distancia, têm o nome de araraùnas — Taunay, *Ut supra*, p. 27.

Assumptar — *verb. trans.* — perceber, entender; observar, attentar.

1) Não assumpto o que mecês estão a prosear. — Taunay, *Ut supra*, pag. 262.

2) Mas assumpte bem que no terceiro dia de viagem ficará decidido. — Idem, *Ut supra*, p. 34.

Atilho — *subst. masc.* — um amarrado de quatro espigas de milho.

Aproveitem o milho, emquanto ha. Aqui o vendo baratinho. Um atilho por um cobre e não são espigas chochas. — Taunay, *Ut supra*, p. 77.

Atimo — voc. de que se usa na expressão num atimo, que significa de relance, de subito, com pressa.

E as espigas desenvolveram-se num atimo, avolumaram-se e começaram a seccar — Aldo Delfino, *José Miguel*, p. 69.

Atourassap — vocab. indigena que significa «o melhor amigo, o companheiro infallivel».

Depois succederam gritos e lamentações dolorosas, como si cada um dos selvagens houvesse perdido um pae ou irmão, ou um filho, ou um atourassap. — J. Felicio dos Santos, *Acayaca*, p. 29.

Bandeira — *subst. fem.* — grupo de aventureiros que se internavam no sertão virgem para a descoberta de minas de ouro, veios diamantiferos e outras conquistas rendosas; ajuntamento de diversas pessoas para, reunidas, plantarem, capinarem ou colherem as roças, o mesmo que mutirão ou muchirão.

1) (Os aventureiros) vinham em grupos separados, ou companhias armadas que se chamavam bandeiras — J. Felicio dos Santos, *Memorias do districto diamantino*, cap. 1º .

2) Assim ficou combinada a bandeira. Seria em um sabbado para dançarem até surgir o sol do domingo — Aldo Delfino, *José Miguel*, p. 100.

Bichar — *verbo intrans.* — ganhar dinheiro, enricar.

Dizem que tem bichado muito e ajuntado cobre grosso — Taunay, *Innocencia*, pag. 86.

Boitatá — *subst. masc.* — genio errante, entidade phantastica e lendaria do sertão.

A gente anda por estas estradas afóra como se fosse alma do outro mundo a penar... algum currupira... ou boitatá... Cruzes ! — Taunay, *Ut supra*, pag. 125.

Bracayá — *subst. fem.* — gato do matto.

Tenho de fazer fojos para que a bracayá não me entre no gallinheiro — Taunay, *idem*, p. 175.

Bucanar — *verb. trans.* — assim se chamava entre os Purys a operação de seccar as carnes dos prisioneiros victimados para as conservarem e depois comerem.

Os inimigos que havia bucanado já não se podiam enumerar. — J. Felicio dos Santos, *Acayaca*, pag. 12.

Cacique — *subst. masc.* — chefe indio, maioral da tribu ou senhor da taba.

O indio, acostumado a viver na mais ampla liberdade da natureza, que não se sujeitava a um chefe ou cacique. — J. Felicio dos Santos, *Ut supra*, p. 11.

Caipora — *adj. unif.* — infeliz, malaventurado, mal succedido.

Depois de alguns annos, uns bons, outros caiporas... — Taunay, *Ut supra*, p. 46.

Cangica — *subst. fem.* — o mesmo que piruruca, isto é, saibro aurifero que se retira do leito dos rios.

Apanharam do leito do corrego um saibro grosso, claro, de envolta com pedras miúdas: é o que se chama piruruca em linguagem de mineração. Os mineiros muitas vezes usam, por semelhança, da palavra cangica para designarem o mesmo corpo mineral. — J. Felicio dos Santos, *Memorias do districto diamantino*, cap. I.

Cangueiro — *adj. bif.* — sem prestimo.

Vou dar um giro pela minha roça onde estão na capina três pretos cangueiros — Taunay, *Innoc.*, p. 165.

Canhar — *verb. reflex.*; corruptela por apherese de acanhar.

Uma mulher não deve atirar-se á cara dos homens... mas tambem é bom não se canhar assim. — Id., *ibid.*, pag. 359.

Capitão do matto — *subst. comp. masc.*

Foi então que se nomearam os capitães do matto, especie de belleguins com auctoridade de prender os garimpeiros e negros fugidos — J. Felicio dos Santos, *Mem. do dist. diam.*, cap. V.

Casa de andar — *subst. comp. fem.* — o mesmo que casa de sobrado.

Mora numa casa de andar e tem loja muito sortida — Taunay, *Ut supra*, pag. 51.

Catear — *verb. intrans.* — termo de mineração, derivado de cata, significa limpar a cata.

Desobstruido o serviço das pedras, trata-se de catear, isto é, tira-se a camada inutil de terras, arêas e corridos que se depositam na parte superior do leito. — J. Felicio dos Santos, *Mem. do dist. diam.*, cap. XIV.

Cobre — *subst. masc.* — emprega-se por metaphora para designar as moedas de 40 réis que, como é notorio, são sempre de cobre.

Um atilho por um cobre — Taunay, *Ut supra*, pag. 77.

Nota — Tambem se diz em Minas, em vez de um cobre, um quarenta, segundo já nos foi dado ouvir.

Côco — *subs. masc.* — dinheiro, quantia.

Mas é côco grosso ? Trezentos mil réis — Taunay, *Ut supra*, pag. 54.

Córgo — *subst. masc.* — corruptela syncopada de *córrego*, ribeiro; consequentemente no diminutivo *corguinho*.

Olhe, vá me esperar junto ao corguinho para lá do laranjal. — Taunay, *Ut supra*, p. 311.

Cujo — pron. de lato emprego em Minas, usa-se nesse caso precedido do artigo (o cujo) e significa *o tal*, *o dito*, *o referido*. Costuma tambem empregar-se em sentido pejorativo.

Estou, porém, certissimo que o noivo lhe faz bater o coração... tomara ver o cujo chegado ! — Taunay, *Ut supra*, p. 254.

Ora, veja o tal cujo, que temivel, hén ? — Id., *ib.*, p. 208.

Çuçuarana — *subst. fem.* — especie de onça.

Parece-me çuçuarana á espera de veadas campeiras — Taunay, *Ut supra*, p. 187.

Data — *subs. fem.* — quantidade, porção; lote, extensão de terreno.

1) E o senhor tomou uma boa data de somno — Taunay, *Ut supra,* p. 76.

2) O que fizesse novo descoberto, tinha direito a uma data de trinta braças no logar que escolhesse — J. Felicio dos Santos, *Mem. do dist. diam.*, cap. II.

Descoberto — *subst. masc.* — termo de mineração que serve a designar minas ou veios recem descobertos.

Com a noticia das riquezas de Minas onde todos os dias se faziam novos descobertos de lavras auriferas. Id., *ibid.,* cap. II.

Despotismo — *subst. masc.* — porção, quantidade.

Quando me lembro do despotismo de miserias que vae por estas terras afóra. — Taunay, *Innoc.*, p. 47.

Ebyenitybas — *subst. masc.* — areão de rio.

As meninas iam brincar nos ebyenitybas do Jequetinhonha. — J. Felicio dos Santos, *Acayaca,* p. 36.

Embatucar — *verb. intrans.* — pasmar, causar admiração.

Ás vezes aquella criança tem lembranças e perguntas que me fazem embatucar. — Taunay, *Innoc.*, p. 96.

Emboabas — *subs. plur.* — nome com que no seculo 18 e parte do seculo 19 eram pelos naturaes designados os Portuguezes ou reinóes.

O Imperador, filho de Pedro I, que pinchou os emboabas para fóra desta terra do Brasil. — Taunay, *Innoc.*, p. 155.

Embromação — *subst. fem.* — mentira, embuste.

Olhe, sr. Cyrino, vou dizer-lhe uma cousa que talvez lhe pareça embromação. Id., *ibid.*, p. 51.

Emprestar — *verb. bitrans.* — A respeito da accepção que em Minas tem este verbo, diametralmente opposta á que lhe dá a lingua portugueza, escreve o Visconde Taunay em uma nota elucidativa em sua *Innocencia*, á pag. 222: «Emprestar de alguem, por tomar emprestado ou pedir emprestado, é locução muito corrente em todo o sertão de S. Paulo, Minas Geracs e Matto Grosso. É legitimo gallicismo que corresponde exactamente ao verbo *emprunter*.» Esta nota elucida a seguinte passagem do texto: «Então doutor foi emprestar da doente a molestia ?»

Enfernizado — *adj. bif.* — enraivecido, frenetico.

Já estou todo enfernizado com o tal homem. — Taunay, *Ut supra*, pag. 175.

Escurão — *subst. augm.* — o finalizar do crepusculo.

D'aqui a pouco é escurão — Id., *ib.*, p. 306.

Escurraçado — *adj. bif.* — desconfiado, arisco, esquivo.

... gente escurraçada e arisca que é um Deus nos acuda ! — Id., *ibid.*, p. 52.

Estranja — *subst. e adj.* — extrangeiro, forasteiro.

Vosmecê já reparou, amigo, como este estranja é figura bonita ? Id., *ibid.*, p. 143.

Faiscar — *verb. transit.* — termo de mineração; applica-se a designar o trabalho de catar ouro em terrenos já explorados e exhauridos.

O governador só permittiu que os mineiros faiscassem ouro nos morros do Tijuco por estar averiguado que nestes logares nunca se encontrou diamante algum. Os terrenos que se concediam eram lavras já exploradas. — J. Felicio dos Santos, *Mem. do distr. diam.*, cap. V.

Familia — *subst. fem.* — Usa-se em Minas, no seio das classes rusticas, não como substantivo collectivo, mas como appellativo, significando filho, rebento do casal. É commum ouvir dizer a um rustico: «tenho tantas familias» por «tenho tantos filhos». Tambem costuma significar sómente o filho do sexo feminino.

Tenho cinco filhos, tres machos e duas familias, estas casadas. — Taunay, *Innocencia*, pag. 153.

Garimpeiro — *subst. masc.* — o que exercia o garimpo.

Garimpo — *subst. masc.* — a mineração furtiva, clandestina do diamante — J. Felicio dos Santos, *Mem. do distr. diam.*, cap. VIII.

Gentes ! — *interj.* — expressão que denota alegria, surpresa, espanto. Costuma corromper-se em *xentes* ! pela permuta phonetica do *gê* em *chê*.

Gentes ! bradou o mineiro no auge da alegria. — Taunay, *Ut supra*, pag. 151.

Grosso — *adj. bif.* — gordo; em grande quantidade.

1) Tenho outro filho, este um latagão, barbado e grosso. — Taunay, *Ut supra*, pag. 85.

2) Onde houve em seu tempo collegio de padres e fradaria grossa — Id., *ibid*., pag. 156.

Gupiara — *subst. fem.* — valle á beira rio e acima do nivel do rio onde se encontra ouro em estado de alluvião — J. Felicio dos Santos, *Acayaca,* pag. 55.

Para o lavor da estação da secca foram-lhe designados o leito e gupiaras do Jequetinhonha — J. Felicio dos Santos, *Mems. do distr. diam*., cap. IX.

Ibycoara — *subst. fem.* — sarcophago indigena.

Debaixo de sua sombria ramagem era a ibycoara ou sepultura dos caciques, dos pagés e dos guerreiros que se tinham assignalado por alguma grande façanha — J. Felicio dos Santos, *Acayaca,* pag. 16.

Immundice — *subst. fem.* — profusão, grande quantidade.

E trouxeram de lá uma immundice de gente amarrada — Taunay, *Ut supra*, pag. 156.

Jururu — *adj. unif.* — quebrantado, combalido, tolhiço.

Se (as mulheres) não tomam estado, ficam jururús e fanadinhas — Taunay, *Ut supra*, pag. 88.

Judeu — *subst. masc.* — termo de mineração como adiante se verá.

O dia da tapagem do tronco é para mineiro um dia de festa. Uns entram para dirigirem o trabalho emquanto outros lançam pedras, terras, gorgulho, arêa e enorme feixe de fachina e capim com pedras dentro; estes feixes em linguagem de mineração chamam-se judeus. — J. Felicio dos Santos, *Mem. do distr. diam*., cap. XIV.

Kaawy — *subst. masc.* — bebida fermentada e inebriante, feita de mandioca e milho que os indios ingeriam em seus festins e libações. Tambem se escreve *cauim*.

Em grandes talhas de barro cozido fervia o kaawy — J. Felicio dos Santos, *Acayaca,* p. 22.

Lavrados — *subst. plur.* — collares de contas de ouro; adornos de ouro e prata.

... uma moça muito boa, muito bonita, que tem uma corôa de diamantes na cabeça, muitos lavrados no pescoço — Taunay, *Ut supra*, p. 96.

Limpo — *adj. bif.* — bem vestido.
Qual ! um homem tão bonito, tão bem limpo ! — Id., *ib*., p. 119.

Luxarias — *subst. plur.* — superfluidades de luxo.
Não encontrará luxarias, nem cousas da capital. — Id., *ib*., p. 45.

CARLOS GÓES.

DICCIONARIO BRASILICO-MINEIRO[114] [= D2]

Catalogando e annotando termos do vocabulario de uso regional em Minas, não é nosso intuito restringil-o apenas aos de emprego exclusivo no nosso Estado. Colligiremos não só estes últimos como aquelles que, brasilicos por excellencia, não são tão somente de uso em Minas, mas correntes em outros Estados. O contrario seria tornar este trabalho omisso e lacunoso.

Os termos indigenas de nossa primeira contribuição, como os que vão exarados nesta segunda, eram inherentes á tribu dos Purys, incolas que habitavam o Norte de Minas, na região hoje occupada pelo municipio de Diamantina, — segundo testifica o notavel literato mineiro J. Felicio dos Santos. É bem de ver que alguns d'esses termos eram communs a outras tribus do Norte e Sul do Brasil, pois o phrasear das differentes tribus eram sempre variantes de uma lingua geral — o tupi-guarany ou abaneenga, havendo até dois grandes esgalhos emanados de um mesmo tronco : o tupi ao norte e o guarany ao sul.

Folgamos de registar que mereceu palavras de incitamento da imprensa de São Paulo a nossa primeira contribuição, e que á mesma se seguiu uma interessante ruma de vocabulos colligidos pelo

[114] Transcrito de: GÓES, Carlos. Diccionario brasilico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, ano XX, n. 111, 14 de maio de 1911, p. 1-2.

erudito professor Lindolpho Gomes[115], tambem da Academia Mineira, da obra *Pelo Sertão* de Affonso Arinos, escriptor maximo em assumptos de natureza regional. Si o exemplo fructificar, si cada membro d'aquelle instituto concorrer ao menos com uma contribuição de cem palavras, em breve estará ultimada a elaboração do Diccionario na parte dialectal, não restando senão recolher os varios subsidios, submettel-os a um ultimo apuro e desbastamento, uniformizar-lhes a technica e ordenal-os em seriação alphabetica.

Damos a seguir a nossa segunda contribuição.

Agorinha — *adv. de tempo flexionado em grau* — O suffixo *inha* aggrega-se-lhe no caracter de quantitativo (agorinha = pouco ha), assumindo a flexão feminina por influencia do elemento feminino juxtaposto *hora* (agora = hac hora).

Mesmo neste logar onde estava mecê inda agorinha, falei-lhe em casamento. — Taunay, *Innocencia*, pag. 87.

Arataca — *subst. appel. fem.* — mundéo, armadilha, fojo.

Vocês não me hão de levar assim, não ! Póde que eu seja onça presa na arataca. — Affonso Arinos, *Pelo Sertão*, pag. 25.

Arranchar — *verb. intrans.* — pousar, acampar.

Arranchamos no retiro — Id., *id.*, pag. l66.

Barrão — *subst. appel. masc.* — corruptela de marrão, tendo havido a permuta do *m* em *b*; porco inteiro. Releva notar que a palavra marr[ã]o é de procedência hespanhola (marrano).

O arrieiro roncou como um barrão acuado pela cachorrada. — Arinos, *Pelo Sertão*, pag. 26.

Boquinha — *subst. appel. dimin.* — beijoca, beijo dado subrepticiamente.

(Ella) fez muito momo nessa noite e não me quiz dar nem uma boquinha. — Id., *id.*, p. 196.

Capanga — *subst. appel.*

1) homem assalariado como guarda-costas ou assassino, jagunço, cangaceiro.

---

[115] Cf. textos do Anexo 2-B.

Meu patrão era avalentoado, temido e tinha sempre em casa uns vinte capangas — Id., *id*., p. 183.

Nesta accepção é do genero masculino.

2) bornal ou embornal que se usa á bandoleira para alojar apetrechos de caça.

Corri ao quarto e tirei minha capanga, minha companheira velha. Puz dentro d'ella polvora, chumbo grosso... Id., *id*., p. 168.

Nesta accepção é do genero feminino.

Chicha — *subst. appel. fem*. — bebida fermentada e inebriante feita de mandioca e milho (Indios Purys — Norte de Minas).

Em grandes talhas de barro cozido ferviam o kaawy e a chicha. — J. Felicio dos Santos, *Acayaca*, p. 22.

Circumstancia — *subst. appel. fem*. — importancia, valimento.

... a madrinha, uma boa senhora, de muita circumstancia. — Taunay, *Innoc*., p. 50.

Capucho — *subst. appel. fem*. — floco de garôa ou neblina.

As nevoas volateantes fugiam impellidas pelas auras da manhã; sós alguns capuchos pairavam, muito baixos, nas depressões do campo, ou adejavam nas cupolas das arvores. — Arinos, *Ut supra*, p. 40.

Desapear — *verb. intrans*. — desmontar, descavalgar, apear.

Pois, meu senhor, desapeie. Bem vindo seja... — Taunay, *Ut supra*, p. 118.

Sendo desapear = apear, o prefixo *des* exerce a mera funcção de particula expletiva ou adventicia : é uma perfeita excrescencia. Phenomeno analogo occorre, em a nossa lingua, nas palavras desinquieto e desinsoffrido.

Doce — *subst. appel. por deriv. improp*. — assucar.

... tomará café com muito pouco doce. — Taunay, *Ut supra*, p. 135.

Esturdio — *adj. bif.* — extranho, abstruso, exquisito.

Este termo é corrente no portuguez, mais ou menos com a mesma significação, appliccando-se, porém, exclusivamente a pessoas. Em Minas, sinão tambem em outros Estados, applica-se

mais commummente em relação a cousas, — e é nesse caracter que aqui o consignamos.

Vi uma luz esturdia na cabeça de Pedro — Arinos, *Ut supra*, p. 199.

Deriva-se do francez étourdi.

Fonçonatas — *subst. appel. dimin. fem.* — festa mundana ou licenciosa.

Não ha menina que deixe de ir a fonçonatas com vestidos abertos na frente — Taunay, *Ut supra*, p. 89.

Fundões — *subst. appel. plur.* — ermos, sitios distantes.

Ando por estes fundões, curando maleitas — Taunay, *Ut supra*, p. 47.

Garrocha — *subst. appel. fem.* — novilha ?

O negro me sacudiu para cima como um touro bravo sacode uma garrocha — Arinos, *Ut supra*, pag. 194.

Jacyçobausú — *subst. appel. fem.* — o plenilunio (Indios Purys — Norte de Minas).

Fôra chegada a primeira noite da lua cheia que os indios chamavam jacyçobausú, — literalmente lua rosto grande. — J. Felicio dos Santos, *Acayaca*, p. 21.

Madrinha — *subst. appel. fem.* — nome que os tropeiros dão á mula ou besta, de arreios enfeitados, que vae na deanteira das tropas.

Outros, em rodeio, detinham-se no logar em que se achava a madrinha, vigiando a tropa. — Arinos, *Pelo Sertão*, p. 31.

Mameluco — *subst. appel. gentil.* — nome com que em Minas e em outros Estados eram designados os mestiços filhos de portuguez com india.

De raça mestiça, os mamelucos, em geral, tinham em desprezo o sangue indigena, e tornavam-se os maiores perseguidores dos indios — J. Felicio dos Santos[116], *Ut supra*, p. 19.

Macaná — *subst. appel. masc.* — arma cortante de pau ferro de que se serviam na guerra os Purys (Norte de Minas).

---

[116] No impr.: *Sontos*.

Seu macaná não parava na matança, cada golpe era uma morte certa. — J. Felicio dos Santos, *Ut supra*, p. 12.

Manacá — *subst. appel. fem.* — nome que se dava á moça mais linda da tribu e significa flor.

Cajahy era a manacá da tribu porque nenhuma outra a vencia em belleza e elegancia – Id., *id*., p. 21.

Mancyçaba — *sub. appel. masc.* — penitente (Indios Purys, Norte de Minas).

Appellidavam-no mancyçaba, que quer dizer penitente, em razão da vida solitaria que passava. — Id., *id*., p. 35.

Mandingueiro — *subst. ou adject.* — feiticeiro, bruxo.

Sabe, doutor, que não posso mais aturar esse allamão ? Aquillo é um mandingueiro. — Taunay, *Innoc*., p. 281.

Manducar — *verbo transit*. — petiscar.

Mal avisadamente sublinha o mui illustre Taunay, como brasileirismo, este vocabulo, quando é certo que o mesmo é importação latina (manducare) e vem consignado no lexicon lusitano. Aqui o incluimos apenas como resalva.

O termo que em Minas corresponde a manducar, petiscar ou lambiscar é pepinar.

Mangação — *subst. appel. fem*. — zombaria, caçoada.

Egual observação consignamos aqui quanto a este vocabulo que o mesmo precitado auctor grypha indebitamente como brasileirismo.

Mangar — *verb. intrans*. — Como acima.

Maracá — *subst. masc. ou fem*. — symbolo feito de um cabaço do mesmo nome que servia de instrumento de musica e de adivinhação; espetavam-no em um pau, enrolavam-lhe cabellos humanos no tôpo, deixando pender as pontas, ou cingiam-lhe um cocar de pennas vermelhas do guaraz[117] (J. Felicio dos Santos — Indios Purys, Norte de Minas).

---

[117] Os trechos que Góes assinala com "Indios Purys, Norte de Minas" ou apenas com "J. Felicio dos Santos" foram extraídos de notas da obra *Acayaca*.

A maracá desferiu um canto funebre, aterrador. — J. Felicio dos Santos, *Acayaca*, p. 41.

Moraes e Gonçalves Dias dão este termo como masculino. Felicio dos Santos e José de Alencar o flexionam no feminino.

Mas porem — *locução conjunctiva adversativa pleonastica*.

Mas porém creio que já é occasião saber com quem lidamos. — Taunay, *Innocencia*, p. 45.

O emprego pleonastico de *mas porem* é no dialecto brasilico-mineiro, como tantas outras expressões, uma revivescencia classica do portuguez antigo. Compare-se aquelle exemplo de Taunay com os seguintes exemplos classicos:

Mas porem, quando as gentes Mauritanas entraram pelas terras de Castella, foi o soberbo Affonso a socorrel-a. — Camões, canto III, estr. 99, d'*Os Lusiadas*.

Mas porem de pequenos animaes do mar todos cobertos, cento e cento. – Id., canto VI, estr. 18, *idem*.

Mas porem que vento vos atirou cá para o bairro? Castilho, *Camões*, p. 32.

Mas porem o que me a mim destôa... — Idem, *id*., p. 33.

Mecê — *pronome de tratamento* — é corruptela de mercê, um dos elementos da locução de tratamento vossa mercê, hoje inusitada.

Mecê já disse — Taunay, *Innoc*., pag. 294.

É forma divergente, syncretica ou equivalente de ocê, vancê e vosmecê.

Membyapara — *subst. appel. fem*. — clarim de guerra (Indios Purys, Norte de Minas).

Levou á bocca a membyapara e um som agudo, estridente repercutiu-se pelas serras longinquas — J. Felicio dos Santos, *Acayaca*, p. 24.

Mézinha — *subst. appel. fem*. — medicamento caseiro.

Apenas como resalva consignamos aqui este termo, de largo uso em Minas, e que por muitos é havido indebitamente como brasileirismo. Mézinha tira sua origem do latim *medicina* de que é forma contracta: foi termo de largo uso no portuguez classico e vem

arrolado em todos os lexicons lusitanos. De *mézinha* formou-se o verbo *mezinhar* que encontramos no auctor portuguez Camillo Castello Branco : «E já mais de um amigo pensava em mezinhal-o com o extremo remedio de um auto de fé» — *Virtudes antigas*, p. 62[118].

Mofino — *adj. bif.* — Este termo que no portuguez significa desditoso, turbulento, travesso (Caldas Aulete), no dialecto brasilico-mineiro corre com a significação de pouco liberal, forreta, somitico, mesquinho.

— Farei por aqui algum negocio? — Homem, conforme. Gente doente é matto, mas tambem mofina como ella só — Taunay, *Innoc.*[119], p. 52.

Nadinha — *pronome indef. diminut.* — Corresponde a muito pouca cousa, quasi nada. O suffixo diminutivo assumiu a flexão feminina por influencia do genero feminino que tinha a palavra *nada* quando adjectivo na locução[120] *rem natam* (cousa nascida, cousa existente).

D'onde se infere que em muitos phenomenos privativos do nosso regionalismo ainda se faz sentir a influencia etymologica.

Venha para aqui e espere-me um nadinha. — Taunay, *Innoc.*, p. 130.

D'aqui a um nadinha está o sol batendo no terreiro. — Id., *id.*, p. 324.

Olho de mosquito — *subst. appel. comp.* — termo de mineração, designa um diamante de tamanho e peso insignificante.

Um pobre pae de familia, com mulher e oito filhos de tenra edade, foi condemnado por ser achado em seu poder um olho de mosquito. — J. Felicio dos Santos, *Mems. do distr. diam.*, cap. V.

Onceiro — *subs. appel. masc.* — cão caçador de onça.

Com um bom onceiro não se me dava de acuar este diabo e metter-lhe uma chumbada no pescoço — Taunay, *Ut supra*, p. 32.

---

[118] No impr.: 52.

[119] No impr.: *Innac.*

[120] No impr.: *loucuão.*

Pagé — *subst. appel. masc.* — especie de sacerdotes, adivinhos ou feiticeiros que se julgavam inspirados e sabiam predizer o futuro (J. Felicio dos Santos — Indios Purys, Norte de Minas).

A reunião era presidida pelo cacique e nada decidiam sem ouvirem os pagés que, ao som do maracá, tiravam agouros sobre o exito de qualquer empresa — J. Felicio dos Santos, *Acayaca*, p. 16.

Palmear — *verb. trans.* — corruptela de palmilhar.

Deveras o senhor anda palmeando estes sertões? — Taunay, *Innoc.*, p. 145.

Patetear — *verb. intrans.* — titubiar.

... dei-lhe um abraço de tamanduá no pescoço. Mas o negro não pateteou. — Arinos, *Pelo Sertão*, p. 194.

Pé-rapado — *subs. appel. comp. masc.* — individuo de baixa condição.

Veja que o doutor não é nenhum pé rapado. — Taunay, *Innoc.*, p. 85.

Perau — *subst. appel. masc.* — o sitio mais fundo do leito de um rio.

O tugurio de Philippinho se erguia quasi á beira do corrego, mesmo junto de um perau. — Arinos, *Pelo Sertão*, p. 78.

Peros — *subst. prop. gentil.* — nome por que em Minas, e em outros Estados, os selvicolas designavam os Portuguezes.

...a vizinhança dos *peros*, como elles (indigenas) chamavam aos Portuguezes. — J. Felicio dos Santos, *Acayaca*, p. 11.

Em Minas este vocabulo era paroxytono. Rocha Pombo, porém, em sua copiosa Historia do Brasil regista-o como oxytono (*perós*) para os naturaes da capitania de São Vicente (São Paulo).

Picuá — *subst. appel. masc.* — peça ôca, de chifre ou de outra materia em que os mineiros guardam os diamantes (J. Felicio dos Santos).

Abrindo um picuá cheio de diamantes. — Id., *Acayaca*.

Pinchar — *verb. transit.* — Termo que o egregio auctor da *Innocencia* sublinha como regional, emprestando-lhe uma accepção identica á em que é usado no Portuguez (atirar, lançar, derrubar).

Não é um brasileirismo (vid. Aulete e outros). Neste, como em outros casos, equivocou-se o nosso illustre romancista.

Pingo — *subst. appel. masc.* — cavallo de sella.

Desencilhe o pingo e deixe-o por ahi. — Taunay, *Innoc.*, p. 349.

Pinoia — *subst. appel. pej.* — homem fraco.

Não sou nenhum pinoia. — Id., *id.*, p. 215.

Pinta — *subst. appel. fem.* — termo de mineração, designa o encontro eventual, pelos faiscadores, de algum minerio de ouro avantajado em terrenos que já foram explorados.

Ahi contava o faiscador com um jornal modico, mas certo e sufficiente para sua subsistencia, e muitas vezes encontrava pinta rica que indemnizava com sobras o seu trabalho. — J. Felicio dos Santos, *Memorias do dist. diam.*, cap. XI.

Piruruca — Vid. **Cangica**.

Pitar — *verb. trans. ou intrans.* — fumar, tragar e baforar tabaco.

Bebiam cachaça... cahiam tontas no chão... pitavam e cantavam muito alto com modos muito feios — Taunay, *Innoc.*, p. 276.

Poçanangara — *subst. appel. masc.* — curandeiro entre os Purys, indios que habitavam o Norte de Minas.

Era ao mesmo tempo o poçanangara do logar, curava todas as enfermidades com medicamentos por elle descobertos. — J. Felicio dos Santos, *Acayaca*, p. 36.

Quitanda — *subst. coll. fem.* — Este termo que no Rio de Janeiro designa hortaliças, legumes, — em Minas significa toda especie de pastelaria caseira que coze ao forno.

Era o velho forno para quitanda. — Arinos, *Pelo Sertão*, p. 39.

Queixada — *subst. appel. epic.* — porco silvestre maior que o caitetú.

No ceo galopavam[121] umas nuvens escuras a modo de um bando de queixadas rodando pelo campo. — Arinos, *Pelo Sertão*, p. 191.

---

[121] No impr.: *galopovam*.

Rancho — *subst. appel. masc.* — pequena casa tosca de moradia, ordinariamente com emboço de barro e cobertura de colmo ou sapé; casa de pouso a tropas e tropeiros.

1) O rancho do Pedro Barqueiro fica perto. Elle mora só e eu conheço bem o logar. — Arinos, *Pelo Sertão*, p. 189.

2) Ando de pouso em pouso, pedindo um cantinho de paiol ou de rancho para passar a noite com os meus camaradas. — Taunay, *Innoc.*, p. 44.

Roxa — *subst. e adj. fem.* — morena, mestiça.

Eu andava arrastando a aza á Emilia. Era uma roxa bonita deveras, e não estava muito longe de me querer. — Arinos, *Pelo Sertão*, p. 190.

Comprei um trancelim de ouro para aquella roxa de meus peccados. — Id., *id.*, p. 196.

Rejume — *subst. appel. masc.* — corruptela de regime.

Fica ao meu cuidado olhar para o rejume. — Taunay, *Ut supra*, p. 135.

Restinga — *subst. appel. fem.* — rebotalho de terras já lavradas (miner.).

... faiscadores de ouro, (classe) pela maior parte composta de gente pobre, não podendo emprehender serviço de maior importancia, mineravam aproveitando as restingas. — J. Felicio dos Santos, *Mems. do dist. diam.*, cap. XI.

Taboleiro — *subst. appel. masc.* — termo de mineração, valle á beira-rio e ao nivel do rio onde se encontra ouro em estado de alluvião (J. Felicio dos Santos). É synonymo imperfeito de gupiara.

Tabyra — *subst. appel. fem.* — festa entre os Indios Purys (Norte de Minas).

Os indios se prepararam para uma esplendida tabyra, isto é, para uma festa. — J. Felicio dos Santos, *Acayaca*, p. 21.

Tatarendy — *subst. appel. fem.* — facho feito de tiririca untado com resinas. (Indios Purys, Norte de Minas).

Um velho tendo na mão a sagrada tatarendy que lhe illuminava o rosto venerando. — J. Felicio dos Santos, *Acayaca*, p. 34.

Tutú — *subst. appel. masc.* — manda-chuva, chefe local, maguate. — Aquelle sim é que é homem ás direitas. Tambem é pau para toda obra na Senhora Sant'Anna e o tutú de lá. — Taunay, *Innoc.*, p. 50.

Urumbeba — *subst. appel. fem.* — especie de cacto que os Purys (Norte de Minas) plantavam para servir de tapume dos quintaes. (J. Felicio dos Santos).

Muros solidos e alinhados substituem as sebes irregulares e tortuosas de urumbeba. — Id., *Acayaca*, p. 55.

Nota — Deixamos de consignar nesta contribuição muitos termos regionaes exarados na obra do escriptor mineiro Affonso Arinos *Pelo Sertão*, por já o terem sido pelo douto professor Lindolpho Gomes, tambem da Academia Mineira, n'*O Pharol*[122].

Carlos Góes.

DICCIONARIO BRASILICO-MINEIRO[123] [= D3]

(**Revivescencias do lidimo Portuguez no regionalismo mineiro**)

Uma das faces mais interessantes do phrasear typico regional mineiro é a revivescencia de formas obsoletas e archaicas, as quaes são de uso corrente no baixo povo, e constituem nos dias de hoje um prolongamento da linguagem de antanho.

Esta nossa contribuição destina-se a compendiar muitos d'esses termos e expressões que vulgarmente são tidos e havidos por plebeismos, mas em verdade são a resurreição de formas que o

[122] Cf. textos do Anexo 2-B.

[123] Transcrito de: GÓES, Carlos. Diccionario brasilico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, ano XX, n. 124, 29 e 30 de maio de 1911, p. 4-5.

tempo e a desuetude já haviam relegado para o plano das cousas mortas e fossilizadas.

A lista que segue está longe de ser completa, mas já é um passo para a integralização de tão magno assumpto:

Num atimo — Este adjuncto adverbial é corruptela da expressão num atomo a qual, por seu turno, é fórma abreviada de num atomo de tempo, isto é, num instante (vid. Caldas Aulete). D'ella usou o grande grammatico e primoroso estylista Julio Ribeiro, mineiro nato, como se vê da seguinte passagem: «Levada por uma bica volante a garapa encheu-os num atomo» — *A Carne*, pag. 29.

Já vimos esta expressão «num atimo» empregada por tres auctores mineiros contemporaneos em letra de fôrma: melhor seria, porém, substituir a corruptela pela forma originaria «num atomo.»

No Sul de Minas, onde nos foi dado conviver por espaço de dois annos e meio, emprega-se como synonymo de num atomo a expressão num sufflagrante, cognata de «flagrante, flagrancia», da raiz latina *flagr*. (abrasar, arder, inflammar). Fazer algo num sufflagrante é fazel-o no acto mesmo em que o facto ainda não arrefeceu, emquanto está aquecido pelo calor da acção.

A eito — Locução prepositiva de largo uso em Minas, que significa «sem interrupção, a fio.» Mereceu acolhida de bons auctores: «Mandou-me o Divino Esposo que pedisse licença a meus superiores para commugar nove dias a eito. E assim foi: confessei-me e recebia o Sacramento nove dias a fio.» — Camillo, *Virtudes antigas*, pag. 30. «Proveito dos taes senhores que vão despovoando a eito o mundo de povoadores» — Castilho, (apud C. Aulete). — «Responder a dois escriptos a eito» — Francisco Manoel (apud Moraes).

Contia por **quantia** — A forma contia, segundo testifica Francisco José Freire em suas *Reflexões*, parte 2.ª, pag. 53 «acha-se sempre nos melhores classicos como Fr. Luiz de Souza.» Com a forma abonada por Freire coincide a de uso em Minas.

Coresma — Fórma antiquada de *quaresma*: é a de uso no seio das classes rusticas no interior do Estado.

Prantar — Fórma obsoleta de *plantar*. Em Minas essa palavra acosta-se á fórma antiga, não tendo havido ainda o abrandamento do *r* em *l*; consequentemente *pranta* por *planta*. É interessante que, sendo a tendência do povo para permutar o *r* em *l*, occorra exactamente o inverso no caso vertente: não soffre duvida que é isso devido á influencia etymologica que nesse caso foi supplantada pela «tendencia physiologica» ou «lei do menor esforço.»

Casar — Este verbo usa-se em Minas como d'elle usaram os melhores classicos — sem o caracter de verbo pronominal ou reflexivo. Diz-se «João casou com Maria» por «João casou-se com Maria». Cp. os seguintes exemplos: «O mais velho casou em 1820 com uma parenta» — Camillo, *O Sangue*, p. 24 — «A menina casava pelo menos com dez gerações de Antunes». — Idem, *Doze casamentos felizes*, pag. 28 — «Depois a divina Elisa casou». — Eça de Queiroz, *Contos*, pag. 291.

Despois — Fórma antiquada de *depois*. Encontra-se nas Ordenações Affonsinas, em Gil Vicente, Sá de Menezes, Thomaz da Veiga, Francisco Manoel de Mello e Francisco Rodrigues Lobo.

Dezaseis, **dezasete** — Estas fórmas, que são as fluentes em Minas, foram preferidas ás de *dezeseis*, *dezesete* por Castilho e Ribeiro de Vasconcellos, sinão outros. Cp. os seguintes exemplos: «Para ti me torno ao cabo de dezasete annos de trabalhado destino» — Castilho, *Camões*, acto I, scena 11 — «Sim, mas dezasete annos ha isso» — Ibidem, acto I, scena 19 — «Quem vos tornasse a desterrar como ha dezasete annos» — Ibidem, acto III, scena 4.ª.

Ribeiro de Vasconcellos em sua *Grammatica Historica* adduz a seguinte nota: «Os numeraes dezaseis, dezasete e dezanove, compostos do num. *dez* + prep. *a* + num. *seis*, *sete* e *nove*, começaram a escrever-se *dezeseis*, *dezesete* e *dezenove* em obediencia a um preconceito etymologico falso, apezar de *ninguem assim os pronunciar a principio* (o grypho é nosso); hoje, porém, certa gente affectada e pretenciosa já pronuncia *dezeseis*, etc., juntando a um erro orthographico um erro de pronuncia.»

É de João Ribeiro, em sua *Grammatica Portugueza*, curso superior, o seguinte excerpto: «A antiga forma *a* de *et* apparece em

dezaseis, *dezasete* (dez e seis, dez e sete) e *tem exemplos na antiga lingua* (o grypho é nosso) — Vid. Moraes. *Dicc*. letra A.

Entonces — Corruptela de *então* por influencia castelhana (*entonces*). O *s* de *entonces* é o expoente do plural. «Diez e Littré notaram que as formas do plural de alguns adjectivos (nimis, gratis) crearam nas linguas romanas a *tendencia de dar forma pluralizada aos adverbios*. É o que se nota no italiano *volontieri*, ao francez *certes*, *lors*, *hors*, *jusques*, ao hespanhol entonces.» — João Ribeiro, *Gram. Port*., curso superior.

Sujeito collectivo no singular levando o verbo no plural — No antigo portuguez, a exemplo do Latim, sendo o sujeito um collectivo, embora no singular, empregava-se o verbo ordinariamente no plural, concordando com a *idéa* que era plural, e não com a *fórma* que era singular, ex.: *Turba ruunt* (a multidão precipita-se). Essa concordancia semiotica pratica-se ainda hoje em Minas no seio das classes menos rusticas as quaes, á falta de outro arrimo que lhes dera a instrucção, abordoam-se á logica como o vehiculador maximo do pensamento e da linguagem. Dizem «a procissão sahiram da egreja — o povo faziam grande algazarra». Cp. os seguintes exemplos classicos: «Simão Mago appellidou um dia todo o povo para o verem subir ao Ceo» — Vieira (apud Eduardo Carlos Pereira) — «Povoavam os degraus muita sorte de gente.» — Manoel Bernardes (apud o mesmo). Vem de molde dizer que esta syntaxe está hoje banida do uso da lingua: com o sujeito collectivo no singular desacompanhado de adjuncto restrictivo no plural, o verbo fica no singular. Exceptua-se o caso de vir elliptico o sujeito collectivo no singular já expresso em oração antecedente, ex. «*Esta gente* já *terá vindo* ? — Parece que não: sahiram ha um bom pedaço». — Machado de Assis, *Não consultes medico*, scena 1.ª «O *resto* do exercito realista *evacúa* neste momento Santarem; vão em fuga para o Alemtejo». — Garret, *Viagens de minha terra*, tomo II, pag. 81.

Topar com — Este verbo que por muitos é havido como plebeismo, é termo dos mais lidimos do nossso lexicon. Vejam-se, entre outros que seria longo enumerar, os seguintes exemplos: «A malditosa dama de tantos ingratos veio a topar afinal com o seu

paladino». — Ruy Barbosa. «No rumo da Bahia topou a nao portugueza com cinco poderosos galeões». — Camillo, *Virtudes Antigas*, pag. 110 — «Se topardes co' o deus Marte». — Castilho, *Camões*, acto II (Auto das Boas Estrellas).

Releva notar que tambem avultam casos em que o objecto de *topar* deixa de ser preposicional: «Já se admira a gente quando topa um exemplo de felicidade conjugal». — Camillo, *Doze casamentos felizes*, pag. 9 — «Satyro velho não topa dryadas nas florestas». — Camillo, *Novellas do Minho*, vol. 1, pag. 93 — «Topam em cada valle boninas que ceifar.» — Castilho (apud Caldas Aulete).

Nivél — A verdadeira accentuação d'este termo é tal como a praticam os naturaes de Minas, isto é, oxytono; identica accentuação lhe empresta Caldas Aulete. Releva notar, porém, que o professor e grammatico sr. Augusto Freire da Silva faz distincção entre nivel e nivél: «Nivel é qualquer plano horizontal; nivél é o instrumento que serve para se reconhecer a horizontalidade de um plano».— *Gram. Port*., 8.ª edição.

Enterter por **entreter** — A forma *enterter* é influenciada pelo etymo do prefixo (*inter*): é a que vigora em o nosso regionalismo. Cp. os seguintes exemplos: «E com esta pratica, e outras que occorriam, foram passeando, e entertendo o que ficava do dia». — Ibidem, pag. 37. «Estorvaram a musica e entertiveram os presentes com uma lua». — Idem, *Desenganado*, p. 38.

O emprego dos verbos em *iar* derivados de substantivos em *ança*, *ença*, *encia* com o *e* interposto no presente do indicativo e presente do subjunctivo (excepção da 1.ª e 2.ª pessoas do plural). O caboclo diz, consoante os mestres da lingua: eu diligenceio, sentenceio, agenceio, etc. Outrosim o verbo *alumiar*: eu alumeio, etc., segundo usaram no passado da lingua os bons prosadores e o baixo vulgo, do que é attestado o annexim: «O ignorante e a candeia, — a si queima, e a outros alumeia».

Ao que acima fica exarado accrescem ainda os seguintes vocabulos em plena vigencia no seio das camadas populares de Minas e que são restaurações de termos hoje inusitados ou anachronicos em outros pontos do territorio brasileiro.

Mas porém — Com relação ao uso pleonastico, em Minas, d'essa locução conjunctiva adversativa, — remetto-me ao articulado publicado em este mesmo orgam, no numero de 14 do fluente[124], no qual adduzia exemplos classicos de Camões e Castilho. Áquelles exemplos podemos hoje accrescer mais estes.

«Mas porem, a minha ida a palacio amanhã ?» — Castilho, *Camões*, pag. 65. «Eu não desconfio... mas porem... o rolzinho atrazado ?» — Ibidem, pag. 66.

Por derradeiro — Expressão classica de lato emprego popular em Minas. Cp. os seguintes exemplos: «Ata o cordão, que traz, por derradeiro no tronco». —Camões, *Os Lusiadas*, canto X, estr. 111 — «E assi por derradeiro o falso deus adora o verdadeiro». — Ibidem, canto III, estr. 12. — «E por derradeiro (os cavalleiros) ficaram com sua magua». —Francisco de Moraes (apud Domingos Vieira).

Pertender por **pretender** — É um caso interessante de metathese (transposição de letras na mesma syllaba). Da forma *pertender* que é a dominante em Minas, no seio da plebe, usaram Antonio Vieira, Corte Real, Bernardo de Brito, F. de Andrade. (Vid. os exemplos consignados por Domingos Vieira em seu *Thesouro da Lingua Portugueza*). De egual parecer foi Francisco Reiz Lobo, «Com esta boa sorte era invejada de todas as de minha edade e pertendida dos mais illustres mancebos» *Côrte na aldeia*, pag. 83, tomo I.

Anágua — Saia de panno de linho ou de algodão que trazem as mulheres por cima da camisa (Constancio). Este termo é corrente no Norte de Minas para designar a «saia de baixo ou saia branca», sendo de notar que absolutamente não usam de outro termo para designar aquella peça de vestuario. Devo esta nota á cooperação amavel do sr. Cicero Arpino Caldeira Brant, de Diamantina, em carta mui gentil que se dignou endereçar-me. O mesmo sr. que, segundo deprehendo do texto de sua missiva, é um espirito culto e amantetico das lettras, consigna ainda os seguintes, todos de uso no Norte de Minas.

Sueto — Feriado.

---

[124] Cf. Anexo 2-A [D2] (p. 255 deste livro).

Gagosa — Descanço de alguns minutos nas aulas dos collegios internos. (Abrimos á nossa conta este parenthesis: Será este vocabulo oriundo da expressão popular portugueza «levar o lobo á gagosa», — expressão que vem consignada no Diccionario de fr. Domingos Vieira ?)

Castello — Serenata nocturna com musica e modinhas. Segundo o suprareferido sr. «este termo é uma reminiscencia dos tempos coloniaes do Tijuco, recordação das serenatas dos trovadores europeus aos castellos medievos. Note-se que aqui nunca se diz — tocar castello, nem fazer castello, mas sempre — *bater castello*. Será corruptela da expressão «bater ao castello ?» É possivel (no que estamos de pleno accordo), pois no Tijuco (Diamantina) habitaram pessoas de elevada categoria e fidalgos de alta linhagem.»

Com relação ao termo *anágua* devemos ajuntar que já o viramos empregado por um auctor mineiro, o sr. Julio Ribeiro, á pag. 24 d'*A Carne*: «Tirou o palitózinbo, o corpete espartilhado, depois a saia preta, as anáguas.»

———

Rectificação — Em nossa segunda contribuição dada á estampa neste mesmo orgam[125] incluimos o termo *garrocha*, inquirindo com um ponto de interrogação si a sua accepção regional seria a de novilha, palpite a que nos levou a falsa analogia com garrote. (A *falsa analogia* tem sido em philologia o descaminho de muito espirito atilado: não é de extranhar que o nosso, de si baldo e peco, incorresse no mesmo transvio). Aquelle termo é puro portuguez — aqui fica a rectificação — e vem consignado em todos os diccionaristas inclusive o velho e patriarchal Bluteau, com accepção de «haste de madeira com um ferro farpado numa das extremidades que os bandarilheiros enterravam no cachaço dos touros e *foi substituida pela farpa ou bandarilha* (o grypho é nosso).» — Caldas Aulete. É, em face do exposto, um dos muitos termos

[125] Cf. Anexo 2-A [D2] (p. 253 deste livro).

inusitados (pois hoje não se farpeia mais a garrocha, mas com farpa ou bandarilha) que sobrevivem no nosso regionalismo. Póde, portanto, com as devidas restricções, ser arrolado ao lado de *anágua*, *sueto*, *mézinha*, *pinchar*, *gagosa*, *somitico* e tantos outros que ainda hão de vir á baila.

———

Addendo — Aos termos *taboleiro*, *mofino*, *madrinha*, e *tutú* temos de accrescer mais o seguinte:

Taboleiro — Este termo, além da significação mineralogica que lhe dá Felicio dos Santos, significa «grande cerrado». Chamam-se *cerrados* extensões de matto baixo, grosso e *cerrado* encravadas providencialmente nos grandes pastos nativos de certas regiões do Estado: a ellas se acolhe o gado em horas de grande calma para repousar á sombra, ou em épocas de estiagem para, á falta de capim, devorar os brotos das arvores. O cerrado é como que uma ilha ou oasis de arvoredo em meio ao *mare magnum* de capim gordura. Um grande cerrado chama-se Taboleiro.

Mofino — Este termo usa-se ainda com a significação de perrengue, tolhiço, combalido, adoentado. «Deparou-se-nos caminheiro singular, mofino e rachitico.» — Arinos, *Pelo Sertão*, p. 110.

Madrinha — Madrinha não é apenas «mula ou besta, de arreios enfeitados, que vae na deanteira das tropas»; a madrinha as mais das vezes é um cavallo (!) pois os muares *apadrinham-se* melhor (d'ahi o nome de *madrinha*) com o cavallo que com outro muar; por isso de preferencia escolhem os tropeiros para *madrinha* da tropa um equino, dado o prestigio ou ascendencia (é o termo) que tem sobre os mús. Perfeito synonymo de *madrinha* é o termo *boneca*, pois o animal que tira a tropa, entre outros enfeites, leva na cabeçada uma boneca a qual gosa da faculdade de evitar maleficios na jornada: é como um talisman contra máos successos e infortunios.

Tutú — Este termo usa-se ainda na accepção de espantalho ideado pelas amas ou pagens para metter medo ás crianças.

———

Appello — O signatario destas linhas faz um appello a todas as pessoas que se interessarem pela feitura do «Diccionario brasilico-mineiro», (obra affecta á Academia Mineira de Letras) para que lhe enviem notas e elucidações a respeito. Outrosim, tomará na devida consideração qualquer rectificação a este trabalho, — trabalho que não tem pretenções á infallibilidade, antes reveste por emquanto um caracter meramente provisorio, pois se destina a ser discutido, desbastado e ventilado pela Academia Mineira, unica idonea para sobre elle dizer a ultima palavra.

Carlos Góes.

Anexo 2-B: Lindolpho Gomes

DICCIONARIO BRASILICO-MINEIRO[126] [= D4]

Quando tratámos em nosso trabalho *Estudos de Português* das multiplas accepções que tem na giria o verbo *virar*, evidenciámos o interesse de collaborar com o illustre dr. Carlos Góes e outros academicos na organização do projectado diccionario regional da Academia Mineira.

Dentre os vocabulos populares, phrases do calão e modismos, que circulam neste Estado, alguns foram por nós colligidos, buscando-os em livros e outras publicações mineiras ou de assumptos mineiros.

Nem todos foram creados ou formados em nosso Estado. São antes méra importação vocabular, ou dialectal de outras regiões do pais, especialmente de S. Paulo, devido á influencia dos *bandeirantes*, povoadores das Minas Geraes.

Ha ainda vocabulos e expressões que aqui circulam na giria, do mesmo modo que em Portugal, — uns já registados nos *lexicos*, outros não.

A palavra *pinga*, por exemplo, que, em todo o Brasil, significa bebida alcoolica e no interior das provincias ou Estados propriamente *aguardente*, é usada em Portugal com a significação de vinho, que lha dão os dicionarios, e assim se induz do seguinte passo de Felinto Eliseo (*Annaes* — Rio — n. 45 —1905):

«—(*Bebado*) Maldita mandongueira[127]

Trazes a codea, e esqueces-te da *pinga*.»

---

[126] Transcrito de: GOMES, Lindolpho. Diccionario brasil[ic]o-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 101, 30 de abril de 1911, p. 1. Em nota do artigo sobre o mesmo tema no mesmo jornal, na edição do dia 3 de maio, o autor assinala que "[o]nde se lê, no titulo, *brasilo-mineiro,* leia-se *brasilico-mineiro*", retificação já integrada ao texto aqui.

[127] Em nota do artigo sobre o mesmo tema no mesmo jornal, do dia 3 de maio, o autor assinala: "onde se lê — *mandrugueira*, leia-se — *mandongueira*", retificação já integrada ao texto aqui.

A palavra *desabotinado*, que os diccionarios não registam, encontramol-a em livros brasileiros como no *Pelo Sertão*, de Affonso Arinos, porém, é da giria lusitana e figura em livros de Camillo, Fialho de Almeida e outros, na mesma significação em que a empregámos aqui.

A palavra *perrengue*, já vimos ser dada como brasileirismo, de creação nossa, quando de facto ella é exclusivamente castelhana (perro + engue), e significa homem *irascivel teimoso*. É portanto apenas um brasileirismo na significação contraria, pejorativa que lhe damos de — *homem fraco, desanimado*.

A palavra *lambança*, á primeira vista se tem afigurado um brasileirismo; todavia é uma corruptela da palavra — castelhana *alabanza*, que significa *bazofia, jactancia*, e vive no falar lusitano e do Brasil.

Ao *caixeiro que viaja*, chamam os portuguêses *caixeiro ambulante* e os brasileiros *viajante*, como lhe chamam os espanhóes, *viajero*.

Logo, o nosso *viajante* não é um brasileirismo, mas puro castelhanismo[128] que aliás não nos veio por introducção portuguêsa. Todavia, a palavra *cometa*, no mesmo sentido, é puro brasileirismo.

Á vista do exposto, concluimos que certas palavras ou expressões, não obstante se afigurem genuinamente mineiras si bem que devam ser registadas quando empregadas em accepção nova ou differente, não o são de facto.

Como contribuição ao *diccionario brasilico-mineiro*, colhemos no *Pelo sertão*, de Affonso Arinos, livro genuinamente de Minas, alguns vocabulos, phrases e modismos que damos a seguir.

Registamol-os apenas na accepção em que os não vemos consignados nos *lexicos*, quanto áquelles que têm mais de um significado. Todavia, a maior parte delles não figura em diccionario algum, sendo puras creações brasileiras, ou mineiras.

AMILHAR — v. trans. — dar milho a animal muar ou cavallar, alimental-o com a ração de milho.

Accresce mais que a tropa deve estar *amilhada*. (Pag. 8).

---

[128] No impr.: *custelhanismo*.

ATIÇAR — v. trans. — animar o fogo, avival-o, revolvendo a cinza, bem dispondo as achas ou tições.

Um de passagem *atiçava* o fogo (P. 9).

ATUCANADO — adj. — incommodado ou preoccupado.

... o cosinheiro, *atucanado* com tamanha ociosidade. (P. 9).

A PODER DE — loc., que equivale a — a força de.

... se não querem sair daqui *a poder de* tição de fogo (P. 10).

ABICAR — v. trans., nesta sig. — levantar as orelhas, afilal-as, em fórma de bico.

... *abicando* as orelhas relinchando. (P. 41).

ARRIBADA[129] (de gado) — s. f. — conducção de gado, óu de boiada, partida de gado, juncção de gado.

... tinha trabalhado junto comigo uns dias numa *arribada de gado*. (P. 173).

AVEXADO — adj., corrup. de vexado — aborrecido, contrariado — tambem se emprega no sentido de envergonhado, humilhado.

Ia meio avexado. (P. 197).

BINGA — s. c. — isqueiro de pedra e fusil.

... servindo-se das palhas e da *binga* fez fogo. (P. 17).

BABATAR — v. int. — tactear, bobear, errar a esmo por algum logar.

... e o cuyabano ficou só *babatando* na treva. (P. 22).

BRIQUITAR — v. int. — pelejar, luctar, passar o tempo.

Que tempão tive *briquitando* co'aquelle macho «pelintra». (P. 31).

BATER (mato) — no caso v. trans. — caminhar pelo mato, abrir caminho no mato.

... e vamos embora *batendo mato* pela beira do rio. (P. 130).

BATER (fogo) — no caso v. trans. — fazer fogo, ferir fogo.

... e tirando o cigarro da fita do chapéu *bateu fogo* (P. 163).

---

[129] Em nota do artigo sobre o mesmo tema no mesmo jornal, do dia 3 de maio, o autor assinala que "onde se lê — *arribado,* leia-se — *arribada*", retificação já integrada ao texto aqui.

BICHO DO MATO — s. comp. — fera, onça ou cobra; *bicho* tambem indica qualquer outro animal, como no dictado sertanejo, usado no jogo — «na volta do meio, saracura é bicho feio»; ou ainda sujeito acanhado; expressão da giria academica.

... talvez alguma cama de *bicho do mato*. (P. 18).

BANZAR — v. int. — pensar, ficar retraido e pensativo.

... e peguei a *banzar* (P. 197).

CARGUEIRO — s. c. — carga; e, por extensão, animal carregado.

... guiava os *cargueiros* pelo caminho a fóra (P. 4).

COURO NAGUA — s. comp. m. — individuo destemido, valente, habil, bom.

Aquelle é *couro nagua*, não é com duas distancias destas que elle affrouxa. (P. 7).

CARRASCO — s. c. — usado em Minas na accepção de caminho accidentado e pedregoso e não na de carrasqueiro, arbusto; contracção corrup. de *carrasquenho* — logar em que crescem carrasqueiros.

Inda malhando nesses *carrascos* cheios de pedra, então é que elle se entrega de todo (p. 8).

CORREÃO — s. c. — especialmente cinta larga e forte de couro com fivella.

... enfiada no *correão* da cintura (p. 17).

CUITÉ — s. c. m. — fructo da cuitezeira, especie de cuia ou cabaça; por extensão, o cuité partido no meio, em fórma de tijelo, ou o proprio cuité em fórma de botija, apenas perfurado no bico.

... e depois de terem emborcado os *cuités* (p. 33).

CAÇAR — no caso v. object. — procurar.

... p'ra que *caçar* historias com cousas do outro mundo (p. 37).

CHANCRA — s. c. — diz-se de pés de grandes proporções.

... seu fundo fosse calcado pela *chancra* esparramada de alguma cetacea obesa e tabaquista (p. 53).

CINZAR — v. trans. — enganar, illudir.

... tanto que quiz *cinzar* o Valú (p. 75).

CAVA (para que é que tatú) modismo — dictado vulgar em Minas.

... ella ha de saber *para que é que tatú cava* (p. 75).

CAPOÃO — s. c. — fórma contraida de capoeirão, pequeno bosque.

... em arranco da boiada e topando o *capoão* além (p. 26).

CAMPEAÇÃO — s. c. — acto de procurar ou vigiar o gado.

O patrão tinha marcado uma *campeação* no cercado do *Garapa* (p. 161).

CHUCRO — s. c. — animal não domesticado, indocil, ás vezes individuo não habituado ao convivio em sociedade.

Nem cavallo *chucro* de que elle não quizesse tirar a nica (p. 163).

CHIMANGO — sub. m. — denominação que se dava a individuo pertencente ao partido liberal, ou aos contrarios dos *caramurús* (portuguêses).

Tu sabes alguma cousa desses *chimangos* por ahi? (p. 173).

CAPETA — sub. m. — nome que designa satanaz.

Isso é mesmo obra do *capeta*. (p. 37).

CABRA — sub. c. — individuo valente.

Pega esse *cabra* ahi. (p. 174).

COMER TERRA — loc. — cair por terra, cair alguem no chão.

Pára, ladrão, que eu te faço *comer terra* (p. 175).

CANELLA (de onça não é assobio) — modismo.

O crioulo mostrou ahi que *canella de onça não é assobio*. (p. 186).

CAXERENGUENGUE — s. c. — (tupy-guarany) faca velha, de ponta quebrada, imprestavel — talvez a melhor escripta seja — cacherenguengue.

Si vocês não tem algum *caxerenguengue*, (p. 192).

— Nota — Ha tambem a variante *caxelenguengue* e a contracção *caxerengue* ou *caxelengue*, no mesmo sentido; não se confunda com a palavra *caxinguêlê*[130], nome de um animal.

(*Continúa*).

Lindolpho Gomes

[130] No impr.: *caxinguêlë*.

DICCIONARIO BRASILICO-MINEIRO[131] [= D5]

———

(*Continuação*)

———

DESBARRIGADO — adjectivo bif. — diz-se de animal faminto, mal ou não alimentado.

A tropa amanheceu *desbarrigada* (*Pelo Sertão*, Aff. Arinos, pag. 8).

DEIXA ESTAR o jacaré, a lagôa ha de seccar — dictado pop. e que figura numa cantiga mineira

Deixa estar o jacaré:
A lagôa ha de seccar !
Rio Preto ha de dar vau
Té p'ra cachorro passar. (Pag. 14).

DUVIDA (isto tão certo como sem) — modismo equivalente a ser algo absolutamente certo.

Cá por mim o defunto que me tentar morre duas vezes, *isto tão certo como sem duvida.* (Pag. 16).

DESABOTINADO — adj. introd. lusitana — valente, ligeiro, desregrado, amalucado.

Isto é que é mulinha *desabotinada.* (Pag. 32).

DUVIDA (com pouca) — expressão, equivalente a — *com pequena demora, logo depois.*

Com pouca duvida, accenderam o cirio. (Pag. 163).

DESCOCHADO — adj. bif. — perder a *cocha*, ficar desconcertado, desapontado.

Fiquei *descochado*; cahi em mim e fui marchando. (Pag. 191).

EIA (nem peia) — expressão variante de *não temos sim nem não.*

Não temos *eia nem peia*! (Pag. 9).

---

[131] Transcrito de: GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 103, 3 de maio de 1911, p. 1.

ÉCAR — v. int. — dar a outrem em voz alta aviso de alguma cousa.

Os tocadores, pelo campo afora, *écavam* um para o outro. (Pag. 31).

ÊTA ! — interjeição de pasmo ou exhortação.

O orvalho 'stá cortando. *Êta !* (Pag. 31).

ÉS NÃO ÉS — expressão equivalente a ser e não ser, ou a estar próximo de ser, quase.

É «um és não és» soberba (Pag. 92).

ENGAMBELLAR — v. trans. — enganar, illudir com astucia; é usado no seguinte dictado pop. em Minas e S. Paulo, especialmente: *quem quer peixe, engambella a agua.*

Estivemos *engambellando* a escolta um dia e metade de uma noite, debaixo de fogo (Pag. 164).

EMBARRUADA — sub. c. — encontro, lucta.

... porque elle queria ter uma *embarruada* com os caramurús (Pag. 169).

ESQUENTAR — no caso v. trans. — enraivecer, ogerizar.

Essas historias *esquentavam* mais o patrão (Pag. 185).

ESCORNADO — adject. bif. — maltratado, abatido, vencido, espancado; tambem se emprega no sentido de *embriagado.*

José Pequeno estava *escornado* no chão (Pag. 187).

ESTIVADA — adject. bif. — deriv.de *estiva* — cheia, repleta.

... e a frente da casa do patrão estava *estivada* de gente (Pag. 196).

Nota. — Na primeira parte deste trabalho, domingo publicada, escaparam algumas incorrecções. Onde se lê, no titulo, *brasilo-mineiro,* leia-se *brasilico-mineiro*; onde se lê — *mandrugueira*, leia-se — *mandongueira,* onde se lê — *arribado,* leia-se — *arribada.*

Outras pequenas incorrecções deixamos ao cuidado do leitor.

(*Continúa*).

Lindolpho Gomes

DICCIONARIO BRASILICO-MINEIRO[132] [= D6]

(*Continuação*)

FRANQUEIRA — s. c. — faca. de ponta, comummente apparelhada de prata.

Querendo Deus, sózinho, com a *franqueira* e a garrucha, que nunca me atraiçoaram (Aff. Arinos — *Pelo Sertão* — pag. 10).

FULARES — s. c. — pedestres[133] ou soldados que fazem parte de escolta, que vai á pressa em perseguição de alguem; com referencia á locução *á fula,* isto é, *á pressa.*

Nós já desnorteámos os *fulares*. (Pag. 131).

FUMAÇA (da polvora) — expressão que indica o momento em que sái o tiro; em que a arma de fogo é disparada.

... e caminhou sobre elle na *fumaça da polvora* (Pag. 187).

FUMAÇA (éra da) — com referencia ao tempo de celebre guerra, em Minas.

... desde o tempo em que puzeram o pé na estrada pela primeira vez na *era da fumaça,* em trinta e tres. (Pag. 7).

FUMAÇA (puxar) — pitar, fumar.

... bateu fogo, *puxando fumaça*[134]. (Pag. 163).

FULA — s. c. — mulato, quase preto.

... appareceu de repente na porta um fula magricella. (Pag. 173). (Magricella tambem se corrompe em *magricello — sujeito magricello*).

GRAVETO — s. c. — de *garavato*; por extensão, lenha miuda, fragmentos de madeira, proprios para atear, animar o fogo.

Catou uns *gravetos* do chão. (Pag. 11).

GUAMPO — s. c. — chifre de boi, cortado em fórma de vaso.

.... bulindo de vez em quando no *guampo* da cachaça. (Pag. 11).

---

[132] Transcrito de: GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 104, 4 de maio de 1911, p. 1.

[133] No impr.: *pedrestes*.

[134] No impr.: *famaça*.

GIRIBITA — s. c. — aguardente.

Que é da *giribita?* Um trago é bom. (Pag. 32).

GROTÃO — s. augment. — (de *grota*, variante *grogrotão*).

... quem passa um fundo *grotão.* (Pag. 92).

GLÚ GLÚ — expressão onomatopica, indicando o rumor da agua, ou o garganteio, gorgolejo.

... abafado a espaços pelo *glú-glú* das enxurradas. (Pag. 126).

HORINHA — s. diminut. — hora precisa, certa.

... na *horinha* mesmo em que echoava um tiro. (Pag. 176).

IMBURANA — s. c. — therebinthacea, frondosa, florestal; tambem é nome de uma cantiga sertaneja.

... á sombra densa de uma *imburana*. (Pag. 79).

JANTAR (antes delle me jantar) — modismo.

... *antes della me jantar*, hei de fazer por almoçal-a (pag. 10).

JURITY — s. c. epic. — variante *jurety* — qualidade de pombas selvagens.

... duas *jurity*s que os tiros haviam amedrontado[135] (pag. 81).

JOGO — s. c. — estrategia, simulação dextreza.

... já tinha na mente o *jogo* que havia de fazer com aquelles diabos (pag. 173).

LAZARINA — s. c. — arma de fogo.

... e foi procurar a *lazarina* de Pedro (pag. 193).

MALUNGO — s. c. — companheiro, camarada, ás vezes individuo creado junto com outro; da mesma idade ou da mesma côr que outro.

Dos camaradas Venancio lhe fôra *malungo* de sempre (pag. 7).

MANDINGA — s. c. — feitiçaria.

Mandingueiros do inferno ! Botaram *mandinga* na minha arma de fiança (pag. 26).

MATACÃO — s. c. — grande calháu, projectil de pedra (não empregado aqui na accepção lusitana — de pequeno seixo).

Soltei nelle um *matacão* de pedra (pag. 32).

MADEIRAME — s. m. — por madeiramento e, ás vezes, por madeirada — a madeira mais leve destinada ás construcções ou que dellas faz parte.

---

[135] No impr.: *amedrontado*.

... pelas frinchas do *madeirame* assestaram as armas (pag. 94).

MIRONGA — s. c. — cousa misteriosa, mentira, gabolice, fantasia, proeza (*contar mironga*).

Olha lá, *Mironga*, não me vais sahir um perrengue (pag. 159).

MARRUAZ — s. c. que se corrompe em *marruá* — touro novo, bravio, selvagem.

... e todo o dia havia um caso novo, uma chifrada de *marruaz* (pag. 160).

MITRAR[136] — v. trans.; enganar.

Não foi custoso *mitrar* aquelles diabos (pag. 164).

MINHA CAPANGA — minha espingarda; *capanga,* sig. — espingarda ou arma de fogo.

... tirei *minha capanga...* puz dentro della polvora (pag. 168).

MATUNGO — s. c. — cavallo crioulo, animal de montaria, relés, como o *pangaré.*

O *matungo* estremeceu debaixo dos arreios (pag. 174).

MURUNDÚ — s. c. — elevação, cocuruto, parte mais accidentada de um morro.

... torceu de repente para voltear o *murundú* (pag. 177).

MEIA LEGUA — garrucha; ás vezes, faca de ponta.

Eu tinha uma *meia legua* trochada de aço (pag. 183).

NASCE NÃO NASCE — loc. equivalente a *vem não vem, chega não chega*; indica propriamente a hora de nascer do sol.

O dia estava *nasce não nasce* (pag. 30).

NHONHÔ[137] — s. m. — fórma contraida da corruptela *sinhô,* com a repetição da voz sillabica para a graduação diminutiva. Usa-se repetir a expressão para dar idéa de augmento ou diminuição — *pequenino, pequenino*; *grande, grande* etc.

Sente-se, *nhonhô* (pag. 119).

NOVATO — s. m. — appellido que se dava (e ainda de uso) ao portuguez chegado recentemente ao Brasil, ou mesmo aqui definitivamente residente.

---

[136] No impr.: *MITRAB.*

[137] No impr.: *NHONHÖ.*

Um *novato* tocava sèstros (pag. 146).

NÉCO — s. personat. — fórma parallela de *Néca,* que é contracção de *Maneca,* composição de *Mané* (corruptela de Manuel). Mais a terminação *éca,* que se encontra em *soneca, padreca* etc.; por isso entendemos, contra a opinião de Leite de Vasconcellos, que *Affonseca* (*d'Affonseca*) é a comp. de *Affonso* mais o sufixo *êca* e não fórma alterada de *Fonseca;* o suf. *éca,* (de *soneca)* autoriza perfeitamente o suf. *êca*[138] (1.°).

Esse pedaço de moço que vocês vêm aqui hoje, seu *Neco* (pag. 162). (*Continúa*).

Lindolpho Gomes
(Da Academia Mineira.)

(1.º) Affirma Leite de Vasconcellos não existir em português o suffixo *êca* e, por isso, *d'Affonseca* é a mesma fórma — *da Fonseca.*

Mas, é facto que em português, especialmente popular, existe o suffixo *éca,* como já vimos em *soneca, padreca, pistoleca, Maneca* (brasileirismo); e *êca* não é sinão uma alteração phonetica do *éca*. Nós, os brasileiros, dizemos mesmo *Affonséca* e não *Affonsêca.*

Observe-se ainda que os portugueses enunciam o *e* da sillaba predominante das palavras paroxitonas com uma modulação mais aproximada da accentuação circunflexa do que da aguda, e assim dizem quase *sonêca* e não *sonéca*, *brêca* e não *bréca* etc., differentemente dos brasileiros.

Assim sendo, o suffixo *éca* do nome *Affonseca* é por elles pronunciado *êca*. Mas, quando assim não fosse, o suffixo *êca* seria forma alterada de *éca*, e já se vê que elle existe em português, e é diminutivo, depreciativo, pejorativo. *D'Affonseca*, pois, nada tem que vêr com *da Fonseca*. *Affonseca* não é fórma alterada de *Fonseca.*

É a comp. de *Affonso* mais o suffixo diminutivo *éca*[139] (ou *êca*), ligando-se ao nome a preposição *de,* contraida por sinalepha.

L. G.

---

[138] No impr.: *ëca.*

[139] No impr.: *èca.*

DICCIONARIO BRASILICO-MINEIRO[140] [= D7]

———

(*Continuação*)

———

OURAMA — s. c. — dinheiro era *ouro*, e por extensão dinheiro em qualquer especie. *Ourudo* é o individuo que tem dinheiro, rico.

E a *ourama* que alumia diante dos nossos olhos ?! (*Pelo Sertão* — Af. Arinos, pag. 36).

POETAGEM — gabolice, loquacidade; como *poeta* diz-se do individuo bem falante, pernostico.

Deixe-se de *poetagens*, Venancio (pag. 8).

PEITUDO — adject. — valente, capanga — bom cantador.

Acompanharam na cantilena o cearense *peitudo* (pag. 13).

PARCEIRO — s. c. — companheiro, camarada; muito usado no tempo da escravidão, entre os escravos, de uns para outros; expressão de jogadores.

... filtraram nas almas dos *parceiros* (pag. 15).

PRACATAR — v. intrans. — (de *alparcata*, com apherese da primeira sillaba e transposição do *r* da segunda *par* para *pra*) o bater do calçado sobre o sòlo.

... soaram uns passos apressados de tamancos *pracatando* (pag. 23).

PODE (que eu seja) — expressão elliptica dubitativa — note-se a ellipse do verbo *ser*.

Póde que eu seja onça presa na arataca (armadilha) (pag. 25).

PROPRIO — adv. — equivalente a *mesmo* ou á loc. *tal qual.*

Aquillo é *proprio* um gato (pag. 31).

PANGARÉ — s. c. — cavallo crioulo, relés; animal de montaria assim chamado por causa da côr *pangaré*, mais claro que o *douradilho.*

... vagava no campo... em seu *pangaré* fogoso (pag. 85).

---

[140] Transcrito de: GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 105, 5 de maio de 1911, p. 1.

PINGUELA — s. c. — tábou ou pranchão[141] atravessado de uma a outra margem de pequeno rio ou vallado, para dar passagem a peões.

... e assim até vencer a perigosa *pinguela* (pag. 92).

PINGUELLO — s. c. — gatilho.

Escancarou no negro o *pinguello* de um clavinote (pag. 187).

PIPOCAS (rebentar as) — loc. — dar tiros.

Os campeiros e os negros ficaram entretendo a soldadesca, *rebentando as pipocas* toda a hora (pag. 164).

PUXAR BRIGA — loc. — provocar briga, discussão.

... era bem capaz de voltar á fazenda a *puxar briga* (pag. 66).

PAU DE FOGO — sub. com. — arma de fogo.

Pareceu-me que o *pau de fogo* falava (pag. 168).

PEIXE-FRITO — sub. comp. — pequeno passaro, cujo canto imita os sons pronunciativos da expressão *peixe frito.*

Os *peixes-fritos* cantavam (pag. 176).

PONTEADO — s. c. e adject. — toque, certo acompanhamento de viola.

... divertindo-se com os *ponteados* do Adão, á viola (pag. 183).

PEITO LARGO — sub. comp. — valentão, capanga.

... não preciso bulir nos meus *peitos largos* (pag. 184).

PASSÓCA — s. c. — carne secca com farinha, ou farinha com amendoim (variante corrupta — *mendobi* ou *arrebi*) socado ao pilão. Reduzir algo a *passóca* equivale a dizer — á expressão mais simples, a zero.

Elle faz de nós *passóca* (pag. 189).

PERAMBEIRA — s. c. — precipicio, abismo, socavão de pedras.

... uma pontinha que atravessava uma *perambeira* medonha (p. 198).

PERRENGUE — s. c. — (do espanhol *perro*[142] mais *engue*) suj. covarde, fraco, medroso.

... não me vais sahir um *perrengue* (p. 159).

QUIETO (viver seu) — loc. — tranquilamente, despreoccupado.

... *vivia seu quieto* em seu canto (p. 185).

---

[141] No impr.: *pranchã*.

[142] No impr.: *pero*.

RABICHA — s. c. — tira de couro ou corrente em que se prendem os caldeirões sobre a trempe, nos ranchos.

O caldeirão preso á *rabicha* grugrulhava (p. 9).

RANCHARIA — s. c. — grupo de ranchos ou de casas toscas, povoado.

... aproveitando-se da tempestade fugiam da *rancharia* (p. 126).

REÚNA — s. c. — espingarda de sistema antigo e de carregar pela boca, muito pesada.

... já não temiam os fulares nem os tiros das *reúnas* (p. 133).

REGUEIRA — s. c. — o logar da espinha dorsal.

... e como um formigueiro me passou pela *regueira* das costas até á nuca (p. 128).

(*Continúa*).

Lindolpho Gomes
(Da Academia Mineira.)

Nota — A expressão *Minha capanga*, estende-se tambem á bolsa usada pelos caçadores, e que apesar de assim conhecida deixáramos, por lapso, de registar, e nos foi suggerida por um nosso distincto amigo e apaixonado amador da cynégetica. *Minha capanga* (espingarda) *meu capanga* (cacete) são expressões muito usadas e conhecidas — L. G.

DICCIONARIO BRASILICO-MINEIRO[143] [= D8]

(*Continuação*)

SENTIDO — adject. — cançado, fatigado.

... o macho lionanco está meio *sentido* da viagem (pag. 7., *Pelo Sertão*, Af. Arinos).

SENTIDO (pôr o sentido) — prestar attenção.

... eu não gosto de *pôr o sentido* nessas cousas (pag. 15).

[143] Transcrito de: GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 106, 6 de maio de 1911, p. 1.

SAPO-CACHORRO — sub. comp. — especie de amphibio, que coaxa imitando o latir dos cães.

... as vozes do *sapo-cachorro*, que latia, lá no brejo afastado (pag. 12).

SYNAGOGA — s. c. — desordem, cousa em desarranjo, casa sem governo.

... si elle vem encontrar essa *sygnagoga* aqui (pag. 33).

SUJO — s c. — nome com que se designa Satanaz, o *capeta*.

... não era atôa que o mulherio[144] o julgava com tendo trato com o *Sujo* (pag. 65).

SOEDADE — s. c. — fórma contraida de *soledade*.

... paragens essas tão cheias de *soedade* (pag. 110).

SINHÁ — s. c. — senhora; tambem se diz *sinhá-moça, sinhá-velha*, conforme a idade da pessôa a quem se dá o tratamento; *sinhá* vai sendo mais usado com referencia ás jovens, senhoras; *sinhá*, não é fórma contraída de *senhora* como pensam alguns grammaticos, mas a fórma feminina da corruptela *sinhô*.

... melindrosa *sinhá-moça* esflorou o marfim do seu teclado (pag. 117).

SINHÔ[145] —s. c. — corruptela de *senhor*.

... foi de casa de meu *sinhô* (pag. 120).

SÔ[146] — contracção de *siô*, de *sinhô*.

SUBTIL (entrar, vir) — loc. — de leve, sorrateiro.

... encostei a porteira ao batente e *entrei subtil* (pag. 161)[147].

SUGIGAR — v. trans. — por subjugar, vencer, abater.

... o Barqueiro me agarrou pela góla e me *sugigou* (pag. 197).

SINCERRO — s. c. — peça de arreiamento, com campainhas, que traz a *madrinha* da tropa. *Sincerro*, vem do castelhano *cencerro*, razão pela qual devia escrever-se *cincerro* com *c* e não com *s*.

... e o *sincerro* da madrinha badalando compassadamente aos movimentos do animal (pag. 12).

---

[144] No impr.: *mulheriro*.

[145] No impr.: *SINHÖ*.

[146] No impr.: *SÖ*.

[147] No impr.: omite *(pag. 161)*.

SAPATEADO — s. c. — dança roceira, acompanhada quase sempre de adufo e viola.

E emquanto um delles rufando um *sapateado* (p. 13).

TEMPO (pedação de) — loc. — por longo espaço de tempo.

Davam de lingua ás vezes, nos serões do pouso, um *pedação de tempo* (pag. 7).

TEMPÃO — s. c. — longo tempo.

Que *tempão* tive briquitando (pag. 31).

TATALAR — v. trans. — expressão onomatópica — o bater das alas ou das asas e, por extensão, de outra qualquer cousa susceptivel de ser impellida por si mesma.

... houve um *tatalar* de portas (pag. 22).

TUCUM — planta textil, que dá fructo, cujo nome ó o mesmo.

O Aleixo veiu correndo na frente para armar a rêde de *tucum* (pag. 41).

TÁ LÁ (corruptela por apherese de *está lá*).

Tá lá o bandeira (pag. 111).

TIMÃO — s. c. — paletó comprido e largo, ou capote de baeta.

... apertando no corpo o *timão* de baeta já meio enxuto (pag. 130).

TRABUSANA — s. c. — susto, confusão, matinada, e tambem é empregado no sentido de *juiso — perder a trabusana*.

Para que falei, meu Deus, foi uma *trabusana* levada em casa (pag. 162).

TURUNA — s. c. — dextro, valente, habil.

... você está meio *turuna* na pontaria (pag. 169).

TOCAIA — s. c. — emboscada, espera traiçoeira em logar ermo e escuro.

Os caramurús tinham gente na *tocaia* (pag. 175).

TOPETE (tirar o) — loc. equiv. a tirar a valentia a alguem.

... queria *tirar o topete* ao valentão (pag. 187).

TIO — s. c. — tratamento que se dá geralmente aos pretos idosos.

... quero matar um passarinho para fazer isca, meu *tio* (pag. 193).

TAMANDUÁ (abraço de) — expressão que se usa, quando se quer referir a um abraço apertado. *Tamanduá*, nome de um animal, é palavra que figura no dictado mineiro: *na cacunda do tatú tamanduá aquenta sol* (*Producções da Caducidade* — padre Corrêa de Almeida, pag. 89).

Dei lhe um *abraço de tamanduá* ao pescoço (Arinos — pag. 194).

TURRAR[148] — v. intrans. — teimar, discutir.

... os camaradas se afastaram, não querendo *turrar* com o cosinheiro (pag. 10).

UM SAL — expressão muito usada. *Um sal, um milho, um feijão* são expressões em que se nota o intuito de fazer-se a determinação da cousa.

... vou buscar *um sal* á cidade (pag. 172).

URUCAYANA — s. c. — especie de onça.

... cedera o passo a urucayana selvagem (pag. 76)

UM PÉ (queria) — loc. equiv. a *um pretexto*: *queria um pretexto*.

Queria um pé para estar com a Emilia (pag. 19).

VIRA-TEM-MÃO — loc. — preoccupação, azafama, confusão.

... quando a tropa pegar a arriar a carga pela estrada, é um *vira-tem-mão* (pag. 8).

VAREJÃO — s. c. — grande vara com que se impelle a barca ou o canôão.

... eu no *varejão* e Basilio no remo (pag. 165).

VAGEM — s. c. — fórma ortographica e prosodica divergente de *bagem*, como *covarde* o é de *cobarde*, *alvergue* de *albergue*, *alvente* de *albente*, *vassoura* de *bassoura* etc.

... as *vagens* cheias de polpa doce e branca (pag. 78).

VASIO — s. c. — o baixo ventre do animal.

Cheguei as esporas no *vasio* do pedrez (pag. 175).

ZANZAR — v. intrans. — matutar, andar sem destino, vagar.

... mas *zanzava* de um lado para outro o dia inteiro (pag. 161).

---

[148] No impr.: *TURRA*.

Addendo: ás letras respectivas, accrescentem-se:

TIRAR CANTIGA — loc. — iniciar um canto, solar as trovas de uma cantiga, a que responde o côro em estrebilho.

... pegou a *tirar uma cantiga* (pag. 12).

FIAR NA BOCA DO POVO — modismo, confiar no que diz ou commenta o povo.

... eu cá não vou me *fiando muito na bocca do povo* (pag. 15).

VIRAR — v. object. — beber, com referencia á bebida alcoolica, *virar o copo*.

... uma hora é frio, outra é calor, e vocês vão *virando* (pag. 32).

FEITO UM CACHORRO VELHO — expressão comparativa — friorento, sorumbatico.

Tava ahi na beira do fogo, *feito um cachorro velho* (pag. 32).

CHAPÉU DE COURO — s. comp. — *chapéu* usado pelos sertanejos chamados na zona da Matta *chapéus* de couro, e quando assim lhes chamam respondem : *chapéu de couro não carrega desafôro*.

E assim cavalgado, com o *chapéu de couro* macio, ourelado de marroquim (pag. 86).

UMBAUBA — s. c. — variante *imbauva*. *imbauveira* — arvore fragil, pouco frondosa e na qual se usa erguer os *judas* ao sabbado de alleluia.

... sobre o tronco da *umbauba* que a ventania derrubou (pag. 92).

CAPADARIA — sub. collect. — muitos capados, tambem chamados pórcos de engorda.

... e acabando com a *capadaria* do chiqueiro (logar onde se engordam capados) (pag. 166).

ETA, MUNDO — expressão interjectiva, muito usado em Minas.

Eta, mundo ! chegou a hora! (pag. 169).

CONGONHA — s. c. — herva e, por extensão, a infusão feita com essa herva.

Entra e vem tomar *congonha* (pag. 172).

ROSNAR — v. trans. e intrans. — falar, commentar, *ouvir rosnar* — ouvir dizer algo.

Tenho ouvido *rosnar* uma cousa e outra (pag. 173).

PELA VOLTA DA PÁ — pelo hombro, pelas costas, pela espadua.

... peguei o homem *pela volta da pá*. (pag. 175).

—

Deixámos de incluir outros vocabulos e expressões, usados especialmente pelos tropeiros de Minas, nomes de objectos como *cangalha*, *lombilho*, *retranca*, *arrocho* etc. por já estarem registados em alguns diccionarios, de onde facilmente serão extraidos para o *diccionario brasilico-mineiro*.

Assim, terminamos nossa primeira contribuição ao mesmo projectado diccionario, para cuja feitura não regatearemos nem applausos nem a nossa modesta collaboração.

Por estes proximos dias daremos a segunda contribuição.

Lindolpho Gomes
(Da Academia Mineira.)

Juiz de Fóra, 4—5—911.

DICCIONARIO BRASILICO-MINEIRO[149] [= D9]

———

Na nossa primeira contribuição demos palavras e expressões, extrahidas do *Pelo sertão* de Affonso, como teremos de dal-as, a seguir, de outros livros e escriptores mineiros. Na presente contribuição, que é a segunda, registámos expressões e palavras do calão, muitas embora de introducção extranha, porém em circulação neste Estado e que o leitor, como nós outros, tel-as-á ouvido a cada passo.

ARTEIRO — travesso, traquinas, ardiloso.
AZOMBADO — Preoccupado.
ABRIU O PÉ — Fugir, viajar (*abrir o pé na estrada*).

[149] Transcrito de: GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 108, 9 de maio de 1911, p. 2.

ABRIR O RASGADO — Sair apressado.

AGUA PRETA — café.

AGUA SUJA — Briga ou intrigas.

BATER VINTE E UM — Contar vinte e um pontos no jogo desse nome.

BATER A BRASA — atirar com arma de fogo.

BATE-ENXUGA — victima paciente de outrem.

BAROMBEIRO — Variante de *marombeiro*.

BAMOS — Corruptela de *vamos* (intr. port.).

BATE SAIAS — discussão entre mulheres; variante de *bate bocca*.

BATER — Furtar.

BATER O MATO — Percorrer o mato.

BATER FEIJÃO — Preparar o feijão, empregando as varas proprias.

BATER NAMORO — Encetar um namoro, namorar.

BATER A PACUÉRA — mòrrer — *bateu a pacuéra* — morreu.

BATE ESTACAS — Ajudante ou empregado de engenheiro de viação.

BAPTISADO — Sujeito sabido (cabra *baptisado*).

BOM NO PÁU — Valente.

BOM NA NOTA — Bom pagador.

BEIJAR A MENINA — Beber pela garrafa.

BOM NUM TUDO — Habil para tudo.

BRINQUEDO — Baile, pagóde.

BRANQUINHA — Aguardente.

BILOSCA — Jogo infantil, variante — *pirósca*.

BICUDO — Sujeito que se embriaga, bebado.

CIDADE DOS PÉS JUNTOS — Cemiterio.

CHEIRETA — Entromettido.

CAIXA D'AGUA — Beberrão.

CABRA VIAJADO — Sujeito experiente.

CABRA CURADO — Sujeito invulneravel, que já foi curado de dentada de cobra, sujeito experto; titulo de uma novela do academico Aldo Delfino.

CABEÇA INCHADA — Ciumento.

CARREGAR MALA — Ter fama de valente.

CAMPAR NO PÉ — Fugir.

CHORAR O PINHO — Tocar viola.

COMER GAMBÁ ERRADO — Tomar uma cousa por outra.

CAPOTE DE POBRE — Com referencia ao sol.

CACHORRO COTÓ NÃO PASSA NA PINGUELA — Variante do annexim *quem não póde com o tempo não inventa modas*.

CANTAR O RELHO — Metter o relho.

CABEÇA DE CUIA — Soldado.

COMER DO RUIM — Estar mal aviado, em más condições; variante — *comer da banda pôdre*.

COMIGO É NOVE — Locução de desafio, manifestação de valentia, mostrar-se alguem intrepido.

CAVOUCAR A VIDA — Fazer pela vida.

CAVAR A VIDA — Variante.

CAVAÇÃO — Variante.

CAPINAR A VIDA — Fazer pela vida.

CAPANGUINHA — pequena bolsa de couro usada pelos pretos e caboclos, que a trazem presa ao correão.

COPISTA — Individuo que bebe; variante de *enxuga copos*, *vira-copos*.

CORTAR AGUA — Alcoolizar-se.

CUCA — Luxo.

CUQUEIRO[150] — Luxento.

CÔCAR[151] — Espancar (corruptela de coçar, *coça*.)

CORUMBAMBA — Acontecimento complicado.

COROBÓCA — Logar deserto, habitação longinqua, bibóca.

CANHAMBOLA — Fujão, negro fugido; corruptela de *quilombola*.

CAPIANGAR — Vagar pelas estradas, praticando furtos ou procurando alguma cousa.

---

[150] No impr.: *CUQEIRO*.

[151] No impr.: *CÖCAR*.

COMER BRASA — Zangar-se; variante de *comer fogo* (está *comendo brasa*).

CURRUTEBA — Destimido.

CANTAR DE GALLO — Victoria; o que ganhou na briga em opposição a *cantar de galinha*; ser vencedor.

CARÃO — Logro.

CURUTUBA — Audacioso.

CORAJUDO — Corajoso.

CHEGADOR — Intrepido; seductor.

DANÇAR BAILE — Dançar polkas, quadrilhas e valsas.

DANÇAR DE URSO — Fingir alguem que está ao lado de um e de outro partido, ao mesmo tempo.

DESCASCAR A MADEIRA — Dar pauladas em alguem.

DESTRAVANCADO — Incorrigivel.

DESABUSADO[152] — Decidido, valente.

DESTABOCADO — Que fala com franqueza.

DEZ E UM — Alcoviteiro, variante de "onze letras".

DAMNISCO — Corruptela de *damnado*.

DAR O FÓRA — Fugir de algum negocio, negar alguma cousa.

DAR O DESESPERO — Ficar desesperado; semelhante a dar a festa pelo diabo, a dar o cavaco.

DAMNAR DO JUÍZO — Ficar doido.

DAMNAR OS PREGOS — Dar o cavaco, encolerizar-se.

DESMANCHAR O TEMPO — Promover conflicto, brigar.

DESMANCHAR A DIFFERENÇA — Separar a briga, fazer abatimento, decidir uma questão.

DESCAROÇAR O CASO — Explicar o que está incomprehensivel, contar por minucias.

DOBRAR A LENHA — Dar bordoadas.

DESMANCHAR A JOÇA — Atrapalhar a festa, a reunião por meio de briga.

ENFIAR O PÉ NA ESTRADA — Retirar-se, caminhar.

ESPINHO — Faca.

---

[152] No impr.: *DESABUSA*.

EMPREGADO DO DOUTOR VAGO — Vagabundo.

ESPIA BAGRES — Preguiçoso.

EU CONHEÇO A MADEIRA É PELA CASCA — equiv. de só reconheço a auctoridade pelo distinctivo ou o soldado pela farda.

ESPALHAR O PÉ — Dançar, ou atirar a rasteira.

É DE COLLETE — Indica algum sujeito esperto.

É DE TOPETE — Indica algum individuo ousado, atrevido ou orgulhoso.

ESCOVADO — Velhaco que se veste bem, de gravata lavada.

É MALUDO — É valente.

ENZOMBEIRO — Contador de historias, de mentiras.

EMPASMAR — Pasmar.

EMPASMADO — Pasmado.

ESTRADEIRO — Esperto, namorador, viajado.

EU NÃO DEIXO DE NÃO IR — Expressão negativa que affirma.

ESTAR A NENHUM — Estar sem dinheiro.

ERA LUA-LUAR — Era noite de luar.

ERA TARDE-TARDINHA — Ao escurecer.

ERA MANHÃ DE MANHÃ CEDINHO — Ao amanhecer.

EMBROMEIRO — Embromador.

ENTRAR NA RODA — Entrar no jogo ou na dança.

ESTAR NO MEL — Estar na bebedeira.

ESTAR NA ESTACA — Estar preso de amores.

ENTICA ou *intica* — Implicancia, provocação.

ENTORNAR — Beber.

ENTROPIGAITADO — Embriagado.

ENFIADO — Desapontado, zangado.

ESTAR NA PEDRA — Estar na prisão.

ESTAR NUM NADA — Estar sem dinheiro.

ESTAR NA AGUA OU NA CHUVA — Estar embriagado.

ESTALAR AS PIPOCAS — Atirar com arma de fogo.

ENFIAR O PITO — Ficar desapontado.

ENTRAR NA VIDA DO MANO — Fallar da vida do alguem.

ENTRAR N'ALMA DO CABRA — Saber da vida de alguem e commental-a em ar de mofa.

É DEVÉRAS — Exclamação affirmativa.

FAZER CÉRA — Deixar de trabalhar.

FERIR A BRASA — Desfechar o tiro.

FERRAR A UNHA — Brigar sem armas; lucta corporal.

FERRO — Faca.

FARELO DE GENTE — Sujeito poltrão, de pouca musculatura.

FAZ TUDO — Variante de *sabe tudo*.

FURAR O CHIFRE — Tirar álguem a fama de valente (hei de furar-lhe o chifre). Sujeito do *chifre furado* é o individuo audaz, pandego, velhaco.

FURAR O NEGOCIO — Desmanchar o negocio.

FURAR O MATO — Atravessar o mato, fugir.

FURAR A NOITE TODA — Passar a noite toda sem dormir, trabalhando ou na pandega.

FURADOR — Variante de *furão*; sujeito feliz e emprehendedor.

FURAR O BICHO — Esfaquear a outrem.

FARROMBA — Valentia, jactancia.

FALAR UM VERSO — Dizer uma trova.

FAZER MEXIDA — Fazer intriga.

FAZER ENREDO — Variante.

FAZER ROLO — Promover conflicto, tumulto.

FOI TIRAR CIPÓ — Fugiu ao recrutamento, ou á policia (*foi tirar cipó no matto*).

FAZER QUARTO — Passar a noite velando algum morto.

FAZER JOGO — Esperteza.

FUMAÇA DE VALENTE — Fama, prosa de valente.

FANCAR A LENHA — Dar bordoada.

FAZER MEDO — Assombrar.

GARRAFADA — Remedio de curandeiro.

GUARARÁ DE BOTAS — Sujeito risivel, redicularizavel.

GRELLAR OS OLHOS — Olhar fixamente, provocar ou namorar.

GEMER NA EMBIRA — Ficar preso, ou compromettido em algum negocio.

GAMBÁ NOVA — Pessoa inexperiente.

GATURRAR — Prender, ou furtar.

GARRUCHA CARREGADA — Garrafa cheia de aguardente.

GABOLA — Contracção de *gabarola* — cheio de si, jactancioso.

GAITA — Troça — *Fazer gaita* — Fazer troça.

GRAÚDO — Sujeito importante, rico.

GRAÚDÃO — Variante.

GATA — Bebedeira, *estar na gata*[153].

GRAIXA — Variante, *estar na graixa*.

GANÇO — Variante, *estar no ganço*.

GANCHO — Biscate, bicos (*fazer gancho*).

(*Continúa*).

NOTA — *Abraço de tamanduá* — A respeito dessa expressão, que se encontra na ultima parte da nossa primeira contribuição[154], convem notar, que da mesma demos duas abonações para accepções differentes, mas no sentido de abraço *forte e traiçoeiro*, como nos suggeriu distincto e estudioso amigo, não ficou bem clara nossa definição quando falámos em *abraço apertado*. Suppra-se a lacuna.

A proposito devemos scientificar que aceitamos de bom grado (e da mesma opinião é nosso presado confrade dr. Carlos Góes) todo e qualquer esclarecimento que se dignem os nossos leitores de apresentar, desde que o abonem, já se vê, de modo a tornar-se o diccionario em projecto o mais fiel e perfeito, quanto possivel. Graças á collaboração de seus leitores Candido de Figueiredo (elle confessa-o) conseguiu augmentar o seu *lexico* de mais de 5.000 vocabulos antes não registados.

Apesar do termos viajado por differentes zonas mineiras em convivio com o povo da cidade e da roça, não temos a pretenção de

---

[153] No impr.: *gaita*.

[154] Cf. Anexo 2-B [D8] (p. 285 deste livro).

conhecer as varias accepções em que são usados todos os vocabulos e locuções do calão; por isso mesmo, não dispensamos neste trabalho, nem a Academia o dispensa, o concurso de quantos se interessem pela organisação do *diccionario*, que temos em vista. Sómente pedimos que documentem as contribuições que se dignem de enviar-nos.

Lindolpho Gomes
(Da Academia Mineira.)

Juiz de Fóra, 8—5—911.

DICCIONARIO BRASILICO-MINEIRO[155] [= D10]

———

(*Continuação*)

Grude — comida (vem ao grude).

Grudar (o cabra) — agarrar, prendar alguem.

Garupa do fogo (pedir a) — expressão usada para solicitar o fogo (phosphoro ou tição) com que alguem acabou de accender o cigarro (me dê a *garupa de seu fogo*).

Grupo (fazer) — fazer rôlo, ajuntar adeptos, pagodistas ou capangas.

Homem devéras — homem valente.

Herva — dinheiro.

Homem (como vinte) — homem valente, bravo, intrepido.

Irmão da mesa — comparsa na pandega, camarada na bebedeira, sujeito que gosta de beber, variante — *irmão da opa*.

Instruido (cabra) — Sujeito que conhece todos os vicios.

Ir á escola — ir ao jogo.

Jacuba — café com fubá torrado ou farinha de milho.

Jogar o corpo — atirar-se, fugir a um ataque, fugir a algum negocio.

Jogar o bote — investir contra alguem, contra o adversario.

Jangada — pessoa pesada e lerda.

---

[155] Transcrito de: GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 110, 11 de maio de 1911, p. 1.

Jurado — pessoa de quem se tem de tomar uma vingança.

Leva e trás — intrigante.

Levar o não — não ser aceito no pedido de casamento (*ter o sim*, é ser aceito).

Levar para casa (desaforos) — deixar de repillir offensas.

Levar assobio — ser vaiado.

Levar a lata — não ser aceito em casamento ou ser glosado em qualquer negocio.

Lingua de palmo e meio — individuo falador, intrigante.

Laporte — arma de fogo, assim chamada por causa do nome do fabricante.

Moro longe — expressão usada para fugir álgum pedido que não se quer satisfazer.

Metter o osso — metter o braço, dar uma bofetada (eu te *metto osso*).

Metter a roncha — dar pancada.

Metter a ronca — variante da expressão portugueza *tocar a ronca* — falar mal da vida alheia (*metter a ronca* em alguém).

Mané bobo — sujeito tolo, *bocó*.

Minha morena — minha namorada.

Macaco que mexe quer chumbo — dictado equiv. de *quem procura acha*.

Metter a menina — metter a faca (eu te *metto a menina*).

Metter a cara — fugir, equiv. a metter o pé no mato.

Metter a turimbamba — dar pancada.

Metter a peroba — espancar alguem a cacetadas.

Manguara — cacete, vara em que os caipiras carregam *picuás* e partidas de gallinhas destinadas á venda.

Mamparreiro — suj. preguiçoso, desfarçado (de *mamparra*).

Mampar — comer.

Mezinheiro — curandeiro.

Mandão — chefe politico, sujeito potentado.

Manjar — comer, prender (prender na giria policial — *manjei o tipo*).

Menina de prata — faca de prata.

Melado — (quem nunca comeu melado quando come se lambuza), dictado — *Melado*, diz-se do sangue — *correr melado*).

Molhadura — gorgeta, propina.

Mitrado — sujeito esperto, velhaco.

Moido — cançado, fatigado.

Na terra — loc. usada para indicar que não se fará alguma cousa, ou por outra, que só se poderá fazel-a, depois de morto, o que equivale a afirmar que não se fará jamais (— "Faça-me isto." "— *Na terra*, que eu faço. *Na terra* !").

Não vou nisso — não faço tal cousa.

Não vou ahi — não quero tal cousa, não sigo o seu conselho.

Não venhas que te extranho — não me seduzas, não me queiras *embrulhar*, talvez decorrente por analogia do celebre verso — *não venhas com teu canto de sereia*.

Não fumo — não estou de acordo; não quero tal cousa, não gosto de tal cousa.

Não cáio desse cavallo magro — não sou tolo.

Não farei isso ou aquillo — equivale a recusar-se a seguir algum conselho ou alvitre.

Não venhas com essas cantigas — não me illudas, não queiras convencer-me.

Na terra de jacú nhambú não pia — ante a força maior cessa a menor — cada qual deve estar no logar que lhe compete.

Num prompto — de repente, fazer alguma cousa com presteza.

Num repente — num instante, rapidamente.

Nesse suffragante — nessa occasião.

Negar estribo — fugir á questão, á conversa, á proposta.

Não me namore — não me olhe, não me encare.

Na disga — sem dinheiro (estar *na disga*).

Na púa — na cachaça.

Na tiorga — na bebedeira.

Não passou do chão — exp. usada quando se quer dizer que alguem levou uma quéda.

Ouá — interjeição, usada para fazer parar o gado, ou os bois do carro.

Ouro — dinheiro.

Ora pipócas — equiv. de *ora bolas ! ora pilulas ! ora sebo !*

Ora pinhões — variante de *ora pilulas !*

Pegar o seu — receber o que lhe cabia, tomar uma bebedeira, receber um castigo, levar uma sova: *pegou o seu*.

Pegar a voz — entoar, começar a cantar.

Pegar fogo — indica o inicio de alguma briga ou divertimento (exp. interjectiva — *pega fogo na canjica !*).

Pegar no estribo — adular, variante das expressões cariocas *engrossar* e "pegar no bico da chaleira".

Passar apertado — estar em difficuldades.

Pito acceso — regateirice.

Pitéo — comida gostosa.

Picumã — teia de aranha no tecto da cosinha.

Picúa — sacco de duas boccas.

Picadinho — guisado de carne.

Padoia — pessoa preguiçosa.

Pica fumo, toma rumo — dictado, faça[156] o que tem a fazer e retire-se.

Pau d'agua — bebedo.

Pau de amarrar egua — suj. despresivel, paciente, sem importancia.

Patranha — simulação, mentira.

Patranheiro — fingido, mentiroso, velhaco.

Pamonha — imbecil, tolo, preguiçoso.

Pindoba — vegetal do paiz; sujeito tolo.

Punga — sujeito fraco, patife; animal *punga*, animal crioulo, de raça commum.

Pellado — pobre, sujeito *pellado*, sujeito sem haveres.

Perneira — sujeito sovina, avarento.

Plantar no chão — levar uma quéda.

---

[156] No impr.: *faço*.

Potoca — mentira.

Potoqueiro — mentiroso.

Pintar a saracura — variante de *pintar o sete, o diabo, a manta, o padre, o caneco, o Simão*.

Pae da mesa — o feijão, que é o prato principal na mesa brasileira; expressão usada em todo o paiz e tambem em Minas.

Pinga — cachaça.

Pinguinho — bocadinho — pinguinho de arroz, pinguinho de serviço, pinguinho de dinheiro, etc.

Pingar o cobre — pagar ainda que de má vontade (*pingou o arame*).

Pife — corruptela de pifio — sujeito *pife*, ruim.

Queromana — dança roceira.

Quem não dá pra fubá "desentope" (ou "*desaccupa*"[157]) *o logá* — dictado.

Quem não tem angú não cria cachorro magro — dictado.

Quem não tem terreiro para que quer gallo ? — dictado.

Quem não tem linha para que quer anzol ? — dictado.

Quebradeira — falta de dinheiro.

Quebrado — sujeito sem dinheiro.

Quebra-esquinas — vagabundo.

Quebra — o que se dá demais ao comprador — variante — *chôro*, o que se dá em excesso, talvez de má vontade.

Quebrar o côco — quebrar a cabeça, fazer brecha na cabeça.

(*Continúa*)

Lindolpho Gomes
(Da Academia Mineira.)

Juiz de Fóra, 9—5—911.

[157] Não há clareza se esta forma é erro de composição (*desoccupa*) ou se é forma com assimilação mesmo (*desaccupa*).

DICCIONARIO BRASILICO-MINEIRO[158] [= D11]

———

(*Continuação*)

Quebrar no pé — fugir, voltar.

Quem não tem capote não sente frio — dictado — equivalente a "cada qual sente-se bem com a sua sorte".

Quanto haja — compota de goiaba.

Rompe-estrada — sujeito *andejo*.

Rato de barriga branca — suj. ladino, velhaco.

Riscar no pinho — tocar viola.

Risca fóra — passa fóra.

Rabo de tatú — açoiteira, vergalho, chicote.

Relho — trança de couro presa a um cabo de madeira, ás vezes encastoado em prata.

Remar — viver, labutar (vou *remando* — vou vivendo).

Roncar valentia — mostrar-se valente.

Ruim como cobra — expressão comparativa da ruindade, dos máus instinctos de alguem; comida ou bebida de gosto desagradavel.

Sair de barriga — sair desapontado, desmascarado (vá *saindo de barriga*).

Saracotear — dançar, andar de um para outro ponto (anda *saracoteando*).

Sapateado — dança — batuque.

Sapatear na lama — andar por caminhos lamacentos.

Sapatear de raiva — estar encolerizado.

Suruca — sem cauda — ou pessoa de pouco cabello.

Sai sujo — expressão depreciativa.

Sorneiro — vagaroso, preguiçoso (de *sorna*).

Sambanzar — patetear, meditar (anda *sambanzando*)

Sair ventando — sair correndo, em fuga (saiu *ventando*).

---

[158] Transcrito de: GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 110, 13 de maio de 1911, p. 1.

Sapecado — espancado, vencido, mal feito (foi *sapecado* a páu — foi *sapecado* no jogo — serviço *sapecado*, mal feito)

Sapeca — sóva — mulher regateira.

Sabugo — adulador.

Sai-cinza — expressão que indica o resultado de alguma cousa (dali inda *sai cinza*), interjeição (*sai cinza rapaziada* !)

Soronga — mentira (*sorongueiro*, mentiroso.)

Songamonga — suj. atoleimado, imbecil, tristonho.

Solancar — trabalhar, supportar algum incommodo (está *solancando* sol a sol; o *solancou* aquella caceteação toda).

Tira o cachorro do mato — dictado, equiv. de "não te ponhas com historias" — "não acredito no que dizes".

Tôco de cachorro (não sou tôco etc.). — loc. pejorativa, de desprezo.

Tocar viagem — seguir viagem.

Tição de fogo — garrucha.

Tem arêa — indica algum negocio complicado ou cousa inacreditável ("isto *tem arêa*" — "não creio, *tem arêa* !").

Tem sete folegos — folego de sete gatos; *sujeito de sete folegos*, individuo resistente.

Tocar o eito — ir com o trabalho por deante.

Trem de turco — cousa de pouco valor.

Tinindo de frio — sentir frio; tremendo de frio, *tinindo de frio*.

Tarde piaste macuco — dictado — chegaste tarde.

Treme-terra — individuo valente e temido.

Tupiterra — variante.

Tupiteba — variante.

Talla — relho.

Tirão — grande distancia.

Temperar — (o cabra) envenenar, enfeitiçar.

Temperar (alguem) — illudir.

Temperada — cachaça preparada com gengibre[159], herva doce, canella e assucar.

---

[159] No impr.: *gemgibre*.

Tomar manta — ser enganado (*tomar uma manta*); *passar manta* é enganar alguem em algum negocio ou permuta.

Tusta — tostão.

Tira-scisma — cacete ou chicote, variante — *tira-teima*.

Tampar a mão — dar uma bofetada.

Tiro chôcho — tiro surdo.

Tiquinho — bocadinho.

Tronqueira — porteira de varas corredias.

Vai amolar o boi — modismo — não me amole, vá amolar outrem.

Vá saindo... — vá se retirando, deixe-se de conversa; forma abreviada da exp. *vá saindo de banda*, ou *de barriga*.

Vitela — grande (homem *vitelo*, casa *vitela*; note-se a mudança generica).

Vae-se temperando — vai-se vivendo.

Vôa daqui — sai daqui.

Vigia só — corruptela de *veja só*.

Vidrinho de cheiro — sujeito pelintra, adamado.

Vai pingando — vai rendendo (o negocio *vai pingando*).

Vá comer formigas — vá cuidar de outra cousa.

Zum-zum — barulho, falatorio, conflicto (pegou o *zum-zum*, começou o barulho), aquillo era um *zum-zum* de gente; um *zum-zum* de cabaça quebrada.

Zoeira — variante — (*zoeira* de gente; *zoeira* de povo, falatorio; intriga; *zoeira* do páu, das balas).

Zunir (atirar) — zunir uma pedra, *zunir* um tiro; *zunir* longe.

Zurêta — maluco, vesanico, leviano.

Accrescente-se ainda ás letras respectivas, mais:

Estar na chuva — estar na bebedeira.

Arria a mala e conta o caso de verdade — equiv. de — seja franco, conte o caso minuciosamente; diga o que sabe.

Avança — divertimento onde ha "comes e bebes".

Afressurado — impaciente, apressado.

Aço — faca.

Acho bom, mas moro longe — modismo equiv. a "o negocio é bom, mas não me convém".

Angú de caroço — negocio complicado, casa ou reunião em que reina a desordem.

Andar num pára não pára — andar azafamado, preoccupado, agitado.

Arroz-doce — sujeito que vai álguma reunião sem ser convidado.

Abre, setenta ! — expressão de desafio.

Abre, chaleira ! — expressão de desafio ou de animação.

Arrasta-pé — baile, batuque ou catereté.

Arrastar mala — mostrar-se valente.

Arêa-caçambas — adulador.

Abafar — furtar.

Arrotar prosa — jactanciar-se de valente.

Arame — dinheiro.

Ameixas — balas (projecteis).

Amarração — casamento.

Estalar as pipocas — atirar com arma de fogo.

Pinguça — individuo que se embriaga.

Corenta (variante de *quarenta*) — moeda de cobre, dois vintens (*um corenta*).

Cambuquira — grelos de aboboreira, com os quais se faz um guizado muito apreciado.

Cacete — individuo amolador, importuno.

Carta fóra do baralho — suj. intruso que não tem voto na materia, cuja opinião não é pedida.

Tralha — moveis, trastes — *sujeito tralha* diz-se do individuo máu, canalha.

Ferro — faca.

Em penca — em grande quantidade.

Ferro velho — cousa imprestavel.

Fubeca — sóva, lição — *tomou fubeca*.

Negro teia — (*teia* corruptela de *telha*) amalucado, desabusado.

Não vale o angú que come — equivalente de "não tem nenhum prestimo"; diz-se do individuo vadio, preguiçoso indolente.

Páu (sujeito páu) — cacete, amolador.

Suspender — furtar (*suspender* um objecto — furtal-o).

Dar com os burros nagua — fracassar numa empresa ou tentame.

Dar com o rabo na cerca — morrer, variante de *esticar a canela*; *bater a bota*.

Torrar — amolar, cacetear.

Candongueiro — mexeriqueiro, intrigante, contador de *candongas*, intrigas.

Pegador (cabra) — valente, destemido.

Polenta — (int. italiana, devido á immigração) por extensão comida de qualquer espécie — *manjar* a polenta — comer.

Piar nhambú — chamar nhambú por meio do estridulo de um *pio* (assobio, feito de taquara ou canna do reino) que imita o piar da ave.

Uê[160] — interjeição admirativa.

Um duzentão — um nickel de duzentos reis.

Um quinhentão — quinhentos réis (propriamente a antiga cedula desse valor).

Chelpa — dinheiro, especialmente em papel.

Chêta — dinheiro.

Disturbio (de gente) — muita gente, multidão; disturbio de dinheiro etc.

Disparate (de gente) — variante (com idéa augmentativa).

Tocar o barco — proseguir nalgum intento.

Pegar na palavra — acceder álguma proposta.

Pegar na moxilla — assentar praça.

Não fazer por menos — equiv. a não fugir ao que ficou dito, a cumprir estrictamente o promettido — (*não faço por menos*).

Tocar o páu — dar pauladas.

Não tem desvio nem volta — modismo que equivale a não fugir ao promettido[161], a ser algo o que deve ser.

---

[160] No impr.: *Uë*.

[161] No impr.: *prometrido*.

Não tóco — não bebo; variante — *não uso*.

Dar volta (á molestia) — combatel-a.

Tocar o leque — retirar-se, ausentar-se á pressa.

Não teve volta — a molestia não teve cura; o doente morreu; o negocio não ficou decidido.

Dia de domingo — domingo (dia de folga de domingo).

Está na hora — individuo que *está na hora*, que está bem trajado; *patrão na hora*, bom patrão.

Doce — assucar — (o café não tem *doce*).

Prompto — embriagado — ficou *prompto* — está *prompto*.

Fumo macaya — fumo ordinario; por extensão, *sujeito macaya*, suj. ruim.

Enviado — pessoa que foi ou morreu envenenada.

Até o Chico vir de baixo (modismo decorrente das antigas e demoradas viajens por terra ao Rio de Janeiro) — equiv. a ter-se de esperar longo tempo alguem ou alguma cousa, ou a acto praticado por dilatado tempo.

Alisar balcão — passar o tempo encostado ao balcão das vendas.

Dá um tiro nisso — equivale a dizer — "põe um ponto final na questão, não falemos mais nisso".

Sumitico — sovina; *sumiticaria*, sovenice.

Comprar briga — envolver-se em questões alheias; tomar parte em favor de algum dos contendores.

Pegar na reúna — assentar praça.

Dar de rédea — voltar, fugir a alguma discussão ou negocio.

Não tem talvez — loc. — não resta a menor duvida, não ha que hesitar.

Fazer vacca — cotisarem-se dois ou mais individuos para comprar, adquirir alguma cousa.

Gambá — sujeito amante do alcool.

(*Continúa*).

Lindolpho Gomes
(Da Academia Mineira.)

Juiz dé Fóra, 12—5—911.

DICCIONARIO BRASILICO-MINEIRO[162] [= D12]

(*Conclusão*)

Amiudar — v. act. — cantar repetidamente — *amiudar* o canto, a voz.

"Quando os gallos começaram a *amiudar*" (Olympio de Araujo — «Aquarellas» — pag. 23).

Arroz doce — s. comp. — conviva sem convite.

"e até mesmo o *arroz doce* é saudado com uma salva de tiros" (pag. 128).

Basto — s. c. — especie do lombilho.

"que ali está sempre ensilhado de *basto*" (pag. 202).

Bis a bis — loc. — corruptela do *vis-a-vis*.

"Eu não tenho *bis-a-bis*" (pag. 132).

Catyra — s. c. — dança roceira.

"Em seguida á quadrilha os amigos do *catyra*" (pag. 136).

Chorar — no caso v. intrans. — escolher na *chamarrita* (dança) o par que convém.

... "e o par pergunta — por quem chora ?" (pag. 137).

Chamarrita — s. c. — dança, acompanhada de cantos a proposito.

"O *catereté*, o *batuque*, a *chamarrita* e outros eram os folguedos de todos" (pag. 126).

Cometa — s. c. — caixeiro-viajante, que apparece ora num ora noutro logar.

"Appareceu aqui um *cometa*" (pag. 28).

Despedida — s. c. — terminação de uma festa, cantiga final; em Portugal tem a mesma significação.

"e assim proseguiu o desafio, até chegar á *despedida*" (pag. 140).

Entrada (dar) — auctorizar um galanteio, um namoro, uma conquista.

---

[162] Transcrito de: GOMES, Lindolpho. Diccionario brasilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 113, 14 de maio de 1911, p. 2.

"a moreninha sorria-se mais não lhe *dava entrada*" (pag. 18).

Entonce — adv. — corruptela de *então*.

"*Entonce* é comigo" (pag. 132).

Fructa — s. c. — *fructas* em Minas denominam-se especialmente as jabotidabas, como *jaboticabas*, por causa da côr, são chamadas as mulheres de côr preta; talvez por isso os pretos do paiz, dado o nome depreciativo de jaboticaba, passaram a dar a esta a denominação de *fructa*, (com que é conhecida) como fazem com o bacalháu, que lhe chamam *peixe*, por causa do homonimo bacalháu — açoite, com que eram fragellados no tempo do captiveiro.

"empanturrados pelas *fructas* que elle detestava" (pag. 22).

Ferrar feio — loc. — entrar na dança com enthusiasmo, com animação; brigar com bravura.

"*ferraram feio* no batuque" (pag. 136).

Fazer peão — loc. — fazer parada, ponto em algum logar, com applicação aos viajantes.

"Acostumara-se a *fazer peão* em uma fazenda" (pag. 181).

Incellente — adj. corruptela de *excellente*.

"*Incellente !* grita um" (pag. 131).

Jongo, ou *njongo* — s. c. — dança africana, acompanhada de cantos e toque de tambores (*caxambú*).

"saracoteavam no mais desenfreado *njongo*" (pag. 143).

Mascate — subs. — brasileirismo — negociante ambulante (vide a respeito — *Estudos de português*, de Lindolpho Gomes) primeiramente, extrangeiro que fazia commercio ambulante.

"que o *Chico Mascate* estava pondo a escravatura a perder" (pag. 183).

Oytibó[163] — s. epic. — forma alterada de *noitibó* — ave nocturna, especie de *curiango* ou *culiangú*.

"A *oytibó* passava e repassava,... sem soltar um só dos seus pios agoureiros" (pag. 93).

Ponto (no) — loc. —indica a idade propicia ao casamento.

"Anninhas ia completar agora 16 annos, estava no *ponto*" (pag. 135).

---

[163] No impr.: *O itybó*.

Porva — s. c. — corruptela de *polvora*.

"Bota *porva*" (pag. 129).

Quéra —adject. — valente, audaz, habil.

"— Ahi ! *quéra* !" (pag. 131).

Redondeza — s. c. — circumvizinhanças de algum logar.

"a escravatura daquella *redondeza*" (pag. 133).

Ronqueira — s. c. — (de *ronco*) canudo de taquara, cheia de polvora, e que incendiado produz forte rumor.

"Não falta lenha á fogueira nem polvora ás garruchas e *ronqueiras*" (pag. 124).

Sujar — v. trans. — desmanchar prazeres nas festas, envergonhar o nome da familia, a que pertence; provocar conflicto, postar-se inconvenientemente na sociedade ou em algum logar de reunião.

"mas emfim não queriam *sujar* a bôa sociedade" (pag. 138).

Tráia — s. c. — corruptela de *tralha*, moveis, objectos de uso.

"e não saber para onde elles levarem a *traia*" (pag. 184).

Tirar (as rezas, as cantigas) — loc. — iniciar as rezas, as cantigas, dirigindo-as. *Tirar par* — é solicitar da dama algum numero de dança; *tirar a sorte* (corruptela de *tirar á sorte*) é obter algum premio em sorteio ou cousa que depende de azar.

"O manda-leite *tirava* as rezas" (pag. 220)

Manda-leite — s. c. — corruptela de *mendalete*, moço de recados, pagem — variante[164] de *desentalador de leitões* — individuo, especie de *parasita*, que vive por favor em alguma fazenda, prestando pequenos serviços no terreiro; que transmitte ordens do *patrão*.

"Aqui mesmo, na região da matta e na borda dos campos mineiros, eu conheço-lhe dois *manda-leite*, *desentalador de leitões*" (pag. 199).

Mancebo — s. m. — palmatoria, prateleira ou simples páu de peroba, que se colloca a um canto do aposento, e em que se repousa ou de que se dependura a candeia de azeite.

---

[164] No impr.: *varianta*.

"Tudinha trouxe uma candea de azeite que dependurou em um alto e pesado *mancebo*" (pag. 98).

Miudo — s. c. — individuo sem haveres de humilde condição.

"os ricos e os seus cabedaes estão á disposição dos *miudos*" (pag. 125).

Mucama — s. c. — escrava (antigamente) de confiança, a pagem das donas da casa, das fazendeiras.

"as negras do serviço domestico e as duas *mucamas*" (pag. 220).

Marchar — v. intransitivo — pagar as despesas feitas em alguma pandega, manter subsistencia de alguem; — *marchante* ó o individuo que *marcha*, isto é, que paga.

"e *marchou* com as despesas da pequena" (pag. 28).

Moço da Côrte — s. comp. — joven civilisado, esperto, bem trajado, que reside no Rio e viaja pelo interior, onde é assim chamado.

"um *moço da Côrte*, que ali estivera alguns dias" (pag. 212).

Branca — s. c. — cachaça.

"Após o café e um gole da *branca*, por causa do frio da manhã." (*Costumes sertanejos*, por Gilberto de Alencar publicados em 1906, na *Propaganda*, de Itapecerica).

Circo armado — loc. — bebedeira, equiv. a cabeça cheia de cachaça; *armar o circo*, significa tambem promover desordem.

"andam diariamente com o *circo armado*, isto é, embriagado." (Idem)[165].

Coisa feita — loc. — feitiçaria.

"É *coisa feita*, è feitiçaria, não ha duvida[166]." (Idem).

Carepa (levado da) — loc. — levado do *diabo*, travesso, ardiloso.

"manhoso a mais não poder, *levado da carepa*."

Candieiro[167] — s. c. — o guia dos carros de bois, que vai á frente do mesmo.

---

[165] As retificações de *Item* para *Idem*, recomendadas pelo autor em nota no mesmo jornal, na edição do dia 16 de maio (p. 1), foram realizadas aqui sem marcação especial.

[166] No impr.: *duvidar*.

[167] No impr.: *Cnndieiro*.

"que na cabeça lhes dá o *candieiro* — um adolescente robusto..." (Idem).

Cacundeiro — adj. — diz-se do solo duro, accidentado.

"um pedaço de chão *cacundeiro* ..." (Idem).

Commercio — s. loc. — por extensão, povoação, onde se faz commercio, arraial, cidade.

"Desse geito, não apanhamos missa no *commercio* nem nada."

Da cabeça — loc. — bebida fórte, restillo.

"uma cachaça forte, boa, *da cabeça*... " (Idem).

Espera — s. c. — ponto em que o caçador aguarda a caça; tocaia.

"vai, descuidado e imprudente, atravessar a *espera*, onde se occulta o roceiro, com a arma prompta, em posição de atirar." (Idem).

Herva — s. c. — dinheiro.

"trabalha com uma grande economia, afim de ajuntar um bocado de *herva*..."

Hervado — s. c. — o animal que comeu herva venenosa (*herva brava*).

"é que o boi morreu *hervado*, comeu algum arbusto venenoso..." (Idem).

Larga — vadiação, á vontade, á larga.

"como o gado não anda solto, na *larga*..." (Idem).

Mundão — s. c. augm. collectivo — grande quantidade, grande multidão; tambem se emprega no sentido proprio (nesse mundo *nesse mundão afóra*).

"um *mundão* de campos e de mattas..." (Idem).

Quebrada — diz-se da roça, cujo milho já foi colhido — *quebrar da roça*, colher o milho.

"toda a roça fica *quebrada*, isto é, todo o milho está junto em varios montes..." (Idem).

Suverter — v. intransitivo — sumir, desapparecer.

"o matuto que *suverteu* nesse mundão de Christo..." (Idem).

Tacho — s. c. — dinheiro.

"é sabido que matuto é por demais agarrado ao *tacho*, que só o desembolsa em ultimo recurso..." (Idem).

Tiquinho — s. dim. — bocadinho.

"por um *tiquinho* que elle não finca a dentuça..." (Idem[168]).

Tambú — s. c. — enchada (variante — *guatambú*, cabo da enchada e por extensão a enchada).

"já a gente está dura no eito, suando feio no cabo do *tambú*..." (Idem).

Trança (fazer uma) — loc. — tróca, barganha.

"Alguns *fazem uma trança*, trocam por mercadorias os ovos, gallinhas, frangos e generos que trouxeram da roça." (Idem).

Vadiação — s. c. — *bôa vida*, á solta; ás vezes, expressão pejorativa.

"deixal-o por muito tempo na *vadiação*..." (Idem).

Inquigilar — v. trans. — corruptela de *inquisiliar-se*, aborrecer-se, preoccupar-se.

"É para *inquigilá* um homem!" (Idem).

Vinte — s. c. — vintem (*um vinte*); vinte, pequeno tôco, que serve de alvo, no jogo das malhas.

"collocar um *vinte* aos pés de Santo Antonio." (Idem).

Lindolpho Gomes
(Da Academia Mineira.)

Juiz de Fóra, 12—5—911.

[168] No impr.: *Itam*.

Anexo 2-C: José Francisco Lopes Neves

O CALÃO[169] [= D13]

ORGANIZAÇÃO DO DICCIONARIO BRAZILICO-MINEIRO

A organização methodica e racional do lexico brazileiro sobre as bases do nosso *folk-lore*[170] e dos adminiculos exparsos do *argôt* regional, constituido pela linguagem de calão, é tarefa que demanda, a par de elevada cultura philologica e accentuado propendor para estudos de tal natureza, de requizitos outros a que não serão alheios os que merecerem a honrosa investidura da elaboração do Diccionario Brasilico-Mineiro.

Não será obra que de um folego possa galgar o pinaculo da montanha das difficuldades e descançar no tópe, impondo-se á sagração dos doutos e á admiração dos futuros lapidarios da nossa lingua; mas, desde que haja criterio nas pesquizas e na recólta dos seus elementos componentes; desde que, por um joeiramento rigoroso, se consiga separar o joio do trigo, libertando-se o lexico, em germen, dos termos espurios, manhosamente enxertados no nosso calão, com elle se confundindo, não haverá duvidar sobre seu brilhante exito e sobre sua importancia como um consultor digno de fé.

Menos apparelhado que outros para enfrentar as difficuldades decorrentes de assumpto de tal transcendencia, não poderei entrar em liça com a mesma galhardia; mas não ó esse um pretexto bastante para que occulte avaramente o resumido escorso de termos acolhidos, aqui e ali, ao canhenho das nossas notas literarias, em mais ou menos longos estadios em diversas localidades, ou em longas peregrinações de *turco* literario, que, de caixa ás costas, procurou dar sahida á sua deteriorada mercadoria. São

---

[169] Transcrito de: LOPES NEVES, [José Francisco]. O calão: organização do diccionario brazilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLVI, n. 166, 15 de julho de 1911, p. 1-2.

[170] No impr.: *folke-lore*.

notas finalmente catalogadas[171] e que, depois do indispensavel beneficiamento, poderão aproveitar aos que, com amor e empenho, se didicarem á árdua tarefa da constituição do nosso lexico.

Não será no seio das classes cultas, sempre empenhadas na mantença das regras de bem dizer, que encontraremos esses phenomenos teratologicos do nosso vernaculo. Tive sempre para mim que as fontes populares serão o caminho a desbravar, pois foi para esse inexgottavel manancial que eruditos do quilate de Theophilo Braga convergiram os seus estudos, faiscando o ouro macisso que maiores louçanias trouxe á nossa lingua, e será para elle que se deverão dirigir as baterias intelligentes da investigação, afim de que possam encontrar abundante cascalho, rico em recompensas a tão afanoso lidar.

Por isso, sem pretenções a manejar a ferula da sapiencia, em se tratando, principalmente, com luminares que melhor poderão distribuir que receber noções de quem só fracos subsidios póde offerecer nesta materia, reeditemos o que alhures escrevemos sobre um resumido glossario, publicado em seus "Annaes" pelo erudito historiographo e investigador dr. Nelson de Senna.

.....

"O calão, cujos elementos historicos se assentam nas fontes ignoradas e inexgotaveis da gyria, obedece a uma orbita determinada que não deve escapar aos cultores desse ramo de estudos philologicos.

Revolvendo essas fontes, veremos que, no tocante á morphologia, o calão tem por origem:

a) alterações[172] phoneticas,

b) alterações morphicas,

c) alterações syntaxicas,

d) archaismos,

e) neologismos,

f) termos que, perdendo a sua exacta expressão semantica, acceitam a accepção que a gyria lhes dá.

---

[171] No impr.: catalogudas.

[172] No impr.: alterarões.

As alterações phoneticas e morphicas constituem as corrupções que, si não são genuinas phrases de calão, soffrem, ás vezes alterações taes que a elle se incorporam, perdendo por completo a sua feição primitiva.

O neologismo, formado no seio da gyria para servir ao *argôt* de cada região é, tambem, uma fonte preciosa de calão; não devemos, porém, confundil-o com a *scie,* geralmente uma phrase banal que da luz da ribalta, de uma audacia oratoria ou da columna do jornal passa ao phonographo inconsciente da paspalhice popular, tendo, apenas, a existencia ephemera de uma frivolidade.

Duvida temos, ainda, quanto á pureza dos termos de origem tupy-guarany e africana como expressão propriamente de calão. Quer de uns, quer de outros, poucos foram os que receberam a sancção da gyria, sendo mesmo para notar que os de origem túpica subiram, quasi que exclusivamente, dos glossarios de Martins, Gonçalves Dias e Padre Montoja para o uso dos doutos e apropriações diversas.

Esta instabilidade e a sua evolução nos induziram a classificar o calão em tres cathegorias: —*geral, regional* e *local.*

O calão geral, constituido[173] em grande parte de termos africanos e tupyz-guaranys, de corruptelas e da dialectica peculiar á gyria *carioca* (da capital da União) em amalgama com a *scie,* parece obedecer a um interessante phenomeno de descentralização, espalhando-se por toda a vastidão do paiz.

O calão[174] regional, circumscripto á dialectica inherente a cada Estado, conserva sua feição propria, tendo, apenas, repercussão na peripheria das zonas limitrophes, e tal é seu respeito á zona que lhe é delimitada que não ha confundil-o com as expressões isoladas que se observam de localidade para localidade.

Estas ultimas constituem o calão local.

Grande serviço, pois, ter-se-á prestado á litteratura regional, que tão fervorosos cultores hoje conta quando o lexico precisar que *mucama, macota, mangar, capanga* e etc. são expressões de calão geral;

---

[173] No impr.: *constituida.*

[174] No impr. *catão.*

que *esturdio, maludo, bucha* (qualquer pastelaria), *doce* (assucar) e etc. são termos de calão regional mineiro; que *pinchar, bespeiro* e etc., são peculiares ao calão regional paulista e que *colunga, polimento, munganga, pelintra* e etc. são phrasear commum ao calão do Norte.".

.....

Actualmente, caminho seguro parece seguir o erudito professor sr. Carlos Góes, fazendo reverter ao nosso lexico essa massa informe de dialectica exparsa com os commentos que se fazem mister para ampla elucidação de sua procedencia.

Não podemos seguil-o na exigencia voltaireana que considera o diccionario[175] um esqueleto quando não acompanhado da authoridade dos classicos ou dos competentes na arte do bem dizer vernaculo, mesmo porque é nosso juizo formado que a organização do nosso lexico ha de ter a sua origem nas fontes, nem sempre insuspeitas da tradição popular; mas, servindo-nos dos elementos de que podemos dispor, deixamos no glossario abaixo a contribuição do nosso esforço, afim de que os eruditos a expurguem[176] dos senões que possa apresentar.

AFOBAÇÃO — *s. com. fem.* — lida.

Calão regional mineiro. Commum á zona de léste, presta-se a construcções taes como:

... F... anda numa grande *afobação.*

AFOBAR — *v. intrans.* — cançar, andar atarefado.

Encontra-se nas phrases:

... Não se *afobe* tanto.

... F... anda muito *afobado.*

AJUSTE — *subst. masc.* — contracto.

Calão geral. É phrase já consagrada pelos lexicos para exprimir *convenção, amoldagem* e etc.; mas que no calão tem uma accepção lata, até a de *reconciliar-se* e *combinar* (moralmente), *affeiçoar.*

Ouvimol-o nas phrases:

---

[175] No impr.: *diccianario*.

[176] No impr.: *expurgem*.

... Por mais que fizessem não chegamos a nos *ajustar* e continuamos inimigos como sempre.

... Por mais que queira não me posso *ajustar* com tal homem.

... F... e F... não se *ajustam* bem.

AMARRAR — *v. trans.* — prender.

Calão regional. Commum nas regiões, em Minas e S. Paulo, conhecidas pelo nome generico de — *Campo.* É expressão de uso cynegetico e empregada para designar o momento em que o perdigueiro baixa sobre as patas para denunciar a presença da codorniz ou da perdiz.

... Meu cão *amarrou.*

... Meu cão não *amarrou* cobra.

AMOLAR — *v. intr.* — importunar.

Calão geral. É talvez um dos productos espurios da *scie.*

ANSIM — *adv.* — assim.

Calão geral. É corruptela commum, principalmente, nos Estados de S. Paulo e Minas.

AOS POIS — *adverb.* e *prep.* — depois.

Calão geral. É uma reducção da corruptela *ao despois* preferida pelas populações incultas dos nossos sertões.

... *Atocane* á vontade, *aos pois* nem por N. Senhora.

APRUMAR — *verb. intr.* — pairar.

Calão regional. Em Minas é expressão de uso cynegetico.

... Quando a codorna *aprumou,* desfechei o tiro.

ARAME — *s. m.* — dinheiro.

Calão geral.

... Sem *arame* não se amarram noivos.

... Ha grande falta de *arame.*

ARRELIA — *s. f.* — importunações, enfezamento.

Calão geral. É expressão commum. Della deriva-se *arreliar,* v. intr.

ARROZ DOCE — *subst. com. comp.* — Homem ouvido em tudo e commensal de todas as bodas. Intromettido.

C. geral. Generalizou-se nas proprias sociedades cultas.

ARRUMAÇÃO — *subst. fem.* — solução, arranjo, conciliação.

Como expressão de calão geral tem uma significação menos lata; no calão regional, porém, tem feições varias, de accordo com as phrases que forma.

... Encontrei-o numas *arrumações* (negocios) que só elle entende.

... Não sei que *arrumações* (arranjos) anda elle fazendo.

... O negocio não tem *arrumação* (solução).

... Entre nós não ha *arrumação* (conciliação) alguma.

Cognato: *arrumar,* v. tr.

ASSUMPTAR — *v. trans.* — pensar, dar tratos á bola.

Calão regional, muito generalizado em Minas.

... Elle vive *assumptando.*

... Raio de home', tudo quando elle *assumpta dá divéras.*

ASTURDIDO — *adj.* e *particip.* — espantado, atrapalhado.

Calão regional. É corruptela de *aturdido,* expressão commum e consagrada pelos lexicos.

... O caboclo ficou *asturdido* (espantado) com o tiro.

... O Felicio anda de espirito *asturdido* (atrapalhado).

ATUCANAR — *v. intr.* — falar mal de alguém.

É calão regional, de uso em Minas.

... O cabra me *atucanou* bem, mas ninguem lhe deu credito (*querdito,* no calão).

AZOUGADO — *adj.* — fogoso, genioso, violento.

Calão regional. Pela sua generalização entre as populações sertanejas de S. Paulo e Minas, não será fácil precisar a sua origem; é termo, porém, de grande irradiação.

... É uma potranca *azougada* (S. Paulo).

... Que rapaz *azougado* (violento)?

... Elle me pareceu bem *azougado* (vivo) nos seus negocios.

BARGANHA — *s. f.* — permuta, troca.

Não é propriamente termo de calão; mas encontramol-o enxertado nas expressões de gyria regional e apenas aproveitado pelos escriptores regionalistas. É de origem celtica: *bargen,* o ajuste.

Derivado: *barganhar,* v. trans.

BARGUEÇA — *subs. com.* — concubina.

Calão local. Usual em algumas localidades de leste de Minas. Vocabulo de derivação duvidosa. Será uma corrupção de barganha, exprimindo mulher que permuta amores?

BATUQUE — *sub. com.* — genero de dança.

Calão geral. Deriva-se do verbo *batucar* (bater a miudo).

BESPEIRA — *sub. fem.* — colmeia de abelhas.

Calão regional. É de gyria paulista, na qual quer as abelhas, quer os maribondos, tem a denominação commum: *bespas.*

BUCHA — *subst. fem.* — pastelarias diversas.

Calão regional, da gyria do Sul de Minas, constituindo o grupo syntaxico:

— Café sem *bucha* meu boi não pucha.

BODEL — *subs. masc.* — homem possuidor de riqueza.

Calão local. Peculiar á zona de Léste de Minas, em limite com o Espirito Santo.

BORNAL — *subs. masc.* — pequeno sacco para carregar mantimentos ou qualquer objecto.

Calão geral. Os lexicons mencionam este termo; na gyria, porém, tanto o applicam para designar o sacco com que se leva o milho aos muares, como para exprimir uma saccola para fins diversos.

Embornal é mais commum á[177] linguagem de calão.

BADERNA — *subs. collect. fem.* — bando de individuos.

Calão geral. É expressamente empregado para designar reunião de pessoas dadas a libertinagem.

Cognato: *baderneiro,* individuo libertino.

BRUACA — *subst. fem.* — mulher de vida airada, de moral duvidosa.

Calão regional. Em Minas é empregada sempre como expressão pejorativa, para significar desprezo.

... Daquella *bruaca* não me virá mal!

BRÉQUE — *sub. masc.* — reunião sem distinção de classes.

---

[177] No impr.: *a*.

Calão regional de limitada extensão, em Minas. Designa em algumas localidades do oéste funçonatas dansantes de pessoas sem distincção[178] social. Talvez[179] tenha sua origem no inglez: *to break*, quebrar.

CAÇAMBAR — *verb. trans.* — adular.

Calão regional, empregado pela gyria, principalmente, mineira.

Derivado de *caçamba*, de onde se originou, tambem, o subst. com. — *caçambeiro,* adulador.

CANDONGA — *subst. fem.* — mexiricos, alcovitice.

Calão geral. Na gyria do Norte tem esta expressão ultima; mas no calão regional mineiro é propriamente empregado para designar: *mexirico.* No diminuitivo é termo de tratamento affectivo. Origem africana?

Derivados: *candongar* e *candongueiro.*

CABRA — *subs. com. epic.*[180] — homem destemido, de destaque.

Calão geral. Termo de gyria lata.

... Era um *cabra destorcido.*

... Na viola é um *cabra sarado.*

É empregado tambem para designar o mestiço.

CACÊTE — *subst. masc.* — homem importuno.

Calão geral. Parece uma intervenção espuria, como "bilontra" e outros enxertos da *scie.*

Cognato: *cacêtear,* v. trans.

CAMARADA — *subst. masc.* — almocreve, homem a serviço de outro.

Calão regional. De uso em Minas e S. Paulo.

CANGÊRÊ — *subst. collect. masc.* — reunião de feiticeiros.

Calão geral. Em algumas localidades mineiras é synonimo de: *barulho, confusão*. Derivação africana.

... Houve na festa um *cangêrê de cuia.*

CONGADO — *subst. masc.* — dança africana.

Calão regional. Nome generico dessas danças, em Minas.

---

[178] No impr.: *disticção*.

[179] No impr.: *Talvel*.

[180] No impr.: *episc*.

CAIPIRA — *subst. com.* — homem rustico.

Calão geral. É vocábulo de origem tupy; corruptela de *cáo-puam-era*? Commum aos Estados centraes.

CAIPÓRA — *subst. com.* e *adject.* — homem infeliz, mal succedido.

É termo de calão geral. Deriva-se de *cáa-póra* (espirito do matto). Os nossos indios acreditavam na existencia do *Cáapóra,* divindade maligna que atravessava a floresta á garupa do caitetú.

CAPÊTA — *subst. prop.* — Demonio.

Calão regional. De grande extensão, em Minas, onde é ás vezes empregado como expressão affectiva.

... Nisto anda o dêdo do *Capeta.*

... Este *capeta* anda-me tentando.

CAPINAR — *verb. trans.* — matar alguem.

Calão regional. Termo de gyria caipira nos Estados de Minas e Espirito Santo e, talvez, S. Paulo.

Empregado na forma syntaxica "capinar sentado", exprime estar alguem em serias difficuldades.

...Quando encontral-o, hei de *capinal-o* de uma vez.

...Neste negocio ando *capinando sentado.*

CAPIXABA — *subs. com.* — Designação por que são conhecidos na gyria os naturaes do Estado do Espirito Santo.

CAXAMBÚ — *subst. com.* — batuque, bailado africano, calão regionaes. Em Minas designa, propriamente, em algumas localidades, o batuque de homens de côr preta.

COURAMA — *subst. collect.* — forno[181] (derivado de *couro* e *ama,* suffixo de feição vulgar) — grande quantidade de couro.

Calão regional, mineiro.

Com a mesma suffixação. encontram-se: *ourama, dinheirama.*

CATIRA — *subst. com.* — reunião dançante com bailado caracteristico.

Calão regional, mineiro.

... O *catira* esteve *quente.*

CATÊRETÊ — bailado original brasileiro.

Calão geral. É termo que soffre deturpação de Estado para Estado.

[181] A presença desta palavra parece ser erro de composição tipográfica.

CUERA — (ou *quèra). Subst. com.* — homem que excede aos outros em valentia, riqueza, saber, etc.

Calão geral. É de origem tupy e commum aos Estados de S. Paulo e Minas.

... Eu conheço o *cabra,* é um *quèra* no cabo do *guatambú.*

CUIA — *subst. com.* — soldado de policia.

Calão mineiro de limitada extensão. Encontra-se na zona de Léste.

CURRUSCUBA — *subst. com. — Tem* a mesma accepção de *cuéra.*

Calão geral, mais em voga na zona Oéste de Minas e no Norte do Brasil.

CUMBUCA — *subst. fem.* — vaso que contém papelinhos para serem tirados á sorte, rifa.

Calão regional, generalizado por todo o Estado de Minas.

... Arranjar uma *cumbuca.*

... Tirar objectos na *cumbuca.*

CÓRGO — *subst. com.* — corruptela de *corrego.*

Calão regional. Dialectica peculiar ás populações sertanejas.

... O *corgo* não dá váo.

CURUMI — *subst. mas.* — menino.

Calão regional, de pouca intensidade, principalmente, em Minas. É de origem tupy.

CANGUEIRO — *subst. masc.* — homem fraco, inutil.

Calão regional, com repercusão no Estado do Rio. Os lexicons mencionam *cangalho*, donde talvez *cangueiro* pela affeição vulgar pelo suffixo *eiro.*

CYNICO — *adj.* — triste, aborrecido.

Calão regional do Norte de S. Paulo.

(*Continúa*)[182]

Lopes Neves

[182] Lopes Neves faleceu em 18/11/1912 e não se encontrou registro de que tenha produzido continuações desse artigo.

Anexo 3

Achêgas para o Estudo do Calão Mineiro[183] [= A]

Em um texto intitulado *Achêgas para o Estudo do Calão Mineiro*[184], datado de agosto de 1906 e publicado em 1907, no número 2 do *Annuario Estatistico Illustrado do Estado de Minas Geraes*, de Nelson de Senna, Daniel Serapião de Carvalho (1887-1966), natural de Itabira do Mato Dentro (MG) [hoje apenas Itabira], realiza uma reflexão referente aos estudos sobre o vocabulário popular e apresenta uma lista de dados que foram "colhidos na sua maioria pelo meu distincto amigo, o talentoso sr. professor Epaminondas Alvim[185] (...) numa longinqua localidade do interior". Dada a relevância desse testemunho não apenas em termos de documentação de formas, mas também em termos de datação de uso vigente, apresenta-se aqui uma compilação dos dados fornecidos por Serapião/Alvim, reorganizados em ordem alfabética (mantendo-se a grafia original mas com uniformização de maiúsculas e aplicação de itálico nos itens lexicais em questão) e divididos em vocábulos e locuções e em frases e brocardos:

---

[183] Dados extraídos de: SERAPIÃO, Daniel. *Achêgas para o estudo do calão mineiro*. *In*: SENNA, Nelson Coelho de. *Annuario estatistico illustrado do Estado de Minas Geraes*. Bello Horizonte: Imprensa Official do Estado, 1907. p. 634-641.

[184] Um extrato da parte introdutória desse texto de Serapião, com o título *O Calão Mineiro*, foi publicado na *Selecta de Prosadores Mineiros* (AFFONSO, 1914, p. 137-138).

[185] Segundo se pôde apurar, Epaminondas Alvim (1884-1921) residia em Campanha em 1902, lecionava em São Tomé das Letras no termo de Baependi em 1903 e mudou-se para Belo Horizonte em 1903. Foi fundador, junto com Plínio Motta, do jornal *A Penna* em Campanha, que circulou entre julho de 1902 e julho de 1903. Essas informações biográficas sugerem que os dados de Alvim se referiam ao português do sul de Minas Gerais.

1. Vocábulos e locuções

Abaixar o facho, arrear o topéte, botar a baixo, descer o cabresto, encurtar os lôros, murchar — Reprimir.

Abrir o frak, abrir o pala, chamar nas taboletas, dar terra p'ra feijão, desunhar, enfiar os tôcos, metter cara, metter o galho, roçar mundo, tinir, tocar o rasgado, untar sêbo nas molas — Correr por medo.

Abusar as ordens — Sahir das normas.

Acochar fogo, berrar a pimenta, falar a brasa, jogar a pipóca, queimar um cabra — Atirar.

Adão — Maçã de Adão.

Agueiro, chuva, irmão da opa — Bebedor.

Amarrar o dedo antes de cortar — Sangrar-se em saúde.

Apitar na curva — Olhar para traz.

Areiar as caçambas — Bajular.

Arrastar bagaço, arrastar surrão, carregar mala — Bravatear.

Assentar praça — Prostituir-se.

Azuretado, espinoteado — Aloucado.

Baile syphilitico, brèque, fuso, mendoim torrado — Samba plebêo.

Bambear as curvas — Tremer.

Bate-páo — Engajado.

Bater a bota, bater a pacuêra, bater a pita, bater com o rabo na cerca, dormir para sempre, esticar a canella, ir para a cidade dos pés juntos, ir ver de que lado brótam as batatas, ir visitar o Pedro Botelho, levar emplastro de terra, sentir a ultima dôr — Morrer.

Bater com o nariz na porta, ficar no ora veja, quebrar a foice — Vêr goradas as suas pretenções.

Bater no couro p'ro burro entender — Atirar indirectas.

Biombo, lage, oco, pedra, sombra, X — Cadeia.

Botar fumaça, dar os doces, enforcar — Casar-se.

Botica — Dôces.

Bradar as armas — Indignar-se.

Cabello amoroso, carrapicho, pimenta do reino, pixuim— Cabello de negro.

Cabra curado, cabra estourado, cabra sarado, cabra sem banda, cabra sem estimação, negro sujo — Valentão.

Canastra, prancha — Pé grande.

Carimbamba, raizeiro — Charlatão.

Castanhaque, mogyana — Cachimbo.

Centro, pióca, tapiocano — Matuto.

Chorar as magoas — Pedir alguma cousa.

Chué — Desapontado.

Comer barro, comer buta, comer da banda pôdre, comer rato, gemer no pao da goiaba, passar da banda ruim, passar estreito, vêr a cotia como assobia, ver o china — Estar em màos lençòes.

Comer cobra — Ficar zangado.

Comer fogo, fazer bôca, lavar a alma, olhar na janellinha branca, olhar na janellinha redonda, quebrar canhôto — Beber cachaça.

Comer terra — Cahir de um animal.

Comprar bulha, tirar farinha — Provocar briga.

Coróca — Velha.

Corrigir, executar, exemplar, lenhar, muxurundar, ripar, sapecar — Espancar.

Corrumaça, immundicie, precipicio — Grande quantidade.

Córte, mel, sêbo — Namôro.

Cufar — Matar.

Cuia — Soldado (por causa do bonnet).

Cuspir fóra, tirar o corpo — Desconversar.

Dançar na marreta, entrar na fita, entrar na lasca, entrar na massaranduba, entrar na tranca, entrar no fiapo — Levar pancadas.

Dar assumpto — Responder ao chamado.

Desempata — Cacete.

Doutor — Bispote.

Empregado do desvio, medidor de rua — Vagabundo.

Engraxar as unhas, untar as unhas — Peitar.

Entrar de queixo, ir na brisa — Tomar parte em festas, sem convites.

Entrar na dança — Metter-se no sarilho.

Esfaquear — Pedir dinheiro emprestado.

Espicúla — Abelhudo.

Estar a ninguem, estar areado, estar batendo matraca, estar como Deos quer as almas, estar na casca, estar na pinda, estar pingando, estar tinindo — Estar sem dinheiro.

Estar bebido, estar chumbado, estar como um gambá, estar na bebada, estar na branca, estar na gata, estar na môna, estar na perua, estar na pinga, estar na pua, estar na tiborna, estar na tirinêta, estar na turca, estar nella, estar no páo, estar no piléque, estar pegando frango, estar pegando opa, estar pingusso, estar vendo o chão entrar na terra — Estar embriagado.

Estar com lomba, estar com uma pintada no cangote — Estar com preguiça.

Estar com o rato no paiol, ter dormido na estaca — Ter fome.

Estar frito, estar torado — Estar em transe difficilimo.

Estar na aragem — Estar sem abrigo.

Estar no sabão — Amar sem ser amado.

Familia — Filho.

Faquista — Pessoa que pede emprestado.

Fazer beiço para alguma cousa — Antegosal-a.

Ficar com agua no bico — Ficar com vontade.

Ficar num descóche, ficar descóchado, montar no porco, quebrar o pito, trepar no gavião — Desapontar-se.

Flagello — Faca de cintura.

Flandres — Sabre.

Gengibres — Dedos de negro (do pé).

Gêrerê — Syphilis.

Grelar — Olhar.

Grude — Comida.

Homem da pá virada, homem levado das carèpas — Individuo destemido.

Indaica — Vadiação.

Jogar barro — Tentar alguma cousa.

*Logar cynic*o — Logar sem vida.

Mandinga, mandraca — Feitiçaria.

Mandioca — Defunto.

Mané sem jaleco — Papas ou mingáo com verdura.

Mata-fome — Braço grosso.

Matar tatu, plantar figueira — Cahir.

Mitra — Sovina.

Moça enjoada — Cheia de dengues.

Moça esporuda, tia — Solteirona.

Nambu formado — Espantadiço.

Não chegar para uma masca, não dar para sahir, não dar para um caldo ralo — Não resistir ao inimigo.

Olhar para dentro — Dormir.

Páo de fogo, páo furado — Espingarda.

Passar vergonha — Ter medo, vêr-se em talas.

Pé rapado — Individuo desclassificado.

Pegar p'ra sahir — Iniciar resolutamente um serviço.

Pessoal do primeiro berro — Gente fina.

Piaba — Faca.

Piguancha — Egua velha, rameira velha.

Piscar na alma de alguem — Escachar.

Prèqueté — Soldado.

Quebrar o canastro, quebrar o cabórge, tirar a bufa, tirar a catinga — Tirar a fama.

Rapa-cuia — Acostado.

Rifar uma pessoa — Deixal-a de lado.

Sangrar — Emprestar dinheiro.

Socar-se na capituva — Occultar-se por medo.

Suspender a tanga — Protestar.

Tantan — Paspalhão.

Ter cera nas unhas, ter grude nas unhas — Ser experto.

Ter letras a descontar — Ter filhas a casar.

Trubufú — Mal vestido.

Valentão — Morphetico.

Varar — Acabar-se.

Virar bicho — Desapparecer na hora do perigo.

Volta escura — Garganta.

2. Frases e brocardos

Num vem não cachaça que eu bibi leite e vumitei coaiáda !
A duvida está p'r'um corenta, ocê qué vê exp'rementa.
Cão que engole osso nalguma coisa se fia.
Gravata de boi é canga, jaleco de burro é cangáia.
Quem qué pescá de noite limpa o córgo de dia.

Anexo 4

Vocabulario Popular Mineiro[186] [= V]

Minas-Geraes — a gloriósa e legendaria terra da Inconfidencia, — tão conhecida e amada pelo carinho e familiaridade com que recebe os seus hospedes, é, creio eu, de todos os Estados brasileiros, o que possúe a linguagem popular mais eloquente, interessante e original.

Os vocabulos e locuções que registo linhas abaixo, usados pelos *capiaus* e *tapiocanos,* da zona norte mineira são um attestado flagrante da minha affirmativa.

Acochar fôgo. — Abreviar, dar urgencia.
Alambazado. — Individuo desasseiado.
Ancê. — Você, vocemecê.
Apitar na curva. — Olhar para traz.
Azuretado. — Idióta, malúco, nescio.
Bago. — Ebrio.
Bambear as curvas. — Tremêr.
Banzar. — Andar a esmo, sem destino.
Banzé de cuia. — Tumulto, briga.
Barrão. — Mulher quarentona que se não casou.
Batêr com o rabo na cêrca. — Morrêr.
Batêr com o nariz na porta. — Ser infeliz num negocio.
Bicúdo. — Ebrio, beberrão.
Búta. — Grande.
Caçambeiro. — Individuo aduladôr.
Capuába. — Valente, destemido.
Capiau. — Matúto, caipira, sertanêjo.
Capinar sentado. — Sahir o contrario do que se deseja.
Canastra. — Pé grande.
Cécio. — Elegante, bem vestido (sécio.)

---

[186] Transcrito de: SOUZA-PINTO, P. H. Vocabulario popular mineiro. *In*: ALMANAK Garnier. Rio de Janeiro: Garnier, 1912. p. 416-418.

Chêta. — Dinheiro.
Chasquento. — Pelintra.
Chodó. — Dengôso.
Chupadôr. — Ebrio.
Chorar as maguas. — Cantar.
Chifre furado. — Individuo ladino, esperto.
Coçar a canella. — Enciumar-se.
Corrubiana. — Garôa, neblina.
Corrumaça. — Grande quantidade, muitas cousas ou objectos.
Comêr terra. — Cahir de um animal.
Comêr da banda pôdre. — Estar em maus lençóes, em perigo.
Comer fôgo. — Zangar-se.
Córte. — Namôro.
Crêspo. — Difficil.
Curruscúba. — Audaz, valente, bravo.
Dar linha. — Corrêr com mêdo.
Dar o desespêro. — Zangar-se.
Dar terra para feijão. — Corrêr, fugir.
Dar os dôces. — Contrahir matrimonio.
Dansar na marrêta. — Levar pancadas.
Destampatorio. — Tróca de palavras, discussão forte.
Dúro na queda. — Individuo mau pagadôr.
Desunhar. — Fugir com mêdo.
Encasquetar. — Insistir.
Estar com a avó atráz do tôco. — Ficar abhorrecido, etc.
Encanar a perna. — Fazer bom negocio.
Espeloteado. — Malúco, doido.
Esparrame. — Tumulto, briga.
Enfiar os tócos. — Corrêr, fugir.
Esfaquear. — Tomar dinheiro por emprestimo.
Empregado do desvio. — Individuo sem officio ou profissão.
Entrar na fita. — Levar pancadas.
Entrar na dansa. — Mettêr-se em conflicto.
Entrar de queixo. — Ir a uma festa sem convite.
Falar á braza. — Atirar.

Ficar descochado. — Zangar-se.
Flagello. — Faca de cintúra.
Fogacho. — Coceira.
Furar a chapa. — Tomar a namorada de outrem.
Gangolino. — Individuo mau pagador.
Goderar. — Roubar, furtar.
Goderio. — Pedinte, parasita, filante.
Gemêr no pau da goiaba. — Estar em máos lençóes.
Homem da pá virada. — Individuo valentão.
Já começa. — Coceira.
Jogar a pipóca. — Atirar.
Lava cachôrro. — Aduladôr.
Lavrado. — Joia.
Levar a taboa. — Pedir moça em casamento e não ser satisfeito.
Levar a lata. — Fazêr fiasco, ser vaiado.
Limpa-pasto. — Individuo cazado com mulher feia.
Levar emplastro de terra. — Morrêr.
Malunga. — Aguardente.
Manguapa. — Animal de bôa andadúra.
Mandraca. — Feitiço.
Mobilia de róca. — Verdúras.
Mel. — Namôro.
Mettêr o galho. — Fugir com mêdo.
Medidôr de rua. — Individuo sem officio ou profissão.
Muxurundar. — Espancar, batêr em alguém.
Mandraqueiro. — Feiticeiro.
Mettêr o arco. — Desertar, fugir, corrêr.
Montar n'um gavião. — Ficar desapontado, sahir-se mal.
Nêgro sujo. — Individuo valentão.
Não dar para um caldo ralo. — Ser fraco n'uma briga, etc.
Ocê. — Você.
Ourúdo. — Rico, endinheirado.
Olhar na janellinha branca. — Tomar aguardente.
Olhar p'ra dentro. — Dormir.
Panáca. — Individuo bobo.

Passar a manta. — Illudir, enganar.

Patacoáda. — Mentira.

Poéta. — Individuo muito conversadôr, muito falante.

Prodigo na segurança. — Economico em excesso.

Pióca. — Sertanêjo, matuto, caipira.

Petréco. — Individuo sem officio e sem profissão que traja bem.

Perrengue. — Doente, fraco.

Peróba. — Abhorrecido, enfadonho.

Paturéba. — Pessôa forte.

Passar estreito. — Estar em máos lençóes.

Pau de fôgo. — Espingarda.

Pegar tatú.— Cahir, dar uma quéda.

Prancha. — Pé muito grande.

Plantar figueira. — Tombar, cahir.

Quebrar a fouce. — Não ser bem succedido em qualquer cousa.

Quebrar o pito. — Zangar-se.

Quipan. — Coceira.

Quitanda. — Dôces e biscoutos.

Roçar mundo. — Fugir, corrêr.

Rompante. — Enthusiasmo, orgulho, presumpção.

Subir á serra. — Zangar-se, ficar abhorrecido.

Sapéca. — Pessoa leviana.

Surunganga. — Valente, audaz.

Sarádo. — Gulôso, comilão.

Soreiro. — Cavallo de sella muito bom.

Sambango. — Individuo mofino, fraco.

Surúba. — Cousa muito bôa.

Sêbo. — Namôro.

Tapiocano. — Matúto, sertanêjo.

Ter cêra nas unhas. — Ser ladino, esperto.

Tocar o rasgado. — Fugir.

Topetúdo. — Individuo audaz, destemido, bravo.

Torrar pipócas. — Dizêr liberdades a alguem.

Trepar nos tamancos. — Zangar-se.

Treteiro. — Velháco.

Trapincóla. — Mau pagadôr.

Turumbamba. — Tumulto, briga.

Tomar carada. — Levar lôgro, soffrêr uma decepção, etc.

Táco. — Bravo, corajôso.

Trubufú. — Pessôa mal vestida.

Untar sêbo nas molas. — Desertar, fugir com mêdo, corrêr.

Virar bicho. — Desapparecêr na hora do perigo.

Zurêta. — Idióta, maluco.

Zuráco. — Usurario.

Há ahi, como observaram os leitôres, muitos têrmos usados intelligentemente, taes são: *dar os dôces, empregado do desvio, levar emplastro de terra, mel, olhar p'ra dentro, prodigo na segurança...*

É bem possivel que algums delles tenham passado a outros Estados, principalmente aos do Rio-de-Janeiro, Espirito-Santo, Bahia, S. Paulo, Goyaz e Matto-Grôsso, limitrophes ao vasto torrão mineiro; confésso porém que os ouvi pela primeira vêz na gléba de Tiradentes e de Theophilo Ottoni.

Com tão variado *lexicon* um curioso que disponha de tempo póde escrevêr uma carta *sui generis*, ao alcance de todos.

P. H. SOUZA-PINTO.

Índice de vocábulos, locuções e ditados dos anexos

O presente índice registra, em ordem alfabética, todos os vocábulos, as locuções e os ditados que foram tratados como objeto de estudo nos Anexos 1[187], 2, 3 e 4. Não se adotou o sistema de entradas com base no VOLP (diferentemente do que foi feito na seção de nível semântico-lexical da estudo da compilação de Senna), pois este índice tem função essencialmente documental: a forma da entrada é a que está registrada em cada um dos documentos dos anexos. As formas descritas como variantes na glosa feita pelos autores (geralmente grifadas com itálico) também foram incluídas, mas não as apresentadas apenas para definição da acepção (ainda que, para os falantes modernos, eventualmente consistam em formas já em desuso). Após cada forma, indicam-se em qual(is) texto(s) dos anexos se encontra por ordem cronológica (as siglas se encontram na lista de abreviaturas no início desta obra) e em qual página da presente obra. Nos casos em que se informou a fonte de registro da forma no *Diccionario Brasilico-Mineiro*, indicou-se sua datação entre colchetes: *Memorias do Districto Diamantino* (1868), *Innocencia* (1872), *A Carne* (1888), *Aquarellas* (1893), *Acayaca* (1894), *Producções da Caducidade* (1896), *Pelo Sertão* (1898)[188], *Costumes Sertanejos* (1906) e *José Miguel* (1911). Fez-se uso de entradas remissivas para otimizar a localização dos registros, sobretudo em se tratando de locuções. Trataram-se como ditados as expressões completas, geralmente compostas de sujeito e predicado. Este índice ficou composto de 2226 entradas de vocábulos e locuções (1508 não remissivas e 718 remissivas) e 35 entradas de ditados (todas não remissivas).

---

[187] No caso do Anexo 1-D, consideraram-se apenas os dados dos *Recortes* 1 a 8, que são os que se referem a Minas Gerais.

[188] Arinos (1898, p. I) informa que seus contos foram escritos entre 1888/1889 e 1895.

1. Vocábulos e locuções

a eito: D3 (1911), 261.
a poder de: D4 (1911 [1898]), 271.
abafar: D11 (1911), 302.
abaixar o facho: A (1906), 322.
abalativo: R3 (1899), 222.
abicar: D4 (1911 [1898]), 271.
abiscoitar: R6 (1899), 225; C2 (1902), 211; C3 (1906), 218.
abraço de tamanduá: D8 (1911 [1898]), 285; D9 (1911), 293.
abre, chaleira !: D11 (1911), 302.
abre, setenta !: D11 (1911), 302.
abrio o chambre → abrir o chambre.
abrir o chambre / abrio o chambre: R5 (1899), 224; C2 (1902), 211.
abrir o frak: A (1906), 322.
abrir o pala: A (1906), 322.
abrir o rasgado: D9 (1911), 287.
abriu o pé: D9 (1911), 287.
abusar as ordens: A (1906), 322.
acayaca: D1 (1911 [1894]), 242.
acceso → pito acceso.
aço: D11 (1911), 301.
acochar fogo ~ acochar fôgo: A (1906), 322; V (1912), 327.
adão: A (1906), 322.
adivertimento: R3 (1899), 222.
afobação: D13 (1911), 314.
afobar: D13 (1911), 314.
Affonseca: D6 (1911), 279.
afressurado: D11 (1911), 301.
afrigir: R5 (1899), 224; C2 (1902), 213; C3 (1906), 217.
afrito ~ afrìto: R5 (1899), 224; C3 (1906), 217.
agorinha: D2 (1911 [1872]), 251.
agua: C1 (1896), 208.
agua → caixa d'agua.
agua → couro nagua.
agua → dar com os burros nagua.
agua → estar na agua.
agua → ficar com agua no bico.
agua → pau d'agua.
agua preta: D9 (1911), 288.
agua suja: D9 (1911), 288.
agueiro: A (1906), 322.
ahi → não vou ahi.
áio: R8 (1904), 227.
airado: D1 (1911 [1872]), 243.
ajuste: D13 (1911), 314.
alambazado ~ alambazádo: R4 (1899), 222; C2 (1902), 212; R7 (1904), 226; C3 (1906), 216; V (1912), 327.
alguem → piscar na alma de alguem.
alguem → temperar alguem.
alisar balcão: D11 (1911), 304.
alma → entrar n'alma do cabra.
alma → lavar a alma.
alma → piscar na alma de alguem.
almas → estar como Deos quer as almas.
alto da synagóga: R7 (1904), 226.
aluádo: R7 (1904), 226.
amarração: D11 (1911), 302.

amarrar: D13 (1911), 315.
amarrar → pau de amarrar egua.
amarrar o dedo antes de cortar: A (1906), 322.
ameixas: D11 (1911), 302.
amigado: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; R8 (1904), 228; C3 (1906), 218.
amilhar: D4 (1911 [1898]), 270.
aminhã ~ aminhâ: R5 (1899), 224; C2 (1902), 213; R8 (1904), 227; C3 (1906), 217.
amiudar: D12 (1911 [1893]), 305.
amolar: D13 (1911), 315.
amolar → vai amolar o boi.
amoroso → cabello amoroso.
amuado: R3 (1899), 222.
anágua: D3 (1911 [1888]), 265, 266 e 267.
anarchia: D1 (1911 [1872]), 243.
anarchizar: D1 (1911 [1872]), 243.
ancê: R5 (1899), 224; C3 (1906), 217; V (1912), 327.
ânchо: R7 (1904), 226.
andar → casa de andar.
andar num pára não pára: D11 (1911), 302.
andejo: D11 (1911), 299.
ángas: D1 (1911 [1894]), 243.
angú → não vale o angú que come.
angú de caroço: D11 (1911), 302.
animal punga: D10 (1911), 297.
ansim: D13 (1911), 315.
Antonho: R4 (1899), 223; C2 (1902), 213; C3 (1906), 216.
aos pois: D13 (1911), 315.
apatacado: C1 (1896), 209.
apertado → passar apertado.
apitar na curva: A (1906), 322; V (1912), 327.
aprumar: D13 (1911), 315.
arágе → tomá arágе.
aragem → estar na aragem.
arame: D11 (1911), 302; D13 (1911), 315.
arame → pingou o arame.
arapuàdo: R3 (1899), 222.
arapuádo → nêgro arapuádo.
araraúna: D1 (1911 [1872]), 243.
arataca: D2 (1911 [1898]), 251.
arça: R8 (1904), 227.
arco → metter o arco.
arêa → tem arêa.
arêa-caçambas: D11 (1911), 302.
areado → estar areado.
areiar as caçambas: A (1906), 322.
aribú: C2 (1902), 213.
armado → circo armado.
armar o circo: D12 (1911), 308.
armas → bradar as armas.
arranchar: R6 (1899), 224; C2 (1902), 211; C3 (1906), 217; D2 (1911 [1898]), 251.
arrasta-pé: D11 (1911), 302.
arrastar bagaço: A (1906), 322.
arrastar mala: D11 (1911), 302.
arrastar-sácco: R7 (1904), 226.
arrastar surrão: A (1906), 322.
arrear o topéte: A (1906), 322.
arrebi: D7 (1911), 281.

arrelia ~ arrelía: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; R8 (1904), 228; C3 (1906), 218; D13 (1911), 315.
arreliar: D13 (1911), 315.
arribada de gado: D4 (1911 [1898]), 271.
arrocho: D8 (1911), 287.
arrotar prosa: D11 (1911), 302.
arroz doce ~ arroz-doce: D11 (1911), 302; D12 (1911 [1893]), 305; D13 (1911), 315.
arrumação: D13 (1911), 315.
arrumar: D13 (1911), 315.
arteiro: D9 (1911), 287.
assentar praça: A (1906), 322.
assobia → vêr a cotia como assobia.
assobio → levar assobio.
assumptar: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; R8 (1904), 228; C3 (1906), 218; D1 (1911 [1872]), 243; D13 (1911), 316.
assumpto → dar assumpto.
astrevêr → s'astrevêr.
asturdido: D13 (1911), 316.
até o Chico vir de baixo: D11 (1911), 304.
atiçar: D4 (1911 [1898]), 271.
atilho: D1 (1911 [1872]), 243.
atimo: D1 (1911 [1911]), 243.
atimo → num atimo.
atourassap: D1 (1911 [1894]), 244.
atucanado: D4 (1911 [1898]), 271.
atucanar: D13 (1911), 316.
avança: D11 (1911), 301.
avexado: D4 (1911 [1898]), 271.
avó → estar com a avó atráz do tôco.
azombado: D9 (1911), 287.
azougado: D13 (1911), 316.
azougue: C2 (1902), 211.
azougue → o sujeito está no azougue.
azuretado: A (1906), 322; V (1912), 327.
babatar: D4 (1911 [1898]), 271.
baderna: D13 (1911), 317.
baderneiro: D13 (1911), 317.
bagaço → arrastar bagaço.
bagarótes: C2 (1902), 210.
bago ~ bágo/bagos: C1 (1896), 209; R3 (1899), 221; C2 (1902), 210; R8 (1904), 228; C3 (1906), 216; V (1912), 327.
bagres → espia bagres.
bahianço: C1 (1896), 208.
baile → dançar baile.
baile syphilitico: A (1906), 322.
baixo → até o Chico vir de baixo.
baixo → botar a baixo.
balandráu: C1 (1896), 208.
balcão → alisar balcão.
bambear as curvas: A (1906), 322; V (1912), 327.
bamos: D9 (1911), 288.
bananeira → papel bananeira.
banda → cabra sem banda.
banda → comer da banda pôdre.
banda → passar da banda ruim.
bandeira: D1 (1911 [1868, 1911]), 244.
banzar: R6 (1899), 225; C2 (1902), 211; R8 (1904), 228; C3 (1906),

218; D4 (1911 [1898]), 272; V (1912), 327.
banzé de cuia ~ banzé de cúia ~ banzé de cùia ~ banzê de cuia ~ banzé-de-cuia: C1 (1896), 208; R4 (1899), 222; C2 (1902), 211; R7 (1904), 225; C3 (1906), 216; V (1912), 327.
bão → tá bão.
baptisado: D9 (1911), 288.
báráfùnda: R3 (1899), 222.
baralho → carta fóra do baralho.
barco → tocar o barco.
barganha: D13 (1911), 316.
barganhar: D13 (1911), 316.
bargueça: D13 (1911), 317.
barombeiro: D9 (1911), 288.
barrão: D2 (1911 [1898]), 251; V (1912), 327.
barriga → rato de barriga branca.
barriga → sair de barriga.
barro → comer barro.
barro → jogar barro.
barúio ~ barûio: R5 (1899), 224; C2 (1902), 213; C3 (1906), 217.
basto: D12 (1911 [1893]), 305.
batatas → ir ver de que lado brótam as batatas.
bate estacas: D9 (1911), 288.
bate saias: D9 (1911), 288.
batêa: C1 (1896), 208.
bate-bôca ~ bate bocca: R7 (1904), 226; D9 (1911), 288.
bate-enxuga: D9 (1911), 288.
batendo → estar batendo matraca.
bate-páu ~ bate-páo: R8 (1904), 228; A (1906), 322.
bater: D9 (1911), 288.
bater a bota: A (1906), 322; D11 (1911), 303.
bater a brasa: D9 (1911), 288.
bater a pacuêra ~ bater a pacuéra: A (1906), 322; D9 (1911), 288.
bater a pita: A (1906), 322.
bater castello: D3 (1911), 266.
bater com o nariz na porta ~ batêr com o nariz na porta: A (1906), 322; V (1912), 327.
bater com o rabo na cerca ~ batêr com o rabo na cêrca: A (1906), 322; V (1912), 327.
bater feijão: D9 (1911), 288.
bater fogo: D4 (1911 [1898]), 271.
bater mato: D4 (1911 [1898]), 271.
bater namoro: D9 (1911), 288.
bater no couro p'ro burro entender: A (1906), 322.
bater o mato: D9 (1911), 288.
bater vinte e um: D9 (1911), 288.
batuque: D12 (1911 [1893]), 305; D13 (1911), 317.
bebada → estar na bebada.
bebido → bebido.
beicinhos: C1 (1896), 209.
beiço → fazer beiço para alguma cousa.
beijar a menina: D9 (1911), 288.
beijoca: C1 (1896), 208.
berrar a pimenta: A (1906), 322.
berro → pessoal do primeiro berro.

bespeira: D13 (1911), 317.
bespeiro: D13 (1911), 314.
bicausa: R8 (1904), 228.
bichar: D1 (1911 [1872]), 244.
bichas: C1 (1896), 208.
bicho → furar o bicho.
bicho → matabicho.
bicho → matar o bicho.
bicho → virar bicho.
bicho do mato: D4 (1911 [1898]), 272.
bico → ficar com agua no bico.
bicóta: C1 (1896), 208.
bicudo ~ bicúdo: C1 (1896), 208; R6 (1899), 224; C2 (1902), 212; C3 (1906), 217; D9 (1911), 288; V (1912), 327.
bifar: R4 (1899), 223; R6 (1899), 225; C2 (1902), 211; C3 (1906), 216 e 218.
bilosca: D9 (1911), 288.
biltre → óh! biltre!.
binga: C1 (1896), 208; D4 (1911 [1898]), 271.
biombo: A (1906), 322.
bis a bis: D12 (1911 [1893]), 305.
bispar: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; R8 (1904), 228; C3 (1906), 218.
bobo → mané bobo.
bôca → bate-bôca.
bôca → fazer bôca.
boca → fiar na boca do povo.
bochêchas: C1 (1896), 209.
bocó: D10 (1911), 295.
bodel: D13 (1911), 317.
boi → vai amolar o boi.
boia: C1 (1896), 208.
boitatá: D1 (1911 [1872]), 244.
bolacha: C1 (1896), 208.
bolas → ora bolas !
bom na nota: D9 (1911), 288.
bom no páu: D9 (1911), 288.
bom num tudo: D9 (1911), 288.
boquinha: C1 (1896), 208; D2 (1911 [1898]), 251.
borboleta: C1 (1896), 209.
bornal: D13 (1911), 317.
borracho: C1 (1896), 208.
bota → bater a bota.
botar a baixo: A (1906), 322.
botar fumaça: A (1906), 322.
botas → guarará de botas.
bote → jogar o bote.
botica: A (1906), 322.
botins: C1 (1896), 208.
bracayá: D1 (1911 [1872]), 244.
bradar as armas: A (1906), 322.
branca: C1 (1896), 209; D12 (1911 [1906]), 308.
branca → rato de barriga branca.
branca → estar na branca.
branca → olhar na janellinha branca.
branquinha: D9 (1911), 288.
brasa → bater a brasa.
brasa → comer brasa.
brasa → falar a brasa.
brasa → ferir a brasa.
braza → no calôr da braza.
brava → herva brava.

bréca → levádo da bréca.
brèque ~ bréque: A (1906), 322; D13 (1911), 317.
briga → comprar briga.
briga → puxar briga.
brinquedo ~ brinquêdo: R3 (1899), 222; D9 (1911), 288.
briquitar: D4 (1911 [1898]), 271.
brisa → ir na brisa.
brocotós: C2 (1902), 211.
brótam → ir ver de que lado brótam as batatas.
bruaca: D13 (1911), 317.
bucanar: D1 (1911 [1894]), 244.
bucha ~ búcha: R3 (1899), 222; D13 (1911), 314 e 317.
búcha → levar búcha.
bufa → tirar a bufa.
bulha → comprar bulha.
bumbú: C1 (1896), 209.
bundúdo: R8 (1904), 228.
burro → bater no couro p'ro burro entender.
burros → dar com os burros nagua.
búta: C1 (1896), 209; V (1912), 327.
buta → comer buta.
cabacinhas: C1 (1896), 208.
cabeça → da cabeça.
cabeça de cuia: D9 (1911), 289.
cabeça inchada: D9 (1911), 288.
cabello amoroso: A (1906), 322.
cabes: C1 (1896), 209.
cabôclo catingueiro: R7 (1904), 226.
cabórge → quebrar o cabórge.
cabra ~ cábra: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; C3 (1906), 218; D4 (1911 [1898]), 273; D13 (1911), 318.
cabra → entrar n'alma do cabra.
cabra → grudar o cabra.
cabra → queimar um cabra.
cabra curado: A (1906), 323; D9 (1911 [1905]), 288
cabra distorcido ~ cabra distorcído: R7 (1904), 225 e 227; D13 (1911), 318.
cabra estourado: A (1906), 323.
cabra instruido: D10 (1911), 294.
cabra pegador: D11 (1911), 303.
cabra sarado: A (1906), 323; D13 (1911), 318.
cabra sem banda: A (1906), 323.
cabra sem estimação: A (1906), 323.
cabra viajado: D9 (1911), 288.
cabresto → descer o cabresto.
caçambar: D13 (1911), 318.
caçambeiro: D13 (1911), 318.
caçambas → arêa-caçambas.
caçambas → areiar as caçambas.
caçambeiro: V (1912), 327.
caçar: D4 (1911 [1898]), 272.
cacete ~ cacête: D11 (1911), 302; D13 (1911), 318.
cacêtear: D13 (1911), 318.
cachaça: C1 (1896), 209.
cachação: C1 (1896), 209.
cachérẽnguêngo: R7 (1904), 226.
cachorro → feito um cachorro velho.
cachôrro → lava cachôrro.

cachorro → sapo-cachorro.
cachorro → tira o cachorro do mato.
cacique: D1 (1911 [1894]), 244.
cacùnda: R8 (1904), 227.
cacundeiro ~ cacundêiro: R7 (1904), 226; D12 (1911 [1906]), 309.
cafagéste: R4 (1899), 222.
cáio → não cáio desse cavallo magro.
caipira: D13 (1911), 319.
caipora ~ caipóra: D1 (1911 [1872]), 245; D13 (1911), 319.
caixa d'agua: D9 (1911), 288.
caldo → não dar para um caldo ralo.
calôr → no calôr da braza.
camarada: D13 (1911), 318.
cambuquira: D11 (1911), 302.
campar / campou: R5 (1899), 224; C2 (1902), 211; R8 (1904), 228; C3 (1906), 217.
campar no pé: D9 (1911), 289.
campeação: D4 (1911 [1898]), 273.
campou → campar.
camuéca: C1 (1896), 208; C2 (1902), 211.
camuéca → o sujeito está na camuéca.
canáia: R5 (1899), 224; C2 (1902), 213; R8 (1904), 227; C3 (1906), 217.
canastra: A (1906), 323; V (1912), 327.
canastro → quebrar o canastro.
candieiro ~ candiêiro: C1 (1896), 209; R8 (1904), 228; D12 (1911 [1906]), 308.
candonga / candongas: R7 (1904), 226; D11 (1911), 303; D13 (1911), 318.
candongar: D13 (1911), 318.
candongueira: R3 (1899), 222.
candongueiro ~ candonguêiro: R8 (1904), 228; D11 (1911), 303; D13 (1911), 318.
canela → esticar a canela.
canella → coçar a canella.
cangalha: D8 (1911), 287.
cangêrê: D13 (1911), 318.
cangêrê de cuia: D13 (1911), 318.
cangica: D1 (1911 [1868]), 245.
cangote → estar com uma pintada no cangote.
cangueiro: D1 (1911 [1872]), 245; D13 (1911), 320.
canhambola: D9 (1911), 289.
canhar: D1 (1911 [1872]), 245.
canhôto → quebrar canhôto.
canjica → pega fogo na canjica !
canna: C2 (1902), 211.
canna → o sujeito está na canna.
canninha: C1 (1896), 209; C2 (1902), 211.
canôa: C1 (1896), 209.
cantar de galinha: D9 (1911), 290.
cantar de gallo: D9 (1911), 290.
cantar o relho: D9 (1911), 289.
cantiga → tirar cantiga.
cantigas → não venhas com essas cantigas.
cantigas → tirar as cantigas.
capadaria: D8 (1911 [1898]), 286.

capanga: R7 (1904), 226; D2 (1911 [1898]), 251; D13 (1911), 313.
capanga → meu capanga.
capanga → minha capanga.
capanguinha: D9 (1911), 289.
capeta ~ capêta: D4 (1911 [1898]), 273; D13 (1911), 319.
capiangar: D9 (1911), 289.
capiau: V (1912), 327.
capinar: D13 (1911), 319.
capinar a vida: D9 (1911), 289.
capinar sentado: V (1912), 327; D13 (1911), 319.
capitão do matto: D1 (1911 [1868]), 245.
capituva → socar-se na capituva.
capixaba: D13 (1911), 319.
capoão: D4 (1911 [1898]), 273.
capote de pobre: D9 (1911), 289.
capuába: V (1912), 327.
capucho: D2 (1911 [1898]), 252.
cara → metter a cara.
cara → metter cara.
carada → tomar carada.
carão: D9 (1911), 290.
carapina: C1 (1896), 208.
cárça: R8 (1904), 227.
carcamano: C1 (1896), 209.
carepa → levado da carepa.
carèpas → homem levado das carèpas.
cargueiro: D4 (1911 [1898]), 272.
carimbamba: A (1906), 323.
caroço → angú de caroço.
carpins: C1 (1896), 209; R3 (1899), 222.
carrapicho: A (1906), 322.
carrasco ~ carrásco: D4 (1911 [1898]), 272; R5 (1899), 223.
carregada → garrucha carregada.
carregar mala: A (1906), 322; D9 (1911), 289.
Carrinho: C2 (1902), 213.
Cárros: R4 (1899), 223; C2 (1902), 213.
carta fóra do baralho: D11 (1911), 302.
cartia ~ cartía ~ cartîa: R5 (1899), 224; C2 (1902), 213; R8 (1904), 228; C3 (1906), 217.
carumbé: C1 (1896), 209.
carvo: C2 (1902), 213.
casa → levar desaforos para casa.
casa de andar: D1 (1911 [1872]), 245.
casáca → vira-casáca.
casaco: C1 (1896), 209.
casacudo: C1 (1896), 209.
casar: D3 (1911), 262.
casca → estar na casca.
casmurro: C1 (1896), 209.
caso → descaroçar o caso.
castanhaque: A (1906), 323.
castello: D3 (1911), 266.
castello → bater castello.
catear: D1 (1911 [1868]), 245.
catêretê ~ catêrêtê: C1 (1896), 209; D12 (1911 [1893]), 305; D13 (1911), 319.
catinga: R7 (1904), 226.
catinga → tirar a catinga.

catingueiro → cabôclo catingueiro.
catira ~ catyra: D12 (1911 [1893]), 305; D13 (1911), 319.
cava → para que é que tatú cava.
cavação: D9 (1911), 289.
cavallo → não cáio desse cavallo magro.
cavar a vida: D9 (1911), 289.
cavoucar a vida: D9 (1911), 289.
caxambú: D12 (1911), 306; D13 (1911), 319.
caxelengue: D4 (1911), 273.
caxelenguengue: D4 (1911), 273.
caxerengue: D4 (1911), 273.
caxerenguengue: D4 (1911 [1898]), 273.
caxerenguengo → cachérẽnguêngo.
caxinguêlê: D4 (1911), 273.
cayanna: C1 (1896), 209.
cécio: R6 (1899), 224; C2 (1902), 212; R7 (1904), 226; C3 (1906), 217; V (1912), 327.
cedinho → manhã de manhã cedinho.
centro: A (1906), 323.
céra → fazer céra.
cera → ter cera nas unhas.
cerca → bater com o rabo na cerca.
cerca → dar com o rabo na cerca.
céva: C1 (1896), 208.
chaleira → abre, chaleira !.
chamar nas taboletas: A (1906), 322.
chamarrita: D12 (1911 [1893]), 305.
chambre → abrir o chambre.
chancra: D4 (1911 [1898]), 272.
chão → estar vendo o chão entrar na terra.
chão → não passou do chão.
chão → plantar no chão.
chapa → furar a chapa.
chapéu de couro: D8 (1911 [1898]), 286.
charola: C1 (1896), 209.
chasquento: V (1912), 328.
chega não chega: D6 (1911 [1898]), 278.
chegador: D9 (1911), 290.
chegar → não chegar para uma masca.
cheio: C1 (1896), 208.
cheireta: D9 (1911), 288.
cheiro → vidrinho de cheiro.
chelpa ~ chêlpa: C1 (1896), 209; R3 (1899), 221; C2 (1902), 210; C3 (1906), 216; D11 (1911), 303.
chêta: C1 (1896), 209; R3 (1899), 221; C2 (1902), 210; C3 (1906), 216; D11 (1911), 303; V (1912), 328.
chicha: D2 (1911 [1894]), 252.
chichellos: C1 (1896), 208.
Chico → até o Chico vir de baixo.
chicórea → 'stô fresco qui nem chicórea.
chicória → fresco-como-chicória.
chifre → furar o chifre.
chifre furado: D9 (1911), 292; V (1912), 328.
chimango: D4 (1911 [1898]), 273.

china → ver o china.
chiqueiro: C1 (1896), 208.
chôcho → tiro chôcho.
chodó: V (1912), 328.
chorar as magoas ~ chorar as maguas: A (1906), 323; V (1912), 328.
chorar o pinho: D9 (1911), 289.
chorar: D12 (1911 [1893]), 305.
chôro: D10 (1911), 298.
chucro: D4 (1911 [1898]), 273.
chué: A (1906), 323.
chumbado: C1 (1896), 208.
chumbado → estar chumbado.
chupadôr: V (1912), 328.
chupista: R8 (1904), 228.
chuva: C1 (1896), 208; A (1906), 322.
chuva → estar na chuva.
cidade → ir para a cidade dos pés juntos.
cidade dos pés juntos: D9 (1911), 288.
cínico → cynico.
cínico → logar cynico.
cinismo → cynismo.
cinza → sai-cinza.
cinzar: D4 (1911 [1898]), 272.
cipó → foi tirar cipó.
circo armado: D12 (1911 [1906]), 308.
circumstancia: D2 (1911 [1872]), 252.
cisco: C1 (1896), 209; C2 (1902), 210.
cobra → comer cobra.
cobra → ruim como cobra.
cobre: C1 (1896), 209; D1 (1911 [1872]), 246.
cobre → pingar o cobre.
cobrudo: R3 (1899), 221; C2 (1902), 210; C3 (1906), 216.
coçar a canella: V (1912), 328.
côcar: D9 (1911), 289.
côco: D1 (1911 [1872]), 246.
côco → quebrar o côco.
codório: R4 (1899), 222.
coisa feita: D12 (1911 [1906]), 308.
coléjo: R8 (1904), 228.
collete → é de collete.
colunga: D13 (1911), 314.
com pouca duvida: D5 (1911 [1898]), 274.
come → não vale o angú que come.
começa → já começa.
começão: C1 (1896), 209.
comer → vá comer formigas.
comer barro: A (1906), 323.
comer brasa: D9 (1911), 290.
comer buta: A (1906), 323.
comer cobra: A (1906), 323.
comer da banda pôdre ~ comêr da banda pôdre: A (1906), 323; D9 (1911), 289; V (1912), 328.
comer do ruim: D9 (1911), 289.
comer fogo ~ comer fôgo: A (1906), 323; D9 (1911), 290; V (1912), 328.
comer gambá errado: D9 (1911), 289.

comer rato: A (1906), 323.
comer terra ~ comêr terra: A (1906), 323; D4 (1911 [1898]), 273; V (1912), 328.
cometa: D4 (1911), 270; D12 (1911 [1893]), 305.
comigo é nove: D9 (1911), 289.
commercio: D12 (1911 [1906]), 309.
comprar briga: D11 (1911), 304.
comprar bulha: A (1906), 323.
congado: D13 (1911), 318.
congonha: D8 (1911 [1898]), 286.
contar mironga: D6 (1911 [1898]), 278.
contar potócas: C2 (1902), 211.
contia: D3 (1911), 261.
copista: D9 (1911), 289.
copos → enxuga copos.
copos → vira-copos.
corajudo: D9 (1911), 290.
cordão: C1 (1896), 209.
corenta ~ córẽnta: R8 (1904), 228; D11 (1911), 302.
coresma: D3 (1911), 261.
corgo ~ córgo: D1 (1911), 246; D13 (1911), 320.
corguinho: D1 (1911 [1872]), 246.
corobóca: D9 (1911), 289.
coróca: A (1906), 323.
corpo → jogar o corpo.
corpo → tirar o corpo.
correão: D4 (1911 [1898]), 272.
corrente: C1 (1896), 209.
correr melado: D10 (1911), 296.
corrigir: A (1906), 323.
corrimaça ~ corrumaça: R7 (1904), 225; A (1906), 323; V (1912), 328.
corrubiana ~ corrubiâna ~ corrúbiãna: R4 (1899), 222; C2 (1902), 211; R7 (1904), 225; C3 (1906), 216; V (1912), 328.
corrumaça: → *corrimaça*.
cortado: C1 (1896), 209.
cortador: C1 (1896), 208.
cortar → amarrar o dedo antes de cortar.
cortar agua: D9 (1911), 289.
côrte → moço da côrte.
córte: A (1906), 323; V (1912), 328.
corumbamba: D9 (1911), 289.
coscorrão: C1 (1896), 209.
cotia → vêr a cotia como assobia.
cotréa ~ cotreia ~ cotréia: C1 (1896), 208 e 209; C2 (1902), 211; R8 (1904), 228.
cotréa → o sujeito está na cotréa.
courama: D13 (1911), 319.
couro → bater no couro p'ro burro entender.
couro → chapéu de couro.
couro nagua: D4 (1911 [1898]), 272.
cousa → fazer beiço para alguma cousa.
cravanista: R7 (1904), 225.
crespo ~ crêspo: C2 (1902), 210; V (1912), 328.
crespo → o negocio está crespo.

cru → estar crú.
cru → estar crú na historia.
cuca: D9 (1911), 289.
cuera ~ quéra ~ quéra: D12 (1911 [1893]), 307; D13 (1911), 320.
cufar: A (1906), 323.
cuia: A (1906), 323; D13 (1911), 320.
cuia → banzé de cuia.
cuia → cabeça de cuia.
cuia → cangêrê de cuia.
cuia → rapa-cuia.
cúia → tomar na cúia.
cuié: R4 (1899), 223; R5 (1899), 224; C2 (1902), 212; R8 (1904), 228; C3 (1906), 216 e 217.
cuiér: R5 (1899), 224; R8 (1904), 228; C3 (1906), 217.
cuité: D4 (1911 [1898]), 272.
cujo: D1 (1911 [1872]), 246.
cumbuca: D13 (1911), 320.
cuqueiro: D9 (1911), 289.
curado → cabra curado.
curruscuba ~ curruscúba: D13 (1911), 320; V (1912), 328.
curruteba: D9 (1911), 290.
curumi: D13 (1911), 320.
curutuba: D9 (1911), 290.
curva → apitar na curva.
curvas → bambear as curvas.
cuspir fóra: A (1906), 323.
cynico: D13 (1911), 320.
cynico → logar cynico.
cynismo: C1 (1896), 209.
çuçuarana: D1 (1911 [1872]), 246.
da cabeça: D12 (1911 [1906]), 309.
dá um tiro nisso: D11 (1911), 304.
damnar do juízo: D9 (1911), 290.
damnar os pregos: D9 (1911), 290.
damnisco: D9 (1911), 290.
dança → entrar na dança.
dançar baile: D9 (1911), 290.
dançar de urso: D9 (1911), 290.
dançar na marreta ~ dansar na marrêta: A (1906), 323; V (1912), 328.
daqui → vôa daqui.
dar → não dar para sahir.
dar → não dar para um caldo ralo.
dar a festa pelo diabo: D9 (1911), 290.
dar assumpto: A (1906), 323.
dar com o rabo na cerca: D11 (1911), 302.
dar com os burros nagua: D11 (1911), 302.
dar de rédea: D11 (1911), 304.
dar entrada: D12 (1911 [1893]), 305.
dar linha: V (1912), 328.
dar o cavaco: D9 (1911), 290.
dar o desespero ~ dar o desespêro: D9 (1911), 290; V (1912), 328.
dar o fóra: D9 (1911), 290.
dar os doces ~ dar os dôces: A (1906), 322; V (1912), 328 e 331.
dar terra para feijão ~ dar terra p'ra feijão: A (1906), 322; V (1912), 328.

dar volta á moléstia: D11 (1911), 304.
data: D1 (1911 [1868, 1872]), 246.
debicar: C2 (1902), 212.
dedo → amarrar o dedo antes de cortar.
delle → jantar antes delle me jantar.
dentro → olhar para dentro.
Deos → estar como Deos quer as almas.
derradeiro → por derradeiro.
desabotinado: D4 (1911 [1898]), 270; D5 (1911 [1898]), 274.
desabusado: D9 (1911), 290.
desaforos → levar desaforos para casa.
desapear: D2 (1911 [1872]), 252.
desbarrigado: D5 (1911 [1898]), 274.
descaroçar o caso: D9 (1911), 290.
descascar a madeira: D9 (1911), 290.
descer o cabresto: A (1906), 322.
descoberto: D1 (1911 [1868]), 247.
descochado: D5 (1911 [1898]), 274.
descochado → ficar descochado.
descóche → ficar num descóche.
descontar → ter letras a descontar.
desempata: A (1906), 323.
desentalador de leitões: D12 (1911 [1893]), 307.
desespero → dar o desespero.
desmanchar a differença: D9 (1911), 290.
desmanchar a joça: D9 (1911), 290.
desmanchar o tempo: D9 (1911), 290.
despedida: D12 (1911 [1893]), 305.
despois ~ dispois ~ dispôis ~ dispõis: R5 (1899), 224; C2 (1902), 213; R8 (1904), 227; C3 (1906), 217; D3 (1911), 262.
despotismo: D1 (1911 [1872]), p. 247.
destabocado: D9 (1911), 290.
destabocar ~ destabócar: R4 (1899), 223; C2 (1902), 211; C3 (1906), 216.
destampatório ~ destampatorio: R4 (1899), 222; C2 (1902), 211; R7 (1904), 226; C3 (1906), 216; V (1912), 328.
destravancado: D9 (1911), 290.
desunhar: A (1906), 322; V (1912), 328.
desvio → empregado do desvio.
desvio → não tem desvio nem volta.
deu ás de Villa ~ deu as de Villa: R5 (1899), 224; C3 (1906), 217.
devéras → é devéras.
devéras → homem devéras.
dez e um: D9 (1911), 290.
dezaseis: D3 (1911), 262.
dezasete: D3 (1911), 262.
dia de domingo: D11 (1911), 304.
differença → desmanchar a differença.
dinheirama: D13 (1911), 319.
disga → estar na disga.
disga → na disga.

disgra: C1 (1896), 209.
disparate de gente: D11 (1911), 303.
dispois ~ dispôis ~ dispõis → despois.
dispôis → ôsdispôis.
distorcido → cabra distorcido.
disturbio de gente: D11 (1911), 303.
dobrar a lenha: D9 (1911), 290.
doce: D2 (1911 [1872]), 252; D11 (1911), 304; D13 (2161), 314.
doce → arroz doce.
doces → dar os doces.
domingo → dia de domingo.
dôr → sentir a ultima dôr.
dormido → ter dormido na estaca.
dormir para sempre: A (1906), 322.
doutor → empregado do doutor vago.
doutor: A (1906), 323.
durazio: R7 (1904), 225.
duro de roer ~ duro de roêr: R3 (1899), 221; C2 (1902), 210; C3 (1906), 216.
dúro na queda: V (1912), 328.
duvida → com pouca duvida.
duzentão → um duzentão.
é de collete: D9 (1911), 291.
é de topete: D9 (1911), 291.
é maludo: D9 (1911), 291.
é devéras: D9 (1911), 292.
ebyenitybas: D1 (1911 [1894]), 247.
écar: D5 (1911 [1898]), 275.
egua → pau de amarrar egua.
eia nem peia: D5 (1911 [1898]), 274.
eito → a eito.
eito → tocar o eito.
em penca: D11 (1911), 302.
embarruada: D5 (1911 [1898]), 275.
embatucar: D1 (1911 [1872]), 247.
embezerrado: R3 (1899), 222.
embíra → estar na embíra.
embira → gemer na embira.
emboabas: D1 (1911 [1872]), 247.
embornal: D13 (1911), 317.
embromação: D1 (1911 [1872]), 247.
embromeiro: D9 (1911), 291.
embrulhar: D10 (1911), 295.
empasmado: D9 (1911), 291.
empasmar: D9 (1911), 291.
emplastro → levar emplastro de terra.
empregado do desvio: A (1906), 323; V (1912) , 328 e 331.
empregado do doutor vago: D9 (1911), 291.
emprestar: D1 (1911 [1872]), 247.
encanar a perna: V (1912), 328.
encasquetar: V (1912), 328.
enchente: C1 (1896), 208.
encurtar os lôros: A (1906), 322.
enfarar: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; C3 (1906), 218.
enfarruscádo: R3 (1899), 222.
enfernizado: D1 (1911 [1872]), 247.
enfiado: D9 (1911), 291.
enfiar o pé na estrada: D9 (1911), 290.

enfiar o pito: D9 (1911), 291.
enfiar os tôcos ~ enfiar os tócos: A (1906), 322; V (1912), 328.
enforcar: A (1906), 322.
engambellar: D5 (1911 [1898]), 275.
engraxar as unhas: A (1906), 323.
enjoada → moça enjoada.
enredo → fazer enredo.
entender → bater no couro p'ro burro entender.
enterter: D3 (1911), 264.
entica ~ intica: D9 (1911), 291.
enticar → inticar.
entiotada: R3 (1899), 222.
entojar: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; R8 (1904), 228; C3 (1906), 218.
entôjo: R8 (1904), 227.
entonce: D12 (1911 [1893]), 306.
entonces ~ intonces: C2 (1902), 213; R8 (1904), 227; D3 (1911), 263.
entornar: D9 (1911), 291.
entrada → dar entrada.
entrar → estar vendo o chão entrar na terra.
entrar de queixo: A (1906), 323; V (1912), 328.
entrar n'alma do cabra: D9 (1911), 292.
entrar na dança ~ entrar na dansa: A (1906), 323; V (1912), 328.
entrar na fita: A (1906), 323; V (1912), 328.
entrar na lasca: A (1906), 323.
entrar na massaranduba: A (1906), 323.
entrar na roda: D9 (1911), 291.
entrar na tranca: A (1906), 323.
entrar na vida do mano: D9 (1911), 291.
entrar no fiapo: A (1906), 323.
entrar subtil: D8 (1911 [1898]), 283.
entropigaitado: D9 (1911), 291.
enviado: D11 (1911), 304.
enxuga → bate-enxuga.
enxuga copos: D9 (1911), 289.
enxurrio: C1 (1896), 209.
enzombeiro: D9 (1911), 291.
éra da fumaça: D6 (1911 [1898]), 276.
era manhã de manhã cedinho: D9 (1911), 291.
era lua-luar: D9 (1911), 291.
era tarde-tardinha: D9 (1911), 291.
errado → comer gambá errado.
és não és: D5 (1911 [1898]), 275.
escola → ir á escola.
escornado: D5 (1911 [1898]), 275.
escovado: D9 (1911), 291.
escovado → moleque escovado.
escura → volta escura.
escurão: D1 (1911 [1872]), 248.
escurraçado: D1 (1911 [1872]), 248.
esfaquear: A (1906), 323; V (1912), 328.
espalhar o pé: D9 (1911), 291.

esparrame ~ esparrâme ~ espárrame: R4 (1899), 222; C2 (1902), 211; R7 (1904), 225; C3 (1906), 216; V (1912), 328.
espeloteado: V (1912), 328.
espera: D12 (1911 [1906]), 309.
espia bagres: D9 (1911), 291.
espicúla: A (1906), 324.
espinho: D9 (1911), 290.
espinoteado: A (1906), 322.
espirito: C1 (1896), 209.
esporuda → moça esporuda.
esquentar: D5 (1911 [1898]), 275.
esquinas → quebra-esquinas.
está na hora: D11 (1911), 304.
estaca → estar na estaca.
estaca → ter dormido na estaca.
estacas → bate estacas.
estalar as pipocas: D9 (1911), 291; D11 (1911), 302.
estar a nenhum: D9 (1911), 291.
estar a ninguem: A (1906), 324.
estar areado: A (1906), 324.
estar batendo matraca: A (1906), 324.
estar bebido: A (1906), 324.
estar chumbado: A (1906), 324.
estar com a avó atráz do tôco: V (1912), 328.
estar com lomba: A (1906), 324.
estar com o rato no paiol: A (1906), 324.
estar com uma pintada no cangote: A (1906), 324.
estar como Deos quer as almas: A (1906), 324.
estar como um gambá: A (1906), 324.
estar crú: C2 (1902), 211.
estar crú na historia: R5 (1899), 223; C3 (1906), 217.
estar frito: A (1906), 324.
estar na agua: D9 (1911), 291.
estar na aragem: A (1906), 324.
estar na bebada: A (1906), 324.
estar na branca: A (1906), 324.
estar na casca: A (1906), 324.
estar na chuva: D9 (1911), 291; D11 (1911), 301.
estar na disga: D10 (1911), 296.
estar na embíra: R7 (1904), 226.
estar na estaca: D9 (1911), 291.
estar na gata: A (1906), 324; D9 (1911), 293.
estar na graixa: D9 (1911), 293.
estar na môna: A (1906), 324.
estar na pedra: D9 (1911), 291.
estar na perua: A (1906), 324.
estar na pinda: A (1906), 324.
estar na pinga: A (1906), 324.
estar na pua: A (1906), 324.
estar na tiborna: A (1906), 324.
estar na tirinêta: A (1906), 324.
estar na turca: A (1906), 324.
estar nella: A (1906), 324.
estar no ganço: D9 (1911), 293.
estar no mel: D9 (1911), 291.
estar no páo: A (1906), 324.
estar no piléque: A (1906), 324.
estar no sabão: A (1906), 324.
estar num nada: D9 (1911), 291.

estar pegando frango: A (1906), 324.
estar pegando opa: A (1906), 324.
estar pingando: A (1906), 324.
estar pingusso: A (1906), 324.
estar tinindo: A (1906), 324.
estar torado: A (1906), 324.
estar vendo o chão entrar na terra: A (1906), 324.
esticar a canela ~ esticar a canella: A (1906), 322; D11 (1911), 303.
estimação → cabra sem estimação.
estivada: D5 (1911 [1898]), 275.
estôrado: R7 (1904), 225.
estourado → cabra estourado.
estrada → enfiar o pé na estrada.
estrada → rompe-estrada.
estradeiro: D9 (1911), 291.
estrambótica: R8 (1904), 227.
estranja: D1 (1911 [1872]), 248.
estreito → passar estreito.
estribo → negar estribo.
estribo → pegar no estribo.
esturdêza: R8 (1904), 228.
esturdio: D2 (1911 [1898]), 252; D13 (1911), 314.
êta !: D5 (1911 [1898]), 275.
eta, mundo !: D8 (1911 [1898]), 286.
eu → pode que eu seja.
executar: A (1906), 323.
exemplar: A (1906), 323.
extranho → não venhas que te extranho.
facho → abaixar o facho.
faiscar: D1 (1911 [1868]), 248.
fála: R7 (1904), 226.
falar a brasa ~ falar á braza: A (1906), 322; V (1912), 328.
falar um verso: D9 (1911), 292.
familia: A (1906), 324; D1 (1911 [1872]), 248.
fancar a lenha: D9 (1911), 292.
faquista: A (1906), 324.
farelo de gente: D9 (1911), 292.
farinha → tirar farinha.
farófa: C1 (1896), 208.
farromba: D9 (1911), 292.
faz tudo: D9 (1911), 292.
fazer → não fazer por menos.
fazer beiço para alguma cousa: A (1906), 324.
fazer bôca: A (1906), 323.
fazer céra: D9 (1911), 292.
fazer enredo: D9 (1911), 292.
fazer gaita: D9 (1911), 293.
fazer gancho: D9 (1911), 293.
fazer grupo: D10 (1911), 294.
fazer jogo: D9 (1911), 292.
fazer medo: D9 (1911), 292.
fazer mexida: D9 (1911), 292.
fazer peão: D12 (1911 [1893]), 306.
fazer quarto: D9 (1911), 292.
fazer rolo: D9 (1911), 292.
fazer uma trança: D12 (1911 [1906]), 310.
fazer vacca: D11 (1911), 304.
feijão → bater.
feijão → dar terra para feijão.
feijão → um feijão.

feio → ferrar feio.
feita → coisa feita.
feito um cachorro velho: D8 (1911 [1898]), 286.
femêiro: R7 (1904), 226.
féra: R3 (1899), 222.
ferir a brasa: D9 (1911), 292.
ferrar a unha: D9 (1911), 292.
ferrar feio: D12 (1911 [1893]), 306.
ferro: D9 (1911), 292; D11 (1911), 302.
ferro velho: D11 (1911), 302.
fiapo → entrar no fiapo.
fiar na boca do povo: D8 (1911 [1898]), 286.
ficar com agua no bico: A (1906), 324.
ficar descochado ~ ficar descóchado: A (1906), 324; V (1912), 329.
ficar no ora veja: A (1906), 322.
ficar num descóche: A (1906), 324.
figueira → plantar figueira.
fila: C1 (1896), 209.
filante: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; C3 (1906), 218.
filar: R4 (1899), 223; R6 (1899), 225; C2 (1902), 211; C3 (1906), 216 e 218.
fininho: C1 (1896), 209.
fio ~ fío ~ fio: R4 (1899), 223; C2 (1902), 213; C3 (1906), 216.
fita → entrar na fita.
flagello: A (1906), 324; V (1912), 329.
flandres: A (1906), 324.
fogacho ~ fogácho: R6 (1899), 224; C2 (1902), 212; C3 (1906), 217; V (1912), 329.
fogo → acochar fogo.
fogo → bater fogo.
fogo → comer fogo.
fogo → pau de fogo.
fogo → pedir a garupa do fogo.
fogo → pegar fogo.
fogo → pega fogo na canjica !
fogo → tição de fogo.
foi tirar cipó (*no matto*): D9 (1911), 292.
fôia: R8 (1904), 227.
foice → quebrar a foice.
folegos → sujeito de sete folegos.
folegos → tem sete folegos.
folia: R3 (1899), 222.
fome → mata-fome.
fonçonatas: D2 (1911 [1872]), 253.
fouce → quebrar a fouce.
fóra → dar o fóra.
fóra → risca fóra.
formado → nambu formado.
formigas → vá comer formigas.
frak → abrir o frak.
frango → estar pegando frango.
franqueira: D6 (1911 [1898]), 276.
fresco → 'stô fresco qui nem chicórea.
fresco-como-chicória ~ fresco-como-chicórea: R6 (1899), 225; C3 (1906), 218.
frio → tinindo de frio.
frito → estar frito.

frito → peixe-frito.
fructa: D12 (1911 [1893]), 306.
fubeca: D11 (1911), 302.
fuinha: R8 (1904), 227.
fula: D6 (1911 [1898]), 276.
fulares: D6 (1911 [1898]), 276.
fumaça → botar fumaça.
fumaça → éra da fumaça.
fumaça → puxar fumaça.
fumaça da polvora: D6 (1911 [1898]), 276.
fumaça de valente: D9 (1911), 292.
fumo → não fumo.
fùmo → nóis fùmo.
fumo → pica-fumo.
fumo macaya: D11 (1911), 304.
funcção: R3 (1899), 222.
fundões: D2 (1911 [1872]), 253.
furado → chifre furado.
furado → páo furado.
furador: D9 (1911), 292.
furão: D9 (1911), 292.
furar a chapa: V (1912), 329.
furar a noite toda: D9 (1911), 292.
furar o bicho: D9 (1911), 292.
furar o chifre: D9 (1911), 292.
furar o mato: D9 (1911), 292.
furar o negocio: D9 (1911), 292.
furriel: R7 (1904), 226.
fuso: A (1906), 322.
gabarola: D9 (1911), 293.
gabola: D9 (1911), 293.
gado → arribada de gado.
gagosa: D3 (1911), 266 e 267.
gaita: D9 (1911), 293.
gaita → fazer gaita.
galho → metter o galho.
galinha → cantar de galinha.
gallo → cantar de gallo.
gambá: D11 (1911), 304.
gambá → comer gambá errado.
gambá → estar como um gambá.
gambá nova: D9 (1911), 293.
gancho: D9 (1911), 293.
gancho → fazer gancho.
ganço: D9 (1911), 293.
ganço → estar no ganço.
gangolino: V (1912), 329.
garimpeiro: D1 (1911), 248.
garimpo: D1 (1911 [1868]), 248.
garrafada: D9 (1911), 292.
garrocha: D2 (1911 [1898]), 253; D3 (1911), 266.
garrucha carregada: D9 (1911), 293.
garupa → pedir a garupa do fogo.
gata: C1 (1896), 208; D9 (1911), 293.
gata → estar na gata.
gaturrar: D9 (1911), 293.
gavião → montar n'um gavião.
gavião → trepar no gavião.
gemer na embira: D9 (1911), 293.
gemêr no pau da goiaba ~ gemer no pao da goiaba: A (1906), 323; V (1912), 329.
gengibres: A (1906), 324.
gente → disparate de gente.
gente → disturbio de gente.
gente → farelo de gente.

gente → topadô de gente.
gentes !: D1 (1911 [1872]), 248.
geréba: R4 (1899), 223; C2 (1902), 211; R8 (1904), 228; C3 (1906), 216.
gerebita ~ gérebita ~ giribita: R5 (1899), 223; C2 (1902), 211; C3 (1906), 217; D6 (1911 [1898]), 277.
gêrerê: A (1906), 324.
giribita → gerebita.
glú glú: D6 (1911 [1898]), 277.
goderar ~ góderar ~ godérar: R4 (1899), 223; R6 (1899), 225; C2 (1902), 211; C3 (1906), 216 e 218; V (1912), 329.
godério ~ goderio: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; R8 (1904), 228; C3 (1906), 218; V (1912), 329.
goiaba → gemêr no pau da goiaba.
góle: R4 (1899), 222.
gólo: C2 (1902), 211.
góndola ~ gondola: C1 (1896), 209; R3 (1899), 222.
graixa: D9 (1911), 293.
graixa → estar na graixa.
gratuitis: R7 (1904), 226.
graúdão: D9 (1911), 293.
graúdo: D9 (1911), 293.
graveto: D6 (1911 [1898]), 276.
grelar: A (1906), 324.
grellar os olhos: D9 (1911), 292.
grosso: D1 (1911 [1872]), 248.
grotão: D6 (1911 [1898]), 277.
grogrotão: D6 (1911 [1898]), 277.
grudar o cabra: D10 (1911), 294.
grude: A (1906), 324; D10 (1911), 294.
grude → ter grude nas unhas.
grupo → fazer grupo.
grùváta ~ gùrvata: R3 (1899), 222; R3 (1899), 222.
guampo: D6 (1911 [1898]), 276.
guarará de botas: D9 (1911), 292.
guarnição: C1 (1896), 208.
guásca: C2 (1902), 212; R8 (1904), 228.
guatambú: D12 (1911), 310.
guiáda: R8 (1904), 228.
gupiara: D1 (1911 [1868, 1894]), 249 e 259.
gùrvata → grùváta.
haja → quanto haja.
havéra: R8 (1904), 227.
herva: C1 (1896), 208; D10 (1911), 294; D12 (1911 [1906]), 309.
herva brava: D12 (1911), 309.
hervado: C1 (1896), 208; D12 (1911 [1906]), 309.
história → estar crú na historia.
home têso: R7 (1904), 227.
homem como vinte: D10 (1911), 294.
homem da pá virada: A (1906), 324; V (1912), 329.
homem devéras: D10 (1911), 294.
homem levado das carèpas: A (1906), 324.
hora → está na hora.
hora → patrão na hora.

horinha: D6 (1911 [1898]), 277.
hypotis ~ hypótis : R4 (1899), 223; C2 (1902), 213; C3 (1906), 216.
ibycoara: D1 (1911 [1894]), 249.
imbauva: D8 (1911), 286.
imbauveira: D8 (1911), 286.
imbirrar: R6 (1899), 225.
imburana: D6 (1911 [1898]), 277.
immenso → óh! immenso!
immundicie: A (1906), 323; D1 (1911 [1872]), 249.
incellente: D12 (1911 [1893]), 306.
inchada → cabeça inchada.
inchado: R7 (1904), 226.
incostado: R7 (1904), 226.
indaica: A (1906), 324.
inhá-mãe ~ inhá-mãi: R5 (1899), 224; C3 (1906), 217.
inhô: C2 (1902), 213.
inhô-pái ~ inhô-páe: R5 (1899), 224; C3 (1906), 217.
inquigilar: D12 (1911 [1906]), 310.
instruido → cabra instruido.
inté: R8 (1904), 227.
inteirado → 'stô inteirado.
intica → entica.
inticar: R6 (1899), 225.
intonces → entonces.
inventadeira: R3 (1899), 222.
ir á escola: D10 (1911), 294.
ir na brisa: A (1906), 323.
ir para a cidade dos pés juntos: A (1906), 322.
ir ver de que lado brótam as batatas: A (1906), 322.
ir visitar o Pedro Botelho: A (1906), 322.
irmão da mesa: D10 (1911), 294.
irmão da opa: A (1906), 322; D10 (1911), 294.
isca: R8 (1904), 228.
isqueiro: C1 (1896), 208.
istúrdia ~ isturdìa: C2 (1902), 213; C3 (1906), 217.
istûrdio: R5 (1899), 224; C3 (1906), 217.
Izé: R4 (1899), 223; C2 (1902), 213; C3 (1906), 216.
já começa: V (1912), 329.
jacuba: D10 (1911), 294.
jacyçobausú: D2 (1911 [1894]), 253.
jagunço: R7 (1904), 226.
jaléco: C1 (1896), 208.
jaleco → mané sem jaleco.
janellinha → olhar na janellinha branca.
janellinha → olhar na janellinha redonda.
jangada: D10 (1911), 294.
jantar antes delle me jantar: D6 (1911 [1898]), 277.
jinélla: R8 (1904), 227.
joanêtes → rodou nos joanêtes.
joça → desmanchar a joça.
jogar a pipóca: A (1906), 322; V (1912), 329.
jogar barro: A (1906), 324.
jogar o bote: D10 (1911), 294.
jogar o corpo: D10 (1911), 294.

jogo: D6 (1911 [1898]), 277.
jogo → fazer jogo.
jongo: D12 (1911 [1893]), 306.
jorná → jornal.
jornal ~ jorná: R7 (1904), 226 (2x); R8 (1904), 227.
jornalêiro: R7 (1904), 226.
judeu: D1 (1911 [1868]), 249.
juízo → damnar do juízo.
juntos → ir para a cidade dos pés juntos.
jurado: D10 (1911), 295.
jurety: D6 (1911 [1898]), 277.
jurity: D6 (1911 [1898]), 277.
jururu: D1 (1911 [1872]), 249.
kaawy: D1 (1911 [1894]), 249.
lá → tá lá.
labatú: R7 (1904), 226.
ladainha → pregar ladainha.
ladear ~ ládear: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; C3 (1906), 217.
ladino: R7 (1904), 226.
lado → ir ver de que lado brótam as batatas.
lage: A (1906), 322.
lama → sapatear na lama.
lambança ~ lambânça: R4 (1899), 222; C2 (1902), 211; R8 (1904), 228; C3 (1906), 216; D4 (1911), 270.
lamber: R6 (1899), 225; C3 (1906), 218.
lancha: C1 (1896), 209.
lanhádo: C1 (1896), 209; C2 (1902), 212.
laporte: D10 (1911), 295.
larga: D12 (1911 [1906]), 309.
largo → peito largo.
larjan ~ larjân: C1 (1896), 209; R3 (1899), 221; C2 (1902), 210; C3 (1906), 216.
lasca → entrar na lasca.
lata → levar a lata.
latacho: C1 (1896), 209.
latumía ~ látumia: R4 (1899), 222; C2 (1902), 211; R7 (1904), 225; C3 (1906), 216.
lava cachôrro: V (1912), 329.
lavar a alma: A (1906), 323.
lavrado / lavrados: R6 (1899), 224; C2 (1902), 211; R8 (1904), 228; C3 (1906), 217; D1 (1911 [1872]), 249; V (1912), 329.
lazarina: D6 (1911 [1898]), 277.
legua → meia legua.
leite → manda-leite.
lenha → dobrar a lenha.
lenha → fancar a lenha.
lenhar: A (1906), 323.
leque → tocar o leque.
letras → ter letras a descontar.
levado → homem levado das carèpas.
levádo da bréca: C2 (1902), 212.
levado da carepa: D12 (1911 [1906]), 308.
leva-e-traz ~ leva e trás: R3 (1899), 222; D10 (1911), 295.
levar a lata: D10 (1911), 295; V (1912), 329.

levar a taboa: V (1912), 329.
levar assobio: D10 (1911), 295.
levar búcha: R4 (1899), 223.
levar desaforos para casa: D10 (1911), 295.
levar emplastro de terra: A (1906), 322; V (1912), 329 e 331.
levar o não: D10 (1911), 295.
limpa-pasto: V (1912), 329.
limpo: D1 (1911 [1872]), 250.
lingua de palmo e meio: D10 (1911), 295.
linha → dar linha.
logar cynico: A (1906), 324.
lomba → estar com lomba.
lombilho: D8 (1911), 287.
longe → moro longe.
lórde: C2 (1902), 212; R7 (1904), 226; R8 (1904), 228.
lôros → encurtar os lôros.
luar → era lua-luar.
lubrina: R4 (1899), 222; C2 (1902), 210; R7 (1904), 225; C3 (1906), 216.
lumiar: R8 (1904), 228.
luxarias: D1 (1911 [1872]), 250.
macaná: D2 (1911 [1894]), 254 (2x).
mação: R7 (1904), 226.
macaya → fumo macaya.
macaya → sujeito macaya.
macota: D13 (1911), 313.
madeira → descascar a madeira.
madeirame: D6 (1911 [1898]), 277.
madrinha: D2 (1911 [1898]), 253; D3 (1911), 267.
mãe → inhá-mãe.
magoas → chorar as magoas.
magricello: D6 (1911), 276.
magro → não cáio desse cavallo magro.
mais mió: R8 (1904), 227.
mala → arrastar mala.
mala → carregar mala.
malhór: R8 (1904), 227.
maludo ~ malúdo: R7 (1904), 225; D13 (1911), 314.
maludo → é maludo.
malunga: R5 (1899), 223; C3 (1906), 217; V (1912), 329.
malungo: R8 (1904), 228; D6 (1911 [1898]), 277.
mameluco: D2 (1911 [1894]), 253.
mampar: D10 (1911), 295.
mamparreadôr: R3 (1899), 222.
mamparreiro: D10 (1911), 295.
manacá: D2 (1911 [1894]), 253 e 254.
mancebo: D12 (1911 [1893]), 307.
mancyçaba: D2 (1911 [1894]), 254.
manda-leite: D12 (1911 [1893]), 307.
mandão: D10 (1911), 295.
mandinga: A (1906), 324; D6 (1911 [1898]), 277.
mandingueiro: D2 (1911 [1872]), 254.
mandioca: A (1906), 324.
mandraca: A (1906), 324; V (1912), 329.

mandraqueiro: V (1912), 329.
manducar: D2 (1911 [1872]), 254.
mané: C2 (1902), 213.
mané bobo: D10 (1911), 295.
mané sem jaleco: A (1906), 325.
Maneca: D6 (1911), 279.
mangação: D2 (1911), 254.
manganga: C1 (1896), 209.
mangar: D2 (1911), 254; D13 (1911), 313.
manguapa: V (1912), 329.
manguara: D10 (1911), 295.
manhã de manhã cedinho → era manhã de manhã cedinho.
manjar ~ manjár: R8 (1904), 228; D10 (1911), 295.
manjar a polenta: D11 (1911), 303.
mano → entrar na vida do mano.
manta → passar a manta.
manta → passar manta.
manta → tomar (uma) manta.
mão → tampar a mão.
mão → tem mão.
mão → vira-tem-mão.
maracá: D2 (1911 [1894]), 254.
marchante: D12 (1911), 308.
marchar: D12 (1911 [1893]), 308.
maria-vai-com-as-outras: R5 (1899), 224; C3 (1906), 217.
marreta → dançar na marreta.
marruaz: D6 (1911 [1898]), 278.
marvádo: R8 (1904), 228.
mas porém ~ mas porem: D2 (1911 [1872]), 255; D3 (1911), 265.
masca → não chegar para uma masca.
mascate: D12 (1911 [1893]), 306.
massaranduba → entrar na massaranduba.
matabicho: C1 (1896), 209; R4 (1899), 222; C3 (1906), 216.
matacão: D6 (1911 [1898]), 277.
mata-fome: A (1906), 325.
matalotagem: R3 (1899), 222.
matar o bicho: C2 (1902), 211.
matar tatu: A (1906), 325.
matinada ~ matináda: R4 (1899), 222 (2x); C2 (1902), 211; R7 (1904), 225; C3 (1906), 216.
mato → bater mato.
mato → bater o mato.
mato → bicho do mato.
mato → furar o mato.
mato → tira o cachorro do mato.
matraca → estar batendo matraca.
matto → capitão do matto.
matungo: D6 (1911 [1898]), 278.
mecê ~ mêcê ~ mécê: R5 (1899), 224; C2 (1902), 213; R8 (1904), 227; C3 (1906), 217; D2 (1911 [1872]), 255.
méche: R4 (1899), 223.
medidor de rua ~ medidôr de rua: A (1906), 323; V (1912), 329.
medo → fazer medo.
meia legua: D6 (1911 [1898]), 278.
meio → lingua de palmo e meio.
mel: A (1906), 323; V (1912), 329 e 331.
mel → estar no mel.
melado: D10 (1911), 296.

melado → correr melado.
membyapara: D2 (1911 [1894]), 255.
memoria: C1 (1896), 208.
mendobi: D7 (1911), 281.
mendoim torrado: A (1906), 323.
menina → beijar a menina.
menina → metter a menina.
menina de prata: D10 (1911), 295.
menina: C1 (1896), 209.
menos → não fazer por menos.
mesa → irmão da mesa.
mesa → pae da mesa.
metteo o arco → metter o arco.
metter a cara: D10 (1911), 295.
metter a menina: D10 (1911), 295.
metter a peroba: D10 (1911), 295.
metter a ronca: D10 (1911), 295.
metter a roncha: D10 (1911), 295.
metter a turimbamba: D10 (1911), 295.
metter cara: A (1906), 322.
metter o arco ~ mettêr o arco / metteo o arco ~ metteu o arco: R5 (1899), 224; C2 (1902), 211; C3 (1906), 217; V (1912), 329.
metter o galho: A (1906), 322; V (1912), 329.
metter o osso: D10 (1911), 295.
metteu o arco → metter o arco.
meu capanga: D7 (1911), 282.
mexe → méche.
mexida → fazer mexida.
mézinha: D2 (1911), 255 e 267.
mezinhar: D2 (1911 [1868]), 255.
mezinheiro: D10 (1911), 295.
milho: C2 (1902), 210.
milho → um milho.
minha capanga: D6 (1911 [1898]), 278; D7 (1911), 282.
minha morena: D10 (1911), 295.
mio ~ mío ~ mîo: R4 (1899), 223; C2 (1902), 212; R8 (1904), 227; C3 (1906), 216.
mió: R4 (1899), 223; C2 (1902), 212; R8 (1904), 227; C3 (1906), 216.
mió → mais mió.
mironga: D6 (1911 [1898]), 278.
mironga → contar mironga.
mitra: A (1906), 325.
mitrado: D10 (1911), 296.
mitrar: D6 (1911 [1898]), 278.
miudo: D12 (1911 [1893]), 306.
mobilia de róca: V (1912), 329.
moça enjoada: A (1906), 325.
moça esporuda: A (1906), 325.
moço da côrte: D12 (1911 [1893]), 308.
móde → p'ra móde.
móde → pra móde que.
mofino: D2 (1911 [1872]), 256; D3 (1911 [1898]), 267.
mogyana: A (1906), 323.
moido: D10 (1911), 296.
molas → untar sêbo nas molas.
moleque escovado: R7 (1904), 226.
moléstia → dar volta á moléstia.
molhadura: D10 (1911), 296.
mona: C1 (1896), 208.

môna → estar na môna.
montar n'um gavião: V (1912), 329.
montar no porco: A (1906), 324.
monte: C1 (1896), 209.
montoêira: R7 (1904), 225.
morena → minha morena.
moro longe: D10 (1911), 295.
mosquito → olho de mosquito.
motirão: R6 (1899), 224; C2 (1902), 211; C3 (1906), 217.
moxilla → pegar fogo.
muáfa: C1 (1896), 208.
mucama: D12 (1911 [1893]), 308; D13 (1911), 313.
mugir → não-tugir-nem-mugir.
muié ~ muiè: R4 (1899), 223; R5 (1899), 224; C2 (1902), 212; C3 (1906), 216 e 217..
muié paridêira: R7 (1904), 227.
muiér ~ muièr: R5 (1899), 224; C2 (1902), 213; C3 (1906), 217.
mundão: D12 (1911 [1906]), 309.
mundo → eta, mundo!
mundo → roçar mundo.
munganga: D13 (1911), 314.
múñho: R8 (1904), 228.
murchar: A (1906), 322.
murundú: D6 (1911 [1898]), 278.
muxurundar: A (1906), 323; V (1912), 329.
na disga: D10 (1911), 296.
na púa: D10 (1911), 296.
na terra: D10 (1911), 296.
na tiorga: D10 (1911), 296.
nada → estar num nada.
nadinha: D2 (1911 [1872]), 256.
náfego: R3 (1899), 222.
nambu formado: A (1906), 325.
namore → não me namore.
namoro → bater namoro.
nanica: C1 (1896), 209.
nânja: R8 (1904), 227.
não → levar o não.
não cáio desse cavallo magro: D10 (1911), 296.
não chegar para uma masca: A (1906), 325.
não dar para sahir: A (1906), 325.
não dar para um caldo ralo: A (1906), 325; V (1912), 329.
não farei isso ou aquillo: D10 (1911), 296.
não fazer por menos: D11 (1911), 303.
não fumo: D10 (1911), 296.
não me namore: D10 (1911), 296.
não passou do chão: D10 (1911), 296.
não tem desvio nem volta: D11 (1911), 303.
não tem talvez: D11 (1911), 304.
não temos sim nem não: D5 (1911), 274.
não teve volta: D11 (1911), 304.
não tóco: D11 (1911), 304.
não uso: D11 (1911), 304.
não vale o angú que come: D11 (1911), 302.
não venhas com essas cantigas: D10 (1911), 296.

não venhas que te extranho: D10 (1911), 296.
não vou ahi: D10 (1911), 296.
não vou nisso: D10 (1911), 296.
não-tugir-nem-mugir: R6 (1899), 225; C3 (1906), 218.
nariz → bater com o nariz na porta.
nasce não nasce: D6 (1911 [1898]), 278.
néco: D6 (1911 [1898]), 279.
negar estribo: D10 (1911), 296.
negocio → furar o negocio.
negocio → o negocio está crespo.
nêgro arapuádo: R7 (1904), 227.
negro sujo ~ nêgro sujo: A (1906), 323; V (1912), 329.
negro teia: D11 (1911), 302.
nella → estar nella.
nenhum → estar a nenhum.
nesse suffragante: D10 (1911), 296.
nhambú→ piar nhambú.
nhonhô: D6 (1911 [1898]), 278.
ninguem → estar a ninguem.
niquento ~ niquênto: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; C3 (1906), 218.
nivél: D3 (1911), 264.
njongo: D12 (1911 [1893]), 306.
no calôr da braza ~ no calôr da bráza ~ no-calor-da-brasa: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; R7 (1904), 227; C3 (1906), 218.
no ponto: D12 (1911 [1893]), 306.
nóis fùmo: R8 (1904), 227.
noite → furar a noite toda.
noruéga: R7 (1904), 225.
nota → bom na nota.
nova → gambá nova.
novato: D6 (1911 [1898]), 278.
nove → comigo é nove.
num atimo: D3 (1911), 261.
num atomo: D3 (1911 [1888]), 261.
num prompto: D10 (1911), 296.
num repente: D10 (1911), 296.
num sufflagrante: D3 (1911), 261.
o negocio está crespo ~ o negocio está crêspo: R3 (1899), 221; C3 (1906), 216.
o sujeito está na camuéca: R4 (1899), 222; C3 (1906), 216.
o sujeito está na canna: R4 (1899), 222; C3 (1906), 216.
o sujeito está na cotrèa ~ cotréa: R4 (1899), 222; C3 (1906), 216.
o sujeito está no azougue: R4 (1899), 222; C3 (1906), 216.
o sujeito está no pórre: R4 (1899), 222; C3 (1906), 216.
ocê: D2 (1911), 255; V (1912), 329.
oco: A (1906), 322.
óh! biltre!: R4 (1899), 223.
óh! immenso!: R4 (1899), 223.
óh! zébas!: R4 (1899), 223.
óito: R8 (1904), 228.
olhar na janellinha branca: A (1906), 323; V (1912), 329.
olhar na janellinha redonda: A (1906), 323.
olhar para dentro ~ olhar p'ra dentro: A (1906), 325; V (1912), 329 e 331.

olho de mosquito: D2 (1911 [1868]), 256.
olhos → grellar os olhos.
onça: C1 (1896), 209; R4 (1899), 223.
oncê: R8 (1904), 227.
onceiro: D2 (1911 [1872]), 256.
onze letras: D9 (1911), 290.
opa → estar pegando opa.
opa → irmão da opa.
ora → ficar no ora veja.
ora bolas !: D10 (1911), 297.
ora pilulas !: D10 (1911), 297.
ora pinhões: D10 (1911), 297.
ora pipócas: D10 (1911), 297.
ora sebo: D10 (1911), 297.
ordens → abusar as ordens.
ôrùdo → ourudo.
ôsdispôis: R8 (1904), 227.
osso → metter o osso.
ouá: D10 (1911), 296.
ourama: D7 (1911 [1898]), 280; D13 (1911), 319.
ouro: D10 (1911), 297.
ourudo ~ ourúdo ~ ôrùdo: R5 (1899), 223, C3 (1906), 217; D7 (1911); V (1912), 329.
outras → maria-vai-com-as-outras.
ouvir rosnar: D8 (1911 [1898]), 286.
oytibó: D12 (1911 [1893]), 306.
pá → homem da pá virada.
pá → pela volta da pá.
pachóla: R4 (1899), 223.
pacuêra → bater a pacuêra.
padoia: D10 (1911), 297.
padreca: D6 (1911), 279.
pae da mesa: D10 (1911), 298.
pagé: D2 (1911 [1894]), 257.
pái → inhô-pái.
paiol → estar com o rato no paiol.
paizé: R6 (1899), 224; C2 (1902), 211; C3 (1906), 217.
pala → abrir o pala.
palavra → pegar na palavra.
palérma: R8 (1904), 228.
palmear: D2 (1911 [1872]), 257.
palmo → lingua de palmo e meio.
pamonha: D10 (1911), 297.
panáca: V (1912) , 329.
panête: R4 (1899), 222; C2 (1902), 211; R8 (1904), 228; C3 (1906), 216.
pangaré: D7 (1911 [1898]), 280.
páo → bate-páu.
páo → estar no páo.
páo de fogo → pau de fogo.
páo furado: A (1906), 325.
papé: R4 (1899), 223; C2 (1902), 212; C3 (1906), 216.
papel bananeira: C1 (1896), 209.
papeli: R4 (1899), 223; C3 (1906), 216.
pára → andar num pára não pára.
para que é que tatú cava: D4 (1911 [1898]), 273.
paraty: C1 (1896), 209.
parceiro: D7 (1911 [1898]), 280.
paridêira → muié paridêira.
passar a manta: V (1912), 330.

passar apertado: D10 (1911), 297.
passar da banda ruim: A (1906), 323.
passar estreito: A (1906), 323; V (1912), 330.
passar manta: D11 (1911), 301.
passar vergonha: A (1906), 325.
passóca: C1 (1896), 208; D7 (1911 [1898]), 281.
passou → não passou do chão.
pasto → limpa-pasto.
pata: C1 (1896), 209.
patacoáda ~ patacuáda ~ patacuàda: R4 (1899), 223; C2 (1902), 211; R8 (1904), 228; C3 (1906), 216; V (1912), 330.
patacúdo: R5 (1899), 223; R8 (1904), 228; C3 (1906), 217.
patetear: D2 (1911 [1898]), 257.
patranha: D10 (1911), 297.
patranheiro: D10 (1911), 297.
patrão na hora: D11 (1911), 304.
paturéba: R7 (1904), 225; V (1912), 330.
páu: D11 (1911), 303.
páu → bate-páu.
páu → bom no páu.
pau → gemêr no pau da goiaba.
páu → sujeito páu.
páu → tocar o páu.
pau d'agua: D10 (1911), 297.
pau de amarrar egua: D10 (1911), 297.
pau de fogo ~ pau de fôgo ~ páo de fogo: A (1906), 325; D7 (1911 [1898]), 281; V (1912), 330.
pé → abriu o pé.
pé → arrasta-pé.
pé → campar no pé.
pé → enfiar o pé na estrada.
pé → espalhar o pé.
pé → quebrar no pé.
pé → queria um pé.
pé rapado ~ pé-rapado: A (1906), 325; D2 (1911 [1872]), 257.
peão → fazer peão.
pedação de tempo: D8 (1911 [1898]), 284.
pedir a garupa do fogo: D10 (1911), 294.
pedra: A (1906), 322.
pedra → estar na pedra.
Pedro Botelho → ir visitar o Pedro Botelho.
Pega fogo na canjica !: D10 (1911), 297.
pegador → cabra pegador.
pegando → estar pegando frango.
pegando → estar pegando opa.
pegar a voz: D10 (1911), 297.
pegar fogo: D10 (1911), 297.
pegar na moxilla: D11 (1911), 303.
pegar na palavra: D11 (1911), 303.
pegar na reúna: D11 (1911), 304.
pegar no estribo: D10 (1911), 297.
pegar o seu: D10 (1911), 297.
pegar p'ra sahir: A (1906), 325.
pegar tatú: V (1912), 330.
peia → eia nem peia.
peito largo: D7 (1911 [1898]), 281.
peitudo: D7 (1911 [1898]), 280.

peixe-frito: D7 (1911 [1898]), 281.
pela volta da pá: D8 (1911 [1898]), 287.
pelêga: C1 (1896), 209.
pelintra: R7 (1904), 226; D13 (1911), 314.
pellado: D10 (1911), 297.
penca → em penca.
pepinar: D2 (1911), 254.
pequena: C1 (1896), 209.
perambeira: D7 (1911 [1898]), 281.
perder a trabusana: D8 (1911), 284.
perau: D2 (1911 [1898]), 257.
perna → encanar a perna.
perneira: D10 (1911), 297.
peróba: V (1912), 330.
peroba → metter a peroba.
peros: D2 (1911 [1894]), 257.
perrengue: D4 (1911), 270; D7 (1911 [1898]), 281; V (1912), 330.
pertender: D3 (1911), 265.
perua → estar na perua.
pés → cidade dos pés juntos.
pés → ir para a cidade dos pés juntos.
pescotapa: C1 (1896), 208.
pessoa → rifar uma pessoa.
pessoal do primeiro berro: A (1906), 325.
petréco: V (1912), 330.
piaba: A (1906), 325.
piar nhambú: D11 (1911), 303.
picadinho: D10 (1911), 297.
pica-fumo: R3 (1899), 221; C2 (1902), 210; C3 (1906), 216.
picó: R4 (1899), 223; C2 (1902), 211; C3 (1906), 216.
picúa: D10 (1911), 297.
picuá: D2 (1911 [1894]), 257.
picumã: D10 (1911), 297.
pidão: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; C3 (1906), 218.
pife: D10 (1911), 298.
piguancha: A (1906), 325.
piléque → estar no piléque.
pilulas → ora pilulas !
pimenta → berrar a pimenta.
pimenta do reino: A (1906), 322.
pinchar: D2 (1911 [1872]), 257; D3 (1911), 267; D13 (1911), 314.
pinda → estar na pinda.
pindahyba: C1 (1896), 209.
pindoba: D10 (1911), 297.
pinga: D4 (1911), 269; D10 (1911), 298.
pinga → estar na pinga.
pingando → estar pingando.
pingando → vai pingando.
pingar o cobre: D10 (1911), 298.
pingo: D2 (1911 [1872]), 258.
pingou o arame: D10 (1911), 298.
pinguça: D11 (1911), 302.
pinguela ~ pinguéla: C1 (1896), 209; D7 (1911 [1898]), 281.
pinguello: D7 (1911 [1898]), 281.
pinguinho: D10 (1911), 298.
pingusso → estar pingusso.
pinho → chorar o pinho.
pinho → riscar no pinho.
pinhões → ora pinhões.

pinoia: D2 (1911 [1872]), 258.
pinta: D2 (1911 [1868]), 258.
pintada → estar com uma pintada no cangote.
pintadinha: C1 (1896), 209.
pintar a manta: D10 (1911), 298.
pintar a saracura: D10 (1911), 297.
pintar o caneco: D10 (1911), 298.
pintar o diabo: D10 (1911), 298.
pintar o padre: D10 (1911), 298.
pintar o sete: D10 (1911), 298.
pintar o Simão: D10 (1911), 298.
pio: D11 (1911), 303.
pióca: A (1906), 323; V (1912), 330.
pipi: C1 (1896), 209.
pipóca → jogar a pipóca.
pipocas → estalar as pipocas.
pipócas → ora pipócas.
pipocas → rebentar as pipocas.
pipócas → torrar-pipócas.
pirahy: C1 (1896), 209.
pirão: C1 (1896), 209.
pirósca: D9 (1911), 288.
piruruca: D2 (1911), 245 e 258.
piscar na alma de alguem: A (1906), 325.
pistoleca: D6 (1911), 279.
pita → bater a pita.
pitar: D2 (1911 [1872]), 258.
pitéo: D10 (1911), 297.
pito: C1 (1896), 209.
pito → enfiar o pito.
pito → quebrar o pito.
pito acceso: D10 (1911), 297.
pixuim: A (1906), 322.
plantar figueira: A (1906), 325; V (1912), 330.
plantar no chão: D10 (1911), 297.
pobre → capote de pobre.
poçanangara: D2 (1911 [1894]), 258.
pode que eu seja: D7 (1911 [1898]), 280.
poder → a poder de.
pôdre → comer da banda pôdre.
poeta ~ poéta: D7 (1911 [1898]), 280; V (1912), 330.
poetagem: D7 (1911 [1898]), 280.
pois → aos pois.
polenta: D11 (1911), 303.
polimento: D12 (1911), 314.
polvora → fumaça da polvora.
ponche: R6 (1899), 224; C2 (1902), 211; C3 (1906), 217.
ponteado: D7 (1911 [1898]), 281.
ponto → no ponto.
por derradeiro: D3 (1911), 265.
pôr o sentido: D8 (1911 [1898]), 282.
porco → montar no porco.
porém → mas porém.
pórre: C2 (1902), 211.
pórre → o sujeito está no pórre.
porta → bater com o nariz na porta.
porva: D12 (1911 [1893]), 307.
potoca: D10 (1911), 297.
potócas → contar potócas.
potoqueiro: D10 (1911), 297.
povo → fiar na boca do povo.
p'ra móde: R8 (1904), 227.

pra móde que: R4 (1899), 222; C3 (1906), 216.
praça → assentar praça.
pracatar: D7 (1911 [1898]), 280.
prancha: A (1906), 323; V (1912), 330.
prânta: R8 (1904), 227.
prantar: D3 (1911), 262.
prata → menina de prata.
precipicio: A (1906), 323.
pregador de sermonia: R5 (1899), 223; C3 (1906), 217.
pregar ladainha: R5 (1899), 223; C2 (1902), 211; C3 (1906), 217.
pregos → damnar os pregos.
prèqueté: A (1906), 325.
preta → agua preta.
priguiça → quiéto-qui-nem-priguiça.
primeiro → pessoal do primeiro berro.
prodigo na segurança: V (1912), 330 e 331.
prompto: D11 (1911), 304.
prompto → num prompto.
proprio: D7 (1911 [1898]), 280.
prosa → arrotar prosa.
p'ru riba: R8 (1904), 227.
p'ru via: R8 (1904), 227.
prú via de ~ prù via de: R4 (1899), 222; C3 (1906), 216.
pua → estar na pua.
púa → na púa.
punga: D10 (1911), 297.
punga → animal punga.
purcissão: R8 (1904), 228.
puxar briga: D7 (1911 [1898]), 281.
puxar fumaça: D6 (1911 [1898]), 276.
quanto haja: D11 (1911), 299.
quarenta: D1 (1911), 246.
quartio ~ quartío ~ quartìo: R5 (1899), 224; R8 (1904), 227; C3 (1906), 217.
quarto → fazer quarto.
quebra: D10 (1911), 298.
quebrada: D12 (1911 [1906]), 309.
quebradeira: C1 (1896), 209; D10 (1911), 298.
quebrado: D10 (1911), 298.
quebra-esquinas: D10 (1911), 298.
quebrar: R6 (1899), 225; C3 (1906), 218.
quebrar a foice ~ fouce: A (1906), 322; V (1912), 330.
quebrar canhôto: A (1906), 323.
quebrar da roça: D12 (1911), 309.
quebrar no pé: D11 (1911), 299.
quebrar o cabórge: A (1906), 325.
quebrar o canastro: A (1906), 325.
quebrar o côco: D10 (1911), 298.
quebrar o pito: A (1906), 324; V (1912), 330.
queda → dúro na queda.
queimar um cabra: A (1906), 322.
queixada: D2 (1911 [1898]), 258.
queixo → entrar de queixo.
quer → estar como Deos quer as almas.
quéra ~ quèra → cuera.

querdito: D13 (1911), 316.
queria um pé: D8 (1911 [1898]), 285.
queromana: D10 (1911), 298.
quieto → viver seu quieto.
quiéto-qui-nem-priguiça: R6 (1899), 225; C3 (1906), 218.
quinhentão → um quinhentão.
quipan: V (1912), 330.
quitanda: C2 (1902), 211; C3 (1906), 217; D2 (1911 [1898]), 258; V (1912), 330.
rabicha: D7 (1911 [1898]), 282.
rabo → bater com o rabo na cerca.
rabo → dar com o rabo na cerca.
rabo de tatú: D11 (1911), 299.
raiva → sapatear de raiva.
raizeiro: A (1906), 323.
ralo → não dar para um caldo ralo.
rancharia: D7 (1911 [1898]), 282.
rancho: D2 (1911 [1872, 1898]), 259.
rapa-cuia: A (1906), 325.
rapadô ~ rapadôr: R5 (1899), 223; C2 (1902), 211; C3 (1906), 217.
rapado → pé rapado.
rascada: R8 (1904), 228.
rasgado → abrir o rasgado.
rasgado → tocar o rasgado.
rato → comer rato.
rato → estar com o rato no paiol.
rato de barriga branca: D11 (1911), 299.
rebentar as pipocas: D7 (1911 [1898]), 281.
rédea → dar de rédea.
redonda → olhar na janellinha redonda.
redondeza: D12 (1911 [1893]), 307.
refrêsco: R4 (1899), 222.
regojíjo: R7 (1904), 226.
regueira: D7 (1911 [1898]), 282.
reino → pimenta do reino.
rejume: D2 (1911 [1872]), 259.
relâmpo: R8 (1904), 228.
relaxado: R7 (1904), 226.
relho: D11 (1911), 299.
relho → cantar o relho.
remar: D11 (1911), 299.
repente: R7 (1904), 226.
repente → num repente.
restinga: D2 (1911 [1868]), 259.
retranca: D8 (1911), 287.
reúna: D7 (1911 [1898]), 282.
reúna → pegar na reúna.
reùno: R8 (1904), 228.
revoada: C1 (1896), 209; R8 (1904), 228.
rezas → tirar as rezas.
riba → p'ru riba.
rifar uma pessoa: A (1906), 325.
ripar: A (1906), 323.
risca fóra: D11 (1911), 299.
riscar no pinho: D11 (1911), 299.
róca → mobilia de róca.
roça → quebrar da roça.
roçar mundo: A (1906), 322; V (1912), 330.
roda → entrar na roda.

rodou nos joanêtes: R5 (1899), 224; C3 (1906), 217.
roer → duro de roer.
rôlo: C2 (1902), 211.
rolo → fazer rolo.
rompante: V (1912), 330.
rompe-estrada: D11 (1911), 299.
ronca → metter a peroba.
roncar valentia: D11 (1911), 299.
roncha → metter a roncha.
ronqueira: D12 (1911 [1893]), 307.
rôsca: C1 (1896), 209.
rosnar: D8 (1911 [1898]), 286.
rosnar → ouvir rosnar.
roxa: D2 (1911 [1898]), 259.
rua → medidor de rua.
ruim → comer do ruim.
ruim → passar da banda ruim.
ruim como cobra: D11 (1911), 299.
s'astrevêr: R8 (1904), 227.
sabão → estar no sabão.
sabe tudo: D9 (1911), 292.
sabugo: D11 (1911), 300.
sácco → arrastar-sácco.
sacrafúgio: R8 (1904), 227.
sacudido: R7 (1904), 225 e 226.
sai-cinza: D11 (1911), 300.
sai sujo: D11 (1911), 299.
saias → bate saias.
saindo → vá saindo.
sair → não dar para sahir.
sair → pegar p'ra sahir.
sair de barriga: D11 (1911), 299.
sair ventando: D11 (1911), 299.
sal → um sal.
saladeira: C1 (1896), 209.
sambango: V (1912), 330.
sambanzar: D11 (1911), 299.
sangrar: A (1906), 325.
sapateado: D8 (1911 [1898]), 284; D11 (1911), 299.
sapatear de raiva: D11 (1911), 299.
sapatear na lama: D11 (1911), 299.
sapeca ~ sapéca: D11 (1911), 300; V (1912), 330.
sapecado: D11 (1911), 300.
sapecar: A (1906), 323.
sapo-cachorro: D8 (1911 [1898]), 283.
sarabadéjo: R7 (1904), 226.
saracotear: D11 (1911), 299.
saracura → pintar a saracura.
sarado → cabra sarado.
sarádo: V (1912), 330.
scisma → tira-scisma.
sêbo: A (1906), 323; V (1912), 330.
sebo → ora sebo!
sêbo → untar sêbo nas molas.
segurança → prodigo na segurança.
seja → pode que eu seja.
sempre → dormir para sempre.
sentado → capinar sentado.
sentido: D8 (1911 [1898]), 282.
sentido → pôr o sentido.
sentir a ultima dôr: A (1906), 322.
sequênte: R4 (1899), 222.
sermonia → pregador de sermonia.
serra → subir á serra.
sestrôso ~ séstrôso: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; R8 (1904), 228; C3 (1906), 217.

sete → sujeito de sete folegos.
sete → tem sete folegos.
setenta → abre, setenta !
seu → pegar o seu.
sim → ter o sim.
sinagoga → synagoga.
sincerro: D8 (1911 [1898]), 283.
sinhá: D8 (1911), 283.
sinhá-moça: D8 (1911 [1898]), 283.
sinhá-velha: D8 (1911), 283.
sinhô: D8 (1911 [1898]), 283.
siô: D8 (1911 [1898]), 283.
sirtudia: R5 (1899), 224.
sizóca: C1 (1896), 209.
só → vigia só.
sô: D8 (1911 [1898]), 283.
socar-se na capituva: A (1906), 325.
soedade: D8 (1911 [1898]), 283.
solancar: D11 (1911), 300.
sombra: A (1906), 322.
somitico → sumitíco.
soneca: D6 (1911), 279.
songamonga: D11 (1911), 300.
sôpa → tomar sôpa.
sordado: R8 (1904), 227.
soreiro: V (1912), 330.
sorneiro: D11 (1911), 299.
soronga: D11 (1911), 300.
sorongueiro: D11 (1911), 300.
'stô fresco qui nem chicórea: R7 (1904), 227.
'stô inteirado: R7 (1904), 227.
subir á serra: C2 (1902), 212; V (1912), 330.
subir-nos-tamancos: R6 (1899), 225; C3 (1906), 218.
subtil → entrar subtil.
subtil → vir subtil.
sucia: R8 (1904), 228.
sueto: D3 (1911), 265 e 267.
sufflagrante → num sufflagrante.
suffragante → nesse suffragante.
sugigar → sujigar.
suja → agua suja.
sujar: D12 (1911 [1893]), 307.
sujeito → o sujeito está na camuéca.
sujeito → o sujeito está na canna.
sujeito → o sujeito está na cotrèa.
sujeito → o sujeito está no azougue.
sujeito → o sujeito está no pórre.
sujeito de sete folegos: D11 (1911), 300.
sujeito macaya: D11 (1911), 304.
sujeito páu: D11 (1911), 303.
sujeito tralha: D11 (1911), 302.
sujigar ~ sugigar: R3 (1899), 222; D8 (1911 [1898]), 283.
sujo: D8 (1911 [1898]), 283.
sujo → negro sujo.
sujo → sai sujo.
sumiticaria: D11 (1911), 304.
sumitico ~ somitico: D3 (1911), 267; D11 (1911), 304.
suntar: R8 (1904), 228.
supimpa: R5 (1899), 223; C2 (1902), 211; C3 (1906), 217.
sup'rior: R5 (1899), 224; C3 (1906), 217.
surrão → arrastar surrão.

surripiar: C2 (1902), 211.
surúba: V (1912), 330.
suruca ~ surúca: C1 (1896), 209; D11 (1911), 299.
surunga ~ surúnga ~ surùnga: C1 (1896), 209; R5 (1899), 223; C2 (1902), 211; R8 (1904), 228; C3 (1906), 217.
surunganga: V (1912), 330.
suscristo ~ sûscristo: R5 (1899), 224; C2 (1902), 213; C3 (1906), 217.
suspender: D11 (1911), 303.
suspender a tanga: A (1906), 325.
sutil → subtil.
suverter: D12 (1911 [1906]), 309.
synagoga ~ synagóga: C1 (1896), 209; R4 (1899), 222; C2 (1902), 211; R7 (1904), 225; C3 (1906), 216; D8 (1911 [1898]), 283.
synagóga → alto da synagóga.
syphilitico → baile syphilitico.
tá bão: R8 (1904), 227.
tá lá: D8 (1911 [1898]), 284.
tabaréo: R6 (1899), 224.
tabéfe: C1 (1896), 209.
taboa → levar a taboa.
taboleiro: D2 (1911 [1894]), 259; D3 (1911), 267.
taboletas → chamar nas taboletas.
tabyra: D2 (1911 [1894]), 259.
tacho: C1 (1896), 209; R3 (1899), 221; C2 (1902), 210; C3 (1906), 216; D12 (1911 [1906]), 309.
táco: V (1912), 331.
taiér: R8 (1904), 228.
talla: D11 (1911), 300.
talvez → não tem talvez.
talvez → tarvêis.
tamancos → subir-nos-tamancos.
tamancos → trepar nos tamancos.
tamanduá → abraço de tamanduá.
tambú: D12 (1911 [1906]), 310.
tampar a mão: D11 (1911), 301.
tanga → suspender a tanga.
tantan: A (1906), 325.
tapa: C1 (1896), 208.
tapiocano: A (1906), 323; V (1912), 330.
tarde-tardinha → era tarde-tardinha.
tardinha → era tarde-tardinha.
taréco: R5 (1899), 223; C2 (1902), 211; C3 (1906), 217.
tarúgo: R5 (1899), 223; C2 (1902), 211; R8 (1904), 228; C3 (1906), 217.
tarvêis: R8 (1904), 227.
tatalar: D8 (1911 [1898]), 284.
tatarendy: D2 (1911 [1894]), 259.
tatu → matar tatu.
tatú → para que é que tatú cava.
tatú → pegar tatú.
tatú → rabo de tatú.
tébas: R4 (1899), 223; C2 (1902), 211; C3 (1906), 216.
teia → negro teia.
teima → tira-teima.
tem → não tem desvio nem volta.
tem → não tem talvez.

tem → vira-tem-mão.
tem arêa: D11 (1911), 300.
tem mão: R4 (1899), 223.
tem sete folegos: D11 (1911), 300.
tempão: D8 (1911 [1898]), 284.
temperada: D11 (1911), 300.
temperando → vae-se temperando.
temperar alguem: D11 (1911), 300.
temperar o cabra: D11 (1911), 300.
tempo → desmanchar o tempo.
tempo → pedação de tempo.
tendepá ~ tendêpá: C1 (1896), 208; R7 (1904), 225.
ter arêa → tem arêa.
ter cera nas unhas ~ ter cêra nas unhas: A (1906), 325; V (1912), 330.
ter dormido na estaca: A (1906), 322.
ter grude nas unhas: A (1906), 325.
ter letras a descontar: A (1906), 325.
ter mão → tem mão.
ter sete folegos → tem sete folegos.
ter o sim: D10 (1911), 295.
terra → comer terra.
terra → dar terra para feijão.
terra → estar vendo o chão entrar na terra.
terra → levar emplastro de terra.
terra → na terra.
terra → treme-terra.
têso → home têso.
teve → não teve volta.
tia: A (1906), 325.
tiborna → estar na tiborna.
tica: C1 (1896), 209.
tição de fogo: D11 (1911), 300.
timão: D8 (1911 [1898]), 284.
tinindo → estar tinindo.
tinindo de frio: D11 (1911), 300.
tinir: A (1906), 322.
tio: D8 (1911 [1898]), 284.
tiorga → na tiorga.
tiquinho: D11 (1911), 301; D12 (1911 [1906]), 310.
tira o cachorro do mato: D11 (1911), 300.
tirão: D11 (1911), 300.
tirar → foi tirar cipó.
tirar a bufa: A (1906), 325.
tirar a catinga: A (1906), 325.
tirar a sorte: D12 (1911), 307.
tirar as cantigas: D12 (1911), 307.
tirar as rezas: D12 (1911 [1893]), 307.
tirar cantiga: D8 (1911 [1898]), 286.
tirar farinha: A (1906), 323.
tirar o corpo: A (1906), 323.
tirar o topete: D8 (1911 [1898]), 284.
tirar par: D12 (1911), 307.
tira-scisma: D11 (1911), 301.
tira-teima: D11 (1911), 301.
tirinêta → estar na tirinêta.
tiro → dá um tiro nisso.
tiro chôcho: D11 (1911), 301.
tocaia: D8 (1911 [1898]), 284.
tocar o barco: D11 (1911), 303.
tocar o eito: D11 (1911), 300.
tocar o leque: D11 (1911), 304.

tocar o páu: D11 (1911), 303.
tocar o rasgado: A (1906), 322; V (1912), 330.
tocar viagem: D11 (1911), 300.
tóco → não tóco.
tôco → estar com a avó atráz do tôco.
tôco de cachorro: D11 (1911), 300.
tôcos → enfiar os tôcos ~ enfiar os tócos.
tomá aráge: R7 (1904), 226.
tomar carada: V (1912), 331.
tomar na cúia / tomou na cuia: R3 (1899), 221; C2 (1902), 210; C3 (1906), 216.
tomar sôpa ~ tomar-sôpa: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; C3 (1906), 218.
tomar (*uma*) *manta*: D11 (1911), 301.
tomou na cuia → tomar na cúia.
topadô: R7 (1904), 225.
topadô de gente: R7 (1904), 227.
topar com: D3 (1911), 263.
topéte → arrear o topéte.
topete → é de topete.
topete → tirar o topete.
topetúdo ~ topêtúdo: C2 (1902), 212; V (1912), 330.
torado → estar torado.
torrado → mendoim torrado.
torrar: D11 (1911), 303.
torrar-pipócas ~ torrar pipócas: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; C3 (1906), 218; V (1912), 330.
trabuco: R8 (1904), 228.
trabusana: D8 (1911 [1898]), 284.
trabusana → perder a trabusana.
trago: R4 (1899), 222.
tráia: D12 (1911 [1893]), 307.
tralha: D11 (1911), 302.
tralha → sujeito tralha.
tranca → entrar na tranca.
trança → fazer uma trança.
tranquêta / tranquetas ~ tranquêtas: C1 (1896), 208; R3 (1899), 222; R8 (1904), 228.
trapincóla: V (1912), 331.
trasantonte: R5 (1899), 224; C3 (1906), 217.
trás → leva-e-traz.
traz → leva-e-traz.
trem de turco: D11 (1911), 300.
treme-terra: D11 (1911), 300.
trêmilíques: R3 (1899), 222.
trepar no gavião: A (1906), 324.
trepar nos tamancos ~ trepár nos tamancos ~ trepar-nos-tamancos: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; C3 (1906), 218; V (1912), 330.
tretar ~ trêtar: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; R8 (1904), 228; C3 (1906), 218.
trêtêiro ~ treteiro: R3 (1899), 222; V (1912), 331.
trinque: R6 (1899), 225; C2 (1902), 212; C3 (1906), 217.
trivoada: R8 (1904), 228.
tróçar: C2 (1902), 212.
trôço: C1 (1896), 209.

tróços: R4 (1899), 223; C2 (1902), 211; R8 (1904), 228; C3 (1906), 216.
tromba: C1 (1896), 209.
trombicar: R8 (1904), 228.
trombiqueiro: C1 (1896), 208.
trompário: R4 (1899), 222.
tronqueira: D11 (1911), 301.
trotão: R3 (1899), 222.
trubufú: A (1906), 325; V (1912), 331.
tucum: D8 (1911 [1898]), 284.
tudo → bom num tudo.
tudo → faz tudo.
tudo → sabe tudo.
tugir → não-tugir-nem-mugir.
tupiteba: D11 (1911), 300.
tupiterra: D11 (1911), 300.
turca → estar na turca.
turco → trem de turco.
turimbamba → metter a turimbamba.
turrar: D8 (1911 [1898]), 285.
turumbamba ~ turúmbamba: C2 (1902), 211; V (z1912), 331.
turuna ~ turúna: C1 (1896), 209; R4 (1899), 223; C2 (1902), 211; C3 (1906), 216; D8 (1911 [1898]), 284.
tusta: D11 (1911), 301.
tútú: R6 (1899), 224; C2 (1902), 211; C3 (1906), 217; D2 (1911 [1872]), 260; D3 (1911), 267.
uê: D11 (1911), 303.
ultima → sentir a ultima dôr.
um duzentão: D11 (1911), 303.
um feijão: D8 (1911), 285.
um milho: D8 (1911), 285.
um quinhentão: D11 (1911), 303.
um sal: D8 (1911 [1898]), 285.
umbauba: D8 (1911 [1898]), 286.
unha → ferrar a unha.
unhas → engraxar as unhas.
unhas → ter cera nas unhas.
unhas → ter grude nas unhas.
unhas → untar as unhas.
untar as unhas: A (1906), 323.
untar sêbo nas molas: A (1906), 322; V (1912), 331.
urso → dançar de urso.
urucayana: D8 (1911 [1898]), 285.
urumbeba: D2 (1911 [1894]), 260.
uso → não uso.
vá comer formigas: D11 (1911), 301.
vá saindo ...: D11 (1911), 301.
vá saindo de banda: D11 (1911), 301.
vá saindo de barriga: D11 (1911), 301.
vacca → fazer vacca.
vadiação: D12 (1911 [1906]), 310.
vae-se temperando: D11 (1911), 301.
vagem: D8 (1911 [1898]), 285.
vago → empregado do doutor vago.
vai → maria-vai-com-as-outras.
vai amolar o boi: D11 (1911), 301.
vai pingando: D11 (1911), 301.
vale → não vale o angú que come.
valentão: A (1906), 325.
valente → fumaça de valente.
valentia → roncar valentia.

vancê: R5 (1899), 224; C2 (1902), 213; R8 (1904), 227; C3 (1906), 217; D2 (1911), 255.
varar: A (1906), 325.
varejão: D8 (1911 [1898]), 285.
vasio: D8 (1911 [1898]), 285.
vassuncê: R5 (1899), 224; C2 (1902), 213; C3 (1906), 217.
vazio → vasio.
veja → ficar no ora veja.
velho → feito um cachorro velho.
velho → ferro velho.
vem não vem: D6 (1911 [1898]), 278.
vendo → estar vendo o chão entrar na terra.
venhas → não venhas com essas cantigas.
venhas → não venhas que te extranho.
ventando → sair ventando.
ver → ir ver de que lado brótam as batatas.
vêr a cotia como assobia: A (1906), 323.
ver o china: A (1906), 323.
Vérgilho: R4 (1899), 223.
vergonha → passar vergonha.
verso → falar um verso.
via → p'ru via.
via → prú via de.
viajado → cabra viajado.
viajante: D4 (1911), 270.
vida → capinar a vida.
vida → cavar a vida.
vida → cavoucar a vida.
vida → entrar na vida do mano.
vidrinho de cheiro: D11 (1911), 301.
vigia só: D11 (1911), 301.
Villa → deu ás de Villa.
vinte: D12 (1911 [1906]), 310.
vinte → homem como vinte.
vinte e um → bater vinte e um.
vir → até o Chico vir de baixo.
vir subtil: D8 (1911), 283.
vira: R4 (1899), 223.
vira-casáca: R5 (1899), 224.
vira-copos: D9 (1911), 289.
virada → homem da pá virada.
virar: D8 (1911 [1898]), 286.
virar bicho: A (1906), 325; V (1912), 331.
vira-tem-mão: D8 (1911 [1898]), 285.
visitar → ir visitar o Pedro Botelho.
vitela: D11 (1911), 301.
vitelo: D11 (1911), 301.
viver seu quieto: D7 (1911 [1898]), 281.
vôa daqui: D11 (1911), 301.
volta → dar volta á moléstia.
volta → não tem desvio nem volta.
volta → não teve volta.
volta → pela volta da pá.
volta escura: A (1906), 325.
vosmecê: D2 (1911), 255.
vossuncê: R8 (1904), 227.
vossuría ~ vossúría ~ vossùrìa: R5 (1899), 224; R8 (1904), 227; C3 (1906), 217.

vou → não vou ahi.
vou → não vou nisso.
voz → pegar a voz.
X: A (1906), 322.
xereta → cheireta.
xingatório: R7 (1904), 226.
zanzar: D8 (1911 [1898]), 285.
zé → paizé.
zébas → óh! zébas !
zoeira: D11 (1911), 301.
zum-zum: D11 (1911), 301.
zunir: D11 (1911), 301.
zuráco: V (1912), 331.
zurêta: D11 (1911), 301; V (1912), 331.

2. Ditados

A duvida está p'r'um corenta, ocê qué vê exp'rementa: A (1906), 326.
Acho bom, mas moro longe: D11 (1911), 301.
Arria a mala e conta o caso de verdade: D11 (1911), 301.
Cachorro cotó não passa na pinguela: D9 (1911), 289.
Canella de onça não é assobio: D4 (1911 [1898]), 273.
Cão que engole osso nalguma coisa se fia: A (1906), 326.
Cara de aribú, coração de arutú ~ cára de aribú, coração de arutú: R5 (1899), 224; C3 (1906), 217.
Chapéu de couro não carrega desafôro: D8 (1911 [1898]), 286.
Como-tres-e-dois-são-cinco: R6 (1899), 225; C3 (1906), 218.
Deixa estar o jacaré, a lagôa ha de seccar: D5 (1911 [1898]), 274.
Eu conheço a madeira é pela casca: D9 (1911), 291.
Eu não deixo de não ir: D9 (1911), 291.
Gravata de boi é canga, jaleco de burro é cangáia: A (1906), 326.
Isto tão certo como sem duvida: D5 (1911 [1898]), 274.
Macaco que mexe quer chumbo: D10 (1911), 295.
Macaco velho não mette a mão na combúca ~ macaco velho não mette a mão na combùca: R5 (1899), 224; C3 (1906), 217.
Na cacunda do tatú tamanduá aquenta sol: D8 (1911 [1896]), 285.
Na terra de jacú nhambú não pia: D10 (1911), 296.
Na volta do meio, saracura é bicho feio: D4 (1911), 272.
Num vem não cachaça que eu bibi leite e vumitei coaiáda !: A (1906), 326.
O que arde cura o que aperta segura ~ o que arde cura, o que aperta segura: R5 (1899), 224; C3 (1906), 217.

Papagaio come o milho periquito leva a fama: R5 (1899), 224.
Pica fumo, toma rumo: D10 (1911), 297.
Quem não dá pra fubá "desentope" (ou "*desaccupa*") *o logá*: D10 (1911), 298.
Quem não tem angú não cria cachorro magro: D10 (1911), 299.
Quem não tem capote não sente frio: D11 (1911), 297.
Quem não tem linha para que quer anzol ?: D10 (1911), 298.
Quem não póde com o tempo não inventa modas: D9 (1911), 289.
Quem não tem terreiro para que quer gallo ?: D10 (1911), 298.
Quem nunca comeu melado quando come se lambuza: D10 (1911), 296.
Quem qué pescá de noite limpa o córgo de dia: A (1906), 326.
Quem quer peixe, engambella a agua: D5 (1911 [1898]), 275.
Santo de casa não faz milagre: R5 (1899), 224.
Sino 'tá batendo e a missa já cabou: R5 (1899), 224.
Tarde piaste macuco: D11 (1911), 300.

Sobre os autores

César Nardelli Cambraia possui graduação em Letras (Português-Alemão) pela Universidade Federal de Minas Gerais (1992), mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (1996), doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2000) e pós-doutorado em Linguística Românica na Universitat de Barcelona (2010), em Léxico e Terminologia na Universidade de Brasília (2020) e em Lexicografia Histórica na Universidade de São Paulo (2026). Atualmente é Professor Titular de Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Românica e Crítica Textual, atuando principalmente nos seguintes temas: estudo histórico e comparado de morfossintaxe de línguas românicas em uma perspectiva tipológico-funcional, lexicologia sócio-histórica, toponímia histórica e edição de textos românicos antigos. É bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D do CNPq.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2403-3021.
E-mail: nardelli@ufmg.br.

Gabrielle Venâncio Ruas Polizer possui graduação em Letras (Português) pela Universidade Federal de Minas Gerais (2015) e mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2024). É atualmente doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atua como revisora de livros literários, trabalhos acadêmicos e materiais didáticos desde 2012 e, também, como professora particular de Redação e Língua Portuguesa. Tem experiência em monitoria e correção de redações em escolas e pré-vestibulares. É escritora com quatro títulos publicados.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4604-1831.
E-mail: gabriellevenancioruas@hotmail.com.

A diversidade linguística do Brasil é fruto de processos seculares cuja compreensão demanda pesquisas em várias perspectivas. Visando a contribuir para a compreensão da constituição dessa diversidade, a presente obra apresenta um estudo crítico dos fatos linguísticos referentes à língua portuguesa em Minas Gerais na virada do século XIX compilados por Nelson de Senna (1876-1952) em um conjunto de artigos seus reunidos sob o título *O Calão Mineiro*, produzidos e parcialmente publicados entre 1896 e 1906.

pedroejoaoeditores.com.br
@pedroejoaoeditores
contato@pedroejoaoeditores.com.br
ISBN 978-65-265-2693-4